



# PUC RIO

HOMOSSEXUALISMO E DELINQUÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE  
MENORES NUMA INSTITUIÇÃO CORRECCIONAL

POR

ELIZABETH ERNNANY CABRAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
Rio de Janeiro, janeiro de 1986

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

**N.Cham. 150 C117 TESE UC**  
**Título Homossexualismo e delinquencia**



Ex.2 PUCB

0016937

ELIZABETH ERNNANY CABRAL

HOMOSSEXUALISMO E DELINQUÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE  
MENORES NUMA INSTITUIÇÃO CORRECCIONAL

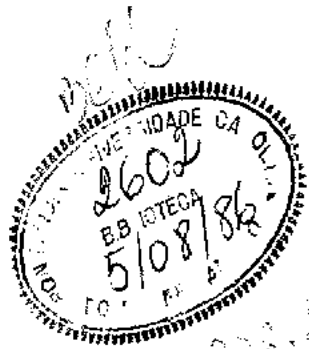
Dissertação apresentada ao Depar  
tamento de Psicologia da PUC-RJ  
como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Mestre.

Orientador: Anamaria Ribeiro Coutinho

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, janeiro de 1986



VC-937  
16937

## AGRADECIMENTOS

À Professora Anamaria Ribeiro Coutinho, a dedicação e o prvilégio de sua orientação.

Ao Professor Gilberto Velho, a quem devo o tema da tese, o apoio e a colaboração.

À Ana Maria Sérgio pela datilografia.

Ao Roberto,

Ana Cristina e Momi.

## SUMÁRIO

### CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO. . . . .	01
1. Fundamentação Teórica . . . . .	02
2. O Comportamento Desviante e o Menor "Anti-Social" na Funabem . . . . .	14
3. Descrição do Estudo . . . . .	21

### CAPÍTULO II

A ESCOLA JOÃO LUIS ALVES. . . . .	25
-----------------------------------	----

### CAPÍTULO III

O CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL DOS MENORES E O INÍCIO DA MARGINALIDADE . . . . .	38
1. Dados Sócio-Econômicos. . . . .	38
2. Constituição Familiar . . . . .	40
2.1 - Relação entre pais e filhos . . . . .	41
2.2 - Relação entre irmãos. . . . .	54
3. A Criança e a Escola . . . . .	56

4. A Sexualidade durante a Infância. . . . .	58
--	----

#### CAPÍTULO IV

OS PRIMEIROS INTERNAMENTOS E O HOMOSSEXUALISMO COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA FORA DE CASA. . . . .	71
1. A Passagem de Casa para a Rua . . . . .	71
1.1 - A permanência fora de casa com alguma remuneração fixa, mantendo-se os vínculos com a família . . . . .	78
1.2 - A permanência na rua sem nenhuma remuneração fixa, mantendo-se os vínculos familiares . . . . .	83
1.3 - A sobrevivência fora de casa por conta própria sem nenhum contato com a família ou quaisquer responsáveis . . . . .	90
2. Os Primeiros Internamentos . . . . .	94

#### CAPÍTULO V

A HOMOSSEXUALIDADE COMO ESTRATÉGIA DENTRO DA FUNABEM . . . . .	148
1. A Opção pela Permanência na Escola João Luís Alves . . . . .	148
2. A Constituição do Grupo de Menores Entrevistados na Escola . . . . .	155
3. O Homossexualismo no Contexto Institucional - Regras e Características Peculiares ao Grupo. . . . .	187



4. Os Namoros e Casos Amorosos durante o Internamento. . .	206
5. Relação com as mulheres . . . . .	225
6. O Cotidiano na Escola . . . . .	230
7. O Relacionamento com a Família durante a Estadia na Es- cola. . . . .	261

## CAPÍTULO VI

A HOMOSSEXUALIDADE COMO PERSPECTIVA FORA DO UNIVERSO INS- TITUCIONAL. . . . .	280
--	-----

## CAPÍTULO VII

CONCLUSÕES. . . . .	318
---------------------	-----

## BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. . . . .	330
-------------------------------------	-----

CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é procurar esclarecer algumas questões relativas à construção de identidade em adolescentes "delinquentes" homossexuais, e, através da análise do contexto no qual ocorrem estes comportamentos, perceber a complexa rede de inter-relações estabelecida com a marginalização a que estão socialmente submetidos.

O grupo de adolescentes a ser estudado foi selecionado entre outros rapazes internados numa instituição corretiva, a Escola João Luís Alves, uma das unidades da Fundação Nacional para o Bem Estar do Menor, cuja finalidade é a ressocialização de "menores portadores de conduta anti-social"<sup>1</sup>. Este grupo se caracteriza por ser constituído exclusivamente de homossexuais, os quais assumem "voluntariamente" sua homossexualidade perante os companheiros de conduta anti-social e demais funcionários da instituição.

A existência de um grupo de homossexuais declarados numa escola para "infratores", onde não há, entre os demais alunos, qualquer outra manifestação ou reivindicação referente à sua condição marginalizada, qualquer que seja ela

---

<sup>1</sup> Anteriormente estes "menores" eram denominados "infratores". Esta mudança na designação reflete uma mudança mais ampla na forma de se lidar com a problemática do menor "delinquentemente", deslocando-se o eixo da qualificação da identidade de para a conduta. Contudo no cotidiano da escola funcionários e professores ainda usam em geral a nomenclatura antiga.

(internamento por roubo, droga, prostituição, ou mesmo a prática declarada do homossexualismo) implica em introduzir e assumir, por parte destes "menores" um elemento extra de marginalização frente à situação de institucionalização, tornando-se um grupo que se quer desviante, numa escola para desviantes. Portanto, o fato de serem homossexuais declarados nos interessa apenas enquanto manifestação de uma conduta "anti-social", positividade que constitui a razão de ser de um grupo cujos membros escolhem formalmente estar à margem dos padrões socialmente aceitos, inclusive em situações em que já estão sendo oficialmente acusados por sua conduta "marginal".

A especificidade desta análise consiste em observar a utilização de um comportamento claramente desviante por um grupo minoritário, e, através das relações de poder e de barganha com a instituição e o seu ambiente social, as vantagens e desvantagens de tal postura divergente. Trata-se portanto de perceber o vínculo entre a dupla marginalização inerente aos comportamentos "delinqüente" e "homossexual" e a utilização dos mesmos como estratégia nas trajetórias de vida dos sujeitos em questão, mediante a contextualização da identidade "marginal".

### 1. Fundamentação teórica

A problemática deste estudo se situa no contexto teórico das discussões sobre o desvio e a rotulação. A influ

ência desta teoria tem se estendido a várias áreas de pesquisa, todas elas vinculadas a tipos de comportamentos discriminados pelo corpo social, mas para nosso estudo interessa-nos particularmente, além da discussão teórica sobre o comportamento desviante, os aspectos que dizem respeito à marginalização dos comportamentos delinqüente e homossexual. Neste tópico iremos apenas nos deter na discussão teórica sobre o desvio em si e sua vinculação com o nosso trabalho, já que a relação do desvio com a problemática da delinqüência e do homossexualismo será abordada a seguir de forma mais específica.

Segundo a sociologia tradicional (ver Mead, 1918, Merton, 1957 e Durkheim, 1964) o desviante é aquele indivíduo que transgride normas socialmente estabelecidas. Esta infração pode ser ou não intencional mas em qualquer destes casos o desviante é aquele que é marginalizado ou inferiorizado por ser ou atuar de modo diferente do que se espera ser o mais adequado, devido a algum defeito caracterológico ou falha de socialização que venha a manifestar. Nesta concepção teórica o desvio é percebido como a qualidade de um ato ou condição que o indivíduo traz "em si", produto de características inatas ou adquiridas e que, através da aparência, condição ou comportamento pessoal, ocasiona a infração de valores relevantes na organização de uma dada sociedade. O indivíduo afasta-se assim do ideal a ser atingido e diferencia-se dos demais, voluntariamente ou não, por diferenças que fazem-no ser excluído do convívio social. Estas diferenças podem corresponder a distúrbios mentais, alterações de compor-

tamento, deficiência física e até características raciais.

Esta abordagem porém não corresponde à concepção do desvio conforme a apresentaram os teóricos da chamada "teoria da rotulação", segundo os quais o desvio seria consequência / efeito da aplicação pelos outros de sanções dirigidas aos indivíduos que se determina ser o "ofensor". Para eles não haveria algo inerentemente desviante, ou qualitativamente distinto, em relação a atos que transgridem, nem o ato desviante ocorreria porque alguma característica pessoal do indivíduo o levaria a praticá-lo, mas o desvio ocorreria em função da sociedade, que o geraria.

Foi a partir do questionamento da dinâmica da ordem social que o grupo formado pelos "interacionistas simbólicos" (p. ex., Lemert, 1951, Erikson, 1962, Kitsuse 1962, Becker, 1963, Scheff, 1966) começou a tentar explicar como e porque a característica social do desvio é determinada pelo funcionamento social. Posteriormente Berger e Luckman (1966) assinalaram a importância fundamental da perpetuação da ordem social, cuja legitimação é obtida através de um sistema de significados socialmente constituído, o qual busca prover uma integração entre várias áreas da dinâmica social.

Os interacionistas designaram de "universo simbólico" o mais abstrato nível de legitimação ocasionado pelo esforço de integrar a ordem institucional numa totalidade simbólica: um sistema de significados é criado no qual cada

elemento é colocado num único sistema que faça sentido. Este universo é visto como válido e verdadeiro, e, principalmente, "natural". Nesta tentativa de perpetuação de um único universo simbólico em cada sociedade, sistemas ou situações ambíguas e contraditórias à ordem pública representam uma alteração de forças para a perpetuação do funcionamento social; a fim de conter a abolir aqueles que se diferenciam deste ideal são colocados em ação "os mecanismos mantenedores do universo", que estabelecem o confronto entre o instituído e o "caos" (Berger e Luckmann, p. 28). Assim "grupos sociais criam o desvio estipulando as regras cujas infrações constituem o desvio, aplicando tais regras a pessoas particulares e rotulando-as como marginais e desviantes. O desviante é aquele a quem tal marca foi aplicada com sucesso e o comportamento desviante é o comportamento definido pelas pessoas que rotulam (Becker, pg.9)". Esta dimensão da ordem social fornece a chave para se entender o problema social do desvio: em vez de ser considerado como uma característica anormal e inferior dos indivíduos o desvio é percebido como um produto inevitável da perpetuação normal de qualquer sistema, cuja função essencial é a manutenção do mesmo. Desloca-se, então, o eixo de pesquisa: o importante não é mais decidir "a priori" que tipo de fenômeno ou ato é ou não desviante, mas descobrir em que condições e porque tal situação ou comportamento está sendo caracterizado como desviante. Passa-se portanto, a partir deste momento, a enfatizar as relações sociais que "produzem" a fixação da conduta desviante no sujeito, já que a "audiência social torna-se o fator relevante

te que atua na imposição do rótulo desviante. O enfoque do desvio deixa de centrar-se nas motivações pessoais que levam o indivíduo a cometer atos desviantes e localiza-se agora nas condições que gerariam a conduta desviante no sujeito.

Neste sentido Becker (1963) em Outsiders enfatiza a diferença entre "quebrar as regras" e ser rotulado desviante, e ressalta que uma pessoa pode quebrar as regras sem ser rotulada desviante, enquanto outra pode ser vista como desviante sem nunca ter quebrado as regras. Isto acontece porque nem todas as pessoas que quebram regras são punidas ou compartilham da experiência de serem rotuladas desviantes, pois quebrar regras implica um momento específico de desvio, diferente da "carreira" constante de um indivíduo "desviante".

Logo após Lemert (1967) apontou para a diferença entre o que ele chamou de "desvio primário" e "desvio secundário", ou seja, o comportamento da pessoa que foi "rotulada" desviante e o comportamento "produzido" pela pessoa após ter sido "rotulada" desviante. Este último corresponderia à conduta adaptativa à situação de desvio, pois uma vez a pessoa tendo sido rotulada desviante, desvio primário, ela poderia ou não produzir comportamentos característicos do desvio secundário. A passagem de um para o outro dependeria então da intensidade da reação social ao "afirmar" e reforçar a condição desviante do sujeito, devendo-se levar em conta que o contexto social poderá facili



tar ou impedir que habilidades individuais venham a superar a imposição do rótulo desviante, já que a reação social é diretamente proporcional à fixação do desvio. Assim, quanto maior for a distância entre o rotulador e o rotulado menor o nível de tolerância e maior a visibilidade do comportamento desviante: aqueles que tem menos recursos serão menos capazes de resistir ao rótulo desviante e mais suscetíveis de se inserirem num papel desviante.

Ainda nesta mesma direção teórica os estudos de Goffman (1963) sobre o estigma mostraram que quanto mais ênfase for dada ao estigma, mais este é reforçado, sugerindo que a relação entre estes dois fenômenos é mais simbiótica do que antagônica, contrariamente à perspectiva tradicional que via, no isolamento e nas sanções fixadas ao desviante, medidas capazes de gerar o desejo de reabilitação no indivíduo. A condição de ser um "desviante" passaria então a gerar comportamentos próprios, visando a legitimação e adaptação do estigma as condições criadas pelos outros, perpetuando-se a conduta "marginal".

Sheff, (1966) em pesquisa com doentes mentais, concluiu que o passo crucial para o desenvolvimento de um padrão estável de comportamento desviante surge da experiência de ser publicamente flagrado e rotulado. Esta experiência não seria decisiva em função do ato praticado pelo indivíduo, mas sim pelo comportamento a que é impelido em função do modo como é tratado pelos outros. Uma vez o desvio tendo se tornado um modo de viver, a saída para tal situação depende

ria muito mais do custo da mudança do que da promessa de mudança de status a ser conquistada com a reabilitação. Este custo é calculado em termos de tempo, energia e aflição sentidos como necessários para mudar.

A partir destas pesquisas o termo "perspectiva da rotulação" passou a denotar tanto a concepção reativa do desvio, que é estritamente conceitual, como também a idéia sobre as conseqüências das reações sociais, ou seja, as manifestações geradas após a produção do desvio. A teoria, ao englobar todos estes aspectos, mostrou que o desvio é produzido socialmente, e que, uma vez detonado o processo de marginalização, o indivíduo poderia sofrer todas as conseqüências inerentes à transgressão das normas violadas, desenvolvendo, em seguida, uma "carreira" desviante. Segundo Kitsuse (1975): "... o critério que define não é o ato que o desviante teria cometido, mas que ele é visto como um quebrador de regras ... Devemos examinar o processo de imputação e como esses atributos ativam um sistema social de controle que colocam o desviante num regime de diferenciação, exclusão e isolamento ..." (p. 280).

A visão sobre o desvio enquanto manifestação "produzida" por grupos sociais trouxe também a tona a questão sobre a imposição das regras sociais, a partir da constatação dos diferentes interesses em jogo, inerentes aos valores de cada tipo de organização grupal. Assim, Becker apontou para o fato de que, se levarmos em conta os vários grupos existentes dentro de cada sociedade, no sentido de uma

organização maior entre indivíduos de uma determinada cultura, a primazia na escolha das regras a serem impostas, a eleição dos comportamentos considerados desviantes e a escolha das pessoas rotuladas marginais serão, fatalmente, fruto de um processo político. Segundo ele, tais regras, condutas e pessoas não podem fazer parte de uma classe hegemônica aceita como tal (desviante) porque corresponde a valores e definições de atitudes que se conflitariam: "Funções dentro do grupo discordam e manobram para ter aceita a sua própria definição da função do grupo. A função do grupo ou organização, então, é decidida no conflito político, não dado na natureza da organização" (p. 58). Se o propósito ou meta de um grupo, é muitas vezes uma questão política, do ponto de vista da pessoa que é rotulada desviante, as pessoas que fazem as regras de cuja transgressão ela foi considerada culpada podem ser consideradas "marginais", já que ela pode ou não concordar com o sistema de regras em vigor. Esta inversão de valores poderia explicar, portanto, diferentes maneiras de se reagir à rotulação, inclusive dando-se um outro sentido, não pejorativo, ou inferiorizante, ao desvio de que se é acusado. Conseqüentemente, o termo desvio indica um processo de duplo conteúdo: situações de transgressão e de imposição de regras, sendo que estas normas e ações tem o seu juízo de valor definido segundo os interesses das partes interessadas. Portanto, o fato de um ato ser considerado desviante, o grau em que ele será tratado como desviante, e o tipo de desvio definido dependerão, em parte, da natureza do ato, ou seja, se ele viola ou não

alguma regra das normas sociais e, em parte, do que as ou tras pessoas farão em relação a ele, do modo como reagirão" " (pg. 64). Esta reação dependerá tanto de quem o comete quanto de quem o rotula, pois o desvio é o produto de um processo que en volve respostas de pessoas ao ato de outra pessoa, sendo que o papel de quebrar regras e o de julgar e rotular dependerá do lado em que o observador se colocará.

A partir desses estudos sobre rotulação foram sus citados novos questionamentos por parte de outros cientistas sociais, entre os quais, (Gibbs 1966, 1972), Gove (1970, 1975), Warren e Johnson (1972) e outros, os quais, apesar de consi derarem a teoria da rotulação como extremamente relevante na redefinição do problema do desvio, concluíram que algu mas questões acima são abordadas em nível muito geral, dei xando a desejar em uma maior especificação de variáveis no contexto da teoria. Colocam então a necessidade de definir proposições do seguinte teor:

- Por que uma pessoa ocupa o lugar de desviante numa situa ção e não noutra? Por que determinados indivíduos rejei tam rótulos desviantes, outros mantêm o mesmo tipo de comportamento sem se sentirem desviantes e outros ainda podem se identificar com o desvio antes da reação ao mesmo?
- Em que medida é preciso haver uma pressão social suficien te para gerar o estigma?
- É necessário que esta pressão seja oficializada? Que tipo de audiência decide se alguma dada ação pode tornar-se ou

não um visível caso de desvio?

- Em que casos a lei normatiza e em que casos discrimina?
- Quando a família é um agente socializador e quando é um fator excludente?
- Para haver estigma é preciso que o indivíduo reconheça-se desviante?
- Quando e como o rótulo de desviante torna-se uma caracte-rística fixada no indivíduo? Quando deixa de sê-lo?
- Como avaliar normativamente variáveis dos tipos de desvio com diferentes valores sociais?

Achamos importante citar textualmente Becker (1977), e expor inicialmente sua colaboração sobre as controvérsias geradas pela teoria da rotulação: "A teoria da rotulação não é uma teoria de como as pessoas se tornam desviantes ... A própria questão, quando colocada dessa forma, supõe que há algo como ser desviante ... A teoria não diz porque eles (os desviantes) fizeram essas coisas especificamente, ou porque se envolveram nessas atividades. O que ela pretendia era estabelecer a distinção clara entre um ato observável, como roubar um banco ou fumar uma droga, e a qualidade não-observável do "desvio" que se alegava haver em tal ato..." (p. 23). Assim, não consta entre os objetivos da teoria concluir porque uma pessoa fez isso ou aquilo, mas sim, constatar como a qualidade do ato que esta pessoa realizou veio a ser designada como "desviante", fato que, em certas cir

cunstâncias, poderia induzir esta pessoa a perpetuar o rótulo de "marginal" que o ato ou condição manifestaria. Apontar para as possibilidades que geram a continuação do comportamento desviante não implicaria, portanto, em procurar-se estabelecer quais pessoas e quais razões levariam-nas a optar ou expressar tal conduta ou condição, porque a própria noção de haver um desvio propriamente dito é relativizada dentro da teoria.

Retomando o problema do desvio como uma questão política, Velho (1974), alerta para a necessidade de não se estabelecer uma visão homogeneizante sobre o mesmo ao se tentar estabelecer critérios para as causas e manifestações da conduta desviante. De acordo com a perspectiva dos teóricos da rotulação lembra que é preciso contextualizar-se o termo "desviante", para que o indivíduo desviante não apareça como um "inadaptado" psicológico ou como o produto da estrutura esmagadora de grupos sociais, visões que cairiam num psicologismo ou sociologismo, mantendo a ruptura entre o indivíduo e o social ou cultural. Portanto aponta para o fato de que o mesmo indivíduo pode agir como um desviante em determinadas situações e como um cidadão "normal" em outras, assim como pode ser considerado "desviante" por determinados grupos e não por outros. Por consequência, para se alcançar a integração do comportamento humano em todas as esferas que o indivíduo atua é preciso, segundo Velho, evitar usar um modelo estático e parcial, o qual pouco ajudaria na apreensão de conflitos e problemas estruturais. É com este objetivo que propõe então o estudo da "política

do cotidiando", para que, à nível micro social, possa-se perceber não só as possibilidades dadas pelo contexto sócio-cultural em geral, como também as características pessoais dos indivíduos, estudo que daria conta das variações de conduta através da dimensão política que subjaz em cada comportamento. Ainda segundo Velho, as mais "microscópicas instâncias do sistema sócio-cultural contêm o mesmo caráter contraditório, desigual a político da sociedade como um todo, e os desviantes são indivíduos que, inseridos numa mesma cultura "macro", fazem uma leitura do social divergente das de outros indivíduos, em função de divergências possíveis pela mesma ambiguidade dos "micro" e "macro" sistemas em que estão inseridos. O estudo do comportamento desviantes deve consistir então, a partir desta ótica, numa análise do "político" existente entre as várias atitudes concernentes ao comportamento dos indivíduos: "a leitura diferente de um código de um código sócio-cultural não indica apenas a existência de "desvios" mas, sobretudo, o caráter multifacetado, dinâmico, e muitas vezes ambíguo da vida cultural" (p. 21).

Inserido nesta linha teórica este estudo remete-nos às funções e aos efeitos do desvio do ponto de vista do "desviante" e do "rotulador", pois, através da delimitação dos papéis desempenhados pelos "menores", concomitante mente discriminados e discriminadores, esperamos contextualizar a situação gerada pela acusação de desvio, questionan-do inclusive os parâmetros utilizados para definir a oposição acusador / acusado. A re-classificação entre este par

de opostos, onde o desviante pode tornar-se o acusador através da tentativa de legitimar a acusação de desvio, e, principalmente, a problematização do modo como o desvio é caracterizado e representado, será o roteiro com o qual conduziremos nosso estudo, e com o qual poderemos detectar o interesse da constituição da "marginalidade" na conduta destes menores.

## 2. O comportamento desviante e o menor

### "anti-social" na Funabem

O menor "anti-social" que encontramos na Escola João Luis Alves é o menor "carente" reincidente, o qual, desde os dez, doze anos, é sistematicamente apanhado pela polícia na rua em "situação irregular" e em "perigo moral" (nomenclatura utilizada pelo Código de Menores), constando em sua passagem pela Funabem sucessivos internamentos a partir desta idade, quando continua ou principia a praticar delitos mais ou menos graves. É importante frisar que nem todos os menores que são "recolhidos" e autuados em flagrante são enviados para a Funabem, pois a passagem das ruas para a delegacia e desta para o Juizado e a Funabem obedece sobretudo ao fator "carência sócio-familiar" de seus responsáveis. Desta forma, muito mais do que a ameaça ou a infração cometida (geralmente roubo de automóveis, furto a lojas, prostituição e uso de drogas) é principalmente a sua condição social, definida pela ausência de meios



de seus familiares em educá-los e mantê-los que condiciona a sua entrada na engrenagem institucional. Assim é que a maioria dos alunos desta escola, exclusiva para "infratores", tem entradas anteriores em outras escolas da Funabem, havendo passado sucessivamente, com a mudança de idade, por vários estabelecimentos destinados aos menores "carentes".

As unidades reservadas ao "menor carente" são aquelas que abrigam crianças e jovens aos quais não se atribui nenhum desvio social, sua presença na Funabem devendo-se unicamente ao fato de serem menores "desassistidos", isto é, encontrados na rua em situação de extrema penúria, ou então, entregues à Funabem por suas mães, pais, ou parentes, que abdicam de sua tutela por não terem condições de criá-los. Alguns deles, uma vez internados, acabam afastando-se cada vez mais do convívio de seus familiares, pois, como seus colegas, ao principiarem a trilhar o caminho praticamente sem retorno da institucionalização, percorrem gradativamente o trajeto "carente-infrator". Este roteiro às vezes é mais rápido, havendo muitos "menores" que só passam pelas unidades destinadas ao menor "carente" uma ou duas vezes antes de praticarem assaltos ou atos considerados "anti-sociais", havendo portanto na Escola João Luís Alves, um número bastante oscilante de menores que já frequentam a Funabem por mais tempo. Porém, podemos afirmar com certeza que dificilmente um "menor" chega à escola para "infratores" sem que conste em seu trajeto uma ou duas entradas anteriores nas unidades reservadas para menores "carentes",

mesclando-se a eles aqueles que já estão internados há vários anos.

Para portanto para todos os menores abaixo de dezoito anos encontrados em estado de semi ou total abandono (leia-se condições de miséria) perambulando pela cidade, a possibilidade de serem enviados para a Funabem. Para todos, carentes ou infratores, a "ressocialização" a que são submetidos atua na verdade como um elemento segregador de classe e conduta social, em função do critério utilizado pelas autoridades e a polícia para apreendê-los e interná-los. Esta segregação aparecerá mais tarde na dificuldade que os "menores", termo que por si só mostra a diferença de tratamento em relação à outras crianças, encontrarão para serem empregados por outras instituições e empresas quando saírem da Funabem, sendo discriminados por terem sido egressos de um local que é percebido pela população como uma espécie de prisão e abrigo para crianças problema, as quais, por causa de sua condição social e necessidade de internamento são todas associadas a possíveis delinqüentes.

A diferença entre os menores "carentes" e "infratores" constitui-se então, na prática da rotina institucional, na autuação de delito cometido pelo menor, porque para os funcionários da Funabem, bem como para a maioria da população, qualquer "menor" é potencialmente um delinqüente, sendo sua permanência dentro da Funabem, ainda que como "carente", um atestado de periculosidade. Em função desta ideologia vigente entre autoridades e a população em geral, ao

"menor" educado na Funabem é praticamente vetada a entrada no quadro de pessoal da instituição, bem como no serviço militar. Esta discriminação, efetuada de modo não "oficial", reflete a dificuldade de conseguirem vagas em empresas que poderiam aproveitá-los com a profissionalização adquirida nas escolas, sendo poucas as vagas nos convênios efetuados com a Funabem. Assim, em consequência de sua condição, todos os "menores" são considerados virtuais portadores de conduta anti-social, isto é, a institucionalização que recebem, muito mais do que a infração cometida é a razão que em última instância determina esta rotulação. Esta afirmação pode ser constatada pela ausência de delinquentes de classe média na Fundação, aos quais a simples notificação de seus atos a seus responsáveis é aplicada como sanção, não lhes sendo vetada posteriormente nenhum acesso a outras firmas e instituições, já que a sua passagem pelas delegacias às vezes sequer é registrada. Para estes últimos a apreensão só ocorre em casos de periculosidade extrema, ocasião em que deveriam passar pelo mesmo processo de institucionalização que os seus colegas de classe mais baixa, mas recursos judiciais geralmente conseguem evitar que sejam culpados pelos atos que praticam, o que os diferencia, de imediato, do tipo de delinqüência e de marginalização atribuídas ao "menor" internado na Funabem. Temos que considerar portanto que o fato de certos "menores" serem considerados "carentes" e "infratores" e conseqüentemente, necessitados de serem "ressocializados" longe de suas famílias e parentes mais próximos, encobre, paralelamente, os componentes que configuram o conflito do qual são

a expressão.

O fato de que haja em média um milhão de garotos privados de condições básicas para a sua educação e saúde, só no Rio de Janeiro, e que deste contingente, nem cinco mil seja a totalidade de "alunos" atendidos pela Funabem entre o Rio e Minas, havendo entre estes, duzentos "infratores" acima de 16 anos, mostra-nos o quanto a Funabem é impotente para resolver esta situação, e sobretudo, o quanto a designação de "carentes" e "infratores" mascara e encobre os princípios que norteiam este processo de institucionalização. Oculta-se através do emprego desta terminologia a complexidade dos conflitos que envolvem as situações que conduzem ao internamento, os quais não se reduzem nem se resolvem através dos qualificativos atribuídos à minoria que é selecionada para ingressar no quadro institucional. A dimensão do conflito existente entre as possibilidades dadas por culturas e "modus vivendi" diferentes é escamoteada no número cada vez mais crescente do aparato técnico que se diz necessário para resolver "o problema do menor" — termo que mantém a "devida" distância entre esta parcela da população e as demais crianças e jovens, atribuindo ao menor carente / infrator um caráter simultaneamente culposos e fragmentado. O princípio de reabilitação, a partir daí "justificado" e exaltado enquanto ação social, aumenta o esfacelamento da unidade familiar, já que afasta o menor de sua comunidade de origem e substitui outras modalidades de ação social. Estas poderiam propiciar aos seus responsáveis melhores condições de vida, situação que aumentaria a integração familiar do menor e a sua possi

bilidade de ascensão na comunidade. Aglutinar o menor "ca-  
rente" e "infrator", como o faz a Funabem, em escolas de  
internamento exclusivas para estas categorias, significa nes-  
te contexto atribuir a eles e a suas famílias deficiências e  
transgressões originadas por uma incapacidade que lhes seria  
particular, decorrendo, paralelamente desta terminologia um  
processo de institucionalização que é justificado pela tradu-  
ção estanque e parcial do conflito social, o que obstrui  
por consequência uma visão mais abrangente das mudanças neces-  
sárias.

Foi a partir de todas estas considerações que ao  
nos depararmos com um grupo de homossexuais declarados den-  
tro da escola, pensamos que eles pudessem servir-nos como  
o meio mais adequado para lidarmos com a discussão de margi-  
nalização e da marginalidade no contexto da Funabem, uma  
vez que eles se apresentavam como um grupo à margem dos valo-  
res socialmente aceitos pela instituição. Por um lado, sa-  
bíamos que o homossexualismo entre estes garotos servia comu-  
mente como uma estratégia de sobrevivência, assim como tam-  
bém percebíamos que entre eles não podia ser considerado co-  
mo exemplo de uma conduta que fosse completamente discrimina-  
da no seu ambiente social, visto que alguns deles ajudavam  
suas famílias com o dinheiro ganho através das relações ho-  
mossexuais. Por outro lado, neste grupo encontrávamos a  
expressão de uma organização social que, segundo os padrões  
de comportamento vigentes dentro e fora da Funabem, era  
representativa de uma conduta marginalizada. A prática do

homossexualismo de forma aberta e organizada, contráriamente aos outros meninos que o praticavam de forma "incubada", nos pareceu então como o meio através do qual podíamos analisar o problema da marginalização / integração social, porque, entre todas as razões que motivaram o internamento dos menores "infratores" nesta escola, esta conduta marginalizada era a única que continuava explícita após o internamento destes menores na Funabem. Esta questão tornava-se importante pelo fato de que nem todos os menores gostavam de ver reveladas as razões que motivaram seu ingresso na escola e, menos ainda, desejavam falar sobre este assunto com pessoas identificadas com as autoridades que os internaram. Desta forma a explicitação de sua conduta diminuía o risco de se sentirem ameaçados pelas entrevistas que fariam e o número de pessoas que constituíam o grupo facilitava a espontaneidade das mesmas, já que os mais interessados podiam solicitar um número maior de encontros. Do ponto de vista institucional o comportamento dos menores homossexuais infratores constituía-se num duplo desvio às normas sociais, mas, perguntávamos, que utilidade teria para estes garotos acumular situações discriminatórias? Mesmo que rejeitassem a caracterização de sua conduta como anti-social, qual a vantagem que obteriam ao manifestarem um tipo de conduta que de qualquer forma os marginalizava dentro da instituição e "legitimava" a sua condição de desviantes numa escola corretiva?

### 3. Descrição do estudo

As entrevistas efetuadas com os menores do grupo mencionado foram iniciadas durante o período em que eu estava trabalhando na Funabem como psicóloga, especificamente, na Escola João Luís Alves. Meu ingresso nesta escola era recente (1983), embora já fosse funcionária da instituição há três anos, e foi quase seis meses após a minha chegada nesta que as entrevistas começaram. Na ocasião, a proposta de se manter um contato mais prolongado com o grupo de homossexuais da escola foi imediatamente bem recebida por parte da direção da mesma, já que estes "menores" mantinham-se bastante a parte das atividades e comportamento aprovados pela coordenação. A partir de então foi estabelecido um projeto de trabalho exclusivo com os membros do grupo, o qual envolvia uma média de duas a três horas diárias de entrevistas, as quais poderiam ser efetuadas em grupo ou individualmente, segundo as necessidades de ambas as partes.

Procurei respeitar sobretudo a vontade de cada menor em continuar sendo entrevistado, pois não houve nenhum que se recusasse a fazê-lo. Desta forma todos eles foram entrevistados individualmente, quase todos durante duas horas, e posteriormente o número de vezes que cada um continuava dependia sobretudo do interesse que demonstrasse. Além destes encontros, muitas entrevistas eram realizadas com todo o grupo (oito menores), ou com parte dele (dois, três menores), já que muitos deles chegavam à minha sala quando

um colega lá estava e, com a anuência deste, pedia para participar também. É preciso frisar que nunca houve qualquer interferência por parte da coordenação da escola,mas ocorrendo, principalmente, alguns temores por parte dos menores em relação à minha função dentro da mesma, (os quais serão descritos no decorrer do capítulo que trata do relacionamento menor-funcionário dentro da Escola João Luís Alves). Todos eles porém sabiam que estas entrevistas destinavam-se também à pesquisa relacionada com minha tese de mestrado na universidade, e que os seus nomes verdadeiros não poderiam ser revelados, inclusive por determinação dos estatutos da Funabem e do Côdigo de Menores. Os nomes que aparecem nesta pesquisa são portanto fictícios, seus e de todos os demais alunos e funcionários.

Foi combinado que utilizaríamos um gravador, o que foi muito bem aceito por eles, que constantemente pediam para ouvir as fitas e gravavam música e batucadas de sua autoria. Ao todo realizamos trinta horas de gravação, sendo que os encontros com a totalidade do grupo ou com vários menores ao mesmo tempo não foram registrados, devido à dificuldade de transcrição. Estas entrevistas foram realizadas durante um período de dois meses, mas, nas duas últimas semanas eu deixei de ser funcionária da instituição,o que de forma alguma afetou a forma de processá-las, não havendo qualquer interferência no modo de realizá-las ou no prazo para terminá-las. É importante notar que na transcrição das fitas, embora tenha havido uma preocupação em manter os "erros" gramaticais dos menores, foram feitas eventu



ais "correções" aos mesmos devido à dificuldade deste tipo de transcrição.

Durante as entrevistas os menores tinham a liberdade de falarem sobre o que quizessem, podendo variar de um assunto a outro, conforme a sua vontade. Porém, durante todas elas eles seguiram, com maior ou menor interesse, o roteiro das perguntas que eu fazia, variando sobretudo a extensão das respostas de cada um. A partir deste roteiro, perguntas e respostas sucediam-se na forma de um diálogo coloquial, não inquisitivo, durante o qual eram abordados basicamente os seguintes temas: descrição do contexto sócio-familiar, o início da marginalização, a "descoberta" da homossexualidade, os primeiros internamentos, a constituição do grupo de homossexuais na Funabem, estratégias de interação entre os membros do grupo e o staff profissional da Funabem, e as expectativas em relação à sobrevivência fora da Funabem.

Estas entrevistas foram posteriormente organizadas a partir dos seguintes tópicos: o contexto familiar dos menores e o início da identificação homossexual, os primeiros internamentos e o homossexualismo como estratégia de sobrevivência fora de casa, a homossexualidade como afirmação de identidade dentro da Funabem, a homossexualidade e a marginalidade como perspectiva fora do universo institucional. A sua apresentação e discussão será feita em capítulos sucessivos, após uma breve descrição da instituição Funabem e mais particularmente da Escola João Luís Alves.

## CAPÍTULO II

## A ESCOLA JOÃO LUÍS ALVES

A Escola João Luís Alves, situada na Ilha do Governador, é uma das escolas da Funabem no Rio de Janeiro, e é destinada a menores do sexo masculino entre 16 e 18 anos, todos eles caracterizados como portadores de conduta anti-social, segundo parecer emitido pelo Juiz de Menores.

Com capacidade para 240 alunos, em 1983 contava apenas com 200 alunos, a maioria para lá enviada por motivos de furto e roubo, bem como por uso e tráfico de drogas. Alunos da "Casa", os menores ali permanecem em regime de internamento e após três meses de sua entrada na escola podem obter o direito a saída nos finais de semana. Este regime está inserido dentro de um planejamento sócio-pedagógico que visa efetivar a reintegração do aluno à sociedade mediante os moldes de uma escola corretiva, como veremos mais adiante. Tal processo educativo segue as diretrizes fixadas pela Política Nacional do Menor, visto ser a Funabem órgão subordinado ao Ministério da Previdência Social.

Inaugurada em 30 de Outubro de 1920, somente em 1980 a Escola João Luís Alves passou a funcionar como base de permanência para alunos de "conduta anti-social", tal como é hoje oficialmente caracterizado o menor "infrator". Em suas dependências funcionava o extinto SAM, Serviço de Assistência a Menores, abrigo escola de todos os menores encontrados em abandono e em "estado de marginalização". O

local foi bastante reformado, e a maioria dos seus funcionários sentem-se orgulhosos em dizer que não mais trabalham no SAM, instituição de métodos violentos e condições precárias, e sim numa das escolas da "moderna" Funabem. Esta foi criada em 1964 através de Lei Federal, simultâneamente à extinção do SAM, e em 83 contava, nas instalações do Rio de Janeiro e Minas Gerais, que possuíam a mesma administração, com 2.668 funcionários e 4.408 menores, computando-se inclusive, entre os alunos, as escolas conveniadas que recebem verba da Funabem. Sediada no Rio de Janeiro, a Funabem, que possui escolas e Centros de Triagem em todos os Estados, tem por objetivo principal repassar para os demais estados brasileiros o sistema educacional testado nesta cidade nos estabelecimentos de Quintino e da Ilha do Governador, os quais são considerados "unidades experimentais", modelo para as outras escolas e Centros de Triagem fora do Rio de Janeiro. Nestes estabelecimentos são abrigados separadamente os menores "carentes", privados de adequada assistência familiar, e aqueles que, considerados "em via de marginalização" por terem cometido delitos contra as leis e costumes socialmente aprovados, são designados "anti-sociais". Geralmente todas as escolas são exclusivamente masculinas, segundo as diversas faixas etárias, pois a FEEM, mantida pelo Estado, atende aos menores do sexo feminino.

Quase todos os alunos da Escola João Luís Alves que chegam por vias externas à própria Funabem são procedentes do Instituto Padre Severino, Centro de Triagem, para onde são encaminhados por determinação do Juiz de Menores. Ali são avaliados os menores do sexo masculino "anti-sociais", através de pareceres técnicos (psicólogos, psiquiatras, médicos e assistentes sociais), a fim de se

determinar segundo a gravidade do delito cometido e a condição sócio-econômica de seus responsáveis, a escola adequada para seu internamento, caso necessário. Uma outra fonte de chegada para a escola pode ser a Escola Odylo Costa Filho, também da Funabem, que abriga menores portadores de conduta anti-social, na faixa de 14 a 16 anos. Uma vez ali cumprido o seu período de internamento são encaminhados à Escola João Luís Alves.

É portanto dentro de um contexto profundamente ligado às esferas políticas, estaduais e federais, que se desenvolve o trabalho desenvolvido pelos funcionários da Escola. Trata-se de um vínculo empregatício praticamente permanente, pois todos são funcionários públicos federais, com exceção dos professores, que permanecem na rede de ensino estadual. A medida que fomos acompanhando o cotidiano da "Casa" veremos como esta situação interfere no trabalho profissional prestado aos menores.

A proposta da escola é "desenvolver um processo educativo fundamentado em programas específicos, visando a integração das atividades de classe, extra-classe e, para o trabalho, a fim de proporcionar o desenvolvimento integral do aluno, facilitando sua reinserção social" (Planejamento Global, 1983). Através destas atividades, espera-se, em relação ao aluno: "proporcionar condições que permitam sua adaptação ao regime; levá-lo à reflexão de seus procedimentos, visando a reformulação de seu comportamento; proporcionar educação, tanto no sentido restrito-escolaridade, quanto no sentido mais amplo-socialização; não ignorando os valores que o menor traz de sua cultura, proporcionar con

dições para que ele assimilando outras formas de pensar e de agir, consiga assumir um padrão de conduta aceito pela sociedade". (Idem)

Para realizar esta tarefa a escola contava em 83 com noventa e quatro funcionários, distribuídos nas seguintes funções:

- Coordenadoria de Serviços Técnicos

Assistentes Sociais	- 04
Médico Clínico	- 01
Psiquiatra	- 01
Dentista	- 02
Orientadores Educacionais	- 02
Psicólogos	- 02
Professor 1º estágio	- 01 (nível I do Ensino Supletivo)
Professor 2º estágio	- 05 (Nível II do Ensino Supletivo)
Coordenador Unidades Profissionalizantes	- 01
Professor ligado à orientação religiosa	- 01
Supervisora Pedagógica	- 01
Instrutores das Oficinas	- 17 : mecânica de auto, solda elétrica, serralheria, pintura a pistola, pintura de construção civil, solda oxiacetilênica, jardinagem, lanternagem, letrista cartazista, bombeiro hidráulico, eletrici <u>s</u> ta de auto, eletricista instalador.

- Monitoria

Monitores	- 39: encarregados da disci <u>pl</u> ina
	- 01: chefe de disciplina

Professores de Educação Física	- 01
Instrutores de Recreação	- 04
Professora de Ensino Dirigido	- 01

Existem ainda numerosos funcionários ligados ao setor de Documentação e Emprego, à Secretaria Técnica, à Secretaria Administrativa, Tesouraria, Almojarifado, Rouparia, Zeladoria, Barbearia, Alimentação, Serviços Gerais, além do Assistente de Diretor e Diretor.

Assim que o menor entra na escola ele é engajado nas atividades de oficina, podendo escolher aquela na qual pretende se profissionalizar. Este processo ocorre paralelamente à sua escolarização, mediante o Ensino Supletivo. Assim durante um período da manhã ou da tarde, segundo a turma em que estiver colocado, o menor estuda, e no outro, trabalha na oficina. Além dos horários das refeições só lhe restam vãos durante o dia pequenos intervalos para descãso e mudança de roupa, até a hora de jantar. Após o jantar os alunos dispõem de um tempo livre, quando podem conversar, ou ver televisão. Aproximadamente às 10 horas devem ir para os seus dormitórios, para levantar-se as 6 horas da manhã. Nos dormitórios os alunos são separados em 4 grupos, cada "quarto" contendo 60 leitos.

É importante mencionar que a escola possui amplas instalações, encontrando-se bem conservada. Está situada num espaço residencial, possuindo 8 salas de aula, um amplo refeitório, uma pequena capela, e uma extensa área de lazer,

com campo de futebol, piscina, anfiteatro e salão de festas. Existem ainda as salas destinadas aos atendimentos do chamado "corpo técnico", ou seja, assistentes sociais, psicólogos, a direção da escola e os professores. Junto a esta ala da escola encontra-se uma "sala de reflexão" onde são colocados os alunos em estado de punição. Esta é uma sala completamente vazia, onde o aluno permanece sozinho o tempo que lhe for destinado. Este não é o único castigo usado, vigorando outras formas de punição, tais como ficar de pé no meio do corredor, longo tempo, ou virado para a parede, bem como as restrições de saída. Além das salas destinadas aos serviços de administração geral, do lado externo da escola existe uma enfermaria para funcionários e alunos. Somente em caso de atendimento especializado é que o aluno é encaminhado para o Hospital Geral, em Quintino, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Durante os três primeiros meses na escola ao aluno não é permitido nenhuma saída, sendo-lhe permitido somente receber visitas de seus familiares, mesmo que seja reincidente, isto é, já tenha sido internado outras vezes. Se o seu comportamento neste período for satisfatório, uma equipe técnica de psicólogos, assistentes sociais, professores e monitores, encarregados de analisar seu comportamento, podrá autorizar sua saída através de um parecer técnico, redigido em conjunto após reuniões mensais, o qual terá que ser aprovado e despachado pelo Juiz de Menores, responsável pelo deferimento do processo. Durante este período o assis-



tente social encarregado do "caso" do aluno deve contatar seus parentes ou responsáveis a fim de examinar a viabilidade da saída do menor, mediante o exame das condições sociais dos mesmos. A depender da situação moral e material em que estes se encontram será concedido ao aluno permissão de saída durante os fins de semana, caso as condições forem favoráveis. Caso contrário só poderá sair durante o dia, devendo retornar à noite para dormir na escola, aos sábados e domingos. O mesmo critério é válido para as férias. É somente após este período que o aluno poderá desfrutar dos passeios externos promovidos pela escola. Se o aluno fugir durante a sua "permissão" e for novamente preso, todo o processo recomeçará da estaca zero, sendo que o número de vezes que o menor foge implica numa maior dificuldade em lhe ser concedida esta permissão.

Este período anterior à permissão é vital na relação aluno-escola. Para a escola este tempo representa todas as suas chances de reter o aluno longe de seu antigo ambiente, e inculcar-lhe novos princípios, pois nesta ocasião o aluno lança mão de todos os artifícios possíveis para escapar. É que ao serem apreendidos pelo Juiz, estes menores estão plenamente organizados na rua, onde encontram seus amigos e colegas com quem dividem o ganha-pão, seja este obtido com tráfico de tóxicos, furto ou prostituição. Ao entrarem para a Funabem, percebem que passaram a ser privados de sua liberdade e afastados do seu ambiente "natural". Durante este processo de internamento, principalmente nestes três

primeiros meses que constituem o período mais duro, sentem-se, e o são realmente, afastados da comunidade a que pertencem. Dificilmente poderão retomá-la, inclusive devido à grande mobilidade que envolve os garotos nesta idade, neste tipo de vida. Mudam-se os locais de encontro, trocam-se os agentes de contato, devido aos perigos e incertezas que vigoram neste dia a dia. Nesta idade os contatos com a família já são bastantes diluídos, e é o grupo de amizades o vínculo mais forte com a comunidade, assim como a fonte de sobrevivência. Se ainda resta algum vínculo com a família, este vai, na maioria dos casos, diluir-se bastante, pois são raros os responsáveis que, caso mantenham uma relação estreita e amistosa com o menor em questão, possuam tempo e dinheiro necessários para a visita à escola. Muitos menores são oriundos de cidades do Estado do Rio, ou de subúrbios distantes, o que dificulta mais ainda a presença de seus familiares.

É curioso notar que a esta dificuldade de aceitar o internamento inicial corresponda a mesma dificuldade em aceitar o desligamento, por causa dos mesmos motivos. Não há com que se surpreender quando os menores em vias de "desligar-se", termo usado para aqueles que estão prontos para sair por causa da maioridade, sintam-se inseguros diante da perspectiva de sair da "Casa" Funabem, protelando inclusive sua partida ao máximo. Se a própria Funabem não pode aceitá-los mais quando estão prestes a completar 18, 19 anos, para onde ir caso não surja alguma vaga em empresas que

aceitem menores da Funabem em seus quadros? O emprego para o qual podem ser encaminhados, tal como empacotador de algum supermercado ou servente de alguma firma, não corresponde às expectativas criadas durante o período de profissionalização. Estes menores, sejam eles "infratores" ou não, pelo simples fato de terem sua passagem registrada na Funabem e marcada em seus documentos (endereço domiciliar, diploma de escolaridade, etc ...), não são bem aceitos no Serviço Militar, onde é evitada a sua presença, assim como na própria Funabem, que evita admiti-los em seu quadro de funcionários. Marginalizados pelo Serviço Público que durante longo tempo, devido ao paulatino distanciamento familiar, constituiu-se em local de moradia e fonte de subsistência, os menores sentem-se completamente isolados da sociedade e perdidos, diante da necessidade de lutar por sua sobrevivência numa batalha da qual se desacostumaram.

Durante a sua permanência na Escola tudo lhes é concedido de graça: roupa lavada, uniforme, comida, estudo, além da própria moradia. Os alunos recebem apenas uma pequena gratificação pelo trabalho desenvolvido nas oficinas, e é com esta quantia que lhes é fornecida, que podem comprar cigarros, pagar sua passagem de ônibus, comprar alguma roupa que necessitem, ou efetuar algum gasto extra. Como esta remuneração é praticamente simbólica (em 1983 equivalia a 4.000,00), irrisória para os gastos necessários, e nem sempre recebia no prazo correto, todos os funcionários

sabem que freqüentemente os menores saem à rua para roubar quando estão de permissão nos fins de semana, até para que possam sair e voltar para a Fundação na hora adequada. Estes furtos são perfeitamente aceitos e, inclusive, vistos como necessários. É interessante notar que o número de menores carentes que roubam grandes valores após sua saída da Funabem é bastante maior do que os ex "infratores", os quais por causa da "bagagem" adquirida, procuram encarar de outra maneira o desafio de sobreviver "lá fora". Estes menores desde cedo travam contato com a repressão policial através de sua passagem pelas delegacias e eventuais idas aos presídios, e percebem que, se continuarem roubando violentamente poderão ser realmente presos. Há também toda a experiência adquirida durante a sua permanência na escola, onde os funcionários os advertem das desvantagens da prisão.

É portanto extremamente complexa a relação entre alunos e funcionários na escola, visto que os interesses em jogo entre cada uma destas categorias são bastante diversificados. As divergências de atitudes manifestam-se em múltiplas ocasiões, pois, enquanto para alguns alunos a Escola é vista como uma "Casa" onde encontram possibilidade de formar amigos e desenvolver uma base profissional, para outros a "Casa" representa o lugar que os fez perder amigos e família, desestruturando-os para uma vida integrada com a comunidade. Estes são dois polos extremos de uma extensa variação de visões sobre o internamento, pois para

uma grande maioria a escola é um mixto de tudo isto. Se por um lado temos alunos que manifestam posições contrárias ou ambíguas, temos de outro funcionários que expressam esta mesma contradição: para alguns os "menores" são pessoas em quem não se deve nunca confiar, podendo ser capazes de qualquer tipo de ato, necessitando de serem sempre mantidos à distância, e corrigidos. Para outros estes mesmos menores representam pessoas necessitadas de apoio e amizade, entre os quais alguns passando a ser pessoas queridas e de predileção. Em função desta disparidade de opiniões entre ambas as categorias, muitas vezes alguns alunos colocam-se contra seus colegas, bem como alguns funcionários desentendem-se seriamente entre si, aparecendo confrontos e alianças inesperados. Nestes momentos é freqüente ver-se os menores chamarem-se mutuamente de ladrões, vigaristas e maconheiros, ou assistir funcionários protestarem contra o tratamento que outros profissionais dispensam aos garotos. Como a Escola João Luís Alves é a única que abriga "infratores" de 16 a 18 anos, no Rio de Janeiro, há pouco rodízio entre seus funcionários, os quais são considerados especializados nesta área e por isso dificilmente são removidos para outros setores. Considerada a escola mais difícil da Funabem, seus monitores e sua "equipe técnica" são muitas vezes tratados como "os donos da casa", situação que atinge ambos os setores, eliminando particularmente a hierarquia que submete os monitores as decisões dos técnicos. Esta condição de independência e de relativa imunidade que técnicos e monitores têm em relação a normas que geralmente vigoram em ou

tras unidades, principalmente no tocante à questões de disciplina e punição, acentua as divergências entre os funcionários da "Casa". Isto vai se refletir no modo de reagir aos distúrbios que ocorrem na sala ou no pátio, bem como em trâmites que envolvem a permissão de saída do aluno. A amizade que liga certos funcionários e monitores e determina dos grupos de alunos, devido ao longo tempo que ambos permanecem em contato, entra como mais um motivo que aumenta a tensão inerente aos momentos de confronto entre alunos e funcionários.

Podemos compreender então porque um dos menores, conforme veremos no capítulo referente à relação aluno-escola, trata a Funabem como a "Mãe Fundadora". Este sentimento parece ser também compartilhado por muitos de seus funcionários, profundamente vinculados a um emprego público que proporciona segurança e estabilidade. Esta colocação porém, não impede que profundas divergências e até mesmo a revolta atinja as relações entre ambos e a instituição, e são justamente os paradoxos e contradições que envolvem estas situações que ao longo deste trabalho irão nos ajudar a perceber o papel e a função do menor neste contexto.

CAPÍTULO III

## O CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL DOS MENORES E O INÍCIO DA MARGINALIDADE

### 1. Dados sócio-econômicos

Os menores do grupo entrevistado são oriundos de famílias de baixo nível sócio-econômico, seus pais ou responsáveis percebendo mensalmente a quantia correspondente ao percentual obtido pelas camadas de mais baixa renda da população brasileira economicamente ativa, isto é, quase nunca superior ao salário mínimo, muitos nem chegando a tanto. Com exceção de Arnaldo, cuja mãe é professora, e o pai engenheiro, (mas que aos oito anos passou a morar com a tia, que é empregada doméstica) todos os outros menores possuem pais que sequer terminaram o primário, exercendo algumas das funções menos remuneradas da escala social. Desta forma encontramos entre seus pais e mães as seguintes atividades: um vigia de sítio, dois pedreiros, dois cobradores de ônibus, duas empregadas domésticas, uma cozinheira, uma lavadeira e duas faxineiras. Um dos menores, João, não pôde especificar a profissão de seu pai devido ao pouco contato entre ambos, sabendo apenas que sua mãe era doméstica, enquanto que outro, Manoel, insistiu em declarar que tanto seu pai quanto seu padrasto são ambos bicheiro traficante e não respectivamente vendedor de carro e empregado num restaurante como consta em seu prontuário.

Dos oito menores entrevistados seis nasceram no Estado do Rio de Janeiro, e de acordo com seus registros de



nascimento, quatro na capital. Somente Manoel discordou desta informação, pois, embora tenha sido registrado como carioca, acredita ter nascido ou em S. Paulo ou na fronteira do Brasil - Argentina, "lugares em que minha mãe mãe parava, uma zona muito grande tóxico". Segundo seu depoimento nunca a verdade foi bem esclarecida, "mas não sei que mistério danado, que jeito danado eles deram (seu pai e sua mãe) pra me registrar aqui, quando a minha mãe veio pra cá eu já era bem grandinho". Todos os outros três, registrados aqui no Rio, disseram ter nascido em subúrbios da cidade: Mauro em Caxias, "num barraco muito humilde, mas não era favela não", Gilson na Cidade de Deus, "era tão longe que o caminhão da Heliogaz nem parava lá, eu tinha que rolar o bujão até o posto policial da estrada, que êle só largava lá", e João em Nova Iguaçu. Os outros dois menores restantes nasceram no interior: Paulo em Itaperuna - "lugar pequeno, não tem nada pra pessoa se divertir, lugar assim muito atrasado, muito atrasado" - e Raimundo em Austin - "lá em casa é tipo um sítio, pra chegar lá a senhora entra no portão e tem de andar, muito, é horrível demais". Além destes menores nascidos no Estado do Rio, dois vieram de outros Estados: Arnaldo é de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e André de Juazeiro, interior da Bahia. Ambos apresentaram um ponto em comum em suas trajetórias de vida, pois tiveram que deixar suas cidades natal para irem morar em bairros pobres do centro das cidades para as quais se mudaram: Arnaldo saiu de Porto Alegre para ser criado pela tia aqui no Rio, indo morar no Estácio, e André saiu de Juazeiro, no interior, para ir morar no Pelourinho,

todos dois bairros próximos ao comércio do centro destas ci  
dades, e à noite, bairros tradicionalmente ligados à ativi  
dades relacionadas com prostituição.

As condições habitacionais refletem a instabilida  
de econômica de suas famílias, pois com apenas uma exceção ,  
nenhum dos pais e mães acima citados possuía um emprêgo fi  
xo, ou alguma fonte de renda mais estável, necessitando sus  
tentar a casa e seus filhos com os chamados "bicos" ou ativi  
dades não especializadas. Em decorrência desta instabilida  
de a solução encontrada por todos foi permanecer nas zonas  
menos favorecidas da cidade, cujo acesso é facilitado pelos  
prêços mais baratos da área, devido às precárias condições  
de transporte e saneamento local. Assim, cercados duplamen  
te pela ausência de recursos materiais, tanto dentro quanto  
fora de suas casas, a maioria destes menores nasceu e cre  
ceu em lugarejos isolados, favelas, ou em subúrbios situados  
na periferia de grandes cidades.

## 2. Constituição familiar

Embora o lugar de nascimento e o nível de renda fa  
miliar sejam dados importantes e esclarecedores sobre o con  
texto sócio-econômico em que foram criados, eles por si só  
pouco nos ajudarão a compreender o universo em que viveram  
êstes menores, se não atentarmos para o tipo de organização  
social de suas famílias, que é bastante diferente do "mode  
lo-padrão" adotado pela classe média.

Trata-se de uma outra constelação social, diferente da célula básica "pai-mãe-filhos", enquanto unidade mínima familiar, existindo no seu lugar uma outra forma de relação familiar, onde as avós, tias e parentes afins ocupam frequentemente os espaços materno e paterno. Esta outra unidade de parentesco, acrescida de diferentes elementos, socialmente mais ampla, dá-se em detrimento dos laços conjugais e filiares, assim como daqueles existentes entre os irmãos, laços estes diluídos na relação com os demais parentes. Existe portanto um outro tipo de interação social, onde os filhos são muito mais independentes de seus pais e irmãos. Este distanciamento dá-se tanto pelo lado afetivo quanto material, porque, desde cedo, as crianças desta classe social são mais rapidamente integradas à comunidade que as cerca, adquirindo prematuramente a sua independência da tutela dos adultos. Desta forma, aos doze, treze anos, devem ganhar seu sustento por conta própria, tornando-se praticamente auto-suficientes em relação aos cuidados de seus responsáveis.

### 2.1. Relação entre pais e filhos

Prosseguindo então com a descrição do seu contexto familiar veremos que dos oito menores do grupo somente quatro chegaram a conhecer e a morar efetivamente com seus pais durante um período extenso, Mauro, Gilson, Paulo e Arnaldo, sendo que este último teve que sair definitivamente de casa aos oito anos enquanto que os outros saíram de suas casas en

tre os doze e os quinze anos. Dos outros quatro menores restantes, dois menores, Raimundo e André, foram afastados de um de seus pais assim que nasceram, voltando a vê-los somente em sua adolescência, o primeiro conhecendo seu pai aos treze e o segundo sua mãe aos doze anos. Manoel e João, por sua vez, jamais tiveram notícias de seus pais (homens) durante sua infância, este último vindo conhecer seu pai somente aos quinze anos. Destes oito menores, por sua vez, somente Arnaldo, Mauro e Paulo são filhos de pais que não se separaram, embora sô os dois últimos tenham convivido com os mesmos até saírem de casa.

Se este quadro por si só nos dá uma visão mais aproximada das diferenças existentes entre esta forma de organização familiar daquela perpetuada pela classe média, alguns trechos e entrevistas poderão mostrar mais concretamente o tipo de relação existente entre seus membros.

André: Morava no interior da Bahia, com minha avó e meu pai. Eu fui criado com minha avó, um dos netos que ela mais gostava era eu, e o resto era cinco garotas, e ela gostava mais de mim. Eu devo tudo a minha avó, ela era a mãe do meu pai, depois ela faleceu ... Minha mãe deixou minha irmã mandando, eu só vim conhecer ela aos doze anos, ela já tinha três filhos, um outro homem. Naquele tempo minha avó lavava roupa pra fora, eu era muito agarrado com ela, eu ajudava muito ela ... Meu pai casou de novo, foi pra Salvador com minha madrasta, eu ficava pra lá e pra cá, entre a casa dele

e a casa da minha madrinha, que é minha a  
vó. Eu fui criado com meus tios e primos,  
lá em Juazeiro, e tinha quatro irmã, duas  
era filha só do meu pai ... Quando minha  
avó morreu uma irmã minha, que já era ca  
sa, e morava lá em Salvador, mandou me cha  
mar, eu e outra irmã, que agora tem quinze  
anos, e nós fomos pra lá, e depois pra casa  
de minha mãe, foi quando eu vim a conhecer  
ela ... Meu pai é pedreiro, era muito  
grosso, não sei como explicar não. Ele era  
muito estúpido, maltratava muito a gente,  
minha mãe deixou ele por isso, ela apanha  
va dele. Agora ela trabalha de faxineira  
numa firma de Salvador. Depois que eu fui  
morar com ela eu nunca mais vi meu pai, eu  
larguei ele, ele também separou da minha  
madrasta, e agora eu tô aqui, sozinho.

**Manoel:** Meu nome verdadeiro é Marcel  
Cabrini. Meu pai é italiano, minha mãe é  
brasileira, meu padrasto é argentino. A mi  
nha família é o maior rôlo. Meu pai bi  
cheiro. Meu padrasto quatro homens mataram. Mi  
nha família é esquisita, uns são vadios, ou  
tros são crentes. A minha família não quer  
que ninguém saiba o meu verdadeiro nome.  
É tudo na retranca. É tudo bandido. Até na  
rua ninguém se fala. Eles não dão o nome  
verdadeiro pra ninguém. Meu pai (padras  
to) é um monstro. Ele só pensa essas coi  
sas, ser o mais forte, matar. E também  
não gosto de minha mãe, odeio ela como ode  
io qualquer mulher. Minha mãe mora na Ar  
gentina, com um rapaz (o homem com que ela  
passou a viver depois que separou-se do

primeiro padrasto de Manocí). Ela vende car  
ro roubado, e maconha. Eles passam o dia  
inteiro fumando maconha. Eu acho ela uma  
chata, eu gosto mesmo é de minha tia (ir  
mã de seu pai, para quem foi enviado após  
os oito anos) que me criou, e minha mãe  
(mãe de criação). Lá em Belo Horizonte  
não deu certo, essa minha tia é irmã do meu  
padrasto lá da Argentina. Eu fui lá algu  
mas vezes, não me lembro bem, ficava can  
tando e fumando o dia todo. Quando eu fui  
pra casa da minha mãe, lá na Argentina, eu  
e minha tia, a irmã do meu padrasto, a gen  
te ficou lá, ganhou presente, ficamos con  
versando, fumei muito, maconha deles, eles  
me ensinaram a fumar tóxico ali. Fumei,  
cheirei, tomei pico, foi legal. Fui ver  
as paisagens como é que era, era fascinan  
te, as paisagens. Vinha bastante compra  
dor, era divertido, cheirava, bebia, fuma  
va. De vez em quando sujava. Chamava lá o  
pico a gente fica doidão mesmo. Minha tia  
era principal, ela que iniciava, ensinou  
os filhos todinho a fumar maconha iniciou  
todos eles, ela era solteira, matou o mari  
do numa festa por causa da brizola. Agora  
a minha tia do Rio era crente, essa odia  
va tóxico. A minha mãe (de criação) nunca  
foi crente. Ela trabalhava de dia e me  
deixava com minha tia. Ela era cozinheira  
de forno e fogão, o marido dela trabalhava  
num restaurante, eu já era bem crescido,  
já sabia bem da vida. Lá na casa da minha  
tia é o maior barato, antes da gente jan  
tar a gente canta um hino, quer ver?(canta):  
Estar presente O' Senhor em vosso  
meio / Honrei o mundo pra saber o Vosso no  
me / Estar presente ô Senhor em sua presen

ca / Repartir o vosso pão pra quem  
tem fome / aí entra a minha mãe /

Só o amor é quem pode descobrir / O impor-  
tante é a gente decidir /aí entra meu  
pai (O marido de sua mãe de criação)/Com  
alegria tudo está no seu lugar/

Agora, eu já tive muitas coisas boas. Hoje sou  
uma pessoa calma, aprendi a controlar  
meus atos, antes de falar. Eu tenho um  
irmão que fica todo vermelho quando fica  
nervoso, ele bota a mão no fogo e nem  
sente dôr, ele diz que é o diabo ...

**Raimundo:** Nasci aqui no Rio, lá em Aus-  
tin, na casa do meu pai e da minha mãe. Sou  
o terceiro. Morei com eles até nove me-  
ses, depois fui pra Belo Horizonte com mi-  
nha mãe, meu pai ficou. Lá ela começou a  
trabalhar, nós ficamos com uma mãe, mas  
depois ela arrumou uma casa pra gente, lá  
no Morro do Corosano. Fui criado lá até  
onze anos. Morava eu, mais três irmãos fi-  
lhos do meu pai, mais dois irmãos filhos  
do outro marido dela. Ela se casou a-  
qui pela primeira vez e se separou. Aí  
se juntou com meu pai e teve eu e mais dois.  
Mas antes teve dois filhos, que moraram  
com a gente. Lá em Belo Horizonte minha  
mãe arrumou um outro cara lá e teve mais  
três filhos, mas um ela deu pra outra pes-  
soa, ficou com sete filhos. Ela morreu a-  
tropelada, eu tava na escola. Ela foi bus-  
car lenha, a madeira, atravessou a rua e  
o carro pegou ela. Sabe esses prédios que  
tão terminando por fazer? pois é, ela foi

buscar lenha, nós cozinhava em fogão de le  
nha. Eu vim chorando de Belo Horizonte, eu  
não queria vir pra cá não, eu amava aquele  
lugar onde fui criado. Mas antes disso mor  
reu dois irmãos meu lá, um atropelado e o  
outro numa briga. Ele foi separar uma br  
ga de uma criança e acharam que ele tava  
batendo nela e deram um tiro nele. Foi bem  
no dia do batizado do meu irmãozinho, ê  
le tinha vinte e dois anos.

Através destas três entrevistas podemos constatar  
que as separações dos casais são muitas vezes efetuadas num  
clima de violência, seguidas pelo abandono do lar. Estas  
agressões físicas, como veremos depois, aparecerão constante  
mente nos relatos dos menores, não somente nas relações en  
tre marido-mulher, mas através de espancamentos entre pais/  
padrastos e filhos. Realizada desta forma a separação tende  
rá a dificultar ainda mais a instabilidade econômica da mu  
lher, que, para sair imediatamente de casa terá de susten  
tar-se, a si e aos seus filhos, completamente sozinha, de uma  
hora para outra. De qualquer maneira este agravante pouco  
modifica a situação difícil em que se encontram as mulheres  
separadas porque os ex-companheiros raramente mandam algum  
subsídio para os filhos, qualquer que seja o tipo de relacio  
namento com a ex-mulher, seja por falta de dinheiro, seja  
porque se sintam desobrigados deste encargo. De acôrdo com  
as pesquisas de Thales de Azevedo (1963) quanto mais baixa  
a classe social, maior o número de maridos que abandonam a  
casa, maior a responsabilidade para a mulher e mais acentua  
do o seu papel na família.



O termo "marido" aqui empregado refere-se ao papel desempenhado pelo homem na rotina doméstica do casal, porque o casamento civil é pouco praticado nesta camada social e o religioso, que, segundo Azevedo, antigamente era a cerimônia mais solicitada, vem diminuindo de frequência cada vez mais. Temos que ressaltar porém que esta diferença nada representa para as mulheres casadas ou companheiras de classe social mais baixa, porque a discriminação social que em outras classes se faz presente quando há omissão das obrigações que envolvem as uniões, livres ou legalizadas, aqui não atua. Assim a mulher vê-se só, com seus filhos, e mesmo sabendo que possa vir a ganhar a devida pensão para os filhos na justiça, a dificuldade e a falta de hábito em lidar com a mesma, e a constatação dos poucos recursos que poderiam advir deste benefício concorrem para que desista de mover algum processo legal, obrigando-a a contar somente com seu trabalho para sustentar-se, e aos seus filhos.

Não há o que estranhar se, nesta situação, muitas mães sejam obrigadas a aceitar um regime de trabalho frequentemente prejudicial ao seu relacionamento com os filhos, e incompatível com a rotina doméstica de suas casas. Em alguns casos acabam mesmo por distanciar-se dos filhos e refazem uma outra família, como aconteceu com a mãe de André. Ela precisou deixá-lo com o pai para poder separar-se e trabalhar, e só voltou a vê-lo, e a suas irmãs, muitos anos depois, após ter se casado novamente. Nestes casos a avó ocupa um lugar da maior importância, pois é ela quem, em muitos casos, toma para si o cuidado dos netos, quando a mãe, por

diversos motivos, não está presente. É ela inclusive quem assume também o lugar paterno perante eles, pois, na ausência da mãe, os filhos, ao invés de serem criados pelo pai, são educados por ela. Esta situação, presente nas entrevistas de André e Raimundo ao referirem-se as suas avós paterna e materna, respectivamente, aparece também no relato de Gilson sobre sua família, ao mencionar que sua mãe é quem cria os netos:

**Gilson:** Nasci na Cidade de Deus, aqui no Rio de Janeiro mesmo. Tenho duas irmãs, a Clara e a Maria, uma tem vinte e sete, a outra vai pra trinta. Uma tá com o marido dela, a outra fica pra lá, e pra cá, sem saber se fica com o marido dela ou com minha mãe, é meio barro meio tijolo. Eu fui o último da conta. Depois delas minha mãe ficou sem ter filho. Aí meu pai disse que ela não queria mais filho por ele ser preto, portanto ela teve mais sete filhos, e todos morreram. Morreu tudo com oito, nove mês. Teve um que morreu na barriga da minha mãe. Minha mãe pegou uma sacola pesada, botou em cima do estômago, aí amassou, e a criança não aguentou ... Meu pai é bem mulato, de cabelo ruivo, é um moreno bonito, tinha muita disposição pra trabalhar, mantinha a família bem. Ele comprava cachaca pura, limão, maracujá, levava lá pra casa, e bebia, aí minha mãe bebia também. Ele ficava de cueca, botava uma comida, e ficava lá. Ele não era mau pessoa pra mim, pras minhas irmã, ele não era ruim não. Ele era vigia de sítio lá

em Santa Cruz. Por causa de uma outra do  
na que ele arrumou por lá, de nome Maria  
Lúcia, ele deixou minha mãe, é, a mulher  
com treze filhos, mas ele preferiu ela do  
que minha mãe, com eu só. Ela vivia bem  
com meu pai, de vez em quando tinha algum  
desentendimento, quando eu era menor, mas  
eu não tenho recordação dele bater nela  
quando eu era pequeno, eu vi ele bater ne  
la de onze anos pra cá, é que eu vim ver.  
Depois que eu fui entendendo mais das coi  
sas é que eu fui vendo que meu pai judiava  
da minha mãe, aí é que eu vim ver, aí eu  
fui defendendo ela, hoje eu só vejo meu  
pai de longe, quando ele vai num botequim  
perto lá da cada dela ... Uma das coisas  
que êle fêz, foi bater na minha mãe, pegar  
ela de cabeça pra baixo, bater de o sangue  
escorrer, eu entrar no meio da briga e pe  
dir, para pai, e ele continuar batendo, as  
minhas pernas debaixo dela, e ele agarrar  
a vagina dela, eu no meio, e ele assim vi  
rado pra parde, minha na frente; eu tava  
com a perna aberta, ele esticou por baixo,  
e começou a correr sangue, aí ele pegou  
um facão deste tamanho assim e disse que  
ia matar a minha mãe. Aí eu não deixei ê  
le pegar, e o facão ficou lá mesmo, mas eu  
fiquei com mágoa dele, aí de lá pra cá de  
pois que eu peguei um pouco mais de juízo,  
que eu fui vendo essas coisas que meu pai  
fazia, eu fui me desgostando com êle, um  
dia êle entrou em casa, pegou as coisas  
que não pertence, botou dentro do caminhão  
e foi morar com outra mulher. Largou ela  
por uma mulher com treze filhos, e lá em ca  
sa eu só, as outras tudo casada. Agora mi  
nha mãe cria dois netos, os filhos da

Maria , e ela trabalha, antes ela não trabalhava, mas agora ela trabalha, porque não tem mais meu pai pra dar as coisas pra ela. Ela tava trabalhando numa firma de ônibus, mas agora saiu, não sei onde ela tá, porque só de vez em quando é que eu vou lá.

Conforme dissemos anteriormente a agressão física é um dado constante nos depoimentos destes menores, seja nas relações entre marido e mulher, seja nas relações entre pais/padrastos e filhos. Recurso bastante utilizado durante os momentos de punição e agressão, quando se faz presente entre enteados e padrastos serve como mais um empecilho na convivência já escassa entre os membros do núcleo familiar. Em geral o padrasto é visto como uma pessoa pouco significativa, ou então, pelo contrário, detestada. Assim é que entre os quatro menores que possuíam padrasto nenhum citou sua presença em situações agradáveis ou de interesse, apenas mencionando-os para ilustrar a sua constituição familiar ou queixar-se de sua atuação. João, particularmente, foi o que teve maior convivência com seu padrasto, relatando uma experiência bem traumatizante:

**João:** Minha mãe separou do meu pai e ficou comigo e minha irmã. Ela saía pra trabalhar, e minha irmã ia pruma firma de contabilidade, que ela trabalhava lá. Então eu tinha que ficar tomando conta dos meus irmãos pequenos, filhos do meu padrasto, e eu não podia nem ir pra rua jogar futebol, se fosse levava pau, meu padrasto

me batia. A senhora sabe, não é filho, aí já viu. Então eu tinha que tomar conta de todas as coisas da casa: lavar roupa, fazer comida, fazer de tudo dentro de casa, até lavar banheiro. Tinha noite que eu tinha que dar até água pro passarinho. Uma vez ele brigou comigo e me obrigou a beber aquela água suja de passarinho, a senhora sabe, ali só tinha porcaria. Além de beber ainda apanhei. Eu apanhava muito, eu apanhava tanto que eu tenho o corpo cheio de marca, até na cabeça, debaixo do cabelo. Uma vez ele me puxou de um lado, ela de outro, e conforme eles me puxaram, até rasgou a pele, aí eu levei ponto.

Assim como João, Manoel também se queixa do padrasto, que tanto para ele quanto para João estão longe de substituir ou assemelhar-se a figura do pai, ainda que nesta faixa social este seja muito mais distante e ausente do que em outras camadas sociais. Nestes dois casos o padrasto representa, sobretudo, uma figura masculina hostil, ameaçadora, cuja presença na casa é desejada somente pela mãe, pois da figura paterna ele só apresenta os aspectos negativos e repressores, se usarmos uma linguagem psicanalítica.

**Manoel:** Minhas relações com o meu padrasto não eram muito boas não. É por isso que eu não morava com ele, ele é tudo que pode ser de irresponsável, ele é ridículo. Agora eu tô vendo que ele tinha intimidade com meu pai, que ele sabia das transações mesmo, então ele me adotou pra aliviar a barra, mas agora minha mãe tá com um outro

cara, ela não sai da fronteira não, é lá que ela ganha o dela.

Entre todos os meninos Manoel é o que apresentou maior dificuldade em falar do seu núcleo familiar, talvez devido ao extenso número de responsáveis pelos quais passou. Um dia, porém, ele relatou de uma só vez todos os dados que veremos a seguir, esclarecendo as relações entre sua mãe/pai/padrasto e demais parentes em geral:

**Manoel:** Eu num vou muito com a minha família não. Meu pai é um homem respeitado, pelo que eu sei é um homem que faz, não manda fazer. É onda isso, einh? Eu conheci ele em 82, no apt. da minha tia, irmã dele. Assim, ele, pelo fato de não me conhecer bem, me considerava como filho, e eu não como pai, porque eu não conhecia ele. Mas depois perguntei o nome dele, e ele não quis falar, ficou naquela, aí eu fui vendo, olhando as feições dele, aí perguntei. É, porque eu tinha dúvida na família, mas eu guardava pra mim, não perguntava não. Por que me disseram que o meu pai verdadeiro era o meu pai de criação, que tinha morrido, e eu nem sabia direito quem tinha morrido, meu pai de criação ou meu pai verdadeiro, eu não tinha contato com nenhum dos dois, nem com minha mãe... Minha mãe vivia com meu padrasto lá na fronteira do Brasil-Argentina, lá existe uma fonte muito grande de tóxicos, eles traficavam lá, minha mãe enrolava papel pra vender. Meu pai morava aqui no Rio. Aí minha mãe soube que meu pai tava preso, através dos caras

que iam lá pegar o tóxico, eles tinham grande intimidade com meu pai, então eles contaram pro meu padrasto, e ele preferiu contar pra minha mãe. Aí ela veio sozinha comigo, porque eles nunca se deram bem, deu entrada na papelada pra soltar êle, e depois fomos embora, daqui pra Minas, pra me deixar lá com uma meia irmã desse rapaz que morava lá em casa. Ela também traficava, era ela quem iniciava a festa. Aí eu fiquei lá até uns nove anos de idade, fui pra lá era bem garôto mesmo. Então depois eu vim pro Rio, pro Rio, pra casa da minha tia, que é crente, irmã do meu pai. Essa odeia tráfico. Eu fiquei lá só três meses, e fui pra casa da minha mãe de criação, que é cozinheira de forno e fogão. Porque que eu fui? Porque gostava dela. Meus irmãos? Tavam com uma môça que minha mãe pagava, em S. Paulo. Já era tudo meio grandinho, eles tavam tudo localizado em Traucani, no tempo do Trombada, jogador de futebol.

A permanência com parentes, amigos e vizinhos, desde que nascem até os dez anos, faz parte do cotidiano destes meninos, hábito que aparece em quase todos os relatos. Arnaldo, entre nove e dez anos foi enviado para a casa da tia, André foi praticamente criado por sua avó, que era sua madrinha, Raimundo teve um, entre seus irmãos, doado, e Manoel chama de "mãe de criação" uma amiga de sua tia, embora tenha sido criado por outras pessoas durante muito mais tempo. De qualquer forma, também neste contexto, é sempre a figura feminina que é relacionada as pessoas com quem mantém uma ligação afetiva.

## 2.2. Relação entre irmãos

Dentro do amplo universo familiar composto por ti as, avós, e parentes afins, o relacionamento entre os irmãos diminui de intensidade, pois os irmãos serão tão mais distan tes entre si quanto mais tiverem passado por diferentes "res ponsáveis". Assim é que André foi criado até o início da a dolescência sem conhecer suas duas irmãs mais velhas, e a pós os doze anos não mais reviu suas duas irmãs mais novas por parte de pai, indo conviver com três irmãos que desco nhecia, filhos do outro casamento de sua mãe. Raimundo tam bém nunca mais reviu seus dois irmãos mais velhos por parte de mãe, os quais moraram com ele antes de sua mãe separar-se do seu pai, e que, por causa das condições em que se deu a separação, tiveram que ficar com os parentes do pai deles. A tualmente ele nada sabe dos dois irmãos filhos do último ca samento de sua mãe, os quais ficaram em Belo Horizonte quan do esta faleceu. Manoel, por sua vez, foi criado inteiramen te à parte de suas quatro irmãs. Elas moravam em S.Paulo sob os cuidados de uma pessoa paga para olhá-los, e durante sua infância, não conheceu três dos outros filhos homens que seu pai teve posteriormente com outras mulheres. Arnaldo, fi nalmente, depois que saiu de sua casa, aos nove anos, nunca mais reviu seus irmãos.

Um outro fator que diminui o convívio entre irmãos é o pouco tempo disponível para estarem juntos na mesma ca sa. A partir dos dez, doze anos, todos devem sair de casa para ganharem seu sustento por conta própria, efetuando biscates



ou serviços extras, a maioria retornando somente uma ou duas vezes por semana para a casa, se tanto. Geralmente um dos filhos mais crescidos toma conta dos irmãos mais novos, até que um destes possa ocupar o seu lugar, e ele também possa ir para a rua. Nêstes casos a convivência com os irmãos mais novos é geralmente sentida como um pêsso, porque aquele que permanece em casa deve arcar com todas as responsabilidades e cuidados geralmente atribuídos aos adultos em outras classes sociais. Este não pode usufruir dos lazeres permitidos aos menores, devendo aos oito, nove anos, cuidar da limpeza e arrumação de todos os cômodos da casa, além de vigiar as crianças pequenas, assumindo, portanto, já nesta idade, a condição de um verdadeiro esteio na economia doméstica.

A frequência com que esta situação acontece nesta faixa da população pode ser percebida nas entrevistas de Mauro e João<sup>1</sup>: todos dois se queixam das reprecnsões e castigos recebidos quando o volume de trabalho que lhes era destinado, e por êles considerado excessivo, não era cumprido. Este último principalmente sofreu muitas humilhações e espancamento por parte de seu padrasto, passando por uma situação bem pior do que a de Mauro.

**Mauro:** Meu pai é cobrador de ônibus, minha mãe começou a trabalhar fora eu tinha uns sete, oito anos. Ela é doméstica,

---

<sup>1</sup> - A citação de João referente a este assunto foi feita na página 50.

trabalha todos os dias, ganha por dia. Meu pai brigava demais comigo, ele achava que eu era sem responsabilidade, porque eu era o mais velho, e tinha que cuidar deles todos, não podia brincar não, fazer nada, só ficar em casa, e eles na rua, se divertindo.

Este trabalho realizado pelo menor é duplamente útil, porque além de substituir sua mãe e irmãs nas tarefas domésticas e possibilitar que elas possam ganhar algum dinheiro fora, evita que seja necessário entregar as crianças pequenas para mulheres que os "criam". Isto significa menos uma despesa no orçamento familiar, pois este é um recurso bastante usual, utilizado quando não há outras pessoas com quem deixar as crianças. É preciso ressaltar que a contribuição dos irmãos um pouco maiores cresce em importância e torna-se tanto mais necessária quanto mais instável for a relação entre seus pais, visto que a responsabilidade dos filhos e da casa em caso de separação do casal recai sobre a mulher, que precisará contar ainda mais com o dinheiro ganho fora de casa.

### 3. A criança e a escola

Neste contexto a educação escolar carece de importância pois, de forma oposta ao que acontece com as crianças mais abastadas, aqui se processa um movimento inverso em relação à fórmula estudo-trabalho. Enquanto nas famílias de renda mais alta os estudos são considerados um elemento prio

ritário de ascensão social e, conseqüentemente, antecedem o engajamento no trabalho, nesta faixa social é a batalha pela sobrevivência diária que é valorizada desde cedo, a maioria dos adultos não tendo terminado o primário nem precisado de nenhum diploma para conseguir seus empregos e biscates, limitando-se a ler e escrever precariamente. É preciso ressaltar que a ausência de escolarização não corresponde a um abandono repentino da rotina escolar, mas sim a um gradual abandono da mesma durante os quatro primeiros anos. A premência de ganhar dinheiro, o desestímulo social provocado por um ensino que não proporciona oportunidades para esta faixa social, e, finalmente, a transmissão de valores que não podem compartilhar, são talvez as razões mais frequentes que possamos citar para a chamada "evasão escolar" que aqui ocorre. Podemos acrescentar ainda a todas estas dificuldades a frequência com que os responsáveis destes menores, caso lhes incentivem a ir a escola, mudam de endereço em busca de melhores condições de vida, o que prejudica ainda mais a regularidade do estudo.

Nêste grupo entrevistado a Mauro e João era cobrada principalmente a realização de tarefas domésticas, e Arnaldo, como êles, aos nove, dez anos foi deixando de estudar por causa do seu trabalho numa casa de família. Gilson e André que moravam numa favela do Rio e no interior do sertão baiano, respectivamente, nunca foram obrigados a estudar, embora não ajudassem em casa quando pequenos. Manoel, Raimundo e Paulo foram os únicos que mantiveram por mais tempo a frequência a escola, os dois primeiros devido a insistência de

suas tia e avó, mas mesmo assim todos três deixaram de estudar ao saírem de casa, entre os doze e quinze anos.

#### 4. A sexualidade durante a infância

As brincadeiras sexuais entre garotos durante a infância e o início da adolescência são bastante frequentes nesta faixa da população. Porém, neste período, jogos e contatos de natureza sexual não são associados ao comportamento homossexual, sobre o qual os meninos possuem pouca informação, embora estejam cientes de que tais jogos e brincadeiras podem acarretar castigos, zombarias e punição. O desconhecimento sobre hábitos e costumes referentes à "homossexualidade", tal como é caracterizada entre eles, hoje em dia, pode ser percebido abaixo no discurso de Raimundo, onde ele se contradiz ao chamar-se de homossexual naquela época, afirmando que naquele tempo nem sabia o que isto significava:

**Raimundo:** Os meninos e as meninas iam lá pra casa brincar de papai e mamãe. Mas eu não me amarrava nestas brincadeiras não, e nem nessas brincadeiras de bola, de soltar pipa. Eu só gostava mesmo é de bola de gude. Eu também não gostava de garoto pequeno não, porque o pênis dele era muito pequeno, aí nem gostava, não fazia nem cosquinha, sabe como? Eu gostava era de garoto maior, eu dizia que queria jogar pipa. Ah, a gente ia pegar passarinho no mato, aí eu já ia com maus intenções, já ia com maus intenções com ele, chegava lá e

tudo acontecia. Eu dizia que queria jogar pipa, ih, qualquer coisa. Eu fingia que queria a pipa mas o que eu queria mesmo e ra transar. Eu nem sei jogar pipa, o único brinquedo que eu adoro na minha vida é bola de gude, é o que eu gosto muito mesmo. Mas eu não era homossexual. Eu nem sabia o que que era isso, homossexual. É por aí que eu acho que eu não sou homossexual teleguiado pelos outros, porque o lugar onde eu morava e onde eu vivia num tinha isso, eu nunca tinha visto homossexual, vim a conhecer no Rio de Janeiro .... Quando eu me assumi mesmo, eu tinha onze anos de idade. A minha mãe começou a ficar desconfiada, eu brincava com garoto mais do que com garôta. Aí um dia ela me forçou a falar, e eu falei que era mesmo. Aí minha mãe disse: tudo bem, não é porque eu era homossexual que ela ia me desprezar ....

Através do seu discurso podemos observar o quanto sua fala já está impregnada com a linguagem que veio aprender mais tarde no Rio de Janeiro, referindo-se a sua infância com conceitos que na época não possuía. De forma semelhante, seguindo as regras do grupo atual, todos os meninos evitaram falar dos contatos sexuais mantidos com meninas durante sua infância, em virtude deste comportamento ser no presente profundamente discriminado por eles. Assim, segundo suas entrevistas nenhum deles teria mantido qualquer relação deste tipo com garôtas, o que é altamente duvidoso, e, pelo mesmo motivo, tal inibição não se aplica às histórias que contam sobre as brincadeiras desta natureza entre ga

rôtos. Tais relatos aparecem frequentemente nas entrevistas de Mauro, Gilson, Raimundo e Manoel sobre sua infância, histórias sempre acompanhadas de castigos e repreensões quando são apanhados em flagrante, mas que não levam a nenhuma consequência mais grave. Devido a quantidade de vezes que se repetem, mostram o quanto estes meninos movem-se num espaço que foge ao controle e à orientação dos adultos, ocupados com seus afazeres, enquanto aqueles saem para brincar nas ruas e proximidades de suas casas. São nestes encontros e ananças pelas redondezas com garotos da vizinhança que surgem os primeiros contatos sexuais, relações que se iniciam geralmente próximo ao local onde moram, através do convívio no grupo ou de uma amizade a dois. Como essas aventuras sexuais provocam bastante problemas, tanto entre os adultos quanto entre crianças menores e maiores, iniciar este processo requer uma série de cuidados, o que podemos observar na experiência que Gilson relata:

**Gilson:** Eu tava um dia na minha casa e tinha um menino lá na esquina que se chamava Nelsinho, e a gente tava brincando de bola de gude. Só tinha duas bolas de gude, ele me matava e eu levava ele na carcunda, eu matava ele e ele me levava na carcunda. Mas aí como eu não tinha experiência, e ele já tinha seus treze, quatorze anos, bem mais velho, e sempre jogava bola de gude, então eu sempre que tinha que levar ele na carcunda, da onde a bola pincava até onde tinha parado. Aí minha mãe chegou na porta e perguntou: Gilson? E eu, senhora? E ela, vai rolando o bujão de gaz até o pos

to, que quando o caminhão da HelioGaz pa  
rar você entrega o bujão e vem buscar o di  
nheiro. E eu disse: tá, e fui rolando, ro  
lando o bujão. E ele disse: deixa eu ir  
com você pra gente continuar a brincadeira.  
Aí a gente foi, e a gente conversamo lá,  
e ele me chamou pra gente ir pra trás do  
posto policial, e aí eu fui, e deixei o bu  
jão sozinho. Aí tirei umas casquinhas com  
ele, pouquinho, porque eu era bem pequeno,  
nê, fechado, e ele tinha seus treze, quatorze anos,  
bem mais velho. Aí ele foi e pegou umas  
casquinhas comigo, e eu pequeno, sem expe  
riência, senti doer e reclamei. Aí o guar  
da ouviu e foi lá trás, panhou a gente, le  
vou pra sala do distrito, e mandou chamar  
minha mãe. A mãe e o pai dele trabalhando  
fora. A minha mãe chegou e disse assim:  
vou dar dois bolos na mão dele. Existia a  
quelas palmatória de couro, e aí me deu u  
ma coça, aí meu pai chegou meio dia, ele  
tava no serviço, minha mãe contou, aí eu  
leveí outra coça do meu pai. Mas o garoto  
que tava comigo não levou nem um beliscão.

As reações ao comportamento homossexual foi um dos temas abor  
dados por Peter Fry no seu livro Para Inglês ver (1982), relatando  
pêsquisas realizadas em várias regiões do país. Estas pes  
quisas trazem-nos uma grande contribuição quanto às diversas  
circunstâncias que podem ou não gerar um comportamento puni  
tivo nêstes momentos, introduzindo como elemento diferencia  
dor a discriminação que é feita entre a conduta homossexual  
ativa e passiva. Fry mostra-nos como, nas regiões mais ca  
rentes do Brasil, o Norte e o Nordeste, assim como entre

a população mais pobre das regiões Sul e Sudeste, existe uma identificação do papel desempenhado pela pessoa "passiva" durante a relação sexual de natureza homossexual ao papel desempenhado pela mulher no ato sexual.

Por consequência, o indivíduo passivo na relação entre pessoas do sexo masculino será nêstes lugares considerado como a "bicha", sendo-lhe atribuído as características de comportamento e temperamento, visíveis ou não, da mulher, enquanto que a pessoa "ativa", pertencerão todas as qualidades do homem, sendo a mesma considerada um homem "de verdade". Assim, quanto mais baixa a classe social maior será a separação do caráter feminino ou masculino segundo a posição que o indivíduo ocupa no ato sexual. Esta atribuição do caráter homossexual sômente a um dos parceiros, explica portanto a atitude muito mais severa e punitiva dirigida à quele que será considerado "a mulher" nas relações homossexuais masculinas, do que ao "homem", o qual, sobretudo nas regiões e setôres aludidos acima, nem será alvo de qualquer atitude discriminatória.

Esta situação aparecerá nas entrevistas dos garôtos ao comentarem suas experiências homossexuais durante a infância, seja através da discriminação feita pelos adultos âquêle que assumiu o papel da mulher, como no caso de Gilson que foi o único a apanhar ao ter sido pego em flagrante, seja no meio das próprias crianças, como nos mostram claramente Mauro e Raimundo:



**Mauro:** A vez que eu transei com um ga  
rôto lá da rua todos os meninos da rua fi  
caram sabendo, aí eles botaram o meu apeli  
do de Geny , porque eu era a bicha,mas eu  
sempre gostei disso, não me incomodava não,  
não transava de outro jeito de jeito nc  
nhum, sô depois que eu saí de casa.

**Raimundo:** Comigo não tinha troca não,  
eu era sempre a mulher, nunca gostei de ou  
tro jeito, isso não é normal, né?

Sabedores de que existe uma discriminação bastante significativa entre aquele que permanece "homem", e aquele que se torna "a bicha", conforme já dissemos anteriormente, estes meninos ainda não extrapolam esta condição de ser "ho mem" ou "mulher" para outras áreas de comportamento, como o farão posteriormente com o estereótipo "feminino" do homosse xual. Justamente por causa da frequência com que as rela ções e brincadeiras de natureza homossexual são praticadas entre os meninos desta camada social, para alguns entre eles as razões de sua homossexualidade assumida residem não tanto no fato de terem tido relações homossexuais durante a infân cia mas sobretudo na intensidade da "ligação" estabelecida com tudo o que pertence à esfera feminina, desde os gestos, postura e temperamento até às tradicionais tarefas de casa. Porém, as razões apontadas para esta identificação com a mu lher são ambíguas. Segundo André, João e Raimundo, todos eles te riam esta inclinação feminina "naturalmente", mas todos as sociaram-na ao exercício de tarefas domésticas, embora para

doxalmente o próprio André ressaltasse que o volume e o tipo de serviço que faziam em nada difere dos afazeres de outras crianças de sua classe social. A realização destes serviços seria portanto, por si só, insuficiente para justificar ou explicar a importância e o desempenho que o homossexualismo ocupa em suas vidas, neste contexto por eles mencionado:

André: Eu nunca tive vontade de procurar meninas, e nem tive uma criação assim também. Eu fui criado por minha avó, eu acho que eu sou assim porque eu fui criado assim por ela, e não tem jeito de eu sair dessa, de homossexual, sabe, gostar de garota .... A minha mãe também me botava pra fazer comida, esse tipo de coisa. Mas ela também dizia que isso não tem nada a ver, porque meu pai também fazia, lavava roupa e tudo. Não sei, ela tava preocupada com alguma coisa, de eu ser homossexual, mas ela também me botava pra fazer comida, trabalho das minhas irmãs, não é? Mas meu pai é homem e não fazia esse tipo de coisa que eu faço, e fazia tudo em casa .... Minha avó queria que eu me comportasse como mulher, o neto que ela mais gostava era eu, ela queria eu igual minhas irmãs, era cinco garotas, com sete anos de idade eu já gostava de ser assim como eu sou hoje, ela botava eu pra usar saia, brincar com as meninas, eu acho que ela queria que eu fosse homossexual...

João: Eu já era assim, por causa do jeito, do corte do cabelo, do modo de falar. Só que nunca transava, mas todo mundo falava, até dentro de casa. Minha mãe dizia, vo

cê não tem jeito de homem, meu negócio era todinho dentro de casa, eu não jogava bola, tinha que ficar dentro de casa vendo o arroz não queimar, tomar conta de criança, ver televisão, e quando terminava tudo ia dormir né? Tinha que cuidar de tudo a casa tinha dois quartos, sala, era até grande, tinha que bater o tapete, varrer tudo, ficava cansado, né?

**Raimundo:** Eu era assim mais fino, mais dócil, eu não tinha aquele jeito durão, sabe, eu era mais calmo, eu tava sempre perto das meninas, olhando, ficava vendo minha mãe fazer as coisas. Eu sei cozinhar, lavar roupa, passar, aprendi tanta coisa doméstica. Quando eu tava em casa eu dava banho nelas, nas minhas irmãs, pegava água, esquentava comida, ah, eu gostava de ajudar minhas irmãs, arrumar casa, lavar prato, dar banho na minha irmã, serviço doméstico eu sempre gostei de fazer, eu me sinto tão bem assim, homossexual.

Se a descrição que André faz do modo como foi criado por sua avó nos dá uma medida da ausência de cuidados relativos à educação sexual tal como é difundida hoje em dia, tal conduta não expressa necessariamente a intenção de sua avó em transformá-lo num homossexual, ou, como ele pensou, é um elemento que justifica o desenvolvimento de sua homossexualidade. Pelo contrário, sabemos que êste procedimento é relativamente comum nas áreas rurais mais precárias, e faz parte dos costumes vigentes nêste meio social entre as pes

soas mais idosas. Assim é que seu pai, que com eles convi  
via, logo que seu filho começou a comportar-se como "mulher"  
tratou de terminar com este hábito:

**André:** Meu pai sabia que eu praticava  
sexo com outros garôtos e ele não gostava.  
Que vergonha, ele dizia, você não é homem,  
êlc me batia, batia muito, dizia que ia me  
matar, que nunca pensava em ter um filho ho  
mossexual, praticando coisas de mulher, que  
não queria homossexual na família, me colo  
cava no fogo, né, D. Elizabeth.

Momentos como este em que devem aprender a evitar pu  
nições físicas são frequentes, e, inversamente à uma educação  
de caráter preventivo, denotam uma concepção de educação ime  
diatista, voltada para a correção do momento presente:

**Gilson:** Minha mãe me batia bastante. Ba  
tia mesmo. De espada de S. Jorge, de ré  
gua, daquela ripa feita de caixote de madei  
ra sabe, de feira.

Dos cinco menores que mencionaram contatos sexuais  
com amigos antes dos dez anos, somente Raimundo não se refe  
riu à brigas violentas como castigo ao seu comportamento:

**Raimundo:** Meus irmãos falava, que vergo  
nha, vai ter jeito de homem... O mais velho  
é que tinha mais implicância. Ele ficava  
assim, vai tomar aparência de homem, vai  
cuidar da família... Mas eu nem ligava, minha  
mãe discutia com eles, me dava muito apoio.  
Depois que ela morreu, e que eu vim aqui  
pro Rio, minha avó não deixava eu ir pra Lu

gar nenhum, ela dizia, que vergonha na fa  
mília, eu nem podia brincar direito.

Portanto, a liberalidade sexual que os meninos des  
ta faixa etária usufruem nesta camada social, contrasta com a  
forte discriminação que este comportamento gera dentro do  
seu próprio meio. Esta discriminação, constituída na maio  
ria das vezes por surras e castigos, além de implicâncias  
verbais, geralmente não implicam na expulsão dos filhos de ca  
sa. Exceção a esta regra foi a atitude adotada pelos pais  
de Arnaldo, únicos entre todos os responsáveis pelos garôtos  
dêste grupo a mandar um filho para fora de casa por causa da  
ameaça que sua homossexualidade poderia representar. O casal  
nesta época ascendia social e profissionalmente, e talvez o  
ingresso de ambos em carreiras de profissionais liberais (en  
genheiro e professora universitária) de Porto Alegre fôsse  
o motivo para que se sentissem ameaçados pela conduta do fi  
lho, sentindo-se afetados em sua respeitabilidade:

**Arnaldo:** Eu ia pra escola de unha pin  
tada, de batom, e a professora falou pra  
eles. Eles não acreditou, pensou que a  
professora tivesse maluca, mas era verda  
de. Meu pai gastou um dinheirão com médi  
co, mas não adiantou, fiquei internado três  
meses, e meu pai não quiz eu em casa de  
jeito nenhum, eles acharam que eu era ho  
mossexual, minha mãe teve que me mandar  
pra casa dessa minha tia aqui no Rio de Ja  
neiro, me mandaram embora e eu nunca mais  
vi eles, mas eu não tinha relações com ga  
rôto não, relações com garôto eu só vim a

ter há pouco tempo, com dezessete anos, eu gostava era de botar brincos, se pintar , usar aquelas sombras igual quando a gente bota a bola pra jogar sinuca, brincar com as meninas de casinha de boneca, não suportava brincar no meio de homem, brincava só no meio das garôtas.

Embora tenha sido objeto de tratamento médico durante três meses por causa das características de seu comportamento, típica medida corretiva utilizada por classes sociais mais favorecidas economicamente, a solução adotada por seus pais para resolver os distúrbios que esta conduta trouxe para eles foi a mais fiel possível aos seus costumes de origem, pois repetiram e perpetuaram o hábito de entregar o filho para ser educado por outros parentes:

**Arnaldo:** "Minha mãe não queria que eu saísse de lá não, mas meu pai podia fazer alguma coisa comigo. Se eu tivesse ido no Juiz antes, eu podia ter conseguido alguma coisa, né? A minha mãe chegou a chorar e tudo. Aí eu vim pra casa da minha tia, no Estácio. Ela é casada, trabalha de empregada doméstica, tem uma filha e um casal, eles já eram grandes, quando eu vim".

Relatar o motivo pelo qual Arnaldo teve que sair de sua casa revela não só a especificidade de sua constituição familiar mas, uma vez mais, através deste caso, e do contraste de atitudes entre as famílias destes menores, a frequência com que estes meninos vêm-se defrontados na sua infância com jogos e brincadeiras sexuais.

Esta frequência pode ser avaliada não só através das declarações dos meninos do grupo, o que poderia afetar nossa análise em virtude de se tratarem de garotos que se tornaram homossexuais "assumidos", mas pode ser sobretudo de tectada através das inúmeras entrevistas e conversas que os funcionários da escola mantêm com os outros alunos e suas famílias. Muitos destes mantêm este tipo de relação até hoje dentro da Funabem, provocando brigas e discussões entre internos novos e antigos, e essas cenas de rivalidade e disputa, embora geradas em grande parte pela problemática institucional, fazem parte do seu cotidiano, inclusive fora da instituição. Estes dados, embora não tenham sido examinados com base numa referência estatística, são familiares a to dos os profissionais que lidam diretamente com os alunos, en tre eles médicos, professores, psicólogos e assistentes so ciais, além dos monitores mais próximos, os quais possuem um contato mais próximo com os menores e defrontam-se com esta questão permanentemente no dia a dia da escola.

CAPITULO IV



OS PRIMEIROS INTERNAMENTOS E O HOMOSSEXUALISMO  
COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA FORA DE CASA

Neste capítulo procuramos ordenar o nascimento da adoção do comportamento homossexual no contexto da progressiva marginalização que sofrem estes menores na sua batalha pela sobrevivência diária. A junção entre a adoção do comportamento homossexual e a marginalidade que lhes foi atribuída aparecerá então a partir do seu relacionamento mais direto com a comunidade, desde a saída da casa até a entrada na Funabem.

1. A passagem de casa para a rua

Aos dez, doze anos, os garotos desta faixa social já são capazes de ganhar algum dinheiro na rua, através de pequenos biscates. Para muitos meninos esta é a única forma de alcançarem pequenas regalias, como ir ao parque de diversões da cidade, ou pegar ônibus para ir a praia, além de ser a única alternativa aceita por seus responsáveis para suprir o valor que representa o seu trabalho doméstico no orçamento da casa. O dinheiro que o garoto recebe através dos biscates de rua, mesmo irrisório, aumenta a receita familiar, pois a partir de então ele irá assumindo cada vez mais sua auto-sobrevivência.

Mauro: Eu não gostava de ficar em casa tomando conta das crianças, por isso, um dia, resolvi sair com um amigo pra procurar emprego. Aí eu soube que um homem que vendia algodão doce nessas barraquinhas tava precisando de alguém pra ajudar ele. Então eu ganhava acho que 1.500,000 por semana, ou por mês, nem me lembro mais. Era muito pouco. Mas quando acabava o serviço eu não gostava de voltar pra casa não. Só chegava em casa tarde, bem de noite, mas meu pai não falava nada, reclamava um pouquinho, mas passava.

Geralmente sair a procura de ganhar algum dinheiro deixa de ser uma escolha mais ou menos "voluntária" por parte do menor, que deseja substituir as responsabilidades de casa pelo dinheiro ganho na rua, mas ocorre por causa da necessidade absoluta de ajudar seus familiares o mais breve possível. João exemplifica bem esta situação ao nos relatar como a medida que sua mãe ficou mais necessitada de dinheiro foi compreendendo a importância do seu auxílio em relação a ela e irmãos, percepção que lhe fez aliar o desejo de libertar-se das tarefas domésticas à necessidade de comprometer-se logo com algum trabalho externo, para tornar-se completamente auto-suficiente.

João: Depois o meu padrasto separou da minha mãe, porque arrumou outra mulher, e ele dava pouco dinheiro pra minha mãe, porque a mulher dele economizava até sa bão, a senhora sabe, esses pessoal assim

muito econômico, e a minha mãe com seis crianças, tanta roupa pra lavar, pra cuidar. Ela saía pra trabalhar, a minha irmã também, aí eu ficava tomando conta de todas as coisas da casa: tomar conta dos meus três irmãos pequenos, lavar roupa, fazer comida, até lavar banheiro. Então quando chegou mais ou menos a idade dos doze anos eu resolvi sair de casa, trabalhar em casa de família, cair na vida, né? Eu fui trabalhar na casa de uma mulher lá em Nova Iguaçu, naquele tempo eu ganhava 1.500,000 por mês, com casa, café, comida e tudo. Eu lavava carro, essas coisas assim. A dona da casa gostou tanto de mim que me botou pra trabalhar dentro de casa, lavar prato, ajudar na faxina e tudo.

Porta de entrada para o progressivo desligamento do lar, através dos biscates de rua os menores vão se habituando a permanecerem várias horas longe de casa e, com os vínculos estabelecidos na rua, aprendem como sobreviver na cidade sôzinhos, momento em que se sentem capazes de tomar suas próprias decisões. Tornam-se prematuramente amadurecidos e, paralelamente à rapidez em que se processa este desligamento, acumulam as responsabilidades que devem assumir no seu dia a dia. De início o bairro, em seguida outros pontos da cidade, o mundo do lado de fora de casa vai se tornando cada vez mais próximo, ponte para o distanciamento do universo familiar:

Arnaldo: Quando eu tinha dez anos fui

trabalhar em casa de família, mas já era esperto, era grande. Ajudava a lavar carro, limpava jardim, varria, naquele tempo eu fazia tudo certinho, ia trabalhar todo dia.

Gilson: Aí depois que eu peguei mais experiência de vida, assim com meus dez, doze anos, eu já comecei a saber o que eu de fato queria da minha vida, e comecei a tomar o meu destino, a escolher o que era bom pra mim, e o que era ruim, a escolher o que era viver melhor ...

Manoel: Minha mãe só soube que eu não ia pra escola o dia que a professora mandou um bilhete pra casa, aí ela perguntou pra mim, aonde você vai? Aí eu disse, ih, vou passear, esquece, me deixe. Ah, me deixa nada, você pensa que vou ficar com você aqui em casa assim, e depois quando sua mãe voltar? Ah, depois eu conversei com ela. Eu quero saber onde você anda. Quer saber da verdade? Eu vou pra praia, pra casa de colega meu, eu fico por aí com meus colegas, fico por aí. Você tem coragem de dizer isso? Claro, claro que tenho, coragem suficiente pra dizer isso, se eu não tivesse não tava falando. Ah, então eu vou mandar um recado pra sua tia, pra ela vir te buscar. Aí quando ela saiu eu fugi, sai porque eu quiz, eu queria ganhar a rua, batalhar, ficar na casa de amigos, colegas. Eu saía, depois voltava, passava uns dias, depois voltava.

Segundo pudemos observar nas declarações de Manoel, entre a segurança e os cuidados passíveis de serem usufruídos em sua casa, e os riscos e aventuras na cidade, a segunda opção é muito mais gratificante. Na rua, as vantagens que podem obter com biscates, e com os conhecimentos aí adquiridos, superam de longe os parques lazeres e oportunidades que seus pais podem oferecer-lhes. Porém nem todos os meninos conseguem manter, como os menores que vimos acima, um esquema que lhes permita ir e vir de casa para a rua, e vice-versa. Certos menores, como Raimundo e Paulo, precisarão abrir mão da convivência com seus familiares para conquistarem o "direito" de saírem de casa, principalmente, como é o caso dos dois, se são de cidades pequenas, onde a miséria e o desemprego são menores. Mesmo nestes casos, seguir o exemplo de outros garotos é mais atraente do que o tipo de vida que levam em casa:

Raimundo: Quando a minha mãe foi atropelada eu tava na escola, ela tinha muitos amigos em Belo Horizonte, o cemitério ficou superlotado. Aí a gente veio pra cá, todos meus irmãos menos dois, que ficaram lá. Aqui mora minha tia, minha avó e meu pai. A minha avó mora em Austin, onde eu nasci, a gente foi prá lá. Menino nem podia sair de casa, eu tinha que dormir as seis horas. Aí eu via os meninos todos na rua, brincando, o maior carnaval de rua. E eu lá dentro daquele portão, trancado. Só ia do colégio pra casa, da casa pro colégio. Aí um dia eu resolvi sair de casa, eu gostava de ser

solto, que nem lá no Morro do Corosane, falei pra minha avó que queria sair, ela falou que a vida era dura lá fora, muito sofrimento, mas aí num dia de sábado sem ela ver eu peguei minhas roupas e fui embora.

**Paulo:** Nasci em Itaperuna, tenho quatro irmãos, Pedro, Paula, Patrícia e Pamela. O mais velho tem trinta e quatro anos, eu e uma garota que é gêmea comigo somos caçulas. Meu pai trabalha em construção, minha mãe é doméstica, ela não sai de casa não, tem cinquenta e dois anos. O meu pai é muito exigente, eu não gosto de lá. Eu gosto dele, mas não gosto de lá, lá tem hora pra tudo, minha mãe fica perguntando onde eu fui, que horas vou chegar, tem o lugar certo da chave. Eu sou muito independente, sabe, eu gosto de andar com meus próprios pés, ir aonde eu quero. Eu gosto de ser independente de tudo, sabe? Esse negócio de perguntar aonde fui, que horas volta, fecha a porta, ih, é horrível. Lá é um lugar pequeno, que não tem uma praia, é um lugar calmo, assim; pra quem gosta de vida calma é um ótimo lugar. No Estado do Rio, mas eu não gosto de lá, não tem nada pra fazer, é lugar mais pra velho. Quando eu resolvi sair de lá, foi pra nunca mais voltar, voltar só pra visitar e pronto.

Assumir a sua própria sobrevivência é portanto uma perspectiva bastante "real" para os meninos desta idade, nesta faixa social. Para eles, como para seus próprios pais,

esta possibilidade pode ser ou não aceita com agrado, mas, devido à frequência com que ocorre entre filhos e amigos de parentes e vizinhos, acaba sendo uma solução extremamente utilizada para se resolver problemas e frustrações originados sobretudo pela carência econômica. Desta forma, conforme vimos pelas entrevistas anteriores, cada saída de casa insere-se num contexto específico, de acordo com as peculiaridades do núcleo familiar a que pertence o menor. Posteriormente veremos que quanto mais brusca for a ruptura do menor com seus vínculos familiares, mais árdua será a sua conquista pela sobrevivência, pois em muitos casos a família pode ser uma referência de auxílio e moradia nas horas de aperto. Isto não significa, porém, que os garotos que mantêm um contato com seus familiares, e através deles conseguem um emprego, um biscate, terão um trajeto de vida sem dificuldades. Pelo contrário, todos eles terminarão partilhando, mais ou menos, das mesmas experiências de vida, pois, a partir de um certo momento, necessidades comuns e táticas semelhantes, vivenciadas dentro de um mesmo contexto social, contribuirão para que adotem, igualmente, a mesma maneira de viver. Com o objetivo de retrarmos esta trajetória, resolvemos agrupar as entrevistas dos meninos de acordo com o contexto sócio-familiar em que estavam inseridos ao iniciarem seu caminho fora de casa, para que possamos reproduzir o mais fielmente possível a evolução e uniformização deste "modus vivendi" a partir das características sociais peculiares à cada um deles. Pelo contrário, todos eles terminarão partilhando, mais ou menos, das mesmas experiências de vida, pois, a partir de um certo momento, necessidades comuns e táticas semelhantes, vivenciadas dentro de um mesmo contexto-social, contribuirão para que adotem, igualmente, a mesma maneira de viver.

1.1 - A permanência fora de casa com alguma remuneração  
fixa, mantendo-se os vínculos com a família

Aos doze anos, aproximadamente, somente Arnaldo, João e Mauro ganhavam seu próprio dinheiro com trabalhos efetua dos na rua, os dois primeiros sendo empregados domésticos e o último vendedor de algodão doce. Dos três, só Mauro vinha para casa diariamente, pois os outros dois dormiam du rante a semana nos seus respectivos locais de trabalho.

É curioso notar que entre os três, bem como entre todo o grupo, Arnaldo foi o primeiro garoto a cometer uma infração pública, ele que foi entre todos eles o que mais cedo foi marginalizado por seus pais por causa do seu compor tamento. Único entre todos os menores do grupo a ter sido obrigado a abandonar pais e irmãos por causa do seu "homossexualismo", paradoxalmente ele foi o último dos menores do grupo a ter estabelecido relações homossexuais com outras pessoas, e, sendo aquele que tinha melhores condições financeiras na casa de seus pais, foi o primeiro garoto do grupo a roubar:

Arnaldo: Eu era acostumado a sair sozi nho, não gostava de ficar em casa não, gos tava de passear, lá na casa da minha tia eu não fazia nada, meus primos já eram acostumados a sair também, eles eram gran des, quando eu cheguei lá. Aí um dia de Domingo fui pra praia do Flamengo, fui passeando, andando até a Cinelândia, lá eu conheci um monte de amigos, aí eu sem



pre voltava lá, a gente tomava banho na praia, ficava na praça, era divertido, eu não queria sair de lá não. Eles me ensinaram a fumar maconha, tudo ... Meu primeiro roubo foi aos onze anos, encontrei um casal na rua, tentei roubar, aí eu levei um tiro na perna, fiquei cheio de cicatriz no corpo, vários pontos, me levaram pra Funabem.

Através das novas amizades feitas na rua, os meninos ampliam o seu círculo de relacionamento e, ao invés de permanecerem com o trajeto casa-trabalho, preferem dedicar-se às aventuras e descobertas que encontram junto a estes novos amigos, com os quais passam a ter acesso a lazeres e passatempos que desconheciam, ou eram impossibilitados de efetuar. A partir de então, o trabalho que tinham é dispensado em prol de outros meios de sobrevivência, através dos quais podem obter mais tempo livre, mais prazer e o mesmo nível de rendimentos que obtinham anteriormente. O roubo, a prostituição, os tóxicos, esses elementos pouco a pouco passam a fazer parte do seu cotidiano, principalmente quando o dinheiro acaba. Alguns meninos, quando presos ou quando são feridos, desistem nesta época deste tipo de vida, mas outros, como Arnaldo, preferem assim permanecer, iniciando neste período uma longa convivência com o aparato policial e judicial. Este roteiro, comum a centenas de meninos na cidade do Rio de Janeiro, será, com algumas diferenças, o mesmo a ser narrado por Mauro. Este, de forma semelhante a Arnaldo, prefere trocar o seu trabalho por um

tipo de atividades que lhe dê mais tempo e dinheiro para conhecer outros lugares e pessoas. No seu caso, em vez de roubo, é a prostituição que surge como a possibilidade mais próxima, embora seja preso por motivo de furto:

**Mauro:** Lá em Caxias mesmo tinha um Centro, umas galerias, e eu fui conhecendo uma pessoas lá, quando acabava o serviço eu ficava lá, não gostava de voltar pra casa não, às vezes nem ia vender, chegava tarde, aí foi que eu fui conhecendo os homossexuais de lá, sabe. Aí eu conheci um rapaz, era boa pinta ele, e eu fiquei transando com ele, ele tinha uns vinte anos, por aí.

**Entrevistadora:** E você era o que, ativo ou passivo?

**M:** Ah, com ele eu era tudo, não tinha esse negócio não, não importava se era ativo ou passivo, eu queria conhecer as pessoas, né? Aí ele me deu um dinheiro, e eu achei tão bom ganhar aquele dinheiro, tão fácil, e pensei que podia ganhar mais. Depois eu conheci um cara de lá mesmo, que disse que onde que era o quente é lá na Quinta da Boa Vista, cheio de gente. Aí ele me levou lá, e de vez em quando eu ia pra lá, dar uns passeios. Quando eu cheguei lá todo mundo pensava que eu era homem, aí eu fui conhecendo as pessoas de lá, ficava por ali, também ficava muito na casa de colega, toda hora era um, eu

era muito ingênuo, acho que até hoje sou, não penso em maldade não ... De lá da Quinta da Boa Vista eles me ensinaram a Galeria Alaska. Foi lá que eu conheci um pessoal que roubava, e como eu tava sem dinheiro, aceitei. Então depois de uma semana eu rodei.

Podemos perceber como a fim de criar outras possíveis estratégias de sobrevivência Mauro abriu mão do comportamento sexual passivo, preferência que originou seu apelido de Geny, para utilizar doravante qualquer postura durante a relação sexual. A sexualidade começa a tornar-se então, já nesta idade, um instrumento ativo de socialização e ascensão social, momento em que os meninos passam a descobrir efetivamente as vantagens e desvantagens da relação homossexual na sociedade. É interessante observamos que as restrições ao fato de terem assumido o papel masculino durante o ato sexual, atitude que todos negam em relação ao momento presente, são neste período bem menores do que o tabu vigente sobre os contatos sexuais com garotas. De qualquer forma, para Mauro, como para outros meninos, a relação com mulheres neste período é muito mais difícil do que com os homens:

**Mauro:** Eu nunca transei com mulheres, sei lá, elas pareciam tão difíceis, tão gostosas. Com homens é mais fácil.

Inversamente às histórias contadas por Arnaldo e Mauro, João afirma ter sido detido pelos policiais sem ter cometido qualquer delito. O seu relato narra um acontecimen

to frequente na vida destes meninos: a ida para a delegacia porque são suspeitos de estarem cometendo algum delito. Este trecho de sua entrevista é típico das histórias contadas pelos menores que chegam à Funabem, os quais, ao chegarem à delegacia, não têm nenhum endereço para dar, e nenhum responsável a ser contactado. Somente dentro da instituição é que os menores resolvem fornecer algum dado sobre si mesmos, caso sintam que esta revelação não vai lhes prejudicar, e se percebem que ela pode lhes trazer algum auxílio. Através deste relato, podemos constatar como já nesta faixa etária começam a ser tratados como possíveis delinquentes, tanto por policiais como por seus próprios familiares, ainda que para muitos destes a delinquência, geralmente associada a furtos e roubos, possa até ser percebida como necessária, e não pejorativamente. Por causa desta mesma carência é comum aceitarem propostas de vínculos homossexuais por parte de rapazes mais velhos, porque eles são um meio que supre o mesmo nível de renda que determinados "bicos" proporcionam. Neste momento alguns garotos principiam a adotar o comportamento próprio dos homossexuais femininos, transição que ocorre paralelamente à vinculação do dinheiro nas propostas de relações sexuais, quando o "homem" passa a pagar comida, roupas e outras coisas para o homossexual (leia-se, a mulher):

**João:** Eu tava vindo da casa da mulher que eu trabalhava lá em Nova Iguaçu, tava pegando o ônibus que ia pra casa, parado lá na estação. Aí chegou um guarda e perguntou onde eu morava, que roupas eram aquelas

que eu tava carregando, eu disse que eu ti  
nha ganhado da moça, mas ele não acreditou  
e me levou pra delegacia, e eu fui pra Quin  
tino. Eu não tinha carteira de trabal  
ho, nenhum documento, nada, aí ninguém  
acreditou em mim.

**Entrevistadora:** Mas porque você não  
deu o endereço de sua mãe?

**J:** Porque ela sempre dizia que se alg  
guém me pegasse na rua eu não devia dar  
o endereço dela, devia dizer que não ti  
nha mãe. Então quando me perguntava qual  
é o endereço de sua mãe? eu dizia, não sei  
não. Porque também não adiantava de nal  
da eu dar, porque eu sei que ela não vai  
correr atrás de nada pra mim... Eu começ  
ei a virar homossexual com doze anos, log  
o que eu saí de casa, ele era amigo dess  
a mulher que eu trabalhava pra ela, ele  
tinha dezenove anos foi ele quem transou a  
primeira vez comigo. Aí abriu caminho,  
né? Ele me ajudava muito, pagava as  
coisas que eu precisava.

## 1.2. A permanência na rua sem nenhuma remuneração fixa, mantendo-se os vínculos familiares

Conforme vimos acima, a ligação dos menores com  
drogas, furtos e o homossexualismo ainda é uma experiência  
transitória, que só com o correr do tempo será realmente  
parte integrante do seu cotidiano. Neste momento o investil

mento maior dos meninos gira em tórno da descoberta das possibilidades que estas experiências podem oferecer, principalmente no tocante a melhores oportunidades de sobrevivência e lazer. Manoel, Gilson e André, como outros colegas seus mostram-nos como estas práticas lhes permitem obter dinheiro para circularem livremente pela cidade, e como lhes possibilita partilhar de um nível de consumo e lazer que jamais conseguiriam com os trabalhos que lhes são normalmente oferecidos. Suas indas e vindas pela cidade atestam a liberdade que passam a usufruir, pois, uma vez aprendido os meios elementares para sobreviverem por conta própria, passam a adquirir um status semelhante ao do adulto em outras classes sociais, já que, da mesma forma que a estes sucede, a auto-suficiência por eles conquistada gera isenção da participação de seus familiares na sua escolha da vida. Certamente em alguns casos tal escolha acarreta conflitos familiares, mas muitas vezes termina sendo acatada, porque, como a mãe de Gilson demonstra saber, as oportunidades que lhes são oferecidas são mínimas. Seu discurso expressa aqui pela primeira vez um conceito que nos capítulos subsequentes aparecerá constantemente, ou seja, o homossexualismo representa um perigo menor do que o furto e os tóxicos, fonte de renda que seus familiares sabem ser origem da sobrevivência dos garotos:

**Gilson:** Meu pai começou a reparar que eu era homossexual quando eu tinha treze anos. Mas ele era bem contra. Ele uma vez

gritou pra minha mãe, no quintal: eu des  
confio que na minha família tem viado, e  
se eu descobrir que foi verdade eu piso na  
goela, mato, aconteça o que fôr. Aí minha  
mãe dizia, antes viado do que ladrão, maco  
nheiro, matador, o filho é meu e pode ser  
o que fôr, é meu filho. Ela tava me defen  
dendo a mim, aí de lá pra cá começou uma  
guerrinha besta contra mim, sabe, aí não  
sei se por causa disso também, meu pai por  
desgosto separou da minha mãe... Aos 13 a  
nos eu entrei na Funabem, por causa de rou  
bo, uma loja de roupas, lá no calçadão de  
Campo Grande. Eu comecei roubando assim,  
entrava nas lojas, pegava o que eu podia.

Embora todos eles possam ter deturpado, com maior  
ou menor intensidade, informações sôbre os momentos do pre  
sente e do passado, de qualquer forma, através das suas en  
trevistas, podemos ter uma idéia geral do universo que os  
cerca, ainda que procurem aumentar ou omitir dados que consi  
derem comprometedores. Se esta observação pode ser estendi  
da a todos os meninos, desde o início deste trabalho, convém  
frizá-la aqui, ao registrarmos a descrição de Manoel sôbre  
êste período de sua vida, porque, mesmo que não corresponda  
totalmente à realidade, além de registrar a imagem que dese  
ja mostrar de sua infância e adolescência, nos dá uma visão  
geral sôbre a vida e as fantasias destes meninos nesta faixa  
etária:

**Manoel:** Se eu tiver que dizer todos os  
lugares que eu já passei, sinceridade, eu  
não vou conseguir pensar tão rápido assim.

Já parei na Glória, Ipanema, Copacabana, Leme, Paracambi. Já tive em muitos lugares arrepiantes, eu tinha muitos amigos, por causa do tóxico. Primeiro eu fiquei na casa do Maurício, ele morava perto da casa da minha irmã, eu era um dos caras que se prostituía com ele, ele era casado, mas a mulher dele nem tinha noção de nada, ela sabia que eu era homossexual porque eu contava pra ela, mas ela não tinha noção de nada. Depois eu fui pra casa do Aluísio, depois de uns dois meses. Esse era um rapaz também, mas morava com o pai, tinha uns dezessete anos, ele era amigo da minha irmã. Ah, tantos lugares, vivi com malandro, colado com ele, as vezes eu voltava pra casa, ficava muito tempo, depois saía, fugia de casa, ia pra zona, pra praia, depois roubava, fazia de tudo ...Homossexual pode ter a idade que quiser. Já morei com um cara de quatorze anos eu era garoto, crescido, ele me dava dinheiro com o roubo, mi or shima<sup>\*1</sup>...Ele fazia linha<sup>\*2</sup> e me batia.Me dava adê<sup>\*3</sup>, abatá<sup>\*4</sup>, sapatos, jóias, roupas, tique<sup>\*5</sup>, relógio, oxum, ouro. Ele me batia porque eu não podia olhar pra ninguém. Mas eu olhava porque eu queria, de malandragem, piscava os olhos. Homem pra mim tinha que ser maior do que eu. Antigamente tinha que ser 1.80m. Também já morei com dois amigos, eu lavava, passava,co

---

\*1 - Linguagem utilizada entre os garotos com palavras aprendidas no candomblé, as quais serão esclarecidas com maiores detalhes. Mi or shima, porém, não foi traduzida por eles.

\*2 - Café.

\*3 - homossexual, manter relações

\*4 - sapato

\*5 - relógio



zinhava, fazia faxina. Até hoje adoro cozinhar. E ele saía pra ganhar dinheiro, não deixava eu roubar. A noite eu gostava de cinema, clube, adorava, só saía pra baile de noite. Eu sempre fui homem de aventura... Uma vez morei com um cara que tinha uma filhinha linda, a menina tinha quatro anos, a gente cuidava dela. É, a mãe dela não podia criar, aí o cara foi lá, levou um papo com ela, e até a mãe dele vinha ajudar. Era o maior barato, a gente lavava prato, arrumava a casa, a mãe dele era gente fina ...

Como assumir a conduta homossexual característica do homossexual "feminino" e adotar socialmente tal padrão de comportamento exige um nível de entrosamento e de identificação com outros homossexuais que dificilmente estes meninos possuem durante esta idade, neste período ainda não prevalece a aparência de mulher que externarão mais tarde. De início, como vimos no relato de Gilson, alguns indícios podem levar seus familiares a desconfiar de suas atitudes, mas tal postura geralmente oferece dificuldades para os próprios meninos, que passam a incorporar o estereótipo da mulher lentamente, com a padronização característica de grupos de adolescentes. Assim, surpreendem-se com as mudanças que aparecem no corpo e que, nestes casos, serão ainda mais perturbadoras. Porém, uma vez decididos a manter este comportamento, dificilmente deixarão de seguir o seu próprio caminho. Através do relato de André veremos como dificilmente a tentativa de sua mãe para segurá-lo em casa e impedi-lo de frequentar amigos que pratiquem o homossexualismo poderia ser sucedida a longo prazo, já que

ela saía de casa antes que ele acordasse e só voltava às onze da noite, tendo três faxinas para fazer em diferentes lugares de Salvador. Neste tempo André já não via mais seu pai, que havia se separado de sua madrasta, e havia deixado de dar notícias:

**André:** Quando eu cheguei em Salvador pra morar com minha mãe eu tinha aquele jeito de homossexual, e minha mãe ficava me reparando, meu jeito de falar, de andar, e ficava me perguntando o que eu achava disso, daquilo, sabe, de ser homossexual. E eu ficava mentindo pra ela, eu não minha mãe, eu não tenho nada disso, de homossexual. E ela perguntava: então porque você fala assim? porque você anda assim? E eu ficava sem nenhuma resposta porque a primeira pessoa que descobre alguma coisa numa família é a mãe. É ela sempre que descobre o que está acontecendo com o filho. Então foi minha mãe a primeira pessoa que descobriu que eu era bicha. Mas eu nunca disse pra ela, apesar que ela sabe, por outras pessoas. Eu mesmo me trancava no quarto sozinho, lá em casa tinha um espelho grande no quarto, me trancava lá sozinho e ficava olhando o meu jeito de andar, pra ver se era mesmo o que minha mãe falava. Porque eu ainda não tinha reparado mesmo como era. E quando eu vi, vi que minha mãe tinha razão, que era mesmo como ela dizia, não era aquele jeito de homem, sabe, meu jeito de falar, eu também falava só, pra mim ver, nem jeito de mulher, nem jeito de homem, a voz era diferente, sei lá, muita gente deve

pensar porque eu sou assim, deve ser, ah ele é homossexual porque viu homossexual na rua, normal, porque alguém, algum homossexual botou na cabeça dele pra ele ser homossexual, eu não, eu acho que nem sequer sabia, o que era isso, homossexual, com dez, doze anos. Minha mãe dizia que eu tinha que deixar de ser homossexual, mas eu dizia que não, que não queria deixar de ser não, isso já tinha me dominado. Por causa desse meu jeito em casa eu era muito preso, minha mãe não deixava eu sair, e isso me chocava muito. Final de semana eu queria sair, ir pro cinema, ir pra matinê, ir pra praia com meus irmãos menores, mas ela não deixava não. Aí eu acho que por causa disso eu ficava muito preso, eu só via as coisas muito piores, aí diziam que quando eu saía pra rua eu tava conversando com homem, com fulano de tal. Aí mesmo que quando eu saía eu tinha a vontade de fazer a mesma coisa. E eu falava mesmo, eu já era mesmo homossexual... Se eu quizesse eu podia ter ficado trabalhando na Bahia, mas eu não quiz. Eu trabalhava assim, uma semana, depois eu não dava mais satisfação, aí me tiraram do serviço. Trabalhei assim de "boy" e de balconista, mas eu não tinha vontade de continuar trabalhando, porque minha mãe me prendia muito, eu só podia sair de 2ª à 6ª feira, fim de semana não, porque eu era homossexual, aí quando eu saía assim, no sábado ou no domingo, pra ir a um cinema, quando minha mãe deixava, aí eu já dormia na rua, na casa dos meus colegas. Aí quando eu chegava minha mãe falava, falava. Então eu fugia de casa, ia pra Praça da Sé, pra Praça Castro Alves, e ficava

por lá, encontrava um, encontrava outro, lá eu também ganhava algum dinheiro, mas não era porque eu pedia não, eu transava com os caras porque eu queria mesmo, e eles me davam, aí quando eu chegava em casa minha mãe perguntava aonde eu tinha arrumado, e coisas assim, aí ela brigava comigo, mas eu me amarrava naquela vida, não queria saber de mais nada, até os quinze anos, eu me amarrava, nunca transei com mulher. Aí quando minha mãe deixava eu sair na rua, quando eu ficava sem sair, porque eu deixava ela mandar em mim, mesmo, aí quando eu saía prum baile de homossexual, alguém contava pra ela que eu tava lá, aí ela me perguntava e eu sempre mentia pra ela, porque eu era muito prêso e isso me revoltava muito, eu ficava até um mês sem sair...Eu tinha freguês, mas não ganhava dinheiro, aí depois eu comecei a ganhar, através de amigos, me falaram que era bem a gente fazer isso, aí eu pegava, já conhecia outros caras também, desde os doze anos que eu andava naquela vida.

### **1.3. A sobrevivência fora de casa por conta própria, sem nenhum contato com a família ou quaisquer responsáveis**

Os dois menores que preferiram deixar de vez a casa de seus parentes, Raimundo e Paulo, percorrem uma trajetória bastante semelhante, marcada pela carga de experiências e provações que tiveram de passar na cidade do Rio de Janeiro para nela sobreviverem às próprias custas. Ambos deixaram

suas casas pelo mesmo motivo: a procura na cidade grande de novas experiências de vida. Ao longo da descrição das vicissitudes que tiveram de suportar, podemos perceber como ambos enfrentaram logo de início situações muito mais difíceis do que seus colegas, porque chegaram sôzinhos numa cidade que lhes era totalmente desconhecida, onde não podiam contar com nenhuma ajuda por parte de parentes e amigos:

**Raimundo:** Quando eu cheguei na Central o primeiro lugar que eu fui foi pro Campo de Santana, sabe onde é? Aquele ponto de batalhação. Aí eu fui conhecendo uns amigos, uns amigos, uns amigos, lá é uma praça onde pára muita gente, eu fui lá sem conhecer ninguém, era perto da Central, aí eu perguntei prum cara onde tinha lugar que aceitava menor, aí fui lá e vi que só tinha bicha. Aí eu não fiquei pra trás, né? Eu descobri que todo mundo era homossexual, e eu fiquei na galera, e tou até hoje. Lá no Ekê, na Edmé, era baratinho, tia. Lá é o maior puteiro. A patrulha vai lá todo dia (risos). Eu se me virava... Eu garanto a senhora que todo dia eu pagava a minha diária, lá no Morro da Providência. Fui roubar, batalhar, roubar, batalhar, roubar batalhar, até que eu caí aqui, fui viver minha vida né? No começo eu não roubava, não deu na cabeça, mas comecei a fumar maconha, fumo até hoje, a usar penca de tóxico. Primeiro eu conheci um coroa sabe, ele me levou pra casa dele, mas ele bebia muita cachaça, era "uô"\*6 sabe, aí eu fui embora e comecei a

---

\*6 - pessoa chata

batalhar. Aí quando eu fui embora e comecei a batalhar não tava dando certo, aí foi que eu comecei a roubar, roubar, roubar, isso foi em 78. Porque roubar a gente vai e pega o dinheiro, e batalhar não. A gente tem de ficar em pé numa esquina, e o dia que não tiver freguês?

Desta forma Raimundo sem ter para onde ir, sem conhecer ninguém na cidade, e sem dinheiro, preferiu optar pelo papel de "bicha" prostituída e também atuar como ladrão do que voltar para sua casa. Esta mesma opção aparecerá posteriormente no relato de Paulo, que também chegou na cidade sem conhecer ninguém, mas que de início foi logo para a Funabem, para uma das escolas para menores "carentes". Porém depois fugiu da mesma, e só mais tarde retornou à Funabem por causa de roubos, drogas e prostituição:

**Paulo:** Quando eu cheguei aqui no Rio, na Rodoviária, eu me senti perdido, e só tinha 80,00. Aí eu fiquei dois dias na Rodoviária, sem saber pra onde ir, andando sem destino. Aí eu perguntei a um guarda onde eu podia ir e ele me ensinou o caminho da Funabem. Quando eu cheguei em Quintino eu menti, eu disse que a minha família era de Barra Mansa, que não tinha ninguém aqui. Aí eles me deram uma passagem pra Barra Mansa, e me colocaram no ônibus. Aí quando eu cheguei lá eu fiquei andando pelas ruas, e eles viram que era mentira, aí voltei e fui de novo pra Quintino. Aí eles me mandaram de novo pro Padre Severino. Te

ve uma briga danada lá dentro, um garôto queria brigar comigo, foi a maior confusão na escola, aí eu fugi. Quando eu fiquei na rua perguntei prum cara onde era o Juizado, que o Juiz podia me mandar pra outro lugar, menos pra casa. Aí eu contei pra esse cara que eu tinha fugido de casa, aí ele falou: ah, então vem pra minha casa, se você fôr pro Juizado de Menores eles vão mandar lá pra Funabem, e lá eles batem muito. Aí eu bobinho, bobinho, mas não tão bobinho assim fui pra casa dele. Aí ele foi me ensinando as coisas, me ensinando. De dia eu era o que eu sou, normal, só à noite é que eu mudava.

**Entrevistadora:** Ele te tratou bem?

**P:** Tratou.

**E:** E você tinha que transar com ele?

**P:** Não, ele não me obrigava não.

**E:** E ele te dava comida?

**P:** Dava. Mas eu também ganhava dinheiro, eu também pagava as coisas, eu também me prostituía, roubava, eu bancava tudo com ele, eu me prostituía pra ganhar meu dinheiro.

**E:** E ele roubava?

**P:** Não, ele só se prostituía.

**E:** Ele era uma pessoa legal?

**P:** Era. Ele ficou meu amigo, até hoje. Quando eu vim pra cá a primeira vez, pra escola, ele veio me desligar da escola.

**E:** Por que?

**P:** Porque ela era a única pessoa que eu

tinha aqui. Eu não queria dar o endereço da minha casa.

## 2. Os primeiros internamentos

Nêste tópico vamos mostrar a trajetória de cada menor do grupo entrevistado a partir do momento que são apreenhidos na rua e enviados pelo Juiz de Menores para a Funabem, mais especificamente para o Instituto Padre Severino. Nêste estabelecimento passam por um processo de tiragem que pode durar de três mêses a um ano, e logo após são encaminhados , ou para casa (o que ocorre raramente), ou para uma das duas escolas desta instituição para menores infratores, de acôrdo com sua idade. Esta decisão será tomada em função do parecer dos técnicos do I.P.S. sôbre a condição sôcio-familiar de seus responsáveis, e em função do seu comportamento. Conforme já dissemos anteriormente, o Instituto Padre Severino é o Centro de Triagem para onde chegam todos os meninos que cometem alguns delitos nas ruas, sendo a porta de entrada para novatos e reincidentes que chegam à Funabem. Apreendidos pela Divisão de Segurança e Proteção ao Menor, e enviados para o I.P.S. pelo Juiz de Menores, ali convivem durante o tempo em que serão "triados", menores prêsos por suspeita ou tentativa de roubo, assalto, tráfico de drogas ou outros delitos, isto é, todos aqueles que são considerados "anti-sociais".

Fugir nêste período em que estão tendo a sua situação sôcio-familiar estudada pela equipe de técnicos do I. P.S., é uma atitude bastante frequente, seguindo-se a ela



outros internamentos e fugas até o momento em que, após um longo período de adaptação à rotina institucional, muitos deles decidem permanecer na Funabem. Serão justamente as consequências desta relação rua-instituição no modo de agir e pensar destes menores, que irão constituir o tema e o interesse de suas entrevistas nesta sequência de nosso trabalho.

A diferença no sistema de atendimento da Escola João Luís Alves de outras Escolas da Funabem é talvez a razão principal que explique porque os menores lá permanecem mais tempo, como poderemos observar ao longo das entrevistas que se seguirão. A estrutura de funcionamento do Instituto Padre Severino corresponde a um tipo de atendimento próprio das Escolas de internamento transitório que caracterizam os Centro de Triagem, e portanto, não oferece alternativas suficientes para que os meninos efetivem uma transformação da rotina diária que os liga à sua vida fora da instituição, substituindo-a por uma ligação com o Instituto. Já a Escola João Luís Alves, pelo contrário, é uma escola-residência com fins de internamento definitivo, que possui um serviço de atendimento com características pessoais, isto é, menos totalizante.

O fato dos menores serem socialmente discriminados e punidos ao serem internados numa instituição para menores carentes e anti-sociais não acarreta a diminuição do distanciamento entre eles e seus parentes. Pelo contrário, a tendência de seus parentes será distanciar-se deles cada vez mais no decorrer dos seus sucessivos internamentos, até dei

xã-los definitivamente aos cuidados da Funabem. Isto não im  
pede, porém, que muitos menores, durante os períodos de fu  
ga, ajudem seus familiares, ainda que de forma mais ou menos  
espaçada, de acôrdo com as necessidades e possibilidades de  
ambas as partes. Assim, embora os sucessivos internamentos  
contribuam para diminuir as responsabilidades familiares em  
relação ao menor, este, por sua vez, quanto mais aprende com  
seus colegas "a se dar bem" durante o tempo em que permane  
ce fugido, mais tem condição de ajudar seus parentes, e mes  
mo que apareça raramente em casa, torna-se em algumas oca  
siões o "braço direito" de sua mãe e irmãos. É claro que is  
to não é uma regra generalizada, pois neste processo de fu  
gas-internamentos, muitos garotos perdem progressivamente o  
contato com sua família, sendo marginalizados por quase to  
dos aqueles que lhes são mais próximos. Os primeiros inter  
namentos serão, então, um período de adaptação às modifica  
ções que estes trazem para o seu cotidiano, principalmente à  
esta condição de marginalização em que percebem estarem si  
tuados, afastados ainda mais dos parentes mais próximos e im  
pedidos de circularem livremente pela cidade:

**Arnaldo:** A primeira vez que eu roubei,  
vim prêso para o Padre Severino. Depois eu  
fugi e tornei a voltar e fugi de novo, e de  
pois de umas cinco vezes é que eu vim pra  
João Luís Alves. Quando eu fui prêso e mi  
nha tia soube disso me botou pra fora da  
casa, não quiz mais saber, mas depois eu  
voltei, e fui prêso de novo, e ela sempre  
me tirava, mas quando foi um dia ela não  
me tirou mais, e eu fugi assim mesmo, até

que me mandaram pra cá ... Na rua enquadrava o pessoal: pegar cordão, relógio, pulseira, anel, sendo de ouro ...

O número de fugas efetuado pelos meninos nêste periodo os aproxima ainda mais da vivência "marginal", pois cada fuga e internamento restabelece um outro ciclo de marginalização, experimentado durante a passagem pelas delegacias. Nestas circunstâncias aprendem a lidar sozinhos com a situação de prisão sem recorrer ao auxílio de parentes e conhecidos, experimentando os limites e conseqüências entre a inocência e a culpabilidade:

**Mauro:** Eu tinha ido ao Corcovado, subi até lá a pé, com um amigo meu. Na volta, a gente pegou o bondinho, e quando a gente tava descendo eu peguei um cochilo, e nessa hora os homens vieram e me levaram. Eles perguntaram o meu endereço mas eu não dava, eu não gostava de ir lá em casa não, eu tava fora de tudo, também não tinha documento, não tava com nada, aí depois eu fui pego duas vezes, mas o Juiz me soltou, só depois é que eu fui internado de nôvo.

Nêste período conhecem nas próprias delegacias garôtos com problemas semelhantes aos seus, com os quais passam a identificar-se, estabelecendo com êles um círculo cada vez mais amplo de pessoas capazes de ajudarem-se dentro e fora dos lugares aonde são mantidos. Esta será uma fase decisiva para a afirmação de sua identidade porque terão que assumir e definir publicamente perante todos a sua posição frente às acusações que lhes são dirigidas. Esta opção lhes vinculará

a certos grupos e influenciará decisivamente o modo como se rão tratados por seus colegas e demais funcionários, pois , cada vez mais, através das suas reincidências e fugas, defini rão um perfil de comportamento com o qual compartilharão van tagens e desvantagens com aqueles que os cercam.

O momento de afirmação perante o grupo social atra vês da definição de uma posição individual aparece aqui mui to bem descrito por Mauro quando êste declara-se homossexual:

**Entrevistadora:** Quando você entrou na Fundação pela primeira vez como foi que vo cê se aproximou dos homossexuais?

**Mauro:** É porque quando eu caí na Funda ção eu já tinha ido pra delegacia com um garoto que era homossexual, enrustido, e lá tinha outros viados. Aí quando me manda ram pra Quintino esse garoto também foi, e aí me perguntaram se eu era mesmo homosse xual e eu disse que era. Então eles me mu daram de quarto e tudo.

**E:** Agora me diz uma coisa, a maioria dos garotos aqui na Funabem são enrusti dos. Por que você quis se declarar?

**M:** Ah, porque eu queria conhecer essa vida, ver como é que era.

**E:** E como você caiu na Fundação?

**M:** Eu roubava jóias, cordões, anéis mas antes de cair na Fundação eu já fui pegado pela polícia oito vezes, mas o Juiz me soltou. Internado mesmo só quatro vezes.

**E:** E quando você saiu da Fundação, você foi pra onde?

**M:** Fui pra casa de um amigo que eu conheci.

Depois eu comecei a roubar, sabe, pra ter alguma coisa, fui aprendendo. Também cada vez que eu caía na Fundação ia aprendendo alguma coisa. Da segunda vez que eu caí eles me perguntaram se eu era homossexual, porque eu tinha um jeito esquisito, e eu disse que era, aí eles me botaram no meio dos viados, e eu fiquei, sabe.

Acrescidos da experiência transmitida pelos outros alunos, os meninos que fogem após serem internados voltam as ruas muito mais capazes de assegurar sua sobrevivência sozinho do que antes, fortalecidos os seus vínculos e estratégias através das novas amizades que fizeram na Funabem (I. P.S.). Muitos fogem juntos de suas escolas, aprendendo entre si como fugir habilmente, tanto da polícia quanto da Funabem, e com as novas amizades vão conquistando outros "pontos" na cidade.

Porém a trajetória sucessiva de internamentos e fugas deixa de ser tão constante quando os menores são encaminhados para escolas conveniadas da Funabem. Geralmente estas escolas prestam uma assistência bem mais personalizada aos menores que nelas se encontram, os quais podem receber um atendimento melhor em função do menor número de alunos. A escolha destes alunos também é selecionada de acordo com o seu comportamento, sendo evitado mandar para lá aqueles que são apreendidos com um flagrante grave. Quando, por diversas razões, estas escolas não podem mais atendê-los, é bastante comum a sua fuga das outras unidades da Funabem, principalmente por que estavam acostumados com outro tipo de tratamento. João, por exemplo, que não tinha nenhuma ocorrência

policial em seu prontuário, tendo sido internado na Fundação por causa de suspeita de roubo aliada à falta de condições de seus responsáveis em assisti-lo, é um desses casos:

João: Depois que eu entrei na Fundação eu dei o endereço da moça onde eu trabalhava, e ela se comunicou com a minha madrinha, aí a minha madrinha assinou um papel e eu fui transferido da outra escola, e aí eu podia sair, ver minha tia, essa madrinha, mas era tanta confusão que eu preferia nem ir em casa mais, porque eu já não tava afim de ficar esquentando a cabeça mais. Porque lá na escola a minha vida era brincar, estudar, e lá em casa aquele tumulto, eu queria mais era um chega prá lá.

Entrevistadora: Em que escola você estava?

J: Uma escola que não é da Fundação, mas pertence a ela, a Marcos de Abreu, em Bonsucesso. Mas eles tiveram de vender a escola, e em 80 eu fui transferido pra uma outra em Duque de Caxias, aí eu fugi de lá, não gostei. Passei um ano e pouco lá em Bonsucesso e fui embora pra casa de um cara que eu conheci lá em Caxias, e fiquei lá uns tempos.

Durante os dois anos que se seguiram à sua fuga de Bonsucesso, João resolveu manter-se através da "viração" (prostituição), sustentando cada vez mais intensamente sua mãe e irmãos, os quais passaram a ter uma vida profundamente instável

vel após a separação do seu padrasto. Está porém marcado pelo longo tempo que passou na Funabem o modo como encara sua forma de viver. A prostituição, como êle mesmo diz, "dá muito menos entrada" do que o roubo, visto que é até aceita socialmente e, como êle explicará abaixo, não ofende os princípios sobre o direito à propriedade pessoal, o valor do trabalho individual, e outros conceitos internalizados durante o longo convívio com os professores da Escola:

João:"Eu sempre procurei distância de polícia, de delegacia; eu sabia que com viração podia entrar em cana, mas mesmo assim só entrei em 80. Se eu roubasse então, tava cheio de entrada. Não é só medo da polícia não, é porque mesmo que eu tivesse me arriscando, na viração, de qualquer modo aquele dinheiro era suado, ninguém podia dizer tirou de fulano, de sicrano, eu não gosto de roubar não".

Achamos importante mostrar a sua descrição deste período para que possamos perceber a evolução do processo que o levou a adotar uma espécie de comportamento clandestino frente à progressiva desagregação do seu núcleo familiar. Seu relato, semelhante ao que veremos posteriormente de Gilson, é um retrato bem característico da vida destes garotos nesta fase de institucionalização.

João:"Um dia quando eu fui lá em Nova Iguaçu onde minha mãe morava, que ela tinha se mudado do Méier, e tava na casa do patrão do meu padrasto, que alugou um barraco pra ela que êle tinha no morro, aí eu

nem sabia que ela tava lá, eu fui só pra botar minhas coisas, e meu padrasto chegou, e ele subiu pra casa onde ela tava, porque o meu patrão contou que ela tava lá, no fundo ele tava fazendo o jôgo do meu padrasto, e ele falou que queria levar as crianças pra casa dele, e minha mãe não queria, e aí ele falou que ia bater nela, e aí eu disse: pera aí, que bater nela, aqui, não. Então ele disse: é, seu viado. E aí eu disse: seu viado por uma parte, mas por outra parte eu sou muito homem pra te bater. E aí pronto, ele desceu, e foi chamar o patrão. Isso era de tarde. Quando foi de noite o patrão subiu, ele era patrão dele, do meu padrasto, tinha uma revendedora de carros, minha mãe também trabalhava pra ele. Aí minha mãe tava lá com as crianças, deitada com elas sem roupa sem nada, tipo essas pessoas que ficam de baixo da ponte, e aí quando eu voltei pra lá de noite eu soube que o patrão ia chegar. Quando eu vi ele, e vi uma faca em cima da mesa, o meu padrasto tinha dito que ia chamar o Cêzar pra quebrar a cara da minha mãe, aí quando eu ouvi o Cêzar, tá aí, aí que ele veio, forte e barrigudo, eu falei pra ele, fica quieto senão eu te arrevento. Aí ele disse que minha mãe tinha que sair dali, e foi embora. Aí no dia seguinte eu fiquei lá embaixo esperando ela descer do morro, e ela desceu, o patrão, com a família dele toda, cunhado, mãe, irmã, tudinho. E quando minha mãe vinha descendo eu vi dois homens grande perto dele e eu pensei, um é pra agarrar minha mãe, outro é pra me agarrar. Aí eu passei a mão



na marreta, a mão na faca, aí fiquei olhando. Aí a irmã dele que tava de barriga se aproveitou porque é mulher de malandro, e tirou a faca e a marreta da minha mão. Aí eu não dei outra, dei-lhe um tapa na cara, teve aquela confusão, mas não deu em nada. Finalmente minha mãe passou e foi embora, pra ir pra casa da minha madrinha. Aí pegaram a faca e a marreta, a patrulhinha chegou e levou eu e minha mãe pra delegacia. O meu patrão e meu pai foram embora, e aí na delegacia falaram que os meninos não tem fundamento, são ladrão, aí a minha mãe falou, é eles são ladrão sim, mas roba pra me ajudar, pra ganhar dinheiro na rua, porque quem vê assim, ó, quatro crianças dentro de casa, minha mãe doente, que que eu não fazia, saía pra rua trabalhar, que naquele tempo eu não roubava, trabalhava que nem um desgraçado pra ganhar, o quê, 100,00 pra trazer pão, leite, comida pros meus irmãos. Mas minha mãe nem me dava valor. Agora não sei, que eu não sei da vida dela mais, aí conversa vai, conversa vem, depois daquela confusão toda minha mãe e meu padrasto se juntaram de novo, e foram morar lá em S. Cristóvão. Quando eu soube, né, porque minha mãe tinha sumido, eu sabia que ela tava na casa da minha tia, mas depois não tava mais, e eu não sabia onde era, aí uma mulher que conhecia ela me contou, e depois eu encontrei ela, e ela disse: bom, você tá trabalhando, você pode vir pra cá, você ajuda nas coisas de dentro de casa. Aí eu fui, aí um dia meu padrasto deu um sôco na cara da minha mãe. Aí eu disse, ah, isso não vai ficar assim não,

meu padrasto tava de costa, eu agarrei ele e disse: como é que tu é covarde, como é que tu bate numa mulher. Aí não sei que, aquela confusão, aí nesse dia meu padrasto deu um soco na cara da minha mãe, aí eu disse isso não fica assim mesmo, a casa era pequena, um quarto, uma sala menor que essa, uma cozinha bem pequena, e só nós dois dentro daquela cozinha, e foi panela, tudo voando, aí pronto, veio o pessoal pra despartar, e eu saí de casa. Aí depois eu só encontrei com ela em Novembro, lá em Santa Tereza, porque ele largou ela. Aí ficou ela e seis crianças numa casa velha que tinha lá, sabe, com um porão embaixo, as paredes toda úmida, aquele chão grosso, aquele fedor ali dentro, as crianças dormindo no chão, e eu assim parei de trabalhar, que eu me virava com uma coisa e outra, e passei a fazer só viração, minha vida era só viração; eu dormia de dia e acordava de noite, sete horas da noite, eu saía. Saía por aí sabe, de salto, vestido, unha pintada; aí quando voltava pra casa da minha mãe, ela nem sabia o que eu fazia. Aí depois quando ela foi pra Santa Tereza, eu tinha que ganhar 30.000,00 por mês, pra pagar o aluguel da casa, e dar comida as crianças. Minha mãe nem via, porque quando eu chegava ela saía. Ela perguntava o que é que eu fazia e eu dizia que era biscaite de fim de noite.

E: E ela não via você se aprontar?

J: Não, ela não via porque era as-

sim: ela chegava as 5.30hs., e eu já tava saindo de casa. Quando eu chegava ela ainda tava dormindo, e aí eu tirava a roupa, a maquilagem, tudo. Aí a gente saiu de lá, voltamos pro Mēier, numa casa melhor, mas minha mãe é uma pessoa difícil, sabe, a gente nunca se deu bem, desde pequeno. Aí depois a gente ficamo lá, ficamo, depois e la se juntou com meu padrasto de novo, depois largou ele, e deixou os móveis com meu padrasto de novo, depois ela ficou com uma conhecida minha. Ficou morando na casa que eu tava morando, dessa conhecida, a Mariana, minha mãe, e as crianças. Num apartamento de dois quarto, co pa, cozinha, e varanda. Aí a mulher falou pra ela que não dava pra morar tanta gente assim no apartamento, mostrou o contrato, e ela pegou as roupas dela e sumiu. Aí quando foi depois eu descobri que ela tava no albergue João XXIII, foi em Abril isso, lá é um albergue pra quem não tem pra onde ir. E eu sô na viração, comprando meus móveis, pra botar na casa dessa mulher. Eu quase nem dormia, sô na viração, nunca to mei tanto pico na minha vida. Eu chegava às seis horas da manhã e dormia até às dez, aí ou bem eu saía, porque tava na casa dos outros né, ou bem ia ajudar a fazer faxina, lavar chão, banheiro, essas coisas, eu não podia ficar lá de dia, durmin do, sabe.

E: Sua mãe ganhava dinheiro como?

J: De doméstica. Ela ganhava por se-

mana. Bom, aí eu pensava em ganhar dinheiro e comprar os móveis pra tirar ela do albergue. Aí aquele lance de todo dia viração, viração, aí quando foi dia 19 de Junho, numa terça pruma quarta, aí chegou um cara e perguntou, bem, quanto é, aí eu falei, é tanto, aí marcou o preço, era um cara novo, vinte e tres anos, aí eu entrei no carro, e pronto, era umas duas e pouca da manhã, e a gente foi prum hotel lá na cidade. Aí quando foi umas quatro e pouca ele me deixou de volta lá, e eu já sabia que ele tava com um revolver dentro da bolsa. Aí ele falou: desce. Aí eu disse: e meu dinheiro? Aí ele falou: Se eu tivesse que pagar, eu pagava pruma mulher. Aí eu disse: olha, pra quê que tu saiu comigo, mulher você pagava e podia até nem pagar, porque você podia dar porrada nela, mas a mim não, ou você me paga, ou você vai ter prejuízo, ah, não sei, o que, não sei, eu vou te meter na porrada. Aí ele quiz ligar o carro, mas eu não deixei, do jeito que eu tou acostumado a lidar com malandro, e isso é aquilo, e boca de fumo, eu não ia marcar, né, aí eu peguei e agarrei ele, a gente saiu de sôco, e no que eu saí correndo, com a bolsa, eu caí, levei um tombo, na porta do quartel, na Pedro II. E ele gritando, e eu com uma blusinha, e saía cigana, e os guarda não fazia nada. Ele saiu gritando socorro, socorro, ladrão, mas os guarda não fizeram nada. E ele voôu em cima de mim, e foi pontapé, soco, tudo, e aí eu corri, consegui dobrar a esquina, ele veio atrás de mim, aquela briga. Quando eu vi que ele ia me pegar eu peguei a gilete, na

boca, e uma navalha que tava escondida e enfiei nele. Eu vi ele cair, a mão toda suja de sangue. Eu fiquei tão as sustado que saí correndo e fui parar na delegacia, e na frente dos guardas lá dentro, e sentei num banco, pra respirarar. Aí eles me mandaram para Funabem. No caminho do Juizado de Menores, de manhã, no carro da polícia, eu ouvi uma notícia no rádio da morte de um rapaz lá perto da delegacia, aí eu soube que ele tinha morrido.

E: E como é que você se sentiu?

J: Muito mal, eu fiquei preocupado com ele, mas foi ele que provocou. Eu até esqueci a minha bolsa na delegacia, com tudo meu dentro; aí eu vim pra cá, e estou até hoje. Mas eu fugi, logo depois, só que me pegaram, e aí eu fiquei.

E: Como foi sua fuga?

J: Bem, eu consegui permissão, e não voltei mais. Aí eu voltei pra delegacia, pra buscar a bolsa, que tinha uma pulseira de ouro, um cinto, um relôgio, uma gargantilha.

E: E pra que você queria isso?

J: Por que era meu.

E: E você achou que os guardas iam te entregar?

J: Entregaram tudinho, dentro da bolsa.

E: Você foi lá, se apresentou ...

J: Fui. Eles mal sabiam que eu tinha fugido aqui do Padre.

E: Como é que eles iam adivinhar ...

J: Pois é, aquele lance, menor entra e aí sai logo, e já tinha passado um mês e pouco né? Aí eles me devolveram e falaram, olha aqui, a bolsa toda suja de sangue. Aí eu fui pra casa, lavei ela todinha, vendi as coisas, porque eu tava apertado, aí pronto, quando foi bem uma semana depois disso, que eu tôu bem batalhando, dá uma blitz, e eu fui pegada. Aí lá vou eu pro Padre Severino de novo, passou uma semana e eu falci, vou fugir de novo na sexta-feira. Aí na sexta-feira mesmo eu fugi, e fui batalhar, pra não roubar, porque eu não tinha dinheiro. Mesmo aquele cara que eu matei, eu não quiz ficar com nada dele não. E tem uns caras, uns cinco, que passam lá na Quinta, de noite, atrás de mim, acho que são parentes dele, primos e irmãos, porque já perguntaram pro pessoal de lá por mim, mas eu dei sorte de nunca encontrar com eles não. O cara era novo, tava pra casar, olha só. Aí fiquei quinze dias na rua, aí rodei de novo, e foi quando eu vim pra cá, pra J. Luís Alves.

Uma vez deflagrado o processo que leva aos primeiros internamentos na Funabem, torna-se muito difícil para a maioria dos meninos estancar a situação de marginalização em que estão inseridos. Para eles, neste momento, a ida

para a prisão e a possibilidade de penas mais severas ainda significa uma realidade longínqua, pouco lhes importando, portanto, a marginalidade que lhes é atribuída. É sobretudo o presente que lhes interessa, desejosos de manterem certas conquistas já adquiridas, como principalmente, o dinheiro para pagarem sua moradia, comprarem seus móveis, roupas, etc ... Embora João tenha se esforçado tanto para que sua mãe não soubesse que ele era um homossexual que se prostituía para viver, há freqüentemente uma aceitação tática entre alguns menores e suas mães a respeito da forma como aqueles ganham sua vida. Isto ocorre porque além de eventualmente trazerem dinheiro para dentro de casa, eles também constituem o apoio de suas mães nos casos de agressão de seus pais ou padrastos. A partir desta idade os garotos sentem-se capazes de enfrentar seus pais em prol de suas mães, estando bastante acostumados com as brigas na rua. O fato de serem homossexuais ou ladrões, como João bem mostrou, não os impede de responderem "à altura" por qualquer ofensa recebida, mas pelo contrário, a intimidade com a violência nas ruas é o suporte com que defendem sua autonomia, impondo seu lugar perante todos. Nestas circunstâncias, assumindo a sua condição de "marginais", situação esta publicamente exposta a partir de sua institucionalização, ingressam cada vez mais num tipo de vida socialmente discriminado, onde obtêm os re

cursos que necessitam, para si, e para suas famílias. Aprendem todos os macêtes básicos para não serem ludibriados, con seguindo desta forma manter um nível mais ou menos estável de ganhos por mês. Podemos constatar esta afirmação no episódio da briga do rapaz relatado por João, quando êste mostra como está ciente de todos requisitos necessários para "se dar bem" nêste tipo de vida, tanto dentro quanto fora da instituição.

Assim como na entrevista acima, a importância do apoio dos filhos homens às suas mães também aparece no relato de Gilson, que defende sua mãe com o mesmo tipo de agressividade demonstrado anteriormente por seu colega. Ambas as histórias narradas mostram como em alguns casos o afastamento do menor de sua casa não implica numa total ausência de contato entre ôle e seus familiares, mas que, pelo contrário, a participação do menor em sua casa pode continuar atuante, ainda que mantida através de contatos esporádicos. Também não se deixando em nenhum momento ridicularizar e humilhar por causa de sua condição de ladrão e de homossexual, Gilson, que prefere roubar do que prostituir-se, mostra como a revelação do comportamento homossexual provoca conflito sobretudo entre os homens da família. É que, através desta afirmativa publicamente colocada, sobretudo após o internamento quando assistentes sociais das unidades em que estão travam contato com seus familiares, os garotos ganham um estigma extra, principalmente entre pais e irmãos mais ve



lhos, que os discriminam mais do que seus companheiros inter  
nados por roubos e tóxicos. Porém, neste período, os garô  
tos já estão numa outra etapa de socialização, tanto dentro  
da instituição quanto fora dela, e pouco se incomodam com as  
ofensas recebidas, todas as discriminações sendo respondidas  
com a mesma medida. Somam à sua presente conduta todas as  
estratégias aprendidas para alcançarem seus intentos-a insti  
tucionalização, a falta de dinheiro, a briga com os pais ho  
mens, tudo isto passa a ser compensado e incorporado no "va  
le-tudo" da rua, em função das necessidades imediatas. Des  
ta forma a intimidade com a morte, sua e a do outro, o papel  
social do ladrão e do homossexual prostituído, a ameaça de  
prisão, a vivência das proibições infringidas ao ponto de  
sua identificação com a personalidade de um "marginal", todas  
essas questões passam a fazer parte do cotidiano que assu  
mem, e que, neste momento, não questionam:

**Gilson:** Minha mãe veio descobrir que eu  
era homossexual lá no Padre, que a assis  
tente social contou pra ela. Eu já era as  
sim, todo mundo lá na rua sabia, mas minha  
mãe não, a mãe da gente sabe das coisas e  
fica quieta. No começo ela se chateava  
comigo, e portanto eu gosto muito dela, e  
ela tem de me aceitar assim mesmo. Aí quan  
do eu completei quatorze anos ela começou  
a melhorar, eu chegava lá em casa e ela  
não falava nada. Meu pai não aceita, uma  
vez ele apareceu lá todo invocado, porque  
eu peguei a mulher dele no meio da rua, e

baixei o pau nela, foi em 81. Rolou eu e ela no chão. Ela fez queixa pra ele, e foi lá na casa da minha mãe, pra querer me bater ainda lá dentro. É, eu passei a mão na garrafa, quebrei o gargalo, e falei pra ele: o senhor vem me dar um tapa que eu talho o senhor todinho. Já assumi o que sou então posso fazer o que quiser. Talho, deixo o senhor todo talhado, e corro pelo Morro da Rocinha, pra casa dos outros colegas, igual a mim. Me encosta a sua mão, ou encosta a mão na minha mãe. Aí ele falou, falou, falou, e eu fui embora.

**Entrevistadora:** Você é que foi procurar a mulher pra brigar?

**G:** Foi eu que fui. Fui lá na porta de casa dela, pra desacatar ela e dar uma coça nela. Aí desacatei, desacatei ela, e ela ficou dentro de casa, discutindo comigo pela janela. Aí eu falei: sai pra fora, vai ficar aí dentro, sai pra fora. Ela disse, eu não tenho ó que falar com você, vou falar com seu pai, vou falar com seu pai. Eu disse: vai, meu pai não vai me bater não, isso eu te garanto. Mas um dia eu te encontro pelas esquinas, e meto o cacete nas tuas costas. Aí tá. Aí eu cheguei em casa, tomei banho, e quando foi mais ou menos umas oito horas eu desci, e vi passando ela em pé, na esquina, que eu morava perto da casa dela. Agarrei ela pelas costas, pelos cabelos, e só não cortei ela porque eu não desci preparado nem sabia que ia encontrar com ela, mas esfreguei ela

dentro da lama, esfreguei a cara dela, tirei sangue dela, com caco de vidro, dentro da vala, conforme eu rolci com ela assim. Aí eu agarrei ela assim pelas costas, dentro da vala, e ficamo os dois pretinho de lama. Ela teve que levar treze pontos, por causa do vidro. Mas não foi por querer cortar, assim, que ela levou esses pontos.

E: Você foi lá reclamar com ela porque?

G: Porque ela passava pela minha mãe e jogava piada. A minha mãe não é pessoa de briga, ela é bem frágil, frágil de saúde, frágil de atitude, frágil de tudo. Falava com minha irmã, mas minha irmã também não presta, elas corria tudo pra dentro, aí eu fugi do Padre em 81, e cheguei em casa, e vi tudinho dentro de casa, a minha irmã, prenha, falando da Maria Lúcia; que ela fazia isso e aquilo. Essa minha irmã, que também não presta, disse que já discutiu com a Maria Lúcia uma porção de vezes, e que ela falou que ia pegar de faca, e se aproveitando que ela tava prenha. Eu disse, é, é, tá, hum, hum. Mas antes de ela enfiar a faca em você eu enfio nela. Aí eu fiquei em casa uma semana, sem procurar briga. Quando foi um dia minha mãe disse, ah, meu filho, eu posso tá na rua onde tiver que essa desgraçada joga piada pra mim, nem posso sair mais de casa, perante os vizinhos. Aí eu disse: uê, tá, então a senhora fica aqui que eu vou achar uma coisa boa. Aí fui lá. Mas ela foi tão esperta que apareceu na janela. Depois ela e o filho mais velho queriam se

juntar pra partir pra cima de mim de faca, só não se juntaram porque eu tava com duas giletetes dentro da boca. Aí eu disse, vocês me dão uma facada, e eu uma giletada. Ti rei as giletete de dentro da boca, e fiquei com elas na mão. Aí depois disso ela teve uma briga com o vizinho da casa dela, e ele botou ela pra correr com meu pai e tudo, e se mudaram de favela. Já vai fazer um ano que eu não vejo. Mas ela ficou com seus treze bom ponto na cara que eu dei. Aí de lá pra cá eu me assumi, eu sou assim, e do jeito que eu ando aqui na escola, eu sou do mesmo jeito em casa, ignorante, bru to, feio, em casa eu passo esmalte na unha, de cõr, roupa apertada, uma peça íntima de baixo bem cortando mesmo, bem cavada, per na raspada, brinco na orelha, sempre gos tei dessas coisas ... e minha mãe me acei ta assim mesmo, que eu sou o filho que ela tem ... Eu entrei na Funabem assim, por causa de roubo, uma loja de roupas, lá no calçadão de Campo Grande. Eu comecei rou bando assim, entrava nas lojas, pegava o que eu podia. Com treze anos eu fui pro CRM, chegou lá briguei com o diretor, eu e aquele forte, escuro, que tava aqui, o Rai mundo. Isso foi em 80. Aí o Raimundo foi pro Juiz e veio pra cá. O outro já veio direto pra cá. E eu fui transferido pra Vi çosa. Chegou lá na Escola Agrícola eu taquei o apagador em cima da professora, aí me transferiram pro Padre. Chegou no Padre eu fugi, voltei pro Padre de novo e de lá subi pra cá (João Luis Alves).

E: E como você vivia, lá fora, quando você fugiu?

G: Eu roubava, roubo e roubo ainda. Eu tenho costume de chegar assim com a gilete, botar no pescoço das mulheres, mandar tirar brinco de ouro, anéis, cordão, pulseira, e quando elas não quer tirar eu corto elas. De gilete, em qualquer parte do corpo. Tem um garoto aqui, um moreninho, que ele tava comigo lá em Copacabana, quando eu cheguei pruma moça e disse assim: moça, me arruma 100,00, e ela disse assim, eu não tenho. Aí eu disse, então a senhora vai me dar o cordão, a pulseira, os anéis, que aí eu mostro pra senhora que a senhora não tem dinheiro. Aí ela disse, não vou dar não. Ah não, aí eu fui e dei duas giletadas em mim, no braço, tá vendo aqui?

E: Mas em você mesmo?

G: É pra ela se assustar e me dar.

E: Por que você não deu nela e deu em você?

G: Porque? eu vou explicar. Eu falei assim. Olha, eu cortei o meu braço pra não cortar a cara da senhora, então a senhora trata de me dar tudo aí pra senhora não ser cortada. Ela pegou correu. Quando foi depois eu cerquei ela na Av. Atrântica. Deparei com ela, ela gritou, aí eu fui e dei uma giletada nela, aí fui eu e ela na delegacia. Aí ela ficou assim pro detetive, olha aqui o que que ele me fez, olha aqui, aí levaram ela pro hospital, depois ela voltou pra delegacia e disse, tomei de zessete pontos por causa de voce, de zessete pontos, olha o que você me fez.

E: Isso foi quando?

G: Ah, bem antes de eu vir pra cá.

E: E se a pessoa te der os 100,00 você não faz nada, né?

G: Não. Eu peço os 100,00 para ver a quantidade que tem. Eu vou ver a carteira, né? Se tiver dinheiro eu vou tomar o dinheiro e as jóias. Tudo. Se tiver pouco dinheiro, aí eu deixo.

E: Mas, você já não sai cortando, não, né?

G: Não. Seu eu pedir, e a pessoa der, toma, eu viro prum lado e ela pro outro.

E: Você rouba mais então é colar, anel, pulseira ...

G: É. Eu pego a pessoa assim sentada num banco, parada, ou então andando, e eu ando do lado dela, falando, se a pessoa parar, eu paro também; se a pessoa fizer alguma coisa eu corto ela e saio correndo. Sento num túnel, e quando vem uma perua, perua faz parte do candomblé, é mulher, e quando vem uma delas, ô, vem cá, me dá seu relógio.

E: E se a pessoa não tiver o relógio?

G: Aí eu mando embora. Peço desculpa e mando embora. Mas primeiro eu vou conferir. Se tiver e disser pra mim que não tem, eu panho o que tem, inda dou-lhe um corte.

E: E me diz uma coisa, desde que idade você rouba assim?

G: Desde os treze anos.

E: Por que?

G: Devido a ser teleguiado pela cabeça dos meus colegas. Ah, vamos fazer isso assim, assim. Então pra não passar como bôbo, nem como otário, nem de comédia, pra dar uma de esperto também, aí eu digo, ih, vamos sim, aí chegava lá, eu e meus colegas, e fazia. Depois eu fui me acostumando e agora faço sozinho.

E: Você não achava ruim fazer isso, não tinha vergonha?

G: Não, eu não tinha um pingão de vergonha.

E: Você achava natural?

G: Eu acho normal. Todo mundo faz. Meus colegas de Santa Cruz, da Rocinha, do Morro do Dendê, do Morro da Pedra Lisa, do Morro da Chatuba. Eles todos fazem.

E: Eles fazem isso porque tão sem dinheiro, por que?

G: Eles fazem porque querem fazer. Conforme eu, porque quero fazer, não é tanta a necessidade de fazer.

E: E se você não roubar, você fica sem dinheiro.

G: Não, eu tenho dinheiro no banco. Meu pai botou dinheiro na Caderneta de Poupança pra mim, minha mãe é aposentada,

metade do dinheiro dela é pra mim, to  
do mês ela bota cinco, seis mil, quatro,  
todo mês ela vai botando.

E: E seu pai?

G: Agora eu não sei se ele tá botan  
do ou tirando, deve tá tirando, né?

E: E se você quiser usar essa grana  
pra alguma coisa?

G: Agora não, que eu tou de menor, né?  
Quando eu fôr maior, aí eu posso.

E: Então, se você não pode usar esse  
dinheiro, de onde você poderia pegar di  
nheiro, se não fosse roubando?

G: Bom, minha mãe me dá, as vezes eu  
peço pra ela não botar na caderneta, ou  
botar menos, aí ela me dá.

E: Mas esse dinheiro não dá pra vo-  
cê passear, fazer suas coisas, não dá,  
então se você não roubar, vai ter que  
trabalhar.

G: Eu trabalho. Já trabalhei em casa  
de família, em loja de roupa, em sorve-  
teria, eu adoro trabalhar em casa de fa  
mília.

E: Você já roubou em algum emprego?

G: Eu, Deus me livre, e guarde. Eu nun-  
ca roubei em nenhum emprego, só robo quan  
do eu quero.

E: Quando você tá precisando de di  
nheiro, quando você tá com preguiça de  
trabalhar, quando você tá sem trabalho ...

G: E, aí eu panho.



E: Quando você precisa é que você apanha, ou você apanha sem estar precisando?

G: Não, eu tenho, e se precisar mais, então eu panho mais.

E: Então você rouba pra ficar com mais, mesmo tendo, pra ficar com mais.

G: É. Eu gosto de ter meu sapato, minha calça, minha blusa, minha maquiagem, meu cabelo bem tratado, gosto de praia, gosto de baile, gosto de cinema, gosto de diversão, gosto de agradar quem tá comigo, com certas coisas, certos presentes, gosto de dar coisas pra minha mãe.

E: E dinheiro do trabalho não dá pra tudo isso, não é?

G: Só dá pra muito pouco. Se eu não roubasse eu não tinha presentado minha mãe com um óculos pro Natal, e as lente. Tinha três anos que ela tava precisando dessas lentes, aí eu fui e dei pra ela, foi 70.000,00. Depois eu fui com ela no dentista, perguntei quanto custava fazer uma dentadura, por cima e por baixo. Aí fui com ela em Madureira, ela fez um exame de vista, viu as lente, aí eu perguntei quanto era, o moço disse, tanto, paga agora ou quando vir buscar, aí eu disse, quando vir buscar. Aí ainda fiz compras de Natal, cheguei na porta da casa de taxi, bolsa cheia, vestido novo pra minha mãe, calça, blusa, meia, tudo

novo, pra mim, pros meus sobrinhos, con  
videi bastante vizinhos, colegas, pra  
vir participar das compras de Natal, oi-  
to garrafa de cachaça. Aí depois fui pra  
Cachoeira, pra festa da minha mãe de san  
to, com minhas irmãs, minha mãe.

E: Sua mãe gosta de assistir?

G: Gosta, mas não gosta de me ver com  
roupa de santo não.

E: Então ela sabe que você rouba.

G: Sabe. Antes ela não sabia, mas ago-  
ra sabe. E também quando uma vez eu es  
tourei uma loja lá em Copacabana, e le  
vei bastante blusa pra casa, que eu esto  
rei blusa, calça, tirei blusas pras mi  
nhas irmãs, pra mim, calça pra mim, pra  
eles.

E: E sua mãe, falou o quê?

G: Ela não falou nada. Ela só disse,  
cuidado pra você não entrar em cana, que  
se você entrar em cana não vai ser mole,  
que você vai e foge, vai e foge, e um dia  
você não vai conseguir fugir, e eu não te  
nho de onde tirar pra ir ver você lá den  
tro e visitar todo dia, então, cuidado,  
cuidado.

E: Você via ela constantemente?

G: Não, passava tempo sem ir lá.

E: Você preferia ter nascido mulher?

G: Era bem melhor. Porque coisas que  
muita mulher não tem com homem, eu já ti-  
ve. Já tive quarto com homem, com tudo  
dentro, e ele saía pra roubar pra mim, a

mãe dele, as irmã dele, tudo gostava de mim, eu saía pra fazer compras, com elas, eu ia pra casa delas, só a minha mãe que não ia na minha casa, mas a mãe dele ia, as vezes eu tava na minha casa, lavando louça, ela chegava, ficava conversando. Só que ele era o tipo de pessoa assim que usava arma, sabe.

E: E aí?

G: E aí, eu adorei, fui pro Padre dessa última vez, e soube que ele tinha morrido. Inclusive que morreu com tiro de escopeta na testa, e outro nas costas, quando ele virou pra correr. Aí eu fugi do Padre, fui na casa da mãe dele, no quarto que a gente tinha alugado, paguei o aluguel que tava atrasado, tirei minhas coisas de lá, dei algumas coisas pra mãe dele, levei algumas pra casa de minha mãe, entreguei o quarto pra moça, e agora vou alugar quarto quando eu tiver permissão aqui.

Nestes dois últimos relatos podemos perceber como João e Gilson, ambos utilizando bastante agressividade e violência ao brigarem com as pessoas, afirmam que os cortes, talhos, e inclusive a morte que foi cometida, não foram provocadas por eles. Alternando a afetividade e o ódio rapidamente, eles nos mostram como a agressão física é vivenciada e utilizada até o extremo, a tal ponto fazendo parte do seu cotidiano que eles, ao se sentirem ameaçados ou ultrajados, não hesitam em valer-se dela. O contraste entre a afetividade e o ódio torna-se ainda mais nítido ao observarmos o trajeta

que o dinheiro percorre em suas mãos: conseguido através de roubos e agressões, é, ao mesmo tempo, gasto, não só com o lazer pessoal, como também serve, com maior ou menor frequência, de acordo com cada caso, de grande valia para a família do menor, e para o seu próprio sustento. Acostumados a conseguirem as coisas necessárias desta forma, e vivenciando diariamente agressões e fugas, com o tempo, meios mais violentos tornam-se habituais para eles, e, conseqüentemente, lutas corporais, facadas e giletadas incorporam-se ao seu cotidiano, cada vez mais de forma menos ameaçadora e mais normal.

Manoel, internado duas vezes no Padre Severino, duas no Centro de Recuperação do Menor, uma vez na Odylo Costa Filho, duas na Escola Agrícola de Nova Iguaçu, e na própria João Luís Alves, mostra-nos, pela maneira como fala de si mesmo, das mulheres, e do tipo de vida que levava nesta época, os conflitos que vivencia durante este processo de marginalização. Ele foi o menor que apresentou maior dificuldade em falar sobre sua vida pessoal, pois como ele mesmo disse em outra oportunidade, não estava acostumado a falar "disso" pra ninguém, sendo uma pessoa "fechada". Talvez por isso suas declarações sejam tão "fantasiosas", como se procurasse ocultar informações precisas. De qualquer forma em seu relato podemos ver como o ódio, a violência, a competição e as brigas denotam tanto conflitos externos quanto internos. A violência, a agressão, ou melhor dizendo, a vivência de quem está do lado contrário à ordem socialmente estabelecida e aprovada, aparecem no modo como se vê a si mesmo: uma pessoa dominada pelo diabo, uma pessoa capeta. No seu discurso também mesclam-se, como no relato da maioria deles, atitudes de amizade, de carinho, com atitudes e sentimentos profunda

mente hostis, tanto de suas parte, como por parte de outros. De qualquer forma, êle, entre todos os menores, foi o único que não manifestou qualquer arrependimento ou pesar pelos danos e agressões cometidas, mas, pelo contrário, negou até que pudesse ter qualquer sentimento. Porém, embora quisesse demonstrar que não sentia "nada", Manoel foi o único entre todos os menores que se referiu com ódio a respeito da figura materna, sendo também o único que mostrou este sentimento em relação as mulheres com quem poderia ter tido algum envolvimento amoroso. É curioso observar como tal atitude contrasta com o bom relacionamento que êle, como seus colegas, mantêm com as mulheres parentes dos seus "casos" e mulheres amigas, tratadas sempre de modo diferente ao desinteresse com que mencionam as mulheres em geral:

**Manoel:** Destesto mulher. Eu adoro matar mulher. Eu tenho uma raiva de mulher danada. Tenho raiva, ódio, detesto, são tudo traíçoeiro. A única mulher que eu matei e que eu pensei assim, põxa, mal ou bem, foi uma mulher que gostava de mim. Ela dizia que era minha mulher, arrumou um filho, dizia que o filho era meu, ficava me enchendo, que queria ficar comigo de qualquer maneira, ih, era horrível. Ela dizia que era minha mulher, arrumou um filho, dei o fim nela (mostra um papel em que estava escrevendo, enquanto fêz uma pausa, onde escreveu: quero ser uma mulher de verdade, quero ser mulher diabo).

**Entrevistadora:** Que tipo de mulher é essa?

M: Não quero ser uma mulher de fato, mas quero ser em potência e capacidade.

E: E esse diabo, o que é que está fazendo aí?

M: É porque eu sou dominado por ele. Pode entrevistar os outros meninos que eles vão te dizer quem sou. Eles não são como eu. Eu já sou um capeta assim há muitos anos, nem me lembro mais.

E: E quando foi que você se deu conta disso?

M: Há cinco anos atrás, a primeira vez que eu cometi uma morte. Eu estava envenenado, tinha ódio dessa pessoa. Matei ela pra roubar porque ela tinha dinheiro, odiava ela como odiava minha família.

E: Ela também queria transar com você?

M: Não, essa eu acabei com ela.

E: Você já matou mais alguém?

M: Até agora oito, se eu não me esqueci. Mas o que mais me assustou foi a morte de um guarda que tava caguetando a gente pra polícia, por causa da maconha. Ele falava de magia, quem era a gente, quem não era, e ele ganhava fumo da gente.

E: Mas e as mulheres, porque você fez isso?

M: Elas queriam ficar comigo. Aí eu discutia, brigava, ih, tudo. Aí um dia eu enchia e "pau nelas". Já matei oito, de facada, tiro.

E: Ah, não acredito.

M: Palavra.

E: Mas você tinha coragem?

M: Tenho marcas no meu corpo de briga corporal com elas, no pescoço.

E: E que tipo de mulher?

M: Mulher mesmo. De quarenta, vinte anos. Elas pagavam pra eu transar com elas, mas eu não queria. A senhora não acredita? Então pra que que eu ia tá gravando? Quer que eu faça uma pra mostrar dircitinho pra senhora ver? A senhora não conhece vagabundo de cara não? A normalidade...

E: Você se acha violento?

M: Sou. É por isso que eu tinha o nome Falcão Magnífico. Adorava uma briga.

E: E você já matou algum homem?

M: Não. Nunca. Mas nas minhas veias não corre sangue, por isso não tenho arrependimento não.

E: Me diga uma coisa, como você se julga perante os outros? Você se julga melhor, pior, igual, como você se sente perante a sociedade, os outros?

M: Eu me sinto melhor, porque posso ouvir, sentir, e tenho capacidade bastante para poder ver antes de acontecer. Então me sinto melhor.

E: Você diz que tem capacidade de ver, sentir, e ou outros, também não tem?

M: Tem, mas antes de acontecer não.

E: E você acha que você vê essas coisas pelo fato de ser homossexual?

M: Não.

E: Pelo fato de que?

M: Pelo fato de eu ser o que sou. Dom  
nado pelo homem da lei... Mas nas minhas  
veias não corre sangue, por isso não te  
nho arrependimento não.

E: Nenhum arrependimento?

M: Eu? De jeito nenhum. Com mulher?

E: Mas matar é tirar a vida de uma pessoa.

M: Eu sei, mas ela insistia. Mulher sô  
fica atrapalhando. Eu não ganhava dinhei-  
ro com os homens não, eu pagava pra eles,  
pra me prostituir, com eles, mas eu esco  
lhia uns pobrinhos, rico eu não pagava não,  
sô uns pobrinhos. Eu ganhava pencas de di  
nheiro por carro, roubava bem. Tinha sema  
na que eu batia o recorde, seis carros. E sô  
carro de 10 kms, adorava subir em aparta  
mento, bater em porteiro, pra abrir a gara  
gem e eu roubar carro. Já morei em pen-  
são com um cara, sustentava ele. Tóxico,  
roupa, dinheiro, ouro, pulseira, perfume,  
carros, roupa da Dijon...

E: E quem ia lá comprar, você?

M: Não, eu comprava uma pessoa pra fa  
zer isso, eu tinha duas moças de emprega-  
do, uma delas eu dava fumo, ela não cague  
tava não. A primeira vez que eu conheci  
uma delas, Marta, ela disse que, sinto mui  
to, mas eu não uso tóxicos. Aí eu disse,  
tá bom. Ela gostava de usar o dinheiro  
pra cortar o cabelo, se enfeitar, comprar  
coisas pra ela. Mas a outra não, adorava  
um tóxico. Eu conheci elas na rua, no su  
permercado, tem que ser estranho, não pode



ser conhecido não, porque os estranhos fica mais difícil de caguetar. Eu gostava de pico, maconha, brizola, de papel, é claro. Sempre cheirava um, três, quatro, seguidos, que é pra viciados mesmo. Pra mandro, pra quem tem costume, é o maior barato.

E: E porque você foi preso dessa vez?

M: Eu parei aqui na escola por um roubo que eu tive. Foi um assalto. Um Passat, que eu joguei num muro, numa construção. Eu tava correndo da polícia, aí bati.

Ao invés de referir-se à si próprio de forma tão dramática e definitiva, como fez Manoel, André relata as progressivas transformações pelas quais passou, narrando as dificuldades que enfrentou para chegar a ser o que é.

Ele, como João, preferia prostituir-se a roubar, mas o pouco dinheiro que ganhava levou-o a furtar também. Reafirmando as constatações anteriores de que os menores denotam, em geral, uma ligação afetiva com suas mães, André mostra como a sua vinda para o Rio de Janeiro, embora à contragosto de sua mãe, deu-se em concordância com esta. Uma vez no Rio de Janeiro, sua trajetória perpetua o mesmo tipo de vida que tinha em Salvador, aprofundando porém seu ingresso na chamada "marginalidade". Ao chegar nesta cidade hospeda-se numa pensão que aceita "bichas" e menores, utilizando o homossexualismo como meio para ganhar dinheiro e poder assim, pagar o seu quarto. Uma vez introduzido no ambiente propício, para ele torna-se fácil conhecer os "pontos"

da cidade, esquinas e hotéis, onde pode desenvolver tal prática. Após algum tempo, já adquire o traquejo necessário para desvencilhar-se, até, de "casos" que lhe desagradem, mas que, durante um determinado período, lhe proporcionaram proteção e segurança, sustentando-lhe parcialmente. Durante este processo de adaptação e sobrevivência na cidade, repete-se invariavelmente o mesmo esquema de agressões e violência narrado anteriormente pelos outros garotos, navalhas e giletes surgindo como o instrumento mais à mão e familiar para ameaçarem e roubarem as pessoas com quem "saem". Sua narrativa mostra claramente como não são as relações homossexuais que, embora sejam discriminadas socialmente, conduzem por si só a manterem um estilo de vida que os diferencia dos outros, mas, sobretudo, é a necessidade econômica que os leva a utilizar o homossexualismo, bem como o roubo e os tóxicos, numa vertente que, ligada à prostituição e a delitos mais ou menos graves, geram os seus internamentos:

André: Eu conhecia a Fundação lá da Bahia, de uma escola em Maragogipe, muito pior do que aqui. Mas eu só fiquei lá quinze dias, minha irmã me tirou. Porque eu entrei lá? Porque eu tava de tarde na rua, num bar, e eles pegaram só menor, porque era um bar de homossexual, aí minha mãe não gosta dessa vida que eu levo, ela sabe que eu sou homossexual, aí me mandou pra cá, eu vim com minha irmã e meu cunhado. Eles moravam lá em Sepetiba. Minha irmã saía, para trabalhar fora, e

meu cunhado ia pro Metrô. Eu ficava sozi-  
nho dentro de casa. Aí quando eles chega-  
vam era uma porção de fofoca. A vizinha,  
minha cunhada, dizia que eu botava o  
filho dela pra perder, e uma porção de  
coisas assim. Meu cunhado sabia que eu  
era homossexual, aí eles me levaram de  
volta pra Bahia. Depois eu não quis mais  
ficar na Bahia e minha mãe acabou se  
conformando com essa vida, não é que ela  
goste não, e autorizou minha vinda no  
Juizado de Menores. Aí quando eu cheguei  
aqui não tinha parente, nada, aí tinha  
que roubar né? Aí fui pruma pensão de uns  
homossexuais aqui, que eu tinha endere-  
ço, uns homossexuais lá da Bahia me deram  
Aí fiquei lá, e foi onde eu comecei a  
roubar. Mas primeiro eu não gostava de  
roubar não, só ganhava dinheiro com pros-  
tituição, pra mim poder almoçar, e me  
vestir também né? Quando eu tinha dinhei-  
ro, pra mim ter o que eu queria com di-  
nheiro, como comer, como pagar o que eu  
devia, pagar o aluguel da casa, eu não  
roubava não. Aí quando o dinheiro acaba-  
va é que eu roubava. Quando eu cheguei  
lá na pensão eu fiquei com um cara que  
era bandido, ele começou a gostar de mim,  
mas eu não gostava dele. Ele roubava, mas  
ele não queria que eu roubasse, e nem  
também sair pra me prostituir, pagava tu-  
dinho, me dava roupa, me dava calçado, mas  
eu não queria ficar com ele não, aí fui  
roubar, fugi de lá e entrei em cana. Fui  
lá pra Quintino. Aí não é que no outro  
dia ele tava lá em Quintino, foi lá me  
ver, me levou cigarros, biscoitos, até maconha.

E: Como foi que ele descobriu que você tava lá?

A: Como? Tão fácil. As bichas falam pra ele. Até a dona de casa.

E: Ela é bicha também?

A: Não, é mulher. É coroa já. Ela é viúva, o filho dela mora com a mãe dela. Ela é legal, eu tive lá semana passada, passei o dia todinho lá. Lá só tem bicha, tem três quartos, e ela mora lá também, ela só aluga pra bicha.

E: Mas como foi que você começou a se virar aqui no Rio?

A: No início eu ganhava dinheiro sem roubar, mas depois fazia as duas coisas juntas. Chegava lá no hotel, fazia prostituição com os caras, depois pegava o dinheiro, cortava com gilete, navalha. E se eles não me dessem o dinheiro eu cortava tudo. Mas agora eu não faço isso mais não.

E: E onde ficam os hotéis?

A: Tem o Hotel Passeio, tem o Hotel Norte-Sul, tem o Hotel Leblon, uma vez só, fui no Sheraton. Eu tava morando com um cara, um coroa, lá no Leblon, na Ataufo de Paiva, uns três meses eu levei lá. Aí eu roubei ele e saí fora. Mas tem uns caras aí que não gosta de hotel não, é de carro, mas tem uns que tem carro e prefere hotel.

E: E por que você fugiu de Quintino?

A: Fugí de lá porque eu ia pra Bahia, eles queriam me mandar pra lá, fugi na

mesma semana que ia viajar, vai fazer um ano agora. E fui pra aquele lugar que eu tava.

E: E voltou pra aquele bandido?

A: Que nada. Ele foi em cana, mas quando saiu da delegacia não saía do meu pé. Aí eu levava uns caras pra dormir lá na pensão pra ver se ele se mancava. Eu não gostava dele. Ele pegava revolver, dizia que ia me matar, eu ficava com medo. Aí ele saiu do meu pé, e foi morar lá em Caxias, na casa da mãe dele. Aí ele falava pra mim que gostava de mim, que não me queria com nenhum homem. Nenhum, aquelas coisas, né? Eu também fumava maconha com ele. Aí comecei a roubar, sabe, saía com outros, saía sem ele mandar, porque a única pessoa que manda em mim é minha mãe, né? Ele dava as costas e eu saía. Ele saía pra roubar, com o revolver dele pra assaltar, e eu saía depois.

E: Foi aí que você veio cair aqui dentro?

A: Foi. E ele não foi lá no Padre, nem aqui, té que enfim.

E: E tóxicos, você vendia?

A: Não, tóxicos, sô maconha. A primeira vez que eu funei maconha foi com um caso meu, lá em Salvador, era um marinha. Eu tinha dezesseis anos. Mas ainda não pensei direito sobre esse negócio de maconha não.

E: E por que você entrou de novo?

A: Eu entrei aqui porque eu tava roubando, cordão de ouro. Tinha uns caras assim no ponto de ônibus, e começaram a gritar. Aí um tira me pegou. Aí fui pro Padre. Passei lá uns três meses e vim pra cá. O Arnaldo não teve aqui? Ele foi dispensado uma vez, pelo Juiz. Eu também já conhecia o Raimundo e o Mauro. A gente já se conhecia da Cinelândia.

Bem como André e Raimundo, Paulo também chegou na Rodoviária sem ter nenhum contato de trabalho e quase sem dinheiro, e teve experiências bastante semelhantes às de seus colegas. Ele, mais do que qualquer outro menor, demonstra como este tipo de vida, a partir de um certo tempo, começa a tornar-se extremamente desgastante, compensando os garotos sobretudo pelo fato de proporcionar-lhes sua auto-independência, a qual, geralmente, sentem-se orgulhosos de ostentar. Pagar o seu próprio quarto, comprar algumas coisas para si e para suas famílias, deixa-os muito gratificados. No caso de Paulo, o aluguel do seu quarto e a compra de móveis, roupas, e outros bens de consumo necessários à sua sobrevivência, torna-o cômico de quão mínima é a quantia de dinheiro que recebe quando trabalha sem roubar, o que torna bastante difícil, como ele deixa claro, abdicar do ganho recebido em roubos e furtos. Ele afirma explicitamente que se sentiu explorado por ganhar tão pouco numa casa de família que o aceitou, preferindo continuar ganhando seu dinheiro com roubos e prostituição. Este tipo de atitude, característico desta etapa de vida dos meninos, irá transformar-se com o tempo, como veremos depois. Neste momento, mesmo aqueles que não têm

com quem contar no Rio, desejam manter uma determinada entrada de dinheiro por mês, ainda que isto lhes custe redobrados esforços. Para esses, sobretudo, a prostituição será mais intensa, geralmente praticada paralelamente à vínculos homossexuais que os ajudam a sustentar-se, embora isto ocorra sobretudo no início. O cansaço, as dificuldades e complicações que o envolvimento com drogas e furtos acarretam, somam-se aos seus internamentos na Funabem, cada vez mais frequentes e muitas vezes acompanhados por agressões físicas nas delegacias. Intensificam-se a violência e as agressões, tanto nos embates com a polícia quanto com os transeuntes em geral, principalmente quando encontram pessoas que reagem aos roubos e que negam-se a pagar direito. Conforme Paulo descreve, a partir de um certo tempo de "batalha", principiam a misturar o furto e a prostituição num só ato, agilizando o processo de ganharem dinheiro, o que, conseqüentemente, aumenta o seu grau de marginalização:

**Paulo:** Eu pegava uma gilete e guardava dentro da boca; aí quando a pessoa abaixava a cabeça na hora de desabotoar a calça, eu pegava a gilete e encostava ela no pescoço dele, e panhava tudo; se tivesse jóia, dinheiro, tudo. E se tentasse reagir eu cortava a cara dele.

**Entrevistadora:** Você já cortou mesmo alguém?

**P:** Já, muitas pessoas. Por exemplo, quando uma pessoa ia comigo pro hotel, e entrava no banho, aí eu pegava tudo que tinha na roupa, e ficava esperando na porta do

banheiro. Quando ele ia saindo para se vestir aí eu ia lá com a gilete, jogava na cara dele. Se ele reagisse aí eu marcava a gilete.

E: Mesmo antes de pedir o dinheiro, você já mostrava a gilete?

P: Já. E se a pessoa reagisse, eu marcava mesmo, de a pessoa estar deitada no chão e quando passar a mão na pele, ficar aquele branco, assim, na pele.

E: Que horror.

P: É, eu tenho muito arrependimento disso, eu acho que eu fazia aquilo pra poder viver, eu nem gosto de me lembrar. Mas eu não conseguia emprego em lugar nenhum não conhecia nada, se eu não conseguisse dinheiro pra mim, e pro outro homossexual também, eu ia comer o quê? Na casa, a gente passava fome. De ficar encostado na parede, num canto, a barriga doendo, a vista rodando, de fome. Dormir, forçar pra mim dormir pra esquecer a fome, sabe? Eu passei fome, mas pra casa eu não voltei. Parece que foi uma missão sabe, eu sair de casa, mas pra lá eu não voltei, nunca. Aí eu passei fome, o cacetete, mas, depois fui me levantando, fui tendo mais maldade, mais experiências, mais macete das coisas, aí fui me levantando. Aí já aluguei um quarto pra mim sozinho, já fui comprando minhas coisas. Teve uma vez que eu tava num carro com um rapaz aí o rapaz disse: desce do carro. Aí eu falei, e meu dinheiro? Você não vai me dar não? Aí ele falou que não



ia me dar não, e ameaçou pegar uma bolsi  
nha no porta-luva. Aí no que ele foi co-  
locar a mão ali, eu fui e coloquei a  
mão assim por trás dele, aí, agarrei no  
pescoço dele e falei, me dá o dinheiro ;  
aí ele ficou falando, não faz nada comigo  
não, não faz nada comigo não, aí eu pe-  
guei e quando tirei a mão do rosto só vi  
aquela mão toda suja de sangue, aí fui  
com a outra mão e peguei a bolsa do porta  
luva e vi que não tinha nada. Aí eu falei:  
olha, você não faz isso com ninguém mais,  
aí ele pediu por amor de Deus, não faz na  
da não, aí eu peguei a chave do carro de  
le, saltei, e depois larguei a chave na  
calçada, e corri. Aí na hora passou uma  
patrulha, e eu tive que ficar três horas  
debaixo do carro, escondido ... Eu fazia  
aquilo contra a minha vontade, mas não  
tinha dinheiro, nada, né? Eu fazia aqui-  
lo sem querer, eu não gosto nem de lem  
brar que me dá vontade de chorar, sabe,  
eu fazia qualquer coisa, por qualquer pre  
ço. Aí eu tava até ficando doente, de fa  
zer aquilo contra a minha vontade, a  
minha vida tava um inferno, eu chorava dia  
e noite, aí eu fui, eu aluguei um quarto  
pra mim, com o dinheiro da prostituição ,  
mas eu já tava mesmo doente. Então eu  
conheci uma advogada que morava lá no Le-  
blon, e perguntei se ela não tava pensan-  
do em ter uma empregada, se precisava de  
um empregado. Aí eu fui pra casa dela.

E: Onde você morava?

P: Na Rocinha. Aí eu fui e fiquei fa  
zendo todo o serviço de casa; eu lavava,

passava, levava os meninos na escola, var  
ria, fazia compras, tudo isso. Eu ia pra  
casa todo dia a noite. Mas depois eu saí,  
porque eu achei que tava sendo explorado.

E: Por que?

P: Porque o que ela pagava não dava  
pra vestir, comer, pagar aluguel.

E: Isso foi quando?

P: Junho.

E: E você tinha fugido da Funabem duas  
vezes já?

P: Foi, eu já tinha entrado antes por  
assalto à loja.

E: E daí, como é que foi em seguida?

P: Bem, eu saí da casa dessa moça e  
fui assaltar um ônibus. Aí me pegaram, me  
mandaram pra D.S.P.M., aí eu vim pra  
aqui. Dessa vez eu apanhei tanto, foi  
horrível. Fiquei com as costas todas do-  
endo, toda marcada, comecei a escarrar  
sangue, ih, foi horrível.

E: E aí porque você resolveu ficar  
aqui?

P: Bom, quando eu subi pra cá eu gos-  
tei mais, porque eu acho lá embaixo  
(I.P.S.) horrível. Lá é uma briga dana-  
da, uma confusão, eu detesto lá. Aí eles  
escreveram uma carta pro meu pai, e ele  
respondeu dizendo que já que a escola pa-  
ga ônibus pra sair, instrução, e tudo o  
mais, era melhor eu ficar na Fundação. Aí  
eu subi.

E: E o seu quarto?

P: Ficou lá, não sei não. As minhas coisas eu dei, prum rapaz pra guardar, e depois eu não sei o que ele fez.

E: E você achava bom esse tipo de vida?

P: Bem, eu jamais ia gostar dessa vida cruel, sofrida, claro que não, mas aos poucos eu fui ajeitando a minha vida. Eu aluguei um quarto, fui botando minhas coisas no quarto, fui ajeitando minha vida.

E: Isso tudo com prostituição.

P: Claro. Sem prostituição, o que seria de mim? Outro trabalho eu não arranjava, de jeito nenhum, nem nas Sendas eu arranjei. Só apareceu aquele, na casa daquela mulher. ... Eu ia pra Vieira Souto, sabe, pra ter algum dinheiro, mas era contra a minha vontade, mas eu não tinha dinheiro, nada, sabe? Eu fazia aquilo contra a minha vontade, botava peruca, uma roupa mais afeminada e ficava parado esperando. Mas pelo menos eu dormia na hora que quizesse, fazia minha própria comida, fazia o que eu quizesse. Eu já tava tendo minhas coisas sôzinho, sem ter que ajudar ninguém, e sem precisar ser ajudado por ninguém.

O sofrimento que Paulo expressa ter passado também é descrito por Raimundo. Contudo, ao terminar de contar suas experiências sobre esta época, este refere-se a este período como tendo sido bom, "gostoso". Esta é uma das características de Raimundo, o qual, o tempo todo, como

teremos ocasião de observar, sempre fala com entusiasmo sobre a vida que os homossexuais têm. Este tom entusiasta aparece também no princípio de sua entrevista, quando ele se refere à "galera" a que pertencia. Em sua descrição transparece um pouco mais a diversão, as brincadeiras, as artimanhas que constituem parte do relacionamento que mantêm com os amigos nesta época, e que explicam em parte a sua escolha por este tipo de vida. Isto não nega, entretanto, os momentos difíceis e as vicissitudes que atravessa, e que ele sabe que fazem parte integrante deste mesmo cotidiano. Ora agressivo, ora com pena das vítimas, também opõem-se entre si os sentimentos que diz sentir ao roubar as pessoas, dualidade que acompanha os "altos e baixos" que vivencia.

Raimundo: Quando eu cheguei, eu fui pra Central, quer dizer, o primeiro lugar que eu fui foi pro Campo de Santana, sabe onde é? Aquele ponto de batalhação. Aí eu fui conhecendo uns amigos, uns amigos, uns amigos, até que eu fui conhecer um lugar no Ekê, lá na Edmé, sabe, no Ekê, aí eu fui viver minha vida tia. Fui roubar, batalhar, roubar, batalhar, roubar, batalhar, roubar, batalhar, roubar, até que eu caí aqui, com dezesseis anos.

Entrevistadora: Mas como foi que você descobriu esse lugar?

R: Eu perguntei onde tinha lugar pra menor ficar. Aí fui lá e vi que só tinha bicha. Aí eu não fiquei atrás né? Eu descobri que todo mundo era homossexual, e

eu fiquei na galera, e tō até hoje.

E: E como era o cara que você perguntou?

R: Travesti, embora a cara fosse como a de um homem.

E: E você simpatizou com ele?

R: Eu não. Quando eu cheguei aqui eu tinha vergonha porque pensava que era só eu, homossexual, que só eu fazia as coisas de homossexual, lá na minha casa eu não sabia o que era isso, homossexual. Aí quando eu vi muitos vi que não sou só eu que tenho ... Aí comecei a me pintar, me maquilar, de tudo. Lá é baratinho, tia. Lá é o maior puteiro. A patrulha vai lá todo dia ... (risos). Eu se me virava... Eu digo à senhora que todo dia eu pagava a minha diária ...

E: Você achava sua vida boa?

R: Não, ninguém gosta de sofrer, né? Quando a gente sai de casa cedo sempre passa por aperto né? Eu tinha treze anos. Eu comecei a batalhar depois, porque primeiro eu conheci um coroa sabe, ele me levou pra casa dele, mas ele bebia muita cachaça, era "uô", sabe, aí eu fui embora e comecei a batalhar. Aí quando eu fui embora e batalhar não tava dando certo eu comecei a roubar, isso foi em 78.

E: Você acha batalhar mais fácil do que roubar?

R: Não acho não. Sabe porque tia? Por que roubar a gente vai e pega o dinheiro. E batalhar não. A gente tem que fi

car de p<sub>ê</sub>, numa esquina. E o dia que não tiver freguês?

E: Então porque você não foi roubar logo no início?

R: É porque no começo não deu na cabeça. Comecei a fumar maconha, fumo até hoje, a usar penca de tóxico ... Minha vida é tão longa, contando dá dez fitas. Antes de conhecer esse coroa eu tinha conhecido uma bicha que me informou a casa dessa Edmé, lugar pra bicha. Também depois que eu caí no I.P.S. eu conheci uma bicha chamada Arnaldo, a gente fêz uma porção de planos, fugimo de lá e fomos morar juntos. Alugamos um quarto, eu comecei a roubar, a fumar maconha, mas agora eu parei, o único vício mal que eu tenho é fumar cigarro.

E: E vocês dividiam a casa como?

R: Roubando.

E: Vocês pararam de batalhar?

R: Foi. Só roubando.

E: E aí, que é que aconteceu?

R: Rodei. Fui preso, aí foi Padre Severino, João Luís Alves, CRM, depois fugi do CRM, rodei, depois CRM, rodei, CRM, rodei, J.L.A., ih, t<sub>ô</sub> com uma voz esquisita.

E: E você se sentia culpado porque você roubava ou você achava que era isso mesmo? Como era isso pra você?

R: Ah, eu achava que batalhar cansa demais, tira muitas horas de sono, rouu

bar é mais fácil. Batalha tem dia que arranja freguês, tem dia que não arruma. Eu sou menor, não tenho documento, como que eu vou trabalhar, e tenho que comer, que vestir, que morar não é? O jeito me lhor é esse.

E: E como é que é essa batalha?

R: Ah, é muito simples. A gente dorme de dia e acorda de noite. Não tem essas lojas com perucas, essas coisas? Pois é, a gente rouba uma peruca, se maqueia, fica igual a mulher e vai pra esquina batalhar. Eu já batalhei muito na Quinta, no Estácio, na Lapa, Tiradentes.

E: E você ia pra onde?

R: Depende. Carro, hospedaria, hotel.

E: Vocês não pagam nessas hospedarias?

R: Não. Só recebe. E outra, quando eu queria receber o dinheiro todo eu chegava no hotel, gritava, dizia que eu era menor, que ia me retalhar todo se ele não me desse o dinheiro. Aí o freguês ficava com medo, porque o menor não pode frequentar esses ambientes, e me dava. Eu pagava 400,00 por dia de diária, pra morar na Edmé.

E: E quanto você recebia?

R: Ah, em hotel eu recebia 2.000,00, 3.000,000.

E: Paga até bem né?

R: Que bem nada, tão pouco.

E: Quanto tempo pra ganhar 3.000,00?

R: Ah, meia hora. E também se eu não quizer manter relações eu robo o freguês, e pronto, vou embora. Depois que eu desisti de batalhar, fiquei só roubando. Batalhar perde muito o sono.

E: Quantos fregueses por noite?

R: Quatro, oito.

E: Você gostava?

R: Ah, tia era por dinheiro. Qualquer um que vinha era freguês.

E: E se fosse uma pessoa bem antipática?

R: Ah, tia, tampa a cara. Fecha o olho e num vê.

E: Mas você era sempre mulher, ou homem também?

R: Não, sempre mulher.

E: Antes de você vir aqui você passou pela pensão e pela casa daquele velho, além da sua casa com seu amigo. Depois você ainda foi pra outras casas?

R: Não.

E: E me diz uma coisa, quando você começou a roubar, você se sentia como?

R: Eu sentia um pouco de pena da gente. Eu sentia.

E: Você sentia pena?

R: Eu sentia. Um dia eu tava no Flamengo, lá no Parque, e vi uma mulher com sacola, que tinha jeito de compra, com um carrinho de neném. Aí peguei e disse:



tira as jóias, tira tudo. Ah, tia, a moça botou o neném no chão, ficou apavorada. Aí eu peguei o neném no colo. Aí ela me deu as jóias. Mas quando eu peguei o ônibus, me deu uma pena tão grande, tão grande ih, eu fiquei até quase arrependido. Mas que se pode fazer?

E: E por que você ficou com tanta pena dela?

R: Ah, sei lá tia, pela ação dela. Pela criança. Tipo ah, meu filho. Ih, me deu pena. Aí fiquei três dias com aquele remorso. Fiquei uma semana sem roubar.

E: Já tinha muito tempo que você roubava?

R: Já.

E: Você ficou com pena por causa do neném?

R: É. Ai, eu achei mais fácil roubar do que trabalhar.

E: O quê, por exemplo?

R: Cordão, ouro. Eu pegava gilóte, na hora assim que a pessoa saía do trabalho, seis horas eu pegava um, mostrava a gilóte e dizia: olha, tira, tira senão eu corto o meu braço, pra você vê que eu vou cortar a tua cara. Se você gritar eu vou ter o prazer de ficar pegado, mas volto e te acho.

E: Mas vende pra quem?

R: Pro intrujão.

E: E onde é que acha ele?

R: Ah, na favela, no morro, bicheiro também compra, no jornal aparece anúncio.

E: E aí ninguém pergunta de onde é?

R: Ah, tia, eu chego lá, o cara olha a minha cara e vê logo que é ladrão. Mas eles dão assim mesmo, porque a gente fica freguês. Mas também quando eu tô no Morro e não tenho dinheiro pra descer, é obrigação deles me dar 5.000,00 pra eu descer, e poder roubar.

E: E não desconta não?

R: Não, é obrigação dele, porque eu sou freguês.

E: E eles não vão presos não?

R: Que, eles são cheios da nota. E eles compra até policial. Dizem assim, oh, passa depois, que eu quero olhar tua mão. E dá uma grana.

E: Então ninguém dedura o intrujão?

R: Ninguém quer morrer. Intrujão já roubou muito. E com dinheiro compra ouro e revende. Ele pesa o ouro e testa, sabe, no ácido muriático. Bom, aí eu caí, eu caí no Padre, depois fiquei um ano no CRM, aí passei a roubar só roupa.

E: Como foi a primeira vez que você roubou?

R: Ih, a mulher queria me encarar. Reagiu. Ela tirou o colar do pescoço, depois saiu correndo, gritando: ladrão, ladrão, ladrão.

E: Ter que ganhar dinheiro dessa forma foi bom?

R: Gostoso, aprendi muita coisa.

Através destas narrativas podemos constatar que as atividades que acarretam a apreensão destes menores neste período são, sobretudo, o roubo e a prostituição, progressivamente praticadas com maior violência à medida que vão aumentando de idade. Não encontramos, ainda, roubos mais arrojados e organizados, tais como assaltos à bancos, ou à apartamentos e salas comerciais, pois, em geral, os furtos são dirigidos diretamente aos particulares na rua. Sômente Gilson e Manoel mencionaram furtos mais complexos, tais como roubos em lojas de roupas e roubos de carros, mas estas atividades não eram freqüentes. Nenhum deles, também, desenvolveu uma "carreira" ligada ao tráfico pesado de drogas, o uso e a venda de "tóxicos", como eles chamam, referindo-se sômente à maconha. No tipo de vida em que estão inseridos raramente têm acesso à outras drogas, como a cocaína, e mesmo a maconha não é consumida ou vendida em grande escala, passando por suas mãos em pequenas quantidades.

Estes menores, portanto, não fazem parte de grupos considerados de grande periculosidade, pois além de não transitarem em "áreas" muito violentas, as agressões que praticam são efetuadas principalmente contra aqueles que reagem às suas ameaças. Neste contexto as mortes são exceções geralmente acidentais, e ocorrem sobretudo quando há brigas corporais em momentos de muita tensão, sendo pos-

teriormente lamentadas pelos garotos. Estes, embora utilizem e convivam com a violência, envolvem-se nestes confrontos geralmente com pessoas especificamente ligadas à prostituição, isto é, com "parceiros" e "fregueses" com quem mantêm relações sexuais. São estas as pessoas mais ameaçadas por eles, as quais eles têm menos escrúpulos em serem mais violentos, acostumados também com este tratamento por parte de seus "casos" amorosos. Quanto aos demais roubos, nas ruas da cidade, não lhes interessa a princípio machucar ninguém, desejosos somente de ganharem o dinheiro e objetos requisitados.

Este tipo de vida, entremeado de internamentos e fugas da Funabem, perdura até o momento em que decidem permanecer definitivamente internados, desistindo de fugir. As circunstâncias que determinam esta atitude serão examinadas no capítulo seguinte, quando abordaremos as razões que de terminam o seu internamento na Escola João Luís Alves, e as modificações que se sucedem neste período.

CAPÍTULO V

## A HOMOSSEXUALIDADE COMO ESTRATÉGIA DENTRO DA FUNABEM

### 1. A opção pela permanência na Escola João Luís Alves

Aos 16, 17 anos, após terem tido várias entradas no Instituto Padre Severino, e terem sido sucessivamente internados em algumas escolas da Funabem, chega a vez dos meninos considerados "anti-sociais" serem enviados para a escola João Luís Alves, destinada exclusivamente para a recuperação deste tipo de menor. Conhecidos por funcionários da instituição e do Juizado devido às suas numerosas entradas e fugas, muitos deles, por causa das razões que ocasionaram o seu internamento, já são considerados então, pequenos "marginais". Eles próprios, por sua vez, há longo tempo estão cientes desta condição, sabendo perfeitamente que o modo de viverem e o tipo de comportamento que em geral ostentam são considerados, tanto dentro quanto fora da instituição, como condutas socialmente marginalizadas. Se, para eles, portanto, o fato de serem tratados como "infratores" não é nenhuma novidade, e não constitui um motivo que diferencie este internamento dos outros, há porém outros fatores que configuram uma nova situação diante desta entrada na Funabem. É que, nesta idade, passam a pensar mais seriamente na maioridade que se aproxima, e que, como as Assistentes Sociais e outros funcionários lhes alertarão, será a data a partir da qual poderão ser julgados e enviados para as penitenciárias do Estado, caso continuem cometendo as mesmas infrações a que estão acostumados. Come

gam a pensar então em outras soluções para viver lá fora, interessando-se por adquirir alguma profissionalização e estudo, tornando-se assim mais dispostos a aceitar a própria duração do internamento. As dificuldades que este apresenta, por sua vez, são menores do que a difícil "batalha" que enfrentavam lá fora, e que os conduziria a uma marginalização talvez irreversível:

Arnaldo: Ah, eu já tou ficando maior, não é uma boa continuar roubando ...

Raimundo: É porque quando a gente tá na rua, a gente só pensa em roubar, roubar, roubar ... É o dinheiro pra comer, vestir, a gente quer andar bonito. Depois que a gente bota o pé na escola, e fica aqui por um tempo, a gente vai pensando melhor. A gente começa a pensar, pensar, roubar, isso não é legal. A gente vai pensando sobre isso, e aí a gente muda. Se eu quiser eu roubo, mas eu não roubo. Não é uma boa ficar preso, ninguém gosta de ficar preso, apanhar, eu fico me cansando disso, sabe.

André: A gente tá afim de mudar de vida, viver melhor. Parar de roubar, e ganhar dinheiro com prostituição. Só não desisti é de tóxico. Porque essa vida não leva ninguém pra frente. Esse dinheiro que a gente ganha assim é mal abençoado. A gente pega aqui, e chega ali gasta

todinho, sem perceber. É um dinheiro de água abaixo. Aí eu pensei muito bem, e evitei de ficar roubando, e resolvi parar mais aqui. Porque se eu quizesse fugir, eu fugia.

**Mauro:** Aqui a gente pode aprender mais e ter mais coisas. É por isso que quando a pessoa chega aqui ela só fica pensando em ir embora, ir embora, mas de pois que fica um tempo, não quer sair mais. Como a Grace<sup>1</sup>. Por que depois a gente vai vendo o que tem, vai fazendo amigos.

**Entrevistadora:** E você acha que isso é só com o pessoal homossexual, por causa do grupo, ou não, é com todo mundo?

**M:** Depende. Aí depende de cada um. Não é só do grupo não.

As palavras destes meninos expressam bem a tomada de consciência de sua situação, pois através dos seus sucessivos internamentos e contato com a polícia sabem que o sistema de vigilância e tratamento nas prisões é infinitamente mais severo do que na Funabem. Outro fator importante a considerar, e que faz jus à mudança na forma que passam a encarar o modo de viver no presente, é o tipo de tratamento que recebem na João Luís Alves onde, apesar de todas as falhas e deficiências próprias à vida institucional, po

---

1. Nome atribuído ao Paulo.



dem receber uma atenção mais duradoura do que nos Centros de Triagem. Nesta fase de sua passagem pela Funabem estão também mais aptos do que antes a contornar os problemas que surgem com funcionários e alunos, pois, além, de quererem "se livrar" dos problemas na rua, já adquiriram, através dos sucessivos internamentos, todo um traquejo em relação ao funcionamento da instituição. Seus próprios familiares incentivam-nos, mais do que nunca, a permanecerem internados, sabendo que a instituição lhes dá casa, comida e instrução de graça e que, principalmente, serve também como uma "proteção" em relação à vida que os garotos tinham anteriormente. Então, mesmo que há muito tenha sido iniciado o processo de afastamento de casa, a partir do momento em que o menor decide permanecer definitivamente internado, este distanciamento de sua comunidade de origem aumenta, cortando-se progressivamente os vínculos com o ambiente externo à instituição. É que, a partir do momento em que são internados na Funabem, os seus responsáveis devem abdicar de sua tutela em prol desta, através da responsabilidade do Juiz de Menores. Como a família do menor não recebe nenhuma ajuda de custo ou colocação de trabalho para melhorar o seu nível de renda, e como o menor passa a viver exclusivamente na dependência do que a instituição lhe oferece, a tendência dos garotos será, conseqüentemente, diminuir ainda mais a interação que mantinham com sua família, e desligar-se, aos poucos, dos seus vínculos com a comunidade geral:

**Paulo:** Eu tôu aqui tem um ano, mais ou menos. Agora direto, assim, desde que entrei na Funabem, uns três anos, já. Aqui é melhor do que o Padre, tô gostando mais. Quando eu subi pra cá gostei mais, porque eu acho lá embaixo (IPS) horrível. Lá é uma briga danada, detesto lá, ninguém gosta, todo mundo reclama... Eles (a Funabem) escreveram uma carta pro meu pai e ele respondeu que já que a Escola paga ônibus, pra sair, instrução e tudo o mais, era melhor eu ficar na Fundação. Aí foi que eu subi (do IPS).

**Entrevistadora:** E você não queria ir pra sua casa?

**P:** De jeito nenhum. Pra lá eu não volto mesmo, se eu voltar, eu fujo, também eu voltei pra cá porque quando eu fugi, da primeira vez, eu senti falta das pessoas que conheci aqui dentro. A primeira vez que eu entrei eu não gostei, da segunda eu gostei mais, por isso eu voltei, mas voltei porque eu quíz. Porque se eu corresse, a polícia não me pegaria não. Mas eu fiquei parado, se eu corresse, eu fugia.

Para alguns meninos, como João, continuar fugindo para viver de roubo e prostituição passa a ser, no presente imediato, extremamente perigoso, e a escola torna-se o melhor refúgio e ponto de encontro para desvencilhar-se dos problemas criados na rua, além de permanecer junto aos ami

gos. No seu caso particular, o reencontro com um ex "caso" e o temor de ser encontrado pelos parentes do rapaz que havia matado foram razões que contribuíram para que permanecesse na escola.

João: Quando eu cheguei no Padre encontrei lá o cara que eu gosto, depois me mandaram pra cá, aí fiquei, eu corri o diretor, pedi a todo mundo pra ele subir, mas ele só veio agora, aí tanto fazia eu rodar ou não, porque se eu tava lá fora eu dava uma força pra ele no Padre, se eu tava dentro, eu tava com ele. Agora tá uma confusão, a senhora não tem idéia. Mas também foi bom eu tá aqui, porque lá fora os parentes daquele rapaz inda tão me procurando, me contaram que eles passa lá na Quinta e fica perguntando por um rapaz assim, assim...

Um outro fator que torna a João Luís Alves uma das melhores opções de sobrevivência para os menores, neste momento presente, é que, além de todas as circunstâncias aludidas acima, ela lhes oferece condições de profissionalização, através de oficinas que possui. A esperança de arrumarem um emprego condizente com a profissionalização que vão adquirir e, sobretudo, a esperança de ganharem bem, surge então como mais um estímulo para que fiquem. Somente agora, após terem enfrentado inúmeros problemas na rua, é que a opção de terem um trabalho fixo passa a lhes interessar, ainda que alguns alunos da escola possam vir a ganhar menos do que com roubo e tráfico de drogas. É

preciso ter em mente que nem todos os alunos da João Luís Alves vivenciam o tipo de experiências relatadas aqui, características sobretudo de menores que utilizam o homossexualismo para ganhar dinheiro "profissionalmente". Muitos dos outros alunos que entram na escola, embora tenham experiências homossexuais e ganhem dinheiro com estas relações, não conhecem o tipo de vida característico da prostituição masculina, como os menores entrevistados. São os roubos e o tráfico de drogas que, com diferentes níveis de frequência, risco e violência, constituem as atividades comuns entre eles. Entram então na escola garotos que estão acostumados "a tirar", com roubos mais arriscados, uma quantia mais "elevada" por mês. Para estes, a profissionalização que desejam adquirir significa, sobretudo, a possibilidade de não terem mais envolvimento com a polícia. Tais alunos, porém, são exceção à regra, pois a maioria dos garotos ganha apenas o suficiente para sustentarem parques lazeres e, às vezes, ajudarem suas famílias. De qualquer forma, somente agora o medo da prisão e o cansaço da vida nas ruas tornam-se fatores importantes para eles, possibilitando assim, desejarem aproveitar a profissionalização e a instrução que a escola oferece. Agrupam-se então, dentro da mesma, em torno de semelhanças individuais, passando a viver, doravante, como típicos estudantes de um internato, ainda que, obviamente, determinadas características diferencie esta escola de outras.

2. A constituição do grupo de menores entrevistados na escola

Companheiros novos e antigos partilhando da mesma problemática dentro da instituição, somente alguns meses antes da minha entrada na escola é que os menores entrevistados formaram um grupo razoavelmente coeso, com características definidas. Inicialmente agrupados em torno de amizades individuais, pouco a pouco o número razoavelmente grande de homossexuais na escola, e a escolha unânime de um líder propiciaram a constituição do mesmo. Efetivado com o propósito de defender os homossexuais das agressões dos outros alunos, progressivamente a atuação do grupo foi se estendendo, abrangendo desde as estratégias de relacionamento e sobrevivência dentro da instituição, até o redimensionamento de suas atividades em relação ao homossexualismo, tóxicos, etc... Especificar os motivos que os impulsionaram a unir-se em torno de regras comuns, bem como os elementos que propiciaram a efetivação desta união, constitui o tema deste tópico, através do qual iremos constatar a ascendência do grupo na institucionalização destes menores, mediante sua interferência no relacionamento com os alunos e funcionários da escola.

Paulo foi o menor quem melhor descreveu o início da formação do grupo, e o porquê de sua constituição:

Paulo: Uma turma já existia antes: tinha eu, o Mauro, o José Cesar<sup>2</sup>, e o André.  
Um grupo veio do Padre Severino pra cá,

---

2. Este menor, logo durante os primeiros dias de minha chegada na escola, foi diagnosticado como histérico, (após sucessivos transes em que dizia estar recebendo espíritos) e enviado para o Hospital da Funabem.

e foi ficando amigo do outro. Quando eu cheguei no Padre eu já conhecia o Gilson, o Raimundo, os outros conhecia de Quintino. Aí depois a gente se encontrou aqui. Desse grupo eu fui o primeiro a chegar, aí depois veio o Marcelo<sup>3</sup>, o Raimundo, o Gilson, e aí a gente formou um grupo. Eu já andava com eles, a gente tava sempre junto. Aqui, antigamente, o cacete baixava, um comia o outro, então a gente tinha que ser unido, o grupo tando unido as coisas se tornam fácil. Era um querendo bater no outro, agressão física, tudo. A gente não se dava com ninguém, era muito difícil, por causa do abuso dos alunos, então a gente tem mais é que ser unido, porque o homossexual não é uma classe muito aceita pela sociedade, então a gente tem mais é que lutar, sem a união nada acontece. As vezes a gente faz reunião, pra fazer alguma reclamação, se alguém tá mais nervoso, a gente se reúne pra discutir entre a gente nossos problemas, a gente se reúne pra discutir problema com monitor, a gente se reúne pra poder melhorar. Nós aqui temos um líder, e isso facilita muito as coisas, lá embaixo não tinha".

A eleição de um líder, motivada pelas razões acima, foi talvez o elemento mais importante que unificou os menores no grupo. Foi somente a partir da liderança de Manoel,

---

3. Este menor fugiu antes de serem iniciadas as entrevistas.

por todos reconhecido como o líder do grupo, que foram estabelecidas as regras a serem cumpridas, e efetivou-se a união entre todos e o perfil de um conjunto mais ou menos estável:

Raimundo: Sabe tia, nós era um grupo muito desunido, nós brigava muito, se uma tinha um grampo de cabelo, não podia usar, porque era só meu, se uma tinha uma roupa não emprestava, era só de um, mas depois dessa mudança, do Manoel, tudo mudou, tudo que é de um é de outra, ih, tá o maior barato, eu acho mais melhor assim, mais união. Porque se uma tem cigarro, porque todas fuma, só uma que num fuma, ah, porque o cigarro tá pouco, agora não, uma tem cigarro, aquela uma caça as outras toda pra fumar daquele cigarro.

A necessidade e a importância do grupo e do seu líder aparece no relato do próprio Manoel, que mostra abaixo de que forma conduz o grupo, e porque chegou a esta posição, deixando bem claro que a sua postura de chefe é incontestável, sua autoridade e objetivos tendo sido certamente uma das principais causas para sua eleição:

Entrevistadora: Há quanto tempo você lidera o grupo ?

Manoel: 3 meses.

E: Você sabe quanto tempo vocês já andavam juntos aqui na escola?

M: Um ano.

E: E como era antes?

M: Era tudo desorganizado, e agora é tudo organizado, direitinho.

E: Já existia um chefe antes de você?

M: Não, nunca existiu um chefe de homossexuais. Agora sim, existe. É aquele que responde pelos atos cometidos pelos outros. Quando eu cheguei aqui na escola eu odiei, tinha muita espécie de tarado aqui, tarado, cara que gosta de agarrar, de fazer sexo. Só que agora acabou, através de mim mesmo, depois que eu passei a chefiar elas. Eles era tarado mesmo, agarrava a gente, a força. Mas a mim nunca agarraram não, só os meus amigos. Se fosse comigo, levava pau. A chefia começou assim, eu sou defensor delas, cheguei até a levar o nome de defensor dos viados, então eu sou o mais avançado, então um dia a gente tava fazendo uma festa com oito cartuchos, de tabanagira<sup>4</sup>, e eles descobriram um jeitinho de me elogiar. Aí a gente fumou um cartucho e eles decidiram que de agora em diante eu ia chefiar eles, ser a rainha deles. Por causa da violência, e eu continuo até hoje. Eu não quis aceitar logo de cara, mas eles insistiram durante três dias, aí falaram pra mim que num precisava nem comprar maconha, eles mesmo compravam, eles só queriam apoio.

4. Termo utilizado por eles, oriundo do candomblé, cujo significado é "maconha".



E: E me diz uma coisa, os meninos obedecem tudo o que você manda?

M: É. Se não, eu coloco num castigo, e tem que cumprir.

E: E eles te obedecem mesmo?

M: Não? Imagine.

Embora o conteúdo das entrevistas anteriores de Manoel sobre sua vida passada pudesse levar-nos a duvidar da veracidade de suas informações, todas as suas declarações sobre as regras e os membros do grupo são confirmadas pelos demais garotos. Assim, nenhum deles discordou da necessidade de terem um líder autoriário e incisivo, que, no caso, para eles, era representado por Manoel. Segundo eles, estas são condições básicas para que o líder possa defender os membros do grupo perante os outros alunos da escola, e manter a ordem entre eles. Mauro, Raimundo e Gilson explicitam bem o pensamento de todos, frizando a liderança e o auxílio que Manoel representa:

**Mauro:** Manoel bota todo mundo no pare-dão. Quando ele quer, ele arrasa a gente. Mas não fosse ele a gente não tinha nada...

**Raimundo:** ... É nós homossexuais aqui, nós era usado na escola pra buscar maco nhá pra aluno, nós era forçado. E se nós não buscava, a gente ganhava porrada de pau. Aí quem salvou a gente disso? A

gente tem de agradecer ao Manoel. Aqui ninguém tinha sossêgo. A gente nem podia ficar junto um do outro, que juntava um bando, rindo, gozando com a cara da gente. A gente ficava dentro do banheiro, que a gente tem que se encontrar escondido com os outros alunos, os caras que a gente transava, e ficava toda hora um empurrando a porta, pra ver se saía alguém. E não sai os dois juntos não, sai um e depois o outro. E aí pronto, cra xingação, insulto, risada pra lá e pra cá, com a gente. Só de noite é que a gente conseguia ficar à vontade, que eles cochilam cedo, eles dormem lesado de noite, e aí a gente aguenta o barco.

Entrevistadora: E agora, como é que está o relacionamento de vocês?

R: Ah, agora tudo mudou. Agora eles têm medo de vingança, que a gente agora não escuta mais calado não, e a gente agora é muitos, um defende o outro. Reclamar porque? Ih, é tudo ladrão, maconheiro. Se falar, a gente levanta bravo. A gente não tem vergonha de nada.

E: E os monitores, não reclamam?

R: Eles também cochilam cedo, quando passa um, a gente volta rápido pra cama. É por isso que a gente

tem que levantar o mão pra cima e agradecer ao Manoel, tia, o que nós somos; sofremos nesse pátio aí, antes dele entrar no meio da gente, não foi brincadeira não. E agora nós tamos num mar de rosas, de fantasia ...

Gilson: Eu procuro muito o Manoel. Às vezes quando eu brigo no pátio com um cara que tá comigo eu procuro ele e digo: olha, Manoel, eu briguei com fulano e foi assim, assim, a briga. Como você acha que devo agir? Como devo fazer? Aí ele me diz, faz assim, se não der certo você me diz, eu vou ver como devo agir. Aí do jeito que ele faz eu faço, quando eu não me dou bem de um jeito, eu faço do outro. Ele orienta a gente, vamos parar de ter briga na escola, vocês aí gostam de ter briga com monitor. Vamos ficar bem visto na escola, todos vocês são mal vistos na escola, são mal falados pela equipe técnica, por monitor, pela di-reção da escola.

Como vimos, o tipo de autoridade que Manoel instaura como sendo o mais conveniente para serem respeitados não é a violência física, mas, pelo contrário, ressalta que a ordem deve ser mantida mediante a delimitação e o cumprimento de determinadas regras. Procurando então evitar as agressões entre os garotos do grupo e entre os demais alunos da escola, provoca uma outra modalidade de

reação em relação aos homossexuais, pois, será justamente esta nova característica do grupo que possibilitará mantê-lo tão coeso, uma vez que a própria direção da escola sentirá a importância de apoiar esta estratégia. Esta colocação não aparece apenas no relato de Manoel, ela é facilmente percebida no convívio diário com os meninos da escola. A direção, interessa manter a ordem entre eles e, por conseguinte apoiar as tentativas que, oriundas dos próprios alunos, busquem manter a tranquilidade na "Casa". Este interesse reforça bastante a existência do grupo, o qual, seguindo o princípio de pacífica convivência com os outros alunos, passa a ser respeitado pelos funcionários da escola e, portanto, pelos outros alunos, que assim também devem fazê-lo. Manoel, abaixo, conta como foi agir para iniciar este processo no grupo, apontando diversas modificações que também passaram a fazer parte do comportamento dos menores do seu grupo:

**Manoel:** Porque quando eu cheguei aqui na escola, em 19 de novembro de 1982, o primeiro homossexual que eu conheci aqui dentro foi o Mauro, a Pepita, e por ele notava muitas coisas. Toda hora ele era espancado, era obrigado a fazer coisa que não queria, toda hora estava no "seguro" e comigo já era diferente, porque vinha comigo e já tinha combate. Não sou bobo. Comigo tem combate. Se pegasse pau, tinha combate. Se pegasse pau, tinha combate. Se se desse mal, ia perder. Então eles

já ficavam naquela, de pou, pá, pá. Então muitas vezes, muitas vezes, antes de eu liderar o grupo, a Pepita entrava no banheiro e tinha cara com cada carraca de pau, sabe, afim de derrotar a Pepita, aí eu chegava, dava uma idéia, e acabava com a briga. O Mauro já tá sabendo me agradecer. Mas antigamente eu tinha até desgosto com ele. Porque a mesma coisa que a senhora faz por mim, eu lhe dou um lado de troca. A senhora fala comigo, o ... Everaldo, não vai ali porque você não vai ser recebido, porquí ali as pessoas vão criar tumulto, eu não posso ficar indo lá toda hora falar, falar, um dia meu saco vai estourar, o saco deles um dia também vai estourar de ficar ali olhando me ver defender você. E possivelmente parecia que eles era, sabe, aqueles diabinho e, vivia lá. Então já tinha confusão, e toda hora eu tinha que ir lá resolver, voltar pro pátio. Então eu pensei, ah esse negócio vai ter que acabar uma vez por todas, senão eu vou ter que brigar com todo mundo da escola. Eles tinha que saber que nós homossexuais, somos humanos também, e nós temos que viver em paz. Bicha por bicha, eles são mais, porque vivem perturbando, atazanando os outros, não deixam ninguém viver em paz. Aí consegui essas coisas todas.

E: Mas conseguiu como? Só com papo, com elas?

M: Não, eu cheguei a brigar também, mas poucas vezes, só umas três vezes. Não foi muito não ...

Raimundo entra na sala e também participa da en  
trevista.

E: Mas antes o que é que os alunos fa  
ziam quando eles ameaçavam vocês, e se  
vocês não reagissem?

R: Nós, quando entrava no escaninho, e  
saía, já voltava todo arrebitado. Era  
cinco, seis, montado em cima da gente, tu  
dinho de pau na mão. Sabe como nós ia  
pro pátio? Enfiado num bato de pau, bato  
de mão. Isso é antigamente. Mas agora  
eles tratam a gente bem mesmo. Temos que  
agradecer isso ao Manoel. Agora a gente  
anda no pátio, em qualquer lugar. Porque  
antes a gente não andava no pátio não. An  
dava só ali, perto do inspetor. Agora a  
gente anda em qualquer lugar.

M: Esse problema que ela falou aí de  
ser escurraçada, ser usada pra pegar ma  
conha, tóxico, aqui pra escola, esse pro  
blema eu observava também e via que podia  
ser resolvido apenas num papo, numa idéia,  
ou se tivesse que partir para outra parte  
de operações, elas sozinhas não tinha for  
ças pra isso, precisava de outra pessoa  
mais experiente, por isso que eu usava  
um pouco de mentalidade, pensava, via o  
que eu podia fazer, e quando eu comecei

a defender eu comecei por aí, cortando tô xico. Aí possivelmente eu falei: gente, eu não quero mais ninguém panhando tóxico, pra ninguém aqui na escola. De uma realidade, já que a senhora disse que a fita não é pra ser publicada<sup>5</sup>, a não ser pra gente, ou sinão prum cara que tiver merecendo mesmo, realmente. Agora, se for aforçado, chegue pra mim e fale, porque eu vou resolver, porque à força ninguém deve fazer nada, entendeu? Outra coisa que eu venho tentando solucionar...

E: E aí, os meninos não tentaram nada pra forçar vocês?

Entrevistadora para Manoel:

E como você superou essa situação?

M: Ah, isso pra mim foi fácil. Foi fá cil, porque eu já falei pra senhora que eu tô acostumado a conviver com grupo. E lá fora também, nunca eu tinha dito isso pra eles, mas eu convivia com um grupo de homossexuais. Não assim, do tipo nosso "boy", era mais do que eu, mas assim mes mo, eu era líder deles também, porque apesar deles terem peito, cabelão, isso não dizia nada, a inteligência é uma coi sa que manda, eles não estudavam, era tu do burro, pra dizer a verdade.

Ronaldo ri.

---

5. Como mencionado anteriormente no Capítulo I, comuniquei aos menores antes de iniciar as gravações que seus nomes não seriam identificados. Evidentemente em nenhum momento houve qualquer acordo relativo à estas afirmações efetuadas por Manoel, as quais são oriundas de sua própria com preensão sobre este assunto.

M: É, é verdade, vocês não, vocês estudam mas eles são burros.

Ronaldo: travesti burro (rindo).

M: É, travesti burro. Então eu disse à eles: gente, pra vocês serem homossexuais de classe, falei, vocês primeiro precisam aprender a ler, escrever, pra poder falar com as pessoas da burocracia social. Se a gente não souber disso, que vai ser da gente? Eles não, nada disso, não sei o quê, bã, bã, bã, bã, bã, então eu consegui superar isso. E como lá fora também eu não era bobo, então eu vim pra cá dentro e consegui superar isso, resolver esse caso todo. Então hoje se der tempo eu vou fazer uma reunião pra elas, pra iniciar tudinho outra vez, e tornar a reviver os velhos tempos, os tempos de glória, os tempos de paz.

E: Então vocês acham que só precisou um pouco de papo, algumas brigas, pra vo  
cês serem respeitados perante os outros colegas?

M: É, sim. Se não acreditar, pergunte ao Raimundo.

R: Foi sim. E honrar um pouco a gente, aqui no pátio. A gente tava muito porqui<sup>nhas</sup>, muito esculachadas. Agora todo dia a gente troca de roupa, anda mais asseada ... Um dia eu tava dentro do metrô, até com a Pepita, que a senhora conhece, e entrou quatro bichas. Pôxa, o metrô é um lugar respeitado, vai família, tudo. Aí eles começaram a fazer bagunça, subir nos bancos, um horror. Tinha do meu lado



uma senhora finíssima, e ela ficou horro-  
rizada. É isso que a sociedade critica,  
porque muitos não sabem se comportar. Tia,  
eu fiquei tão envergonhado, que o primei-  
ro ponto que passou eu saltei, e esperei  
outro metrô. Nós, quando saímos, até pare-  
cemos aquilo que não somos: bem educados...

M: Não é que eles andavam tão porquinhos  
assim não. Mas é como eu dizia a eles, to-  
mar banho duas vezes por dia, trocar de  
roupa todo dia, andar sempre com o visual  
bonito, porque pra mim, quatro banhos ain-  
da é pouco, mas gasta a pele né? Mas como  
eu digo, homossexual é o homem que tem que  
dar mais valor à pele dele. E mesmo que  
nós não somos assim tão bonitos, pelo me-  
nos o visual, a limpeza. Então a gente tá  
conservando isso, e dia quinze nós vamos  
juntar nosso dinheiro e comprar uns cos-  
méticos e fazer uma festa. Então a gente  
tá se unindo mais ainda e já por isso ho-  
je eu vou fazer a reunião com elas e vou  
apresentar, não como sócia minha, mas co-  
mo outra orientadora, para o grupo aque-  
la que tem assim mais mentalidade, e ela  
vai ser uma substituta minha, pra quando  
eu não tiver no momento que é preciso.

Neste trecho sobressai, mais uma vez, diversos fa-  
tores que justificam a liderança de Manoel no grupo, e que  
explicam também, porque a direção permite este tipo de grupo  
na escola. A diminuição da violência física em prol da con-  
vivência pacífica, o estímulo ao raciocínio, aos estudos e,  
como veremos adiante, o incitamento a regras de limpeza e de

ordem entre eles, são fatores que explicam não só o apoio da direção da escola ao grupo, como a aceitação dessas normas traduz, concomitantemente, uma outra visão do papel social do homossexual. Assim, paradoxalmente, ao organizarem-se nos moldes inculcados pela instituição, e ao reproduzirem o discurso "progressista" da escola, conseguem legitimar os seus direitos enquanto homossexuais, exigindo que sejam tratados com o mesmo respeito que os demais alunos, já que cumprem todas as normas da instituição. Isto não implica, é claro, que se apropriem de todos os valores difundidos na escola, haja visto a afirmação do homossexualismo enquanto característica do grupo; contudo, de qualquer forma, é inegável que passam a utilizar o ensino, a disciplina, e a ordem difundidas pelos professores e demais funcionários, como um instrumento de legitimação para conquistarem o seu próprio espaço. Instauram-se, desta forma, condições para que o grupo tenha uma união alicerçada num regime de entendimento e segurança propício à discussão sobre os mais variados temas, e cria-se um espaço fundamental para repensarem e recriarem uma nova forma de relacionamento com alunos e funcionários, bem como com a sociedade em geral. Este espaço constituído pelos menores torna-se então, concomitantemente, o instrumento que facilita tanto a sua institucionalização quanto a legitimação do seu comportamento. Também, para os menores, não menos importante do que a conquista de uma convivência razoavelmente pacífica com os membros da escola, o grupo significa a possibilidade de constante interação entre eles próprios, o que é muito importante para os jovens nesta idade. Não podemos esquecer que,

embora tenham tido, desde os doze e treze anos, responsabilidades e liberdade próprias à vida de um adulto pertencente às classes sociais mais ricas, o amadurecimento que demonstram em nada difere do comportamento característico de adolescentes. Assim é que, ao longo das entrevistas podemos observar como alter<sup>u</sup>naram-se os sentimentos, opiniões e interesses dos garotos, ora transmitidos com exaltação, ora com desprezo, cuja variação de intensidade modifica-se com a rapidez característica das oscilações próprias a esta faixa etária. Estas características podem ser observadas durante todo o presente capítulo, quando os me<sup>u</sup>nores falam sobre a amizade, o amor, o modo de se comportarem, temas que por si mesmo já são relacionados com a adolescência. Típico exemplo das oscilações características deste período é o discurs<sup>o</sup> de Manoel, onde a indiferença pela vida e por sua atuação no mundo, bem como as constantes ameaças em sair da João Luís Alves, con<sup>u</sup>vivem com o entusiasmo e o interesse que coloca nos assuntos re<sup>u</sup>ferentes ao grupo e à escola, onde tem ativa participação:

Manoel: Eu estou tratando esse pessoal como se fosse um clube de futebol. Tou tentando criar eles como uma máquina, um time de futebol. Tou querendo deixar eles bem informados, porque como eu disse, mi<sup>u</sup>nha vida não me interessa em nada, mas o pouco que eu sei posso passar para eles, porque como eles dizem que querem viver muito ainda né? pra mim, não tem interes<sup>u</sup>se, viver hoje, viver amanhã, já vou satisf<sup>u</sup>feito, mas eles... Pelo menos pela ami<sup>u</sup>zade que eles tem comigo, eu sinto que dá pra passar muitas coisas pra eles. Mu<sup>u</sup>ito, muito. Eu quero atingir o máx<sup>u</sup>imo, não vai dar pra mim atingir tudo, mas eu quero

que eles sejam os líderes deles mesmos, que eles saibam o que tem que dizer, saibam com quem anda, saibam com quem colar, saibam com quem conversar. Saibam com quem dar oportunidade, vejam bem as coisas antes de entrarem em qualquer parada, olhar o rapaz com quem vai transar, e não chegar e tá, tá, tá, tá, tá, tá, não, nada disso. Eu quero é que elas percebe, sabe, o forte e o fraco delas mesmo, pra depois elas estudarem elas mesmas e depois elas passarem pra outras que vierem, eu tou sabendo que vou ter duas novas no grupo, de repente, e agora eu vou usar uma nova tática, como no time. Entrou no esquema, fica com a gente. Não entrou no esquema, nada feito, fica fora do time. Porque eu não ia querer espancar ninguém, bater em ninguém, pra ninguém entender o que é que eu quero, não. Eu quero é que eles saiba qual é pra eles mesmos, não é pra ninguém não. Hoje mesmo eu vou citar isso no grupo, hoje mesmo eu vou gritar bem alto: quem quiser ficar no grupo, passe pra cá. Quem não quiser, pra lá. Porque esse grupo aqui eu vou passar uma nova coisa pra eles. Eu deixei eles bastante desunidos, porque eu passei bastante tempo sem reunir eles. Aí ficou meio assim. Eu tou sentindo que tá faltando um pouco de diálogo, agora, na realidade, o Gilson eu tou tendo um pouco de trabalho, eu tou tendo muito trabalho com ele, e a Raquel, com a Izabela<sup>6</sup>, com a Pepita, que agora já não tá dando trabalho ... Eu tô dando um tempo, aqui no grupo, eu num tô falando nada, nem tô reunindo mais eles,

<sup>6</sup>. Nome atribuído ao Arnaldo.

tô só observando se o trabalho que eu es  
tou fazendo com eles tá dando certo, mas  
pra falar a verdade eu tôu tendo poucos  
e bons resultados, sabe, num tô tendo mui  
to bons resultados não, tou tendo poucos  
e bons resultados, porque ela já é uma pes  
soa legal, uma pessoa ideal pro grupo  
(aponta Raimundo), a Pepita já é meio  
ideal porque ela gosta muito de discutir,  
e de provocar, o Gilson já não é ideal,  
precisa ficar sempre de olho nele, a Joa-  
na<sup>7</sup> é ideal, a Isabelle as vezes vacila,  
mas isso vem no grupo também, mas é ideal.  
A Grace é meio ideal. Então eu tôu dando  
um tempo, uma nova formação, eu vim com  
uns novos tipos de regras, eu pretendo usar  
um deles como um par meu pra quando eu  
for embora eles não sentirem muita falta  
minha, como se eles tivessem uma pessoa  
orientando eles. Eu já tenho até como se  
fosse o Paulo, ele é uma pessoa muito ba-  
cana, e sinto nele que ele pode ser isso.  
Agora basta a permissão do esposo dele  
porque desde quando ele está com um rapaz,  
já não tenho nada a ver com isso, é ele e  
ela, ela e ele, o que acontecer com ela é  
ele, a não ser que eles não se garantem, e  
que se eles apelarem pra mim, eu tenho  
que ajudar.

Se, através desta descrição, podemos ter uma idéia da  
constituição do grupo em geral, a posição de Manoel entre  
os demais membros pode ser avaliada ao relatarmos a reação

---

7. Nome atribuído ao André.

destes quando "a rainha" ameaçou sair efetivamente da escola. Embora estas ameaças jamais tenham se concretizado, através do seu diálogo comigo podemos perceber o quanto Manoel estava sentindo-se mobilizado com as entrevistas, o que o levou, inclusive, a procurar estender o seu domínio sobre as mesmas, estabelecendo um prazo para o término destas, prazo este que jamais faria questão de cumprir. Aqui, novamente, podemos constatar como suas atitudes e diálogo denotam um amadurecimento relativo, próprio da adolescência:

M: Como sempre disse eu sou uma pessoa que no fundo, meus olhos pega fogo. Pelos meus juizes. A minha original alma já é outra forma da sua de pensar. Pra mim fazer uma coisa eu tenho que pensar, consultar, é a ele que eu sigo. Pra mim uma coisa manda em mim, porque eu consigo ver duas coisas ao mesmo tempo sem defeito. Sinto quando uma pessoa respira contra mim, posso ouvir alguma coisa distante. É por isso que eu sô obedeço ao que eu acho que tenho que fazer, e não confio em ninguém. Pode ser que um dia eu consiga confiar em alguém.

Os outros confiam em mim, mas eu não confio em ninguém, e eu não gosto de ficar falando da minha vida pra pessoa nenhuma, eu não estou acostumado com isso, nunca me abri com ninguém, por isso eu resolvi ir embora. Eu já tou cansado dessa vida de Fundação, desse sofrimento todo que eu tenho. Se eu não conseguir, o único jeito que eu tava pensando mesmo é o fim de tudo, a morte. Sêrio, sair de permissão e

não voltar mais, e nada mais. Agora eu tô pensando em sair mesmo. Não quero ficar mais não. Sábado eu quero cair fora.

E: Você acha que o fato de eu ter entrevistado você, conversando todas essas coisas, influenciou a sua decisão?

M: Acho.

E: Por que? Que que aconteceu?

M: Não aconteceu nada, mas na minha vida nunca gostei de dar entrevista, a não ser se eu tiver que sair.

E: Por que, você tem medo de ser reconhecido?

M: Não, não confio em ninguém.

E: Mas eu não te disse que eu não posso dar o seu nome verdadeiro?

M: Mas eu nunca confiei em ninguém e nem vou confiar, é meu hábito.

E: Uê, por que?

M: Porque como chefe de lei a gente tem que ver tudo num modo só. Num modo só. E a gente não pode sair confiando assim em todo mundo, a gente tem que se proteger.

E: Mas você não sabe que até os pareceres do Juiz são secretos, que não se pode divulgar o nome verdadeiro de vocês?

M: É, eu sei, mas não se pode confiar. Eu não confio em ninguém na minha vida. Sei que um dia vou precisar de alguém na minha vida, mas esse alguém ainda vai demorar um pouco.

E: Mas eu vou fazer uma segunda entrevista com cada um, porque eu entrevistei

muito pouco, e logo, logo eu acabo, não precisa sair por causa disso.

M: Desde que não passe hoje de seis horas.

E: Mas eu não posso entrevistar todo mundo até seis horas.

M: Um pouco de cada um.

E: Ah, mas aí não dá pra aproveitar nada. Pode acreditar que as entrevistas não vão sair com os nomes de vocês.

M: Não, não é por isso não. É que se eu permitir, vou ser castigado.

E: E por quem?

M: Já disse, pelos meus juizes.

E: E você não vai sentir falta dos amigos, se for embora?

M: Posso sentir, mas eu acho que o que a gente faz num lugar, a gente tem possibilidade de fazer em outro. Nem sempre é a mesma coisa, mas em tudo que a gente se vê, num segundo, é a mesma coisa do outro, mas a gente pelo menos procura fazer de acordo com o momento, pra não sair bem diferente, do lance. Tenho vontade de ir pra São Paulo, acho que lá vai ser melhor pra mim.

Logo em seguida a esta conversa, Gilson, durante uma de suas entrevistas, nega a importância de Manoel no grupo, diminuindo a sua capacidade de liderança. Posteriormente o próprio Manoel dirá que foi ele quem o instruiu para afirmar tais coisas, interessado que estava, naquele mo



mento, em dissuadir-me de continuar as entrevistas. Certamente preocupava-o o conteúdo das mesmas, bem como a repercussão que certas revelações poderiam ocasionar, além do seu próprio temor de "abrir-se", como ele mesmo frizou. Embora possa parecer desnecessário esmiuçar tais detalhes, pensamos que o registro destas informações é útil para obtermos uma idéia mais precisa do grupo, e da relação entre seus membros. Por outro lado, estas e outras passagens revelam o impacto e as impressões, ora positivas, ora negativas, que as entrevistas provocaram entre eles, deixando também transparecer, um pouco mais, o estilo de cada um. É com este intuito que transcrevemos, abaixo, o diálogo com Gilson, o qual servirá para mostrar-nos, novamente, através do confronto com o relato seguinte, como é predominante a ascendência de Manoel no grupo:

Entrevistadora: Você se dá bem com o Manoel, o líder do grupo?

Gilson: Se dou bem.

E: Vocês dois não discutem não?

G: Não, não.

E: Ele é líder total, né?

G: Ele, líder de quê?

E: O grupo de vocês não tem um chefe?

G: Chefe, chefe de quê?

E: Do grupo.

G: Pra quê, e a gente precisa de chefe?

E: Mas ele não é o chefe do grupo?

G: Chefe, como assim, explica melhor. O chefe é pra fazer assim, vai ali, faz isso, vai lá, faz aquilo, vou bater em vo cê, ih, que isso, tia.

E: Mas vocês não votaram nele?

G: Quem votou nele?

E: Todos.

G: Ih, todos, a senhora está por fora.

E: Como assim?

G: Ah, ele vem com a história, entre nós só tem grude, vamos tomar uma conta da outra, pra ver quem assim fica como se fosse responsável pelo grupo, briga que tiver é entre as bichas mesmo, aquela que tiver responsável, chamar, orientar, por que não pode haver briga entre a gente, tem que ser unido, briga que tiver no pã tio procurar saber o que é que é, o moti vo porque tá brigando, ir lá saber por causa de quem, dá idéia pra turma do deixa disso, pra todas ficar junto, aí uma vo tou noutra, aí, eu voto no Manoel, eu vo to no fulano, eu no outro, então quantas votou nele, tanto, foi o Manoel quem fi cou com mais voto. Foi isso. Mas não é pra dizer, vai lá e lava minha calcinha. Vai lá senão vai apanhar.

E: Não, eu também não tô dizendo isso. Mas se tiver uma briga, e ele achar que a pessoa tá errada, ele tem o poder de castigar a pessoa?

G: Ih, por causa de quê? Ele não é mais do que ninguém pra bater na gente as sim.

Durante este período a liderança e autoridade de Manoel estendeu-se ainda mais, fortalecimento que foi certamente devido, propositalmente ou não, pela ameaça de sua saída. Nesta ocasião todos os meninos, ao serem comunicados desta sua decisão, lhes pediram pra ficar, situação que foi revivida na minha sala durante uma entrevista coletiva. Esta oportunidade foi muito bem aproveitada por ele, que utilizou esta situação para colocar-me, diante dos meninos, sob seu "comando", fixando um prazo, ainda que hipotético, para o final das entrevistas, e também, inquirindo-me sobre a minha relação com a Fundação, o que nunca havia feito antes:

Manoel pergunta para Raimundo:

M: Ô Luana, que que eu sou pra você?

R: Ah, você é pra gente como o pai da gente. Sabe tia, quando a gente tá no pátio, e tem aluno querendo bater na gente, ele vai lá pro pátio, e fala com os garotos. Então nós homossexuais, a gente encara ele como nossa defesa, nossa rainha, e nós gostamos muito disso.

M: Luana, eu não ia embora sábado?

R: Ia. Ah tia, que desespero, nossa. Ele ia embora, ih, nós ia até caguetar ele pro inspetor. Mas, a muito custo, nós conseguimos virar a cabeça dele pra ele ficar. Ele pra nós é um líder, um líder tia. Ele defende nós a bessa, dos garotos. Nê, rainha?

M: Eu quero deixar bem claro com a senhora que aquilo que a Patrícia, falou, a Patrícia é o Gilson, foi eu quem mandei ele falar aquilo.

E: E o que foi que ele falou?

M: Que eu não era a rainha, que eu não mandava em ninguém, isto e aquilo, foi eu quem mandou ele falar. Tá legal?

E: Mas por que?

M: Porque eu não queria, para acertar as coisas. Porque eu disse no meio delas que não queria que ninguém soubesse o que se passava entre a gente, inclusive eu nem queria que elas gravasse fita nenhuma. E como gravaram, já tinha iniciado, aí me pediram pra continuar, aí eu disse que então podia continuar, mas que termine lo go, porque eu não quero nada do que é nos so gravado aí fora.

E: Você acha que os meninos do grupo não tão gostando de dar entrevistas, tão se chateando como isso, como é que estão sendo essas entrevistas pra vocês?

M: Pra dizer a verdade eu já tinha to mado a decisão, mas como eles disseram que era prum trabalho pra senhora, eu deixei eles continuar.

E: Mas por que até as seis horas de ho je?

M: Porque sim, porque Deus não permite isso.

E: Que Deus?

M: Nosso Deus, do candomblé. Como eu dís se, eu não confio em ninguém, então a se nhora tem de terminar isso daqui até o fi nal da semana.

E: Mas não dá tempo de todo mundo fa lar, até lá.

M: Mas é o máximo que eu posso fazer, e depois mais nada sobre isso, nada de entrevistas mais. A senhora inda tá trabalhando aqui?

E: Não.

M: E a senhora é de outra escola?

E: Não, eu saí da Fundação, agora só estou aqui pra terminar a pesquisa, mas não estou recebendo salário nenhum da Fundação, eu venho aqui só pra continuar as entrevistas.

M: E pra onde vão essas fitas?

E: Para a universidade, para o trabalho que eu estou fazendo lá.

Com o passar do tempo, após este ajuste de contas, Manoel sentiu-se mais seguro e confiante, passando a falar com desenvoltura sobre as regras e funcionamento do grupo, sem transparecer inquietações sobre o conteúdo de nossas conversas. Independentemente de suas reações, eu sabia que os outros garotos estavam de acordo com a continuidade das mesmas, o que me era transmitido por eles próprios:

**Entrevistadora:** Vocês tem discutido alguma coisa, comentado sobre a pesquisa?

André: Temos sim. Eu tenho conversado com o Raimundo, uns dos caras que eu mais gosto aqui na escola, é o Raimundo, não sei se a senhora já percebeu isso. Se bem que ele é mais agarrado com outros, com o Manoel, o André, mais isso não que dizer nada, eles me perguntaram, o pessoal do

grupo, o que que eu tinha conversado com a senhora. Eles gostaram das entrevistas, eu disse que ia voltar hoje, eles também acharam interessante.

Muitos menores, aliás, costumavam vir espontaneamente à minha sala para darem entrevistas, principalmente quando se tratava de falar sobre o grupo e a escola. Suas impressões sobre o grupo em si, no entanto, revelam níveis de envolvimento diferentes.

André: Estou gostando de ter um grupo assim, que me alegra muito bem. De eu ter assim um dia triste, e ter eles, homossexuais, comigo. Eu tou satisfeito.

Raimundo: Eu me sinto bem, eu não me sinto mal não, eu sei que tô lá por que quero, porque eu posso sair à hora que eu quiser. Eu tô satisfeito com o grupo. Por que ali dentro, ali, eu me sinto bem. Só tem pessoa igualzinha à mim, pessoa que entende os meus problemas, e que eu entendo os problemas deles. E sei lá, tia, como eu vou explicar? Eu gosto do grupo.

Entrevistadora: E antes, quando você tava na rua, você não tinha outro grupo?

R: Não. Não tinha mesmo. Apanhava aqui, batia ali, levava briga pra aqui, levava briga para ali, agora tia, agora é que eu tô botando a cabeça no lugar. Ih, de pois dessa, que tem quantos meses né? Ih, tá as mil maravilhas, sabe. Não me arrependo de nada, sei lá. Até em matéria de marido, a gente discute. É o maior barã

to, a maior delícia. Tem um dia que é só para elogiar uma, e outra, e falar dos maridos, falar as coisas à sério, o que se deve fazer, o que tá errado. Sei lá, mas é o maior barato. Eu gosto, me amarro, é uma curtição.

E: Vocês acham que a maioria do grupo de vocês, dos homossexuais, gostam daqui?

R e A: Ah, gostam. Gostam sim. A maioria gosta.

E: Mas a maioria dos outros alunos, pelo que eu ouço aqui, acho que não gostam daqui. Que é que vocês acham?

R e A: É, acho que não (ambos respondem juntos).

E: Vocês acham que vocês tem uma vida mais livre, com mais amizade, aqui dentro?

R e A: Hum. Hum. (juntos assentem).

R: Ah, nós temos.

Mauro: Eu gosto do pessoal, a gente pelo menos se defende lá no pátio, o que precisa se defender. Aí é legal, também a gente fica conversando, lá atrás, é melhor do que ficar por aí, na escola. Só isso.

Arnaldo: Graças a Deus que têm eles aqui, senão isso aqui ia ser uma chatice. Pelo menos a gente se diverte, namora, ah, tia eu tôu tão apaixonada... As vezes a gente briga, não se entende, sai no pau, mas a gente tá sempre junto, passa o dia junto, isso também conta né?

Manoel: O meu grupo eu já considero um pouco mais avaliado, pelo fato de eu estar dirigindo ele. Mas mesmo assim ele causa problema neste sentido. Porque as vezes eles fazem muita coisa errada.

Entrevistadora: Então você os considera como família.

M: Não. Como amigos, mas família não.

E: E não te custa muito largar esses amigos?

M: Não.

Genildo: A reunião da gente não tem dia marcado não, é uma vez por mês, mais ou menos, mas a gente vive junto o tempo todo. Só anda três, quatro juntos. A gente vê T.V. juntos, na horas de dormir, dorme tudo num quarto só. Se uma tá fumando, a outra vai logo levar cigarro pra outra, todo mundo toma banho junto, uma ajuda a outra a vestir, usa o sabonete da outra. Quando tem cigarro todos fumam. Se não, fica todo mundo sem fumar.

E: Você conhece outro grupo assim, aqui na escola?

G: Nunca reparei isso aqui no pátio, não.

E: Você acha que essa amizade vai continuar lá fora?

G: Não, acho que não.

E: Então você acha bom ter um grupo pra você conviver aqui na escola?

G: Também se não tiver não faz falta não.



E: E como é que você se sente, no grupo daqui?

G: Mais ou menos, regular, não sei nem explicar. Tem hora que a gente tá bem, tem hora que a gente briga. É por isso que eu não me dou bem. Eles gostam de ficar correndo pra lá e pra cá, no pátio, e eu não gosto. Fica um dando tapa no outro, um correndo do outro, jogando troço no outro, jogando coisa, e eu não gosto de brincadeira, gosto de brincadeira, mas sou mais amarrado. Então eu chamo eles e digo, para de vacilar gente, fica cheio de vacilação, depois fica dizendo que é homossexual, que tem valor, não sei o quê, aí isso não pega bem, não, eles começa a perceber que eu tôu mangando deles, aí começa a pagar pra mim, eu como fico atrás ... Agora, se falar pra mim, pode não ser comigo, mas se dizer que tem dez monitor batendo em aluno lá na portaria, aí eu chego lá e começo a briga, eu gosto mais de uma bagunça, do que de brincadeirazinha, porque eu não gosto de covardia, aí que começo a pagar pra todo mundo. Eu não faço de bom, mas sou tão bom quanto mau.

E: E você acha que é vantagem pertencer ao grupo?

Silêncio.

E: O que é que você vê de bom no grupo?

G: Vejo nada.

N: Nada?

G: Não ganho nada, só proteção.

E: Bom, isso já é uma vantagem.

G: Pra mim não. A hora que eu quizer me separar deles eu me separo, eu sempre vivi sem eles.

Paulo: Eu gosto de pertencer ao grupo, mas eu ando meio afastado, converso, sabe, mas não ando assim, junto, não, ando mais destacado. Eu prefiro assim, andar mais sozinho mesmo.

E: Você acha que pelo fato de você pertencer a um grupo de homossexuais você vive melhor aqui na escola?

P: Não.

E: Você acha que eles gostam aqui da escola, o pessoal do seu grupo?

P: Aparentemente, mas no fundo acho que não.

E: Vocês não comentam isso no grupo?

P: Não comenta muito não.

E: Em todo caso, vocês fogem muito pouco, não, o pessoal do grupo.

P: É.

E: E você acha que os homossexuais tem uma vida melhor aqui na escola do que os outros?

P: Não, é a mesma coisa.

E: Você vê alguma vantagem?

P: Não, eu não vejo nenhuma vantagem. Porque a gente faz a mesma coisa que eles: vê televisão, passeia, tem os mesmo psicólogos, tudo.

Entrevistadora: E como você se sente no grupo?

João: Eu me sinto meio distante. Por exemplo, o Gilson, um cara do grupo, se ele diz uma coisa, e depois eu boto cara a cara, é tudo mentira, ele desmente, então, com todos aqui eu levo mais ou menos numa boa, é como com os inspetores quando eu puder ir numa boa pra rua, eu vou, porque eu não me sinto seguro aqui dentro. Porque aqui dentro tá arriscado qualquer hora eu levar uma porrada, sei lá, eu brinco, falo, e tal, mas eu tou sempre tenso, esperando tudo.

E: Mas você tem algum amigo nesse grupo de homossexuais?

J: Não. Só tem um garoto que eu conheci nessa escola do Patronato, só um. Porque mesmo na rua, se a senhora me ver em boite, é ou em qualquer lugar, não vai me encontrar em grupo não, eu não gosto não.

E: Mas você não anda com o pessoal do grupo?

J: Eu ando, mas é difícil. Eu fico separado, eu não me junto não, porque eu não gosto de certos leva e traz.

André: Aqui na escola eu gosto dos meus amigos, que são homossexuais, porque os outros caras da escola não gostam da gente não. Um homossexual os garotos não aceitam, como homossexual, fica ao lado deles. Por exemplo, um dos homossexuais se regenerar, ser homem, não aceitam, eles

acham que desmoraliza a classe deles. Mas eu nunca tive relação com um outro homossexual que não fosse homem né? Quando eu rodei eu tava com um colega homossexual, ele foi desligado antes de mim, de lá do I.P.S., e lá tinham outros garotos homossexuais, aí todo mundo me conhecia, como homossexual.

Criticando ou não a atuação de seus colegas, vemos que a maioria dos meninos estão reunidos sempre juntos, frequentemente partilhando objetos e ganhos extras, além de se defenderem mutuamente. Ainda que alguns deles tenham se referido com indiferença ou menosprezo à sua ligação com os demais membros, devemos levar em conta que a opinião deles também varia muito, dependendo das brigas e alianças em vigor naquele dia. De qualquer modo, para todos eles, o grupo aparece como sendo um fator importante, principalmente no tocante à relação com os outros alunos. Todos eles sabem que além da amizade que possam ter uns pelos outros, nestas circunstâncias em que estão, o grupo lhes é profundamente útil. Sabem que estão inseridos num círculo vicioso do qual não podem sair, pois, uma vez declarada a sua homossexualidade ao entrarem na escola, todos os alunos os tratarão como "bichas" e que o grupo, embora seja objeto de discriminação por parte dos outros alunos, lhes ajuda a se protegerem e a conquistar seus direitos na escola.

3. O homossexualismo no contexto institucional  
regras e características peculiares ao grupo

O internamento na João Luís Alves gera várias mudanças no modo dos garotos conduzirem sua homossexualidade, pois, além da ideologia transmitida pelos funcionários, os garotos precisam adaptar o seu comportamento à dinâmica da escola.

Uma das modificações que a permanência na escola introduz em suas vidas, por exemplo, é o fato de poderem escolher a forma de abordar sexualmente o parceiro, já que não precisam de prostituir-se. Esta situação, por si só, ilustra a importância que a Funabem ocupa neste período, propiciando transformações bastante significativas no modo de pensarem e agirem:

Paulo: Bem, aqui na escola, todo mundo me conhece como gay, mas lá fora eu não sei se pareço gay não, porque eu não gosto dessas coisas de pintar unhas, usar maquiagem, sabe, andar todo se requebrando. Eu acho isso muito chato. Eu já fiz, sabe, já me pintei, já tomei remédio pra ficar com seios, já usei faixa nos cabelos, mas isso foi quando eu fugi de casa. Por causa de desgosto, sabe, de trauma dos pais, e ter que viver assim, ter que batalhar, eu tava contra tudo e contra todos.

Embora a influência da escola apareça até na linguagem que Paulo utiliza, o termo "trauma" tendo sido empregado possivelmente em atendimento com psicólogos e assistentes sociais, é a influência do grupo que, a nível mais direto, induz o comportamento desses meninos, os quais, geralmente, não associam as modificações introduzidas no seu comportamento ao internamento. No entanto, as regras de higiene, de conduta, e várias outras normas estabelecidas entre eles fazem parte do contingente de valores transmitidos pelos monitores, professores e técnicos da escola, tanto através de atendimentos formais como em conversas particulares no pátio e nos corredores da mesma. Além desta influência, os próprios menores estão empenhados em não se deixarem menosprezar pelos outros alunos, e menos ainda, pela equipe técnica da escola. Surge daí, conseqüentemente, a aptidão para estabelecerem regras de conduta que não os prejudiquem, e que os possibilite interagirem menos conflituadamente com os alunos e funcionários, diminuindo as oportunidades de serem ridicularizados e humilhados. O comportamento característico de "boy" aparece então, como o tipo de conduta mais condizente com as circunstâncias em que se encontram:

Manoel: Aqui eu respondo por todos, na rua não. Lá eu falava ... no meu grupo tinha três travesti, os outros já era "boy", como a gente é agora, então eu dizia que a gente devia andar bem arrumado, charmante, assim pra chamar mais atenção,

deve, andar limpo, com dinheiro, não deve ficar cedendo sua casa pra ter dinheiro, não, tem que saber ganhar dinheiro, ter um bom diálogo, esse problema de tóxico. Aqui dentro o grupo diz que faz o que faz lá fora. Mas lá fora o grupo que eu tava não fazia, nem lá fora nem aqui dentro.

Entrevistadora: Não fazia o que?

Manoel para Raimundo: Você fica cha teado se eu falar isso?

R: Não.

M: Vou falar claramente: chupar pau. Lá fora eu não permitia. E aqui também não permito.

E: Por que ?

M: Simples fato, eu acho que o homossexual pra ele ser homossexual não é pre ciso isso. Eu acho que a parte dele transar com homem ele tem que ganhar o homem, bastante, pra que ele só possa transar com ele, e outras coisas mais, mas sem ser chupar pau, porque não pega bem, acho que nem pruma mulher, porque eu considero uma pessoa que usa isso no sexo, uma ver dadeira porca. Uma pessoa assim sem higie ne, mental, pessoas que não se dão valor, pra mim eu considero assim. Porque o ho mem, a senhora sabe, ele transa com mil e umas pessoas, ele tem doença, tenha ou não, as vezes, é ansioso, as vezes não é, as vezes anda bem vestida, as vezes não, e tudo isso é que eu não gosto, lá fora também avisava, e podia falar com franqueza, de quem não fazia isso. E fala

va isso pra boy e pra travesti.

R: Boy, tia, é eu. A travesti é aquele que é uma mulher e vive na conduta de uma mulher. Usa cabelo grande, vestido, unhas pintadas, maquiagem. Agora boy não, ele usa assim uma roupa meio afeminada, é mais masculina, unissex. Então, nós somos boy.

E: E todos são "boy" aqui no grupo?

M: São.

E: Todo mundo tem que ser "boy"? Não pode ter jeito de mulher?

M: Jeito de mulher pode. Só tem que ver o que fez. Chupar pau é proibido, é coisa de mulher.

André: Eu nunca gostei.

R: Eu já fiz uma vez (ambos ríem muito).

E: Mas quando vocês estão na rua vocês não fazem isso não?

Todos: Não.

E: Mas, vocês não tem que fazer isso?

Todos: Deus me livre e guarde.

E: Nem quando vocês recebem dinheiro?

M: Não (risos). Como eu disse, é cortar o vício, se não totalmente, pelo menos pela metade. Aqui dentro eu não admito mesmo. Se fizer, vai pro paredão. Boto mesmo. Aquelles que são do meu grupo não chupa pau. A gente vive no meio dos alunos, a gente come no meio deles, a gente fuma da boca deles, eles fumam da boca



da gente, por isso, limpeza. Quando eu tava na rua a gente sentava num prédio, embaixo, e se reunia, batia papo. Se alguém pegasse uma doença, alguma coisa, a gente não ligava muito, deixava passar. Mas aqui a gente quer saber quem passou a doença, porque.

E: E você acha correto ganhar dinheiro com o próprio corpo?

M: Pra dizer a verdade, não acho. Eu acho que o homossexual pra ficar mais bonito na posição dele, deve trabalhar, pra se formar, e fazer o que ele quer. Se ele quiser ser travesti, vai ser travesti às custas dele, não às custas de ninguém. Não precisa ficar gastando o corpo dele na rua. Trabalhando, juntando seu dinheiro, ele faria não só melhor para ele próprio, porque evitaria de entrar em cana, rodar, como também conservaria ele mesmo. Teria se formado sem gastar muito.

E: Na rua você já pensava isso?

M: Um pouco.

E: Mas você praticava isso?

M: Nem sempre. Eu não me prostituía sempre, mas eu pagava.

E: Você acha que você veio a ter esse pensamento aqui dentro da escola?

M: Não só pela escola, há um pouco de tempo antes.

Conforme o próprio Manoel aludiu na expressão "cortar o vício pelo meio", todos sabem que os valores e nor

mas citados acima expressam muito mais a "bandeira" do grupo, do que propriamente a vivência dos meninos no dia a dia. Daí, porque, entre eles próprios, surjam risos e brincadeiras a este respeito, já que, alunos e funcionários, sabem a pouca verdade que estas afirmações contêm. Da mesma forma, "gay", "bicha", ou "travesti", são rótulos que, no cotidiano deles, não são seguidos à risca, cada um deles adotando o comportamento que mais lhe convém, num determinado período. Para eles, é muito mais importante unirem-se em torno do fato de todos serem declaradamente homossexuais, característica que os distingue dos demais alunos, e estabelecerem prerrogativas próprias para o grupo, do que assumirem uma modalidade única de conduta. É, na verdade, o modo de falar, de andar, e o seu comportamento em geral, que lhes é cobrado e que lhes uniformiza, ninguém na instituição interessando-se em esmiuçar detalhes de conduta, aparência e opinião que os diferencie entre si. Isto não impede, porém, que a figura do "boy" seja "oficialmente" a mais valorizada entre eles, porque é ela quem expressa as características que eles, contudo, procuram privilegiar neste momento. O "boy" será, então, o homossexual que acrescenta à sua aparência masculina "toques" femininos, sendo portanto diferente do travesti, o qual assemelha-se totalmente à uma mulher. O "boy" não nega, também, a natureza masculina do homem, e evita exagerar a feminilidade que demonstra, aliando à sua aparência comedida, um comportamento discreto. Contudo, devemos levar em conta

que, mesmo sendo ressaltada a aparência "unissex" do homossexual "boy", e sendo mantidos aspectos de sua masculinidade, os menores continuam muito ligados à aparência feminina que sempre exteriorizaram, e, por isso, continuam a assemelhar-se, de qualquer forma, à imagem característica da mulher:

Manoel: Eu sou um homem praticando o papel de mulher...

Entrevistadora: Mas porque você usa pintura, calça justa, penteado, igual a mulher?

M: Porque é o hábito da gente, a gente gosta, por isso eu não me considero mulher, me considero homem normal.

Paulo: Eu não me considero uma mulher, eu me considero um homossexual. Tem uns homossexuais que não tem vergonha de pasar na rua e ouvir piada, entrar no ôni-bus, no cinema, e ouvir coisas. Pelo que eu ouço dos papos de muitos aí, é isso. Do meu ponto de vista isso pode até parecer uma crítica, mas não é, mas eu acho que o homossexual deve ser assim mais pra masculino do que pra feminino. Por exemplo, homossexual assim como eu sou, eu acho que não precisa tá de unha comprida, cabelo enrolado. Agora, pro homossexual que já tem seio é diferente, porque ele já se sente mulher, não?

E: E você se sente mulher?

P: Eu não, não me sinto não.

É preciso ter em conta que a ambiguidade e até mesmo as mudanças de opinião são muito comuns nesta faixa etária, e, principalmente nestas circunstâncias. Os garotos, dentro da instituição, mudam freqüentemente de humor e interesses, e acontecimentos inesperados podem levá-los a pensar completamente diferente do modo anterior. Neste momento, eles não têm nenhum compromisso definido com idéias ou comportamento, à exceção, é claro, dos pontos realmente básicos que constituem as normas do grupo. Assim, geralmente quando ficam "apaixonados" e se envolvem numa relação amorosa, podem mudar, ainda que temporariamente, de atitude. É por isso que, embora Raimundo tenha dito anteriormente que era um "boy", num outro momento em que lhe acontece uma paixão correspondida ele passa a sentir-se plenamente como uma mulher, o que certamente irá alterar o seu modo de andar, de falar, etc ... até que mude de namorado.

**Raimundo:** Eu tô apaixonada pelo Clésio, todo mundo sabe, inspetor, monitor, todo mundo. Ih, é tão bom. Eu curto. Sabe como é, eu não gosto de amor fácil. Eu gosto de lutar, eu me amarro. Sabe o que me deu uma grande alegria? Esse cara que eu gosto veio dizer pra mim que queria ficar comigo. Tia, se alguém viesse enfiar em mim um alfinete acho que eu estourava. Eu tava tão cheia, tão emocionada, tão contente. Me sentia uma mulher. Eu me sinto uma mulher ...

Nem sempre, porém, as transformações na maneira de encarar a homossexualidade que demonstram são tão facilmente assimiladas, pois, de modo oposto à Raimundo, passar a sentir-se como uma mulher durante um namoro é, para André, origem de muitos conflitos quanto ao comportamento que deve adotar:

André: Eu agora me sinto uma mulher. Agora, não sei porque, sabe? Sei lá, quando o meu namorado vai praticar sexo comigo ele fica alisando a minha perna, sabe? Agora, minha perna tem cabelo. Ele não fala nada mas eu acho que ele pensa que eu deveria me depilar, eu não sei, sei lá, ele não fala nada, ele fica alisando assim, né, passando a mão, nas minhas pernas, e os cabelos da minha perna são bem ásperos, então eu não sei não, o que que a senhora acha que ele pensa, que que eu devo fazer?

Se sentir-se mulher constitui, para alguns garotos, uma mudança temporária, para Gilson este sentimento faz parte do seu cotidiano, durante todos os momentos:

Gilson: Eu me considero como uma mulher em várias coisas:

Entrevistadora: o que, por exemplo?

G: Sei lá, me sinto assim, feliz, bem, na relação homossexual também me sinto bastante bem, bastante seguro pra isto, não fico excitado com certas coisas, certas

bobagens, então me sinto bastante seguro, pra dizer que estou bem neste caminho que eu escolhi, eu me considero uma mulher, junto com as outras, eu me considero. Eu tenho preconceito com elas, então elas tem uma confiança em mim, como se eu fosse uma mulher.

E: Mas você se sente mulher?

G: Me sinto mulher. Eu tenho prazer de ser mulher.

E: Mas você não se sente um homem que tem vontade de transar com um outro homem, ou é uma mulher que tem vontade de transar com um homem?

G: Me sinto uma mulher que tem vontade de transar com um homem. Eu sei fazer com que eles não sintam falta de ter uma mulher, que o bom está junto comigo, faço o melhor pra agradar eles.

E: Mas você sente que tem maneira de mulher?

G: Posso até não ter jeito, mas sinto que sou como uma mulher.

Por causa desta sua forma de pensar, Gilson, exceção entre todos no grupo, torna-se em sua ausência, motivo de risos entre seus colegas. Estes, por sua vez, nada fazem ostensivamente para mudar seu modo de agir, pois, como já dissemos anteriormente, não existe pressão para que todos os membros do grupo adotem o mesmo comportamento:

Entrevistadora: Tem homossexual no grupo de vocês que se sente mulher?

Manoel: Tem. Gilson. O homem quadrado. Pôrra, o cara tem um ombro quadrado dessa largura e se sente mulher. A gente fica revoltado. Eu falo com ele mais ele fica chateado comigo. Eu não falo pra ele ficar chateado comigo, mas é verdade. O cara tem ombro dessa largura, tem as pernas grossas, a pele toda branca, parece que tomou infravermelho, cheio de pinta vermelha na cara, no braço, na barriga, então não tem mais o que segurar, o tamanho da barriga dele, pelo amor de Deus, tem que ser herói.

E: E vocês implicam com ele?

M: Não, não, a gente observa, a gente ri também. Ele sabe que a gente observa ele.

Além do modo de encararem sua homossexualidade, as normas sexuais constituem um dos temas mais discutidos no grupo, porque fazem parte do comportamento que deve ser adotado dentro e fora da escola, e porque definem a própria identidade do grupo. Para os menores tais normas são fundamentais, pois são o eixo que rege sua relação com os garotos alunos, distinguindo-se deles. Certamente, entre estas normas, a principal é a posição sexual a ser adotada durante o ato sexual, já que é o comportamento "passivo" que atua como o distintivo que lhes confere a designação de "homossexuais".

Mas, do mesmo modo que não existe uma uniformida-

de quanto ao modo de exteriorizarem sua homossexualidade , a diferenciação entre "homens" e "mulheres" a partir da posição sexual adotada durante o ato sexual é praticamente inexistente. Tanto entre os alunos da escola, como entre os membros do grupo, é sabido que a separação da identidade feminina e masculina a partir destas características é fictícia, servindo sobretudo para demarcar aqueles que querem assumir perante a comunidade, escolar ou outra, uma forma específica de conduta. É por isto que Mauro diz que muitos meninos, alunos da escola, enrustidos ou não, mantêm relações de natureza sexual em que adotam ambas as posturas, embora estrategicamente não o digam, a fim de não "declararem" sua homossexualidade e portanto, para não assumirem o papel de "bicha", ou de "mulher", perante os outros. É preciso ressaltar que a revelação do papel sexual que ocupam durante o ato sexual também não convém aos homossexuais declarados, os quais, na ocasião, teriam sido por consequência, os "homens", o que não lhes conviria em absoluto afirmar, pois além de serem considerados "giletes", perderiam o direito de pertencer ao grupo, cuja função é proteger e criar prerrogativas para os homossexuais "bichas". Isto não impede porém que dentro do grupo todas as formas de relações sejam comentadas para que se possa saber, internamente, quem são os "viados" e quem são os homens, entre os outros alunos da escola.

Mauro: Aqui na escola tem de tudo, é cheio de homossexual enrustido, que tem



medo de se declarar.

Entrevistadora: Eles são passivos ou ativos?

M: Ah, tem de tudo. Na verdade, até no nosso grupo tem homossexual que é ativo, só que eles não gostam de dizer, sabe, fica chato. Ninguém gosta de ser "gilete". Eles falam que são passivos, mas é claro que isso não é verdade, é porque eles não contam. Eles são ativos até demais.

E: E porque que eles não falam que são ativos?

M: É porque eles ficam envergonhados, não gostam de falar. É porque o pessoal fica falando, afinal tu é homem ou é viado?

E: Quer dizer, ou tem que ser viado ou tem que ser homem?

M:É.

E: Mas por que precisa ser assim tão separado? O homem as vezes não pode ocúpar o lugar da mulher, ou ao contrário?

M: Não, não pode não, senão não fica bem, sabe, a gente não se sente bem não, não é uma coisa nem outra, sabe, é como se fosse dois homens juntos ou duas mulheres, sabe?

E: E vocês, quando descobrem que um aluno é enrustido, ou que quer transar com vocês, vocês contam pros outros garotos?

M: A gente não fala muito não, mas entre a gente sim.

E: Tanto faz ser ativo quanto passivo?

M: Bom, se for ativo ainda passa, mas se for passivo, aí não, porque estraga o segredo.

E: E se vocês contarem, causa muitos problemas?

M: Claro, com a gente não tanto, principalmente com eles, porque fica todo mundo falando.

E: E entre vocês, vocês comentam?

M: Entre a gente a gente fala, claro, porque a gente precisa ficar sabendo o que se passa lá fora né?

E: Quer dizer que no fundo vocês ficam falando pra gente, pros outros, que são passivos, e tal, mas entre vocês não é bem assim, né?

M: É porque a gente é tudo uma cabeça só, o que um faz o outro faz, não tem diferença. Pra nós, um pro outro, a gente declara, a gente comenta, até as coisas de higiene, tudo. Antigamente tudo era diferente. Até pra tomar banho a gente ia de biquini, não usava cueca não, ninguém podia ver a gente, a gente ficava como se fosse uma mulher, mesmo. Quando a gente transava a gente tinha que tampar aquela parte, sabe, pra ninguém ver. Hoje já é diferente, todo mundo já vê, não precisa esconder.

E: E tem muito homossexual incubado aqui?

M: Tem. Os monitores tavam falando que se fosse fazer um exame na escola iam achar trinta e dois homossexuais metidos a homem sem ser, incubado.

E: E porque eles não se declaram?

M: Não sei. Talvez vergonha, dos pre  
conceitos. Tem muito tempo que ...

E: Então esse negócio de ser ativo, pas  
sivo, é só uma forma de manter as aparên  
cias, né? Tá todo mundo fazendo de tudo,  
e tá todo mundo sabendo de tudo.

M: É isso mesmo, tá todo mundo fazendo  
de tudo. A gente não presta tia. Mas pra  
ser uma pessoa decente, a gente só pode  
transar de um lado, sabe como é, senão vi  
ra bagunça.

"Passivos" ou "ativos", a diversidade de postu  
ras relativas ao ato sexual não determina necessariamente um  
determinado tipo de aparência e de conduta. Assim, qual-  
quer um que adote uma destas posturas, pode, sem compromis  
so, escolher como prefere "atuar" no dia a dia, seja sen-  
tindo-se como uma mulher ou optando por várias outras moda  
lidades. Manoel, que se considera um "boy", por exemplo,  
afirma que só mantém relações sendo "passivo". Portanto, o  
fato de que o "boy" conserve certos traços masculinos, não  
impede que sexualmente comporte-se com o modo de ser atri  
buido às "mulheres".

**Manoel:** Eu não como ninguém, eu só  
transo com homem que quer transar comigo.  
Mas isso não acontece com todo mundo, eu  
não boto minha mão no fogo. Tem gente que  
fala uma coisa e faz outra.

Se, "boys" ou "gays", os garotos não precisam

sentir-se ou atuar como "mulheres" em todos os momentos, esta peculiaridade ainda é, de qualquer forma, o traço definitivo do grupo. Uma das características que podemos citar como exemplo desta atitude é o fato de todos eles chamarem-se por nomes femininos, situação que, simultaneamente, como o próprio grupo, é discriminatória e vantajosa. Desta forma enquanto todos os outros alunos da escola são conhecidos por números que já pertenceram a outros alunos anteriores, números que lhes são dados logo na entrada, os homossexuais serão os únicos a serem chamados por um nome que os particulariza. Possuem também inúmeras peculiaridades que lhes são próprias: roupas, penteados, adôrnos, através dos quais distinguem-se entre si e dos demais alunos. Se, por um lado, são alvo de zombarias e desprezo por parte de alguns alunos e funcionários, por outro, são aqueles que recebem um tratamento mais individualizado na escola, tratados por nomes próprios e, de certa forma, mantendo-se alheios à padronização que os outros alunos ostentam. Cada um deles, então, compõe uma imagem específica, e, a cada um corresponde um determinado nome de mulher. A título de reconhecimento, vale a pena citá-los, pois muitas vezes, eles aparecem nas entrevistas: Manoel é chamado de Valéria, o Mauro de Pepita, o Arnaldo de Isabelle, o Raimundo de Luana, o André de Joana, o Paulo de Grace, o Gilson de Patrícia, e o João de Lua.

Além dos nomes femininos que os unifica como um todo, os menores do grupo também conseguem comunicar-se en

tre si de uma forma particular. Procuram deliberadamente se parar-se dos outros garotos e funcionários para trocarem in formações pessoais, utilizando para tanto uma linguagem que só eles compreendem, originária do candomblé. Neste culto, como Fry observou em Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros (1982), os homossexuais não discriminados co mo em outras religiões e lugares, mas, pelo contrário, são aceitos sem problemas, razão pela qual os garotos mostram tanta afinidade com o mesmo, alguns já tendo inclusive fre qüentado algumas sessões. Certamente, entre eles, não há ne nhum conhecimento mais profundo do culto em si, mas apenas a apropriação de determinadas palavras, relacionadas com te mas que desejam manter em segredo, ou alvo de seu interesse:

**Entrevistadora:** E me diz uma coisa, que palavras são essas que você falou?

**Gilson:** Ah, isso é negócio de centro es pírita, a maioria dos homossexuais tem es sa gíria, esse modo de falar assim. Assim, adé, mona, okó.

**E:** E o que quer dizer isso?

**G:** Quer dizer que se eu tenho um rapaz, uma moça, comigo ou com a senhora, então ekê significa mentira. Aí o rapaz não en tende dessa língua, e a senhora entende, eu tō conversando com a senhora aqui e eu digo, o ekê dele é finan, então eu tō que rendo dizer pra senhora que ele tã bem sério mentindo pra gente.

**E:** Finan é o que?

**G:** Finan quer dizer que a mentira dele é bem séria, que o okô significa homem, adê significa sexual, mona, mulher, tabano gira é maconha, taba é cigarro, penis é nêka, nosso ânus a gente chama de êdi, cabelo, de mukinam, fósforo de xanã, e tem mais coisas ainda. Comida de agcum, carne a gente fala bicho de quatro pē, cama a gente fala ilê de kundaná, manã quer dizer dormir, tomar banho a gente fala maionga, fazer pé é dar nena, urinar é ômi, tomar café é ômi dundum, então, essas coisas.

**E:** E onde você aprendeu essas coisas?

**G:** Eu aprendi isso quando eu fui fazer meu santo, lá em Santa Cruz, na casa da Maria da Oxossi.

**E:** É de candomblé?

**G:** É, homossexual frequênta muito esses lugares.

**E:** E os outros alunos, conhecem essa linguagem?

**G:** Não. Muitos poucos alunos homem conhecem essa linguagem.

**E:** E os homossexuais daqui, todos conhecem?

**G:** Conhecem.

**E:** Mesmo aqueles que nunca raspam a cabeça?

**G:** Mesmo aqueles, nós ensinamos a eles. Bicha velho, de sexo velho, é maricona, mukinã de ekê é peruca, oxô de amapô é vestido, é saia, abatã é sapato, xocotô é biquini.

Raimundo e André entram na sala e participam da entrevista:

E: Vocês frequentam o candomblê?

R: Eu vou.

A: Eu só vou as vezes.

R: Oco é homem, amapô é mulher, adé é homossexual, ajeum é comida, ekê é verdade, amidum dum é tomar café, é linha, bofe é homem, taba é cigarro, tabanojira é maconha, cona é viado velho, enquendo a mapô é sair correndo, uô é pessoas chata, nojenta, antipática, ojun é olhos, nêki é penis e mala é penis também, conda maiõn ga é tomar banho, jenzá é comer, gravar é chupar pau. Papapum é revolver, edé é bunda, papapúm é ... (todos riem), é ... "coisas pequenas", odara é "coisa grande", nêka é penis, atifunfim é fedendo, naonda é apaixonada, oxum é ouro, tique é relógio, muko é cabelo, azuelá é roubar. As vezes a gente fala: vamos azuelá aquela amapô? Vou fazer a linha tá tia?

E: Fazer o que?

R: A linha. Tumar café. Linha é nos sa linguagem, É café. Chama linha café. Linha Abin dum dum. Por que a senhora não faz uma fita só pra saber a linguagem que nós temos?

Diversidades e características comuns à parte, os namoros e casos amorosos que os garotos mantêm na escola mostram-nos de modo mais dinâmico a relação que eles pos

suem com sua homossexualidade, e o tipo de entrosamento que há entre eles e seus parceiros. Podemos perceber também no tópico seguinte, relativo à sua vida amorosa, as mudanças que o internamento gera na maneira de interagirem afetivamente com seus "casos" e namorados.

#### 4. Os namoros e casos amorosos durante o internamento

A perpetuação de casos amorosos iniciados antes da institucionalização torna-se muito difícil a partir do momento que os garotos entram na João Luís Alves. Muitos deles, como João, sentem-se contentíssimos quando são enviados para a mesma escola que seus parceiros, achando que poderão inclusive intensificar a relação com seus namorados. Este desejo, no entanto, dificilmente será realizado, pois, geralmente é o contrário que ocorre. Convivendo no mesmo ambiente, o contato diário traz-lhes uma série de problemas: ciúmes, rivalidades, e contínuos desentendimentos, principalmente quando o parceiro relaciona-se com uma mulher. Estes encontros ocorrem com bastante freqüência, porque faz parte da rotina da João Luís Alves a realização de festas durante um ou dois sábados por mês, para as quais são convidadas meninas de escolas públicas próximas e da FEEM (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor). As vezes, outros menores da Funabem também são convidados, e do encontro entre internados e visitantes surgem fatalmente ciúmes e brigas. Estas situações dificilmente são bem resolvidas, pro



longando-se os momentos de agressão durante muitas sema  
nas, pois as brigas ocasionadas por cenas de ciúme são cau  
sadoras de ódios violentos, ocasião em que os menores rea  
vivam a agressividade que utilizavam nas ruas. Alguns me  
nores sentem-se perplexos pelos sentimentos que surgem nes  
tas horas, mas, na maioria das vezes, não é a aceitação,  
e sim, a raiva, que sucede os desfechos de seus namoros. O  
relato de João, abaixo, é um dos exemplos das dificuldades  
que os garotos homossexuais e seus parceiros enfrentam para  
levar adiante um relacionamento mais prolongado na escola :

João (referindo-se ao seu namorado):

Aí quando foi numa festa junina veio  
um cara pra mim e falou: ele é teu caso?  
Eu falei: é, aí o cara falou: que engraça  
do, ele disse que nunca teve caso com  
quiabo, e veio uma menina aí e ele disse  
que era namorada dele ... Mas lá no Padre  
eu ia cortar a cara dele todinha, com  
cinco giletes, uma em cada dedo. Porque  
a gente estudamo juntos numa escolinha lá  
no subúrbio, com oito anos, e depois de  
quatro anos eu encontrei ele de novo, e  
nós ficamo de caso, aí um dia eu peguei  
ele beijando uma mulher, aí eu contei tu  
do pra mãe dele, a mãe dele não sabia,  
ele tinha quinze anos. Ele agora tá com  
dezessete anos, mas o registro dele tá  
errado. Aí ele falou que ia me dar um  
tiro, e tudo, e a maior bagunça, e aí ele  
não quíz saber de mim. Mas um dia eu ta  
va bem na Central e encontro ele, e ele  
tava numa confusão, e eu ajudei ele, e

a gente ficou de caso de novo. E nós ficamos junto até agora. Ele pode até ter a mulher dele mais pra longe, mas perto de mim eu não aceito. A gente ficou junto em abril, e em junho eu rodei. Eu tava bancando ele, ajudando minha mãe e pagando as contas pra mulher que eu morava, aí foi quando eu rodei, e encontrei ele aqui. Aí quando foi no primeiro baile que teve no sábado ele se escondeu, e a Carla veio me mostrar, e disse, a garota é aquela ali, e ela doida procurando ele, né? E eu na minha. Quando foi no outro sábado a mesma coisa. E quando foi no baile da festa junina, eu tinha me descuidado, tava doente, sabe, mas tomei umas três pílulas, lá na enfermaria, aquelas ... aí fiquei jóia, o maior barato, e fui lá pro recreio, e quando cheguei no pátio um garoto me disse, olha o Flavinho, ele tá lá com uma garota, aí todo mundo vinha me falar isso, eu tirei três giletes de dentro da boca e fui perto deles, e falei pra menina chega aqui que eu quero te dar uma idéia. Aí ela disse, não faz nada em mim não que eu tô de barriga, e ela tava mesmo, mas não era dele não, aí eu disse, não é nada não, aí ele chegou, aí ele viu logo a minha intenção e chamou o inspetor, aí o inspetor perguntou, qual é o problema? e eu disse logo, é que esse safado sabe muito bem qual é a minha e fica atrás dessas mulher na minha frente. Aí ele disse que não tinha nada com isso, e acabou por aí. Só que todo lugar que ele ia eu ia atrás, pra

pegar ele, e já disse pra ele, primeiro, quando eu te conheci, você era um cara solteiro, livre, não tinha ninguém, e você ficou comigo, então não vai me pas sar pra trás com mulher nenhuma, então D. Elizabeth, se o cara me deu essa pa lavra que não quer ser só homem, ele tem que manter essa palavra. Aí eu falei, lembra do que tu me falou, que jamais eu ia te pegar com outra mulher, pois é, agora tem que manter aquela palavra, se não eu vou te arrebentar todinho. Aí ele falou, mas isso vai ser até quando? Aí eu disse, até quando tu cismar de apare cer com ela. Aí no sábado teve outro baile. Aí eu passo e vi ele acendendo o cigarro da tal menina, mas eu deixei prá lá, pra ver. Aí veio uma das colegas de la, veio não sei quantas pessoas me di zer, nesse dia eu tava legal, tava des se jeito que eu tô aqui agora, careta, aí todo mundo vinha me dizer, o Flavinho tá lá embaixo com uma menina, aí eu dis se, ah é, tá bom, Carla, segura o meu chinelo.

E: Quem é Carla ?

J: É uma bicha, lá de baixo, se chama Antonio. Aí eu amarrei a camisa aqui na perna, peguei as giletes na boca.

E: Mas como você bota elas na boca?

J: Ah, eu como, falo, faço tudo com elas, na boca. Agora é que eu tô sem elas aqui, durmo com elas, ninguém nem sabe. Tou cansado de entrar na delegacia, policia me dar geral com elas e nem tomar.

Eles manda eu abrir a boca e não acha. Bom, aí meti a mão na boca, e disse, o Flavinho, sabe qual é, eu te disse que no dia que eu te pegasse com uma mulher, eu ia te chamar de viado na frente dela e ficar esperando pra ver se tu é homem pra vim me dar porrada, aí eu comecei a arrasar com ele, ele ficou mais arrazado do que eu, que sou viado. Era tanto que até os colegas dele, que andava com ele, se separou dele, ele passou a andar sôzinho na escola. Ficava sôzinho no recreio, e os colega tudinho separado, em grupo. Ele ficou arrazadinho. Aí quando foi no domingo eu falei com ele, que ele me chamou e disse: você sabe qual é a minha contigo, essas mulher, não cheira nem fede, e tudo, aí eu disse tá bem, mas não me interessa mais ficar com você. Aí eu fugi, voltei, e fugi de novo. Aí quando eu voltei eu já soube outro lance dele. Ele disse que quando me encontrasse lá fora ia me matar. E eu na minha calado. Aí longe de mim ele falou o que bem quiz. E na frente me tratando bem. Aí um dia eu chamei ele e disse. Ô, Flavinho, eu tenho cinco tiros no corpo, dado por bandido, por causa de mulher, não vai ser você que tá pensando que vai me enganar. Se lá fora tũ puxar um berro pra me matar eu vou não é puxar um berro pra tí, mas um bom obê.

E: O que é isso?

J: Obê é navalha. Mas é o seguinte, eu não vou te mandar pro céu não, eu vou te

mandar é pro inferno. Aí ele e um amigo dele se juntaram pra falar mal de mim, aí eu cheguei no meio deles dois e disse: ô, você é safado, e tudo, e aí mesmo depois disso ele pegou no meu pé, e eu disse que não queria nada não, aí essa bicha amiga dele entrou no caminho, falou que queria ficar de caso comigo, eu não quero, aí ele se juntou com o Flavinho, aí eu tô na minha, sôzinho, mas ele diz que não, que tá me esperando.

Muitas vezes os desentendimentos entre os menores do grupo e seus parceiros, ao invés de serem ocasionados por ciúmes com garotas, originam-se das desconfianças e das "traições" que surgem dos mútuos envolvimentos de ambas as partes com os outros alunos da escola, e até, com colegas do próprio grupo. Neste último caso, torna-se mais fácil resolver problemas surgidos, porque os garotos do grupo estão preparados para aceitarem interferências dos outros membros e do seu líder, caso necessário. Porém quando as brigas envolvem um menor do grupo de um lado, e alunos da escola, de outro, crises mais sérias podem acontecer. De qualquer forma, seja qual fôr a composição que envolva os garotos em questão, no relacionamento deles surge a intensidade característica dos sentimentos nesta faixa etária, opondo-se violentamente amigos e inimigos, visto que, as relações amorosas neste período, embora muito inconstantes, constituem uma das principais preocupações dos menores na escola. Daí a importância do consenso entre

eles sobre a autoridade de Manoel para aplinar as brigas e discussões relativas aos namoros e "casos" que estabelecem com os outros alunos. Este pacto aparece mais uma vez na conversa com Mário, que esclarece o tipo de relação existente com as "transas" de seus colegas:

**Mauro:** Eu tenho um caso, todo mundo aqui tem. Quer dizer, caso mesmo, a gente não tem. Tem só umas transas, uma paixão, né? A Luana, a Roberta, a Patrícia, todo mundo tem, a Grace, que tem caso com o Flávio.

**Entrevistadora:** E quando um pega o namorado do outro, como é que resolve a questão?

**M:** Ah, A Patrícia entra em cena. Quando ela quer, ela bota a gente no paredão, aí bate de porrada, de mão, sabe? Mas isso é só às vezes, não é sempre não.

**E:** E vocês não se defendem não?

**M:** Não, a gente não se defende não. Nós mesmos é que elegemos ele, porque senão a gente ficava só errando né? Então ninguém se defende.

**E:** E vocês não se sentem mal por apalpar?

**M:** Não. A gente não se importa não. Também eu acho que, por exemplo, se eu apalpar, não fica tão mal quanto se fosse um cara mais másculo, não?

Os relatos dos menores mostram como é variável

o nível de fidelidade entre os "casais", embora em to dos eles haja, pelo menos "oficialmente", o comprometimento de exclusividade na relação. Uma vez envolvidos, os garotos seguem, aproximadamente, o padrão tradicional de relacionamento característico dos casais homossexuais, nos quais o envolvimento com outras pessoas provocam rupturas nas relações e são fonte de mágoas e ressentimentos. Através da narrativa de Gilson, podemos constatar a escalada de marginalização em que já estão nesta idade, pois alguns menores, mesmo que temporariamente, são enviados para a penitenciária de Bangú quando castigados por causa do seu comportamento dentro da escola. Este tipo de castigo, aliás, é usado em casos extremos, quando alguns garotos, ou mesmo um só, começam a "dar muito trabalho". Para a direção da escola, este procedimento é justificado como uma atitude preventiva, para que os menores sintam como é diferente o regime dentro de uma penitenciária e passem, por conseguinte, a se comportar melhor, deixando de lado certos hábitos e costumes que poderiam levá-los a serem presos ao saírem da Funabem:

**Entrevistadora:** (após uma entrevista com vários garotos):

Por que você deu o nome errado de João Pedro na frente de todo mundo?

**Genildo:** Porque tinha um menino aqui que eu não gosto, que eu não me dava bem

com ele, aí eu dei o nome errado pra que se ele fosse fazer macumba com o meu nome não caísse em cima de mim. Porque meu colega, sabe tia, brigou comigo, e eu acho que se ele for fazer alguma coisa, alguma covardia comigo, ele não vai fazer comigo não, aí eu dei o nome errado na frente dele. Meu nome certo é Gilson Antonio, matrícula ...

E: E ele tava aqui quando você me deu o nome?

G: Tava, é o Paulo.

E: É o Paulo, é? Vocês tiveram uma discussão aqui na escola?

G: Tivemos, por causa do tal maridinho dele, o Léo.

E: Ele estava aqui?

G: Não, ele não é desse grupo não, dizem que é homem.

E: Por que vocês brigaram?

G: Porque ele tinha ciúme desse tal Léo comigo.

E: Porque, você transa com ele?

G: Não, já tive relações com ele.

E: Com o Léo?

G: É.

E: O Léo ainda tá aqui na escola?

G: Tá.

E: E onde vocês têm relações?

G: É no alojamento.

E: E você não tem vergonha de ter relações com ele lá no alojamento?



G: Eu tenho certeza do meu marido, isso eu sei que ele tem vergonha, dormia no Padre direto na minha cama.

E: Era o Barriga?

G: Era, mas eu já larguei êle depois disso, ele descobriu que eu tive, que eu colei com um cara aqui, sabe, e eu colei com ele, não contei isso pra ele. Aí foram contar isso pra ele.

E: Lá na prisão?

G: Não, aqui, depois que ele voltou de Bangú. Aí ele achou que eu tava ...

E: Mas foi antes de ele ir, ou durante o período que ele tava lá?

G: Isso foi antes. Antes de eu colar com ele, antes de eu conversar com ele, antes de eu me dar a ele, antes eu coleí com esse inimigo dele. Depois o inimigo fugiu e eu coleí com ele. Mas quando eu coleí com ele eu não contei pra ele que tinha colado com esse inimigo dele. Aí depois ele foi pra Bangú. Aí quando ele voltou, eles comentaram com ele. Mas quando ele voltou, a gente ficou junto. Aí três dias depois que a gente tava junto, foram comentar com ele. Aí ele disse, tu colou com fulano? aí eu olhei e falei: coleí sim, aí ele ficou olhando, aí falou: tá, t<sup>o</sup>u legal, mas a gente dá um tempo, você colou com um inimigo, meu, para, com isso, e tá ...

E: Você ficou triste?

G: Fiquei, bastante triste, mas qualquer momento que der pra voltar com ele, eu volto.

E: Quer dizer que você gosta da escola?

G: Agora pra mim tá uma maravilha, por que não tem nenhum homem atravessado no meu caminho, nem dos meus colegas.

E: Agora no momento você tá tendo relações com outros homens fora daqui da escola?

G: Não, agora não, só aqui mesmo.

E: Esses outros homens transaram com outros homens também, ou só com você?

G: Não. Tem alguns que é físico, e tem outros que é fixo. Tem uns que tem só relações, e não gostam de ter uma responsabilidade, sabe? E outros não, já gostam de ter suas relações e passar como se fosse marido. Assim, olha, eu não quero ver você conversando com fulano, com sicrano, correndo no pátio pra lá e pra cá, não quero ver você fazendo isso e aquilo, porque se eu ver e eu gosto de fato de você, você vai perder a minha pessoa. E é aí onde se controla mais os homossexuais. Porque eu mesmo sou controlado pelo cara que eu gosto.

E: Quem é ele?

G: É o Barriga. Você já viu escrito Mônica x Barriga aqui, no meu casaco?

E: E ele só transa com você?

G: Claro. Ai de alguém que se meter com ele.

E: E ele não quer transar com ninguém?

G: Não, só comigo.

E: Tem muito tempo isso?

G: Nove meses, desde lá debaixo do Pa  
dre que nós tamo juntos. Agora ele tá aqui  
jogando bola, lá no pátio.

E: E como seus colegas tratam ele?

G: Normal. Com toda a consideração, me  
respeitam, na presença dele, na ausência,  
se alguns ou outros mexe comigo, eles fa  
la, não mexe com fulana porque ela tá com  
o Barriga. Aí eles já, ah, desculpa, eu  
não sabia.

Para alguns garotos, como Raimundo, deve-se per-  
mitir uma exceção à fidelidade do casal, quando o "outro"  
em questão, é uma mulher. Nestes casos, segundo ele, é  
impossível exigir de um "homem" que não se envolva com uma  
mulher, até pelo tipo de vida que esta proporciona, como  
filhos, etc ... A ela, inclusive, deve-se esconder a liga  
ção sexual dos dois parceiros homens, o que, se possível,  
não deve acontecer entre o homossexual e seu "caso", para  
os quais não é preciso haver segredo. Este ponto de vista,  
contudo, não é partilhado pela maioria, pois, como João  
disse, "se o cara me deu essa palavra que não quer ser só  
homem, ele tem que manter essa palavra". Nesta frase pode-  
mos ver a ambiguidade que cerca o parceiro "homem" na rela  
ção homossexual, pois, ao mesmo tempo em que é considerado  
o "homem" na relação homossexual, também é desqualificado  
como tal. Chamá-lo então de "viado", como fez João, traz  
à tona esta questão e expressa a vontade de provocar uma  
briga e humilhá-lo. Tal afirmativa porém, só é dita públi

camente em situações de crise entre eles, pois em geral os garotos não gostam de dizer que seus parceiros não são "homens":

**Entrevistadora:** E os alunos respeitam os caras que "transam" com vocês? Eles são considerados homossexuais também?

**Raimundo:** Respeitam sim. Tem que respeitar, porque são homens tia, não são homossexuais não. Porque homem que coloca no homossexual é homossexual? Não é não. É homem mesmo. Ele não vai dar. Ele só vai comer. Eles gostam de mulher, mas gostam de homem também, e gosta de mim, o importante é que ele gosta de mim, ele só não pode gostar é de dois homossexuais.

**E:** E ele pode gostar de um homossexual e de uma mulher ao mesmo tempo?

**R:** Pode.

**André, presente intervém:** Ah, comigo não é assim não. Ou bem transa comigo e com mais ninguém, ou não fica comigo. Esse negócio de amante com mulher não dá certo não. Nem com homossexual.

**(Raimundo volta a conversa):** Sabe por que eu não penso assim tia? Sei lá, acho que ele também tem que cuidar da vida de le. Um homossexual também tem que ter uma família, um lar, filhos. E eu não posso dar isso pra ele, como que eu posso dar uma criança pra ele, um filho? Ele quer ter um filho. Como que eu vou dar a luz à uma criança? Não posso. Aí

o único jeito é ele ter uma mulher. Eu falo assim pra ele: olha, o importante é você ficar comigo. E praticar muito sexo. Eu gosto de você, e você gosta de meu corpo. Tudo bem. Fica com tuas mulheres pra lá, pra cá, eu só não quero ver você com outra bicha. Aí pega mal. Mas mulher não.

E: (para Raimundo) — Bom ele quer ter um filho, casar, e você, quer o quê, com ele?

R: Eu não quero nada. Eu quero ter ele perto de mim.

A: Ela é muito apaixonada, tia. Eu sei disso porque ele guarda os meus segredos e eu guardo os segredos dele.

E: E a namorada dele, como é que é? Ela sabe que ele transa com você?

R: Não.

Bem diferente da postura de Ronaldo é a maneira como André encara a sensação de estar apaixonado por um colega. Abalado pelo sentimento que este relacionamento lhe provoca, experimenta intensos conflitos pelo fato de estar "gostando" mesmo de um homem. Acostumado a ter relações com outros "casos" e "namorados" ele expressa, em sua narrativa, a diferença do que sente em relação aos sentimentos anteriores, pois, segundo ele, esta é a primeira vez que se envolve afetivamente tão intensamente. Aqui, também pela primeira vez, vemos um dos menores preocupar-se seriamente com os sentimentos que estas ligações

provocam, e que, para ele, de modo inesperado, trazem-lhe , inclusive, vergonha. Em seu relato aparecem, então, as dificuldades e tensões que, neste contexto, acompanham a perplexidade de sentir-se a "mulher" de um homem:

André: Eu não sei se ele é meu namorado não, mas eu gosto tanto dele, D. Elízabeth, mas ele não me entende. Eu fiquei sabendo que ele ia fugir, aí fiquei muito triste. Mas sabe o que é amar, o que é gostar mesmo de uma pessoa? É como eu amo ele. De noite eu tiro mais assim pra ficar no galpão, no pátio da escola, os outros meninos ficam olhando assim, com uma cara fechada. Eu fico só pensando o que eles tarão pensando, não sei o que é não. Mas de bem não é, deve ser de mal, mas ele não se incomoda não, porque tem muitos que prefere ser mais escondido. A gente durante o dia só faz cumprimentar, dá bom dia, dá boa noite. Aí quando vai se aproximando umas oito e quinze, oito e meia, a gente começa a trocar uma idêia, já sabendo que é pra gente subir pro alojamento. Também lá no alojamento não tem nada, aí quando é mais tarde, de madrugada, tem aquele bate papo, e aí sai mais outras coisas, mas ninguém vê, tão dormindo, quando vem algum aluno ele sai da minha cama e volta pra cama dele, e de dia a gente disfarça. Quase três meses que ele passou na rua e eu não esqueci ele, só transei com um cara esse tempo todo, eu pelo meu gosto queria desgostar dele, mas ele não sai da minha cabeça. No lugar que eu estou penso nele, tanto ver ele, eu já pensei

muitas coisas sabe, apesar de que eu tô todo esse tempo com ele, eu não tenho essa coragem de perguntar pra ele. Até quando eu tô tomando café, almoçando ou jantando eu tenho vergonha, vergonha de ficar sentado perto dele, principalmente almoçando. Quando eu chego aqui e vejo ele almoçando eu boto a minha bandeja noutro lugar, e sei lá ... É a emoção, de ver ele, mas eu nem sei se ele gosta de mim, se ele gostaria que eu fosse mais mulher, sei lá, eu penso tanta coisa ... (Silêncio) Se eu estivesse em casa eu não estaria fazendo isso não, nem tampouco estaria aqui nesta escola. Então foi por isso que eu as vezes tenho raiva de ser homossexual, porque se eu não fosse homossexual eu não sou o que sou agora, de estar gostando, sei lá, o quã. Pra mim eu nunca pensava que um homem pudesse gostar de outro homem, eu não gostava como agora não, era só prazer, brincadeira, agora eu sinto vergonha por ser homossexual, a única coisa que eu tenho a dizer é que eu queria ser feliz com esse cara que eu gosto. E não sou feliz. Até agora não.

E: Por que, você acha que ele não está gostando de você?

A: É, acho que sim. Eu queria esquecer ele, e ir embora, mas desse jeito não vou embora, não. Eu vou alugar um quarto numa pensão. É uma fase muito difícil pra mim. Eu devia voltar pra casa dos meus pais, mas não vou conseguir não.

E: Ele tem quantos anos?

A: Dezessete.

E: É uma paixão mais ou menos recente, né?

A: É, começa assim, né, D. Elizabeth.

E: Ele vai ficar muito tempo aqui?

A: Claro, agora que ele fez dezessete. E ele me disse que não vai fugir. Ele mora lá em Santa Tereza. Ele disse que lá vai ser diferente. A gente vai morar juntos, será?

Conforme André frizou, este tipo de união é particularmente difícil para os garotos, pois sabem muito bem que dificilmente poderão manter este relacionamento fora da escola, onde a batalha pela sobrevivência diária e as incertezas do cotidiano, afastam completamente a possibilidade de terem uma relação tão estreita e protegida como esta propicia. Surgem então, com razão, muitas dúvidas a respeito do tipo de vida que levarão, incerteza que se estende aos seus namoros.

Porém, o arrependimento que André expressa, fruto da insegurança e das emoções que vivencia, é raro aparecer nesta idade entre eles, pois poucos são os alunos na escola que experimentam este tipo de ligação. O habitual, pelo contrário, são afeições temporárias, geralmente não correspondidas, entremeadas de interesses por outras pessoas. Idealizam-se, assim, novas paixões e namoros, os quais são sempre objeto de conflito e ciúme. As vezes es



tes "casos" acarretam brigas entre dois membros do grupo, mas não são alvo de discórdia como quando isto acontece com algum outro aluno, porque rapidamente é estabelecido aquele que tem o "direito" sobre o outro. Durante este período as fofocas são freqüentes, e como Arnaldo mostra, fazem parte da intensa rede de comunicações que se estabelece em torno dos casos amorosos em voga. Tristezas e melancolias então, passam rapidamente, concentrando-se em outras pessoas, caso não haja a "volta" ao namoro anterior.

Arnaldo: Eu dormi pouco, passei a noite toda acordada, eu briguei com ele ontem, por causa de fofoca, tia. Ah, fiquei revoltado, foram falar pra ele que eu tive relações com outros garotos, e não é verdade, eu só tenho relações com ele. Eu briguei ontem com o Gilson, de soco, dei uma porrada nele, joguei no chão, lá trás, onde a gente fica. A briga foi por causa do Barriga, que dói de feio, por causa de homem. Tia, posso cantar uma música? / Me disseram que ela foi estar com outro / Num fuscão preto / pela vida a passear / Bem vestida igual uma dama da noite / Cheirando álcool e fumando sem parar / Meu Deus do céu diga que isso é mentira / Se for verdade me esclareça por favor / Dali há pouco eu mesmo vejo o fuscão / E os dois juntos desmanchando de amor / fuscão preto, você é feito de aço / Fez o meu peito em pedaços / Também aprendeu matar / fuscão preto com o seu tronco

madito / Meu castelo tão bonito/      Você  
veio desmoronar.

Manoel também confirma nossas constatações de que, em geral, as relações amorosas entre eles e os outros alunos da escola constituem-se em "lances" de paixão, ou meros encontros esporádicos. Porém faz parte do cotidiano deles a dramatização intensa destas relações, toda a afetividade que possuem estando, na maioria das vezes, canalizada nas fofocas, discussões, brigas e esperanças relacionadas com seus "amores". Como já dissemos, poucos são os meninos que realmente se envolvem com algum outro, e que sentem mais profundamente a perda dessa relação. Para a maioria, estes encontros e desencontros fazem parte do seu cotidiano, os quais ocupam a maior parte do seu interesse na escola:

**Manoel:** A gente se encontra de noite na cama, é fascinante, a gente se beija, se abraça. Eu tenho sete homens que são a fim de mim, mas só tem um que eu amo. Os outros, é porque eu quero cigarro. Agora relação mesmo, só com três ...

No tópico seguinte, que versará sobre o relacionamento destes garotos com as mulheres, poderemos ter uma idéia mais ampla sobre seus conflitos, sentimentos e envolvimentos amorosos neste período, e, conseqüentemente, sobre sua afetividade em geral.

### 5. Relação com as mulheres

Dos oito menores entrevistados, seis negaram categoricamente terem tido qualquer envolvimento amoroso com o sexo feminino, embora todos admitissem terem tido, em algum momento, relações de amizade com mulheres. Os outros dois, Arnaldo e Manoel, também responderam negativamente sobre o assunto, mas não quiseram se estender no mesmo, apenas alegando que as mulheres não lhe interessavam. João e Paulo, únicos a demonstrarem alguma vontade de manterem uma "transa" com o sexo feminino, disseram que a insegurança e o hábito foram as razões que evitaram que isto acontecesse. De qualquer forma, para eles, a possibilidade deste envolvimento só longinquamente foi apontada:

João: Já recebi muitas cartas, até lá do Padre mesmo, de mulher. Dizendo que eu sou bonito, isto e aquilo, mas eu não quero nem saber. Porque tem viados que são entendidos né, indiferentes, transam qualquer coisa, mas eu não. Eu tinha vontade, mas eu só transo assim, uma idéia, um papo, mas relação sexual nunca tive, sei lá, acho que elas não vão gostar ...

Paulo: Eu nunca tive relações com mulher, sempre fui assim, sempre transei com homem. Olha, teve uma época aí, não precisa ir longe, que eu tive um encontro, com uma mulher, aí veio no meu pensamento uma vontade de mudar, de não ser mais homosse

xual, mas não adiantava, não conseguia mu  
dar. Ser homossexual é bom, eu gosto do  
meu jeito de ser, eu me sinto mais seguro,  
sendo homossexual. Isso é uma coisa que  
eu carrego comigo há muitos e muitos anos.  
Por que eu sou homossexual, por que?

Através do trabalho na escola podemos constatar  
como para os garotos, nesta idade, é muito mais comum  
efetuarem contatos de natureza homossexual do que heteros-  
sexual. Isto provém não só do fato de que todos os alunos  
internados na Funabem sejam separados por sexo, mas também,  
porque mesmo entre as meninas ainda há um certo tabu quan-  
to a este tipo de envolvimento com garotos. Por outro la-  
do, para estes, é preciso pagar para terem relações com  
mulheres mais velhas, enquanto com rapazes mais velhos, são  
eles quem recebem dinheiro. Também, é preciso levar em  
conta que nesta idade eles ainda tem muitas fantasias e  
receio quanto à sua performance com as mulheres, o que  
não ocorre em relação aos garotos de sua idade. Entre os  
menores entrevistados, por sua vez, como já dissemos ante-  
riormente, obviamente há uma dificuldade muito grande em  
declarar publicamente o seu interesse por garotas e mulhe-  
res. Para muitos, como Raimundo faz questão de frizar, a  
relação com "elas" parece-lhes, inclusive, ultrajante,  
embora nem todos nestas circunstâncias, sejam tão agressi-  
vos quanto ele:

Raimundo: Eu nunca tive nada com elas,

de jeito nenhum, isso nunca me passou pe  
la cabeça . A senhora sabe que eu já rece  
bi carta de mulher?

**Entrevistadora:** Não.

**R:** Eu já, já recebi sim. Eu arrasei com  
ela, eu disse: Minha filha, a fruta que  
tu gosta, eu chupo até o caroço. Ela dis  
se que eu podia transar com garoto,  
ser homossexual, mas que ela queria fi  
car comigo. Que abuso. Fiquei revoltado  
com ela. Fui lá e dei um tapa na cara de  
la.

**E:** Então você não se interessou por ela  
nem um pouquinho?

**R:** Se eu tivesse me interessado por  
ela, tava com ela. Tia, eu não gosto de  
mulher, mulher pra mim é só uma amiza  
de. Sabe, um dia eu parei e pensei: co  
mo é que eu posso me apaixonar por um  
homem e não consigo me apaixonar por  
uma mulher? Não, é uma coisa que não me  
interessa, não gosto. Mulher pra mim é  
só uma amizade, mas pro sexual, Deus me  
livre e guarde.

Mais radical do que seu colega, Manoel nega qual  
quer possibilidade de se envolver com elas, desta vez, po  
rém, justificando seu desinteresse em função de motivos  
pessoais. Contudo, de qualquer forma, ele não nega que  
aprecia uma mulher "charmosa", embora a desconfiança que  
elas lhe trazem supere o encanto que possa sentir. Tanto  
ele, quanto Raimundo, mostram que entre eles é comum o

preconceito contra as mesmas, o que deve ser consequência em parte, do fato de serem "rivais":

Manoel: As mulheres são traiçoeiras e covardes.

E: Desde quando você acha mulher traiçoeira?

M: Ah, mulher traiçoeira eu achava desde quando minha mãe traiu meu pai. É pelas conversas que a gente tivemos, e ela me contava, eu pensava, meu pai é uma pessoa tão bacana pra gente, e eu pensava, mulher é um bando de traiçoeiras, todas elas covardes, sem vergonhas, não sabe conservar o que tem.

Raimundo: É tudo farinha do mesmo saco.

M: Pra dizer a verdade, a única coisa que eu ligo na mulher é o charme. O resto não me interessa. Se ela tem dinheiro, se ela tem isso, se ela tem aquilo, nada me interessa. Eu gosto muito assim de ver uma mulher dentro de casa, charmosa, eu gosto muito de ver, assim, mas caso contrário nada me interessa. Nunca tive sexo com mulher alguma.

Porém, a rivalidade, ou mesmo, a agressividade que em alguns momentos surge intensamente em relação às mulheres, é, por vezes, suplantada pela amizade que, ao mesmo tempo, isenta de qualquer interesse, surge espontaneamente entre garotos e garotas. Assim, quando não há entre os dois sexos envolvimentos amorosos ou disputas pe

lo mesmo parceiro, é possível haver um relacionamento cordial entre eles:

Gilson: Nunca tive relações com elas. Tenho muita intimidade com elas, vou pra baile, sambo, com elas, elas bebe, eu bebo, vou pro banheiro com elas, elas tira a roupa na minha frente, vou lá, urino, elas também, eu saio com elas, arrumo uns cara lá no baile, saio, volto, continuo dançando, me sinto bem assim, tia, gosto de ser assim.

Entrevistadora: E você sempre foi assim?

G: Eu sinto muita atração pelos homens. Eu vejo um rapaz assim, sinto atração física. Eu gosto de comentar qualquer coisa com elas, mas não de ter relações.

André: Eu nunca transei com mulher, mas eu nunca tive raiva de mulher, agora vontade de transar, eu não sei. Bom, eu nunca fiz um teste, como é que eu vou saber? Não sei como é né? Também nunca liguei muito para elas.

Podemos constatar, através das entrevistas acima, a brevidade de informações relativas ao modo de relacionarem-se com as mulheres. A escassez de dados a respeito deste assunto revela como há, por parte de todos eles, muita dificuldade em se expressarem a respeito de um assunto que possa ir de encontro à um dos princípios básicos

que norteiam a conduta dos membros do grupo — não "gostar" de mulheres. Como este foi o único ponto em que houve unanimidade entre todos, pois nenhum deles contestou, mesmo em outros momentos de suas entrevistas, a premissa de que um homossexual não deva ter ligações amorosas e sexuais com mulheres, talvez este seja, inclusive, o ponto essencial que sustenta a conduta que eles consideram apropriada para um homossexual. O fato de que todos tenham mantido tal postura e que não tenham, como aconteceu a respeito de outras afirmativas, se desdito, é também, certamente, um dos pontos através dos quais podemos detectar o aprêço que possuem em não contrariar o papel de "homossexuais" que ocupam dentro da instituição.

#### 6. O cotidiano na escola

Ao descreverem as tarefas e obrigações que desempenham na João Luís Alves, os menores do grupo deixam claro que é fundamentalmente entre eles próprios que transcorre o seu cotidiano dentro da escola. Este, portanto, será profundamente vinculado à especificidade que a identidade homossexual acarreta e, por isto, bastante peculiar em relação aos outros alunos: organizam-se entre si e procuram desenvolver atividades através das quais possam permanecer sempre juntos. Por conseguinte se, de uma certa forma, a união e a organização entre eles ajuda-os a enfrentar melhor a discriminação que recebem por parte dos



outros alunos, por outro lado, o próprio comportamento de corrente desta situação perpetua tal discriminação, e afasta-os cada vez mais dos demais colegas. Os menores passam a ter, então, um tipo de vida dentro da instituição bastante à parte, pois não só deixam muitas vezes de acompanhar a programação diária da escola, como além disso, por causa de interesses próprios, desenvolvem atividades paralelas:

**Manoel:** A gente acorda, levanta, vai bater um papo, conversar, fumar um cigarro, eu explico a elas como vai ser o dia, por exemplo, como você está hoje, como está o seu astral? Eu estou num astral bom, tou pensando em namorar muito hoje, muitas delas fala isso. Como pode perceber agora estamos mais unido, e estamos tentando achar uma maneira de combater certos maus hábitos, brigas, desconfiança, estamos tentando. Aí a gente toma um café, conversa, vai pro escaninho, e assim vamos levando...

**E:** Vocês almoçam juntos?

**M:** A gente senta numa mesa. Eles apelidaram aquela mesa de "a mesa das bichas". Só senta bicha. Só que a gente senta separado, em duas mesas.

**E:** Quantos em cada mesa?

**M:** Quatro em cada mesa. E tem uns cara, quase homem, que senta só. É porque um dos nossos arranhou um companheiro que senta junto com ele, que acompanha o dia a dia dele. Mas ele não participa junto com a

gente mesmo, do grupo. Ele até faz música pra gente, tudo, mas não é mesmo do grupo. Só de vez em quando.

Entrevistadora: O que é que você faz aqui na escola, de atividade?

Raimundo: Eu, qual a atividade que a senhora acha que eu faço, que me agrada, nenhuma. Eu faço faxina, mas faxina vai me dar futuro lá fora? Só pra madame que tá querendo faxineira pra casa dela.

E: Você anda mais sozinho ou com o grupo?

R: Com o grupo.

E: Que horas você fica mais com eles?

R: De manhã, quando acordo, no almoço, de tarde, na hora de dormir no alojamento, depois do jantar, que não tem mais nenhuma atividade pra fazer, e sábado, fica todo mundo junto.

E: Você gosta de assistir aula?

R: Mais ou menos, tia. Vou porque sou obrigado. Aí, quando não quero ir, e eles me obrigam a ir, eu já vou doido, nervoso, pentelhando tudo. Ah, mas quando eu tô atacado, a professora fica atacada também. E aí eu vou pra sala de disciplina.

E: E as oficinas, porque você não faz alguma?

R: Que oficina que nada, eu queria mesmo era curso de cabelereiro, ou de maquiagem.

lagem, a Dona Maria falou que ia ver se tinha alguma coisa no Senac, sei lá, esses que tão aí não dão pra gente não, ainda prefiro ajudar na cozinha, mas agora cortaram né?

A ida para as oficinas constitui um problema para os menores deste grupo, pois, embora estejam interessados em adquirir uma profissionalização, acham que as atividades oferecidas nas mesmas não são adequadas para eles, fugindo aos seus interesses. A maioria deles então, prefere pressionar os funcionários ligados a este setor para que lhes arranjam cursos extras fora da escola, principalmente os de culinária, cabelereiro e costura, onde há uma frequência maior de homossexuais. Por outro lado, certos mestres das oficinas também não lhes estimulam a frequentar as mesmas, alegando que, além de não terem jeito, atrapalham os outros alunos, dispersando-os. Surge, então, todo tipo de dificuldade para retardar o ingresso deles nas atividades que porventura desejem retornar ou ingressar, embora todos os alunos tenham direito e até obrigação de ingressarem em algumas das oficinas. Falta de vaga, pouco material, espaço insuficiente para os alunos inscritos, estes são os motivos mais frequentes colocados em pauta. Em decorrência da conjunção destes fatores, dos oito menores do grupo que frequentavam a escola neste momento, somente dois adquiriam uma profissionalização: Paulo, a de letrista cartazista, e Arnaldo, a de mecânica. Todos os outros, ao invés de permanecerem nas oficinas, faziam faxina nos dormi

tórios e nos banheiros. Alguns meses antes da minha chegada à escola, eles também auxiliavam na cozinha, mas esta situação modificou-se após sucessivas reuniões entre técnicos, monitores e a direção da mesma, nas quais foi apontado o fato que tais tarefas, tradicionalmente ligadas ao comportamento feminino, perpetuavam o estigma em que estavam inseridos. Porém, ainda assim, a faxina que lhes era destinada foi mantida, sob a alegação de que aqueles que não se interessassem pelas oficinas, integrando-se à um esforço comum com os mestres, não poderiam ficar ociosos no pátio. A resistência mútua encontrada para transformar tal situação aparece nas entrevistas de Mauro e Gilson, pois além das oficinas os menores já estavam acostumados a diferenciar-se dos outros alunos em outras atividades, como as de esporte e educação física, tidas como "másculas". Insultos, xingamentos, promessas de juramento de morte, alianças e confrontos entre estes menores e funcionários nos dão uma idéia da tensão existente entre os mesmos.

Entrevistadora:

Vocês tem alguns horários diferentes dos outros, por exemplo, vocês não vão pra piscina, não é verdade?

Mauro: A gente não vai porque a gente não gosta.

E: E a faxina?

M: A faxina nem sempre a gente faz.

E: Vocês assinam o ponto todo dia, o livro da faxina?

M: Não, a gente assina tudo de uma vez só.

E: Então as atividades que vocês fazem é faxina, auxílio de cozinha.

M: Auxílio de cozinha a gente não faz mais não, cortaram.

E: Alguns de vocês fazem oficina?

M: A Grace, a Lua, fazem mecânica.

E: E por que você não faz alguma?

M: É porque no início eu não me interessava, ficava sem vontade, então depois o mestre disse que eu não tinha jeito. Eu já tive uma chance, mas agora não tem vaga.

Gilson: Até com D. Júlia eu já fui dar sugestão ... pra ela tomar banho lá nos lavatório da gente, se ela tivesse de fazer alguma coisa comigo fizesse en quanto ela ainda tava aqui, pra depois não ir embora e fazer escondido. Depois que eu me revoltar, e se tiver uma confu-são, aí eu vou dizer, a culpada foi a senhora, se eu chamei ela assim, e ela também me chamou de safado.

Entrevistadora: Por que foi a briga com ela ?

G: Porque ela veio me perguntar porque é que eu não tava na sala de aula e na oficina. Por falta de que. Falta de que? A minha turma de aula tá lá embaixo fazendo física com o professor, e eu, e meus

colegas homossexuais não frequenta a au  
la de educação física, nós não gostamos,  
nós nos escondemos da educação física.  
Aí ela foi chamar o professor, o responsá  
vel pela educação física, e foi dar espor  
ro nele. Aí ele veio em cima de mim, aí  
eu fui em cima dele ...

E: Mas ele disse o que pra você?

G: Ele disse: eu fico dando uma colher  
de chá pra vocês, porque vocês não faz,  
não gosta, e fica atrapalhando os outros,  
agora vocês vão dizer pra D. Júlia que  
não faz porque não tem vez, então eu não  
vou mais ajudar vocês.

E: Ela disse pra ele que vocês não ti  
nham vez?

G: É, ela falou pra ele isso. Então  
eu falei isso pra ele, é, D. Júlia, a  
senhora pode me dar atenção por favor? Aí  
ela parou e ficou quieta, como se fosse  
me dar atenção. Aí eu falei, puxa, D. Jú  
lia, se eu soubesse que a senhora era uma  
pessoa assim eu não tinha falado nada pra  
senhora. Mas assim como? Com a preparação  
e a responsabilidade moral que a senhora  
tem, a senhora não devia ser uma pessoa  
assim, eu não tinha falado nada pra senho  
ra, mas a senhora escutar aqui, falar ali,  
a senhora ficar dando recado, é errado.  
Mas eu não admito aluno parado no pátio.  
A Cleide, o Nelson, eles devem ocupar os  
alunos em qualquer atividade que tiver. Aí  
eu falei, então quando algum professor  
faltar, a senhora vem dar aula no lugar  
dele, o Nelson em pé ao lado, escutando .

Aí ela entrou no carro e foi embora.

E: Mas como foi o negócio do banho?

G: Eu disse que já que ela tinha escuta do mal, que ela não tinha entendido o que eu disse, que ela devia cuidar do ouvido e tomar banho melhor, limpar o ouvido pra ouvir melhor. Aí um colega meu que tava do lado ouviu quando ela virou pra sair e disse: safado, mas se eu escuto eu dizia que safada era ela. Até o S. José já ouviu xingação minha, porque entrou na minha onda. E a Assistente Social também, vai ouvir qualquer hora.

E: Por que você quer brigar com ela?

G: Porque ela não quer dar minha permissão, aí quando eu entrar lá na sala dela, mandar ela rodar bolsinha, jurar ela, aí num instante ela vai dar minha permissão.

Situações de crise como esta são amenizadas por pactos que, de comum acordo, parecem beneficiar ao grupo e a toda equipe da escola. Um dos exemplos do interesse de concordância entre ambas as partes foi o acordo firmado entre o grupo e a monitoria, com a devida permissão da direção da escola, de que os garotos do grupo poderiam voltar a permanecer, nos momentos de folga, num dos pátios do fundo da escola. A reconquista do acesso à esta área de recreação foi um dos temas em que os menores mais se alongaram nas entrevistas, devido à importância que este espaço representou para a perpetuação da união do grupo. É que, longe dos olhares de todos, os menores ali podem conver-

sar à vontade, sem serem incomodados por implicâncias de alunos e funcionários ao estarem entre eles. Além disto, a disponibilidade de tempo que estes garotos possuem dentro da escola é enorme, já que não fazem nenhuma atividade constante, o que acresce ainda mais a importância de terem um espaço para ficarem sem serem perturbados. Para a direção da escola e monitores, por sua vez, a re-concessão de uso desta área durante o tempo em que estivessem desocupados trouxe-lhes a promessa, por parte dos menores, que não mais passariam para os outros alunos a maconha que alguns colegas jogavam por cima dos muros dentro da escola. Esperavam desta forma diminuir a quantidade de maconha que entrava na mesma, porque não havia um número suficiente de monitores para vigiar toda a área da escola durante o dia. Em decorrência deste acordo, os próprios menores do grupo passaram, naquela época, a consumir a maconha que pagavam, o que gerou, por parte dos outros alunos, uma discriminação maior em relação ao grupo. Circunstâncias como esta, no entanto, servem para fortalecê-lo ainda mais, e sobretudo, aumentam a popularidade de Manoel, seu líder:

Raimundo: Nós cobra o Manoel também, sabe tia? É como quando um negócio é preciso fazer, nós cobra dele. Como se fosse um chefe de disciplina. E quando ele demora a gente fala.

Manoel: Por exemplo, na sexta-feira, eles me pediram um cantinho. Chegou no sábado, eles queriam um canto de qualquer ma



neira. Aí eu falei, calma gente, eu não posso ir lá na marra não, pera aí. Na segunda-feira eu vou ver. Aí na segunda-feira certinho eu fui lá e falei com o monitor. Nós, homossexuais, a gente gosta de ficar muito lá trás, no pátio, a gente fica lá conversando. Aí o pessoal daqui pensou que toda maconha que tinha lá trás era por nossa causa, e aí cortou; aí nós falamos com Manoel, ele foi lá e falou com o monitor e resolveu o problema da disciplina, porque tinha muito amigo de aluno que jogava maconha pelo muro lá trás, eles apanhavam e traziam pra dentro da escola ...

M: O problema da cotação do lugar onde a gente vivia lá trás, entre o auditório e o salão, o ginásio, foi devido a muita maconha e muito aluno, lá trás. O S. Antonio, que naquele tempo era monitor, cortou a ida deles lá trás. Mas eu também, que naquele tempo não era nada, também não liguei muito, mas eu sentia que podia voltar tudo pro lugar, mas era preciso tempo. E quando eu comecei a chefiar, a ter distância daquilo, e a precisar de um lugar pra eu dar uma orientação pra eles, aí eu falei assim, o único jeito é operar novamente lá trás, então cheguei em cima pro S. José que é monitor, expliquei a situação todinha à ele, expliquei minha situação no meio deles, falei pra eles que era necessário que ele conte com a gente, e que eu podia garantir que enquanto eu fosse "carro" no meio deles, eu não deixaria que ninguém ficasse "posando" lá

atrás, eu pediria pra sair, e se a peg soa não quisesse sair, a gente ia ver o que podia ser feito.

E: Então ninguém ia pegar maconha mais?

M: Ninguém ia, a maconha que eles tem não é nós que passa não, agora fica cada um na sua, a gente fica lá trás no pátio e ninguém vai lá, a gente não se mistura com aluno não.

E: E de onde vem a maconha então?

G: Ah, a gente não dá nada pra eles, eles trazem de fora mesmo, quando eles saem de permissão.

E: E quando os monitores pegam a maconha, que que acontece?

G: Deve dar pros homem né? Aquela ... recalçada, cortou a nossa, porque os meninos combinavam com os outros de jogar, aí as bicha ia lá e pegava.

E: Mas porque vocês gostam de ficar sô zinhos?

G: Porque nós é homossexual, viado, e não pára muito perto de homem. Nós temos uma disciplina diferente da deles. É di ferente da gente.

E: Como?

G: É diferente, né. Assim, na maneira de olhar pro outro, de conversar, e quando a gente chega assim perto de um grupo de homem, muitos se afasta, outras faz ka ratê, uns cochicha, então os homossexual sente deprimido, né, sente assim bem aban donada pelos colegas. Então a gente se pro cura mais é entre os homossexuais mesmo.

E: E antes, porque vocês podiam ir pro pátio, e os outros alunos não?

G: Porque os outros, eles percebem que eles podiam ter relações sexuais com a gente lá trás, aí eles não deixava.

Certamente a oportunidade de realizarem suas reuniões no pátio: novamente, influiu na decisão dos menores em atender um pedido da monitoria, relativo à troca de nome de "guerra" (Valéria) de Manoel. Tal pedido originou-se do fato de um dos monitores da escola possuir um nome semelhante ao seu, (Pedro Valério) motivo pelo qual os garotos sempre faziam brincadeiras, propositalmente. O período de tranquilidade que tais acordos entre os menores e os funcionários geraram, pode ser deduzido pelo teor de seus encontros, neste momento, quando resolveram inclusive organizar uma festa para comemorar a mudança do nome de Manoel. Também podemos observar, na entrevista que segue abaixo, como nestes períodos de "trégua" temporária, independentemente do fato de não estarem em crise com a monitoria, os menores do grupo permanecem unidos. Esta situação se explica, em parte, pela constante mudança de "alianças" que ocorrem entre alunos e funcionários, além do interesse que significa para os menores, nesta faixa etária, participarem de um grupo onde discutem características comuns:

Entrevistadora: E quais são os assuntos da reunião, neste momento?

Manoel: Bom, dessa é corrigir os erros.

da gente, fazer planos, e discutir sobre a festa, como é que vai ser, pra nada sair errado, não ter problema.

E: Mas em geral, qual o assunto mais falado da reunião?

M: O assunto mais falado é a gente corrigir a gente mesmo, quando uma coisa tá errada eu boto o erro dela lá e a gente vai corrigir. Se o erro for pequeno, não for grave, a gente perdoa. Mas eu perdoo desde que eu veja que isso não vai mais acontecer. Se for grave eu puno.

E: O que que é considerado erro comum e erro grave?

M: Erro comum é assim, quando elas gostam de um ficar dando "close" pras outras.

E: O que é isso?

M: É ficar fazendo pose pra se mostrar. Como elas dizem, fazendo "uô" pra elas. Uô é uma espécie de jogo duro pra outra. É negar cigarro, não dividir, entendeu, essas coisas e muito mais. Ser mais mulher do que a outra.

E: E o que é isso?

M: É ficar se mostrando, no pátio. Isso aí provoca problemas, não só pra mim, mas pra outros, também.

E: Que tipo de problemas?

M: A outra se sentir ofendida. O homossexual fica recebendo esse tipo de ofensa: o homossexual não precisa de ficar se mostrando, e debochar na cara do outro. Como a senhora pode ver elas tem

uma coordenação, uma ordem, e elas tem que cumprir com isso.

E: E grave, o que é uma falta grave?

M: É roubar uma coisa do outro, pegar o que não é seu, bater de pau, briga. É por isso que eu quero evitar briga no pá tio. Se houver briga, depois eu mesmo ba to, como se fosse justiça.

E: E que tipo de batida é essa?

M: As vezes eu perdôo, mas as vezes eu dou soco, pancada de leve.

E: Soco no corpo?

M: É.

E: E isso acontece frequentemente?

M: Acontecia. Antigamente. Mas agora, graças a Deus, mudou tudo. Por exemplo, Gilson, agora, tá outra pessoa. E o Raimundo também. No dia do aniversário dele nós vamos comemorar, nesse mesmo dia, no dia 16 de outubro eu vou ser batizado co mo a Fabiana Lill. É o meu novo nome. E também vai ser comemorado o aniversário do Barriga.

E: Mas como era o seu nome mais antigo?

M: Valéria.

E: E por que você vai trocar de nome?

M: Por causa dos monitores, eles disse ram que isso tá criando problema, e que se eu pudesse colaborar com eles desse modo, ele pediram.

E: Mas qual é o problema?

M: É que tem um inspetor chamado Pedro Valério e quando a gente tá no pátio eles

falam, olha, a Valéria tá aí.

E: E como vai ser o batismo?

M: Com champanhe.

E: E com que dinheiro?

M: O que a gente tem. E vai ter bolo, pastel, tudo.

E: E como é que é feito o batizado?

M: É normal. Com padrinho e madrinha.

E: E quem vão ser eles?

M: Ainda não escolhi não.

E: Vai ser alguém do grupo?

M: Não sei não. Pode ser alguém de fora.

E: Poderia ser um monitor?

M: Poderia.

E: Você acha que eles topariam?

M: Por que não? E esse batizado vai marcar o final do meu ingresso no futebol.

E: Por que?

M: Porque desde que eu virei pro lado contrário, não dá mais pra ficar no jogo.

E: Por que, não pega bem?

M: Não, não pega. E nós tamo marcando uma última partida, a gente vai fumar uma carteira de cigarro todinha.

E: E quando existe algum problema com a direção da casa, é a própria pessoa que responde ou é você que responde?

M: Dependendo do problema. Se depender de mim, eu respondo, se não, vejo o que posso fazer.

E: E a monitoria sabe que você é o chefe do grupo?

M: Sabe muito bem.

E: Já aconteceu de eles te procurarem pra resolver algum problema?

M: Já sim.

E: Que tipo de problema?

M: De que os homossexuais tão respondendo eles, e eles me fizeram um pedido pra eu corrigir isso. O modo como eles falam, então eu já cobro da maneira que eu sei.

Como desavenças e implicâncias ocorrem frequentemente entre os menores do grupo e funcionários, bem como entre estes menores e demais alunos, há, por parte deles uma visão crítica bastante acentuada sobre o funcionamento da escola como um todo. Discriminados pelos demais alunos e funcionários, em seus relatos denotam estar cientes dos problemas mais gerais que ocorrem no dia a dia da escola, denunciando tanto os métodos violentos e coercitivos que em determinadas ocasiões são utilizados pelos monitores para garantir a disciplina na escola, quanto a rivalidade, o segregacionismo e as agressões vigentes entre os alunos.

Tal posicionamento, no entanto, não impede que eles, quando surge uma oportunidade, associem-se aos alunos da escola para reivindicarem seus direitos, o líder deles participando inclusive, com seu apoio e presença, de um outro grupo atuante e contestador, o grupo da Fraternidade. Tanto os membros deste último, quanto os do grupo dos menores entrevistados,

embora exaltem princípios de compreensão e fraternidade entre os alunos, não hesitam em brigar e discutir quando sentem ameaçados ou ultrajados, revidando com violência à violência:

Raimundo: Eles tem lá dentro uma piroba deste tamanho, que o Juiz precisa ver o tamanho desta piroba. Eles dá assim, na boca do estômago, dos alunos. Hoje, Mona, pintou sangue lá no pátio, quando o aluno falou na formatura ... a reação do Seu José, f. da p. é de bater até deixar hematoma nas costas dos garotos. Duas mães de aluno viu e ficou harrorizada, de quem caiu.

Manoel: Acho que é uma coisa aqui da escola que está muito errada. Acho que esses presidente da Fundação, esses funcionários que vem aqui, acho que eles não quer fazer disso uma escola, e sim um presídio. Eles ficam fazendo cubículo, cabinho, levando aluno pra alojamento pra escurraçar, pra dar ao aluno marcas no corpo pra vida toda, pra revoltar; sabe, eu acho que a escola podia castigar, fazer sentir o aluno que está errado, mas não escurraçar, arrancar sangue de pele do aluno. Somos alunos e não escravos. No meu ponto de vista. Mas desde o momento que o monitor diz vai, e o aluno não vai Deus que me perdoe, ele está arriscado a levar socos e pontapés na mesma hora ali. Essa semana mesmo eu vi um caso aqui que eu fiquei um pouco traumatizado. Tinha uma mãe lá no pátio e viu o aluno sair da sa



la coberto de sangue. Agora a senhora vê o exemplo desta escola aqui. Um muro de dois metros e pouco de altura. Pôrra, ca binho de ferro e tudo cortando o muro. Afi nal de contas, o que que é isso, escola ou cadeia? Eu considero aqui, o Padre Severino, verdadeiras cadeias, não escola.

R: A senhora chega dali daquela tela, ali, dividindo a escola, a senhora bota a mão na grade, a senhora faz assim e olha lá pro outro lado. A senhora vai ver tia, verdadeiros leões, a senhora vai ver uma cela, sô leões como antigamente. Tudo cercado em tela, igual aos leões. Ah, tia, isso aqui não é uma escola, é um verdadeiro presídio.

M: Olha, se não fosse eu e esse meu amigo, Carlos Antônio, o aluno nem podia vir aqui. A monitoria tava com pla no de fechar aqueles portões, ficar com a sala de aula aberta, e só abrir os por tões na hora do almoço, e com monitor no pátio. Agora a senhora vê bem e me respon de com franqueza, a senhora acha que se fosse posto isso aqui como eles queriam, isso aqui ficaria como uma escola? Vou falar a realidade. Acho que a escola está chegando num ponto que o aluno não pode falar mais um A, ao monitor, que ele é agredido verbalmente, tapa, soco de mão. Se não fosse a gente discutir com a car-rasca daquela monitora, brigar com ela aqui no corredor, na frente de todo mundo, isso taria assim. O S. Antonio se prentifi cou, falou que ele era responsável por is to, falei pra ele: olha, conheço o senhor

como monitor, não admito que uma escola onde vivo, acontecer cenas como esta. Cubículo, espancamento, cubículo fedorento, cheiro de cadeia mesmo. Os homossexuais agora nem pode mais transar, se transar e for apanhado em flagrante, e apanhar, desce todo mundo, e pra bater, vamos bater também. E vou botar pra correr, pra ninguém segurar não. Ninguém vai segurar essa turminha de maluco, duvido ... Agora quando eu tava lá no meio, e cheio de gente ouvindo, aí eu disse pra mim que tinha gente demais, que eu não ia aguentar com aquilo, aí eu fui chamar um amigo meu o Carlos Antonio, preciso de sua ajuda, tem muita gente ali, que eu não vou guentar com aquilo tudo. E ele, não, tudo bem, vamos lá. Então nós se conhecemos há pouco tempo, mas é uma amizade que vale a pena, amizade dura, amizade tipo de amigos íntimos mesmo, nós nunca tivemos relações por que nossa amizade não permite isso, ele é meu amigo mesmo, eu respeito ele, ele me respeita, perto dele eu até falo mais grosso, porque eu acho chato, ele fala, ah, faz isso não, isso é meu, e eu não faço, fico quieto. Ele até tentou me ajudar a sair dessa vida, eu falei pra ele, cara, tá perdendo tempo, você vai ficar cansado, e não vai conseguir, porque eu tou nisso por prazer.

R: Com muito orgulho, né, claro. Aqui tem muitos grupos, tem aqueles que gostam de dar mocada<sup>8</sup> nos outros, os maco

---

8- paulada.

nheiros, os brigões, não tem aquele grupo que gosta de ter uma conversa amiga, uma conversa sadia, uma conversa que faz a gente sentir bem. De homem, não tem esse grupo não.

M: Acho que é um bando de animal selvagens. Um tirando do outro, roubando, escondendo, levando a cartola pra vender, brigando, um olhando pro defeito do outro e esquecendo do seu, então eu acho um bando de animal selvagem. Mas pera aí. Existe um grupo aqui na escola, que é formado por cinco pessoas, que se chama Carlos Antonio, José Maria, Nunes e Manoel, que sou eu, lá eu me chamo de Manoel. Esse grupo, a gente criou esse grupo pra defender o direito do aluno. Por exemplo, "ela" chegou hoje, tem muita gente querendo juntar lá no pátio. Então a gente já chega do lado "dela", explicando o que tá errado, o que deve ser, então a gente já dá uma idéia. Se não houver uma idéia, aí a coisa muda. Mas quando tá o Carlos Antonio, o Nunes, o Manoel, aí todo mundo fica calmo.

R: É; eu tinha me esquecido. Mas é o único grupo de homens que é assim. Os outros não.

M: Exatamente. Só que o chefe do grupo lá é o Carlos Antonio, lá eu sou o sub-chefe. E a gente se reúne pra conversar sobre a escola em geral. Inclusive o grupo de lá tá revoltado com a monitoria, a gente já atacou a monitoria uma vez, o grupo da Fraternidade, até o Seu José já apanhou do grupo, uma vez. E não aconte-

ceu nada com a gente, nós somos o grupo mais respeitado da escola. Até o diretor sente a força do grupo, tem rapaz que tem intimidade com pau, com foíce ... Quando um homossexual entra pra escola ele entra pro grupo porque quer, por livre e espontânea vontade dele. Então eu falo com ele, ele é aceito, então eu explico a ele: você entrou no grupo hoje, nós temos essas leis, se você quiser continuar aqui você continua. Agora aqui você tem certos limites de vantagens, como estar protegido do pátio, e da monitoria, porque a monitoria não ataca eles, porque eles tem medo de mim. Sabe que se atacar eles, eu não vou gostar e o outro grupo da Fraternidade também. Quer dizer, o grupo da Fraternidade está em cima desse grupo, porque antes o grupo da Fraternidade não era assim. Eu expliquei pra eles que o pessoal daqui é igual a mim, apesar de não terem a mesma atitude, a mesma força que eu tenho, e dividia a minha força com eles, tomava conta dos barulhos, resolvia as idéias, então eles ficaram naquela, é, então nós vamos ficar por cima, por cima eu também tou, só que eu também tô embaixo pra corrigir. Então eu fico mais embaixo do que em cima.

E: E se um cara quiser sair do grupo?

M: Bom, o grupo da Fraternidade nunca vai se separar, a não ser que saia da escola. A gente já se conhece há um tempo, de outras escolas, já até conhece família do outro. Aí a gente resolveu criar esse grupo aqui. Então a gente não pensa em sair.

Bom, se alguém quiser sair, eu tenho que dizer a realidade, ele passa a não ter o meu apoio, vai ter que mostrar pra mim que é mais do que eu. Mas se ele quiser sair, tudo bem, vai ter que se virar por ele mesmo. Mas até agora ninguém pediu pra sair não.

Como vimos acima, o cotidiano da escola transcorre permeado de conflitos entre alunos e monitores, e entre os próprios alunos. Objeto de discriminação de ambas as partes, os menores homossexuais são em geral os que mais entram em conflito com os demais membros da escola. Porém, entre eles, podemos encontrar uma grande diversidade de opiniões a respeito dessas relações, seja decorrente de características individuais ou de alianças conjunturais. Pensamos que é conveniente registrarmos, na íntegra, tais divergências pessoais, pois, através delas, podemos obter uma visão mais abrangente sobre o cotidiano dos alunos na escola, e, ao mesmo tempo, preservar as nuances existentes nas respectivas narrativas:

André: Os outros alunos não tratam a gente bem como amigos, porque a gente somos homossexuais. Eles dão mais consideração aos caras (homens) do que aos homossexuais. Mas se depender de lavar a roupa deles a gente lava, e a gente é tratado assim. Eles acham que a gente desmoraliza a classe deles, ficam falando palavrão pra gente, eu acho que devia ter uma escola

só para homossexuais, mas eu acho que esses caras que criticam os homossexuais são piores do que os homossexuais, porque eles dizem que são machão mas eu não boto minha mão no fogo não. Eu também não acho bom ser machão, também não digo que todo homem devia ter relações homossexuais, eu digo assim, que embora quem não goste de homossexuais, não precisa falar de homossexual como se o homossexual matasse, sei lá, fosse horrível. Agora eu até parcide ligar, sabe, nem dou bola. Na rua as pessoas não falavam nada, falam muito mais aqui dentro, e por causa disso mesmo eu saí de casa, porque eu não gostava que a minha mãe ficava falando. Já pensei sair dessa vida, sabe, mas eu mesmo pensei que sair dessa vida aqui na escola não dá mesmo. Ser gay, ser homossexual, e sair daqui não dá. Os garotos ficam o tempo todo implicando com a gente, passando a mão na gente e tal. Alguns funcionários tratam a gente bem, outros não, também critica, tem uns que tratam pelo nome de guerra, nome de mulher, outros pelos nomes que a gente tem, mas eu não gosto que me chamem pelo nome de guerra não, porque eles sabem meu nome, e eu não gosto. Eu me sinto mal. Não é querer ser ... porque o máximo que a gente vai quere ser ... ser mulher a gente não consegue. A gente pode tomar remédio, ter seios grandes, ter cabelos grandes, ter unhas pintadas, grandes, a aparência igual a mulher, vestir saias, sapatos de mulher, mas nunca vai ser mulher igual mulher mesmo. Pode até ir para os

Estados Unidos ou para Paris, e fazer uma opera  
ção, gastar milhões de dinheiro e não consegue, en  
tão se eu trabalho na oficina é normal, só porque  
eu sou homossexual eu não deixo de trabalhar de  
macacão e tudo. Se vai ter curso no Senac, eu tamã  
bém vou, nunca botei esse negócio na minha cabeça,  
de fazer curso de cabeleleiro, de maquilador, de  
cozinheiro, apesar que minha mãe me ensinou a co  
zinhar. Sei lá, eu não sei porque eu resolvi ser  
homossexual, na rua todo mundo aceita, muita gen  
te aceita, é muito difícil falar, na rua tem mui  
tos homossexuais, mas aqui alguns aceita e outros  
já não aceita...

**Paulo:** A mim eles não tratam mal não, os alu  
nos, eu não me sinto humilhado não. Eles me tra  
tam assim, como se eu fosse um rapaz, sabe, mesmo  
sabendo que eu sou homossexual. Agora, se a gente  
não se dá a respeito, aí também eles não respoi  
tam. Os funcionários me tratam bem, pelo menos  
aparentemente. Mas tem alguns funcionários que  
não, que se a gente der uma confiança mais forte,  
pode até abusar. Então eu não dou confiança, não  
dou intimidade.

**Mauro:** A gente aqui é tratado diferente, eu  
acho que a gente é peixinho dos monito  
res, peixinho é assim, eles fazendo tu  
do pra gente. Sei lá, eu acho que é por-  
que a gente é diferente, eu acho que eles  
amam a gente, porque muitas vezes prote  
gem a gente. Por exemplo, agora a gente  
tem o pátio lá atrás pra ficar, e a gente  
pode ficar lá, e os outros não podem. Nin  
guém mexe com a gente, toda hora. Com os

alunos os monitores ficam procurando se eles tem tóxico, essas coisas, por que eles não deixamos alunos ficarem lá atrás? Porque eles não querem eles pegando frouxo né? Com eles são mais duros. Comigo eles tão sempre bricando, na sala de aula o meu nome é sempre lembrado, pruma coisa engraçada. Brincadeira, sabe? Os garotos não me tratam tão bem né? As vezes eles ficam implicando, parece até que mandam na gente, só porque a gente é ho-mossexual. Agora, quando a gente se invoca todo mundo entra na briga, mas quando a gente tá errado, não tem ninguém do grupo pra defender.

Gilson: Ma sinto bem aqui. Eu gosto daqui da escola, gosto do ambiente, dos alunos, me sinto bem. Certas horas eu me sinto bem. Porque tem certas horas que eles forçam o homossexual a lavar roupa pra eles, sabe, e eu não sou homossexual, que admito certas coisas, então foi onde eu vi muita briga nessa escola com os alunos. E os alunos, homens, acham que não podem brigar com os homossexuais na mão, acha que só pode brigar se for de pau, de muitos alunos em cima de um só, porque eles acha que se for brigar com homossexu-al na mão, um só, eles vai levar prejuízo, sabe que vai, e vai ficar sem moral. Porque eles acham que pra ter moral tem que brigar sem ser na mão, pra ser metido a machão. Tem que brigar de pau, de faca, de mulutuca. Por que? É, eles acham que pra brigar com homossexual tem que ser de pau, de faca. O pessoal as vezes briga



com o pessoal no pátio, e já fica esperando o tumulto. Aí o pessoal vai fazer o que tem que fazer, mas fica sempre separado, num canto, junto, esperando. Igual uma vez como fizeram com o Paulo, que já abriram a camisa dele de paulada dentro do escaninho. E tem pessoas que não acreditam nisso, mas eu já vi fazer com os meus amigos; quando fala pra mim, Patrícia, que é o meu apelido, eu vou fazer isso com você aí eu digo, então faz, porque eu não vou deixar de entrar no escaninho da escola; tenho roupa pra apanhar, eu não vou deixar de tomar banho, que eu tenho que tomar banho, ir no banheiro eu vou, que eu tenho as necessidades pra fazer, que aqui na escola eu não vou andar escondido não, então vou deixar você fazer. Mas aqui na escola eu nunca tomei um ralo. Desde 80 que eu frequento a Funabem, mas nunca tomei um ralo. Já foi prometido, de nego falar: vou te matar na rua, tá de vacilação, você vai querer brigar com bandido, malandro, responde, vou te passar o roldo, bater na tua bunda, e eu falo: vai, então vou esperar. Mas não se esqueça que feijão tá caro, 38 de espoleta também tá caro, e portanto eu já encontrei com um monte deles que vai me matar, e ainda não morri, tou vivo. Porque se a gente demonstra medo, tia, aí é que eles monta. Eu posso tá com medo da pessoa, mas eu não demonstro medo, não demonstro. Eu me controlo até o fim. Se eu não aguentar com a pessoa eu apanho até o fim, mas não demonstro. Pra não dizerem que eu saí correndo. E nem puxo vidro pra aluno não, nem

gilete, não puxo. Eu acho que homossexual quebrar vidro assim, dar soco nos outros, com vidro, uma frescura danada. Pode lutar, não? Então tá. Pode? Então luto logo de pau, vocês não é homem? Faço igual eles. Não é homem? Eu tenho força igual eles, então pra que fazer diferença? Só porque tem relações com outros homens, coisa que eles não faz? Eu acho assim. Agora homossexual acha que pra ser respeitado precisa tirar sangue dos outros. Tiro sangue sim, se for de pau, de pedra, se não puder sair com a pessoa na mão. Mas se eu puder sair com a pessoa na mão, não luto de outro jeito não. Me dá um soco, eu dou outro, me dá uma mordida eu dou outra. Então vou até onde eu posso.

E: Você acha que os alunos aqui da escola não aceita bem os homossexuais?

G: É.

E: E os funcionários?

G: Os funcionários, alguns. Alguns se dá bem com a gente e outros não. A senhora chega lá na inspetoria, no meio de tudo que é inspetor, e pergunta qual é o aluno que tem no meio desse grupo de homossexuais aqui da escola que é o mais agressivo, o mais perigoso dos meus colegas, porque assunto de marginalidade eu converso mais com os outros colegas do que no grupo da gente. Porque os garotos homens já tratam assunto de maconha, de troteio, de revolver, de morro, de roubos, e eu também sei, então a gente fala assim assunto de roubo, de furto, o que

é que faz com a pessoa furtada. Porque homossexual não costuma falar muito disso.

João: Eu acho que aqui todo mundo é igual, não tem diferença não. É a mesma coisa, fica todo mundo conversando, puxa assunto, desce pra aqui, sobre pra ali, mas no fundo é um espiando o outro, de moça de pau. Então eu fico naquela, né? Toda escola é assim, as vezes, de vez em quando, são os homossexuais que implica, outras são os alunos. As vezes os meninos mexem, as vezes uma bicha mexe, sabe, provoca uma briga, por jogar uma bicha contra um rapaz, e o rapaz não gosta de bicha. Eu, como não sou assim, eu sou uma pessoa assim: quando eu gosto de um rapaz eu conquisto ele pelos olhos. Se eu vejo que ele tá me correspondendo pelos olhos aí eu começo a me chegar perto dele e se abafar. E se ele falar certas coisas que não me agrada, me perturbar, eu dou logo um fora, um chega prá lá, que já perdeu a graça.

Arnaldo: A gente é tratado muito mal, o José Cesar ficou doente, ficou maluco, e todo mundo deu porrada nele, só porque ele era homossexual, os alunos continua roubando pra comprar maconha, briga com a gente, é isso aí. E aqui não é um colégio muito bom, qualquer coisinha os alunos quer dar paulada. Quer obrigar a gente a levar fumo pra eles. E a gente inda trabalha na faxina.

Raimundo: Pôxa tia, eu fui levar o José César na enfermaria e o pessoal de lá ficou falando: enfermaria é lugar pra doebte. Pôxa tia, é horrível, eles nem acreditam na gente, acharam que o José Cesar tava fingindo, eles vêem a gente assim, eles acham que se uns mentem, todos mentem, implicam com a gente. É colocar um brinquinho, manda tirar. Colocar um grampinho, manda tirar. É colocar uma roupa mais afeminada, manda tirar. Dizem que aqui a escola é de homem, não é escola de mulher. Mas pera aí, se aqui é escola de homem, tem que ser escola de homossexual também. Porque aqui tem homem e tem homossexual, se eu tivesse no meio de mulher, como é que eu ia ter as minhas relações? Só piva. Piva é sapatão. Quando tem visita aqui eles tentam esconder os homossexuais pra ninguém ver. Dizem que nós somos a vergonha da escola. Mas como eu sou abusada eu vou logo pra perto da visita, faço amizade com eles, converso com eles, falo mesmo. A senhora veio no dia da festa da escola? Dia 27 de outubro? Pois é, eu fiquei com as roupas que eu uso mesmo. A senhora já foi no colégio Odylo Cesar Filho? Dá gosto ir lá, é uma escola limpa, sem espancamento. O seu Mauro foi expulso de lá tia, porque bateu no aluno. Castigo lá pra fuga de aluno é botar das seis da manhã às seis da tarde no corredor. Agora, isso já é o bastante. Se pancada endireitasse alguém não tinha ladrão no mundo, tia. Não tinha mesmo.

Quem for ouvir essa fita aqui, tem que saber: o Seu Mauro, é a carrasca. Não quer mais saber da escola, né? Ficou horrorizada. Temos ótimos professores aqui, admiro muito, a oficina também é boa, mas tem monitor que fala mal dos homossexuais por trás, e isso é que da raiva. Pela frente, fica falando, Raimundo, você é ótimo aluno, mas por trás, capa o ferro. Mas graças a Deus me dou bem com todo mundo. "Alo giadíssimo" por todo mundo, pela boca de todo mundo. Monitores, funcionários, "alogiadíssimo" por todos, eu respeito, converso com eles, mas tem uns aí que não dá pra gostar não, são muitos falsos, aqui tem mais funcionário falso do que alunos, como o Seu Mauro. Os monitores são chamam a gente pra falar de sexo. Ficam perguntando se a gente gosta de membro grande, ou prefere membro pequeno. A única palavra que eles tem com a gente é essa. Ih, tia, os monitores não ajudam em nada. Se nós fosse depender dos monitores, nós taria perdidos.

E: E em relação aos alunos, como você se sente?

R: Me sinto bem, só não me sinto por alguns funcionários. Que muitos não gostam de mim por eu ser atrevido e ofensivo nas palavras. Agora, acho que os alunos considera o homossexual, me tratam bem. Que eu perceba não despreza o homossexual.

Manoel: Eu não achei a disciplina aqui muito dura não. Eu acho que a disciplina tem que ser de acordo com os alunos.

Também eu acho que por mais que a gente brigue, muitas vezes o monitor escharece o aluno, vê o que está certo, o que está errado, e o aluno mesmo assim repete o erro. Aí vem a chamada cobrança, é o castigo que o aluno tem que responder pelo que ele fez. As vezes o monitor evita bater no aluno, mas não consegue. Pra mim essa disciplina não chega ao ponto que eu possa dizer que ela é tão rígida, porque as coisas vão caminhando, desenvolvendo, e creio que dentro de uns poucos meses, de uns dias, ela vai chegar como deve ser, dentro da ordem. Agora a gente vai ter que falar com o chefe da disciplina pra saber o que é que houve, porque cortaram a faxina. Se houve alguma coisa vai ver, e talvez não fazer mal. Mas era uma coisa bonita que a gente fazia. A gente passava pano nos ladrilhos, limpava o assoalho, então, se isso for verdade, a gente não vai fazer mais não. Agora, monitor, aqui pra homossexual, vou dizer a realidade, mal fizeram nada pra chegar onde a coisa tá hoje. Eu é que fui monitor, chefe de disciplina, tudo pra eles. Se me ponho nesse lugar, é porque eu tenho razão, por vários motivos. Pra falar a verdade, eles chamam a gente pra gozar com a cara da gente. Fico chateado com isso tudo, mas o que é que eu posso fazer? Faço o que posso.

Podemos constatar como a "feminilidade" que é atribuída aos homossexuais, em decorrência da qual eles realizam tarefas "de mulher" na escola, tais como ajudar a

lavar roupa, constitui um motivo de desprezo por parte de muitos alunos "homens". Esta atitude pode ser percebida não só nos palavrões e gestos humilhantes que estes lhes dirigem, como também se faz presente na brutalidade com que os alunos brigam com eles. Além do mais, por causa desta condição "feminina", para um aluno "homem" torna-se um vexame apanhar de um homossexual, atitude que deve ser evitada a qualquer custo, e que constitui mais uma razão para que as brigas sejam tão violentas. Porém, tais brigas entre os menores do grupo e demais alunos, em geral só ocorrem entre os mais agressivos e provocadores. Estes, por sua vez, segundo as circunstâncias do cotidiano da escola, e segundo as conveniências pessoais podem até manter um relacionamento mais ou menos estável de cordialidade e amizade entre eles. Esta mesma situação aplica-se ao relacionamento dos menores entrevistados com os monitores, conforme seus depoimentos demonstram. Alguns garotos, inclusive, mesmo conscientes da discriminação de que são alvo, encaram com bom humor as brincadeiras e o tratamento diferenciado que os monitores lhes dirigem, possuindo até uma relação de afetividade com os mesmos em muitos momentos.

#### 7. O relacionamento com a família durante a estadia na escola

À medida que os garotos vão permanecendo na escola, a Funabem torna-se cada vez mais importante pra eles.

Moradia, roupa, comida, amigos e até estudo, a João Luíz Alves passa a constituir uma nova casa. Nesse processo, a relação com os parentes mantém-se tão distante quanto anteriormente e, em alguns casos, até diminui, porque os menores deixam de ir em casa ajudar suas famílias. Gilson exemplifica bem esta situação contando-nos como, ao sair num passeio com o monitor, ele, como muitos outros garotos, aproveitou esta circunstância para fugir e ganhar algum dinheiro roubando na rua. Este dinheiro, gasto posteriormente somente com ele, não pôde ser, como em algumas vezes do passado, entregue em parte à sua mãe, porquem segundo ele, ela iria ficar muito triste em saber que seu filho, mesmo na Funabem, continuava roubando. Seu raciocínio expressa a relação que algumas mães mantêm com o internamento dos filhos. Para elas a Funabem representa a possibilidade de recuperação dos filhos, já que, além de tudo fornecer de graça, a instituição ainda deverá arrumar um emprego condizente com a profissionalização que eles devem obter na mesma. Tal expectativa gera nas mães, que chegam a manter contato com as Assistentes Sociais, solidariedade com os objetivos que estas apresentam, razão pela qual os menores, como Gilson, temem contar que estão roubando:

**Entrevistadora:** Bom, agora você ainda está roubando?

**Gilson:** Agora não, porque eu tou sem permissão. Já faz três meses.



E: E durante os outros meses, o que você pensa fazer?

G: Aí eu vou tirar menos, porque só posso roubar nos fins-de-semana, tando aqui. Agora eu, por aqui a senhora tira. Teve um negócio de uma faxina aqui, e os alunos na praia, aí S. Roberto tava levando os alunos, três, quatro, sumiram, foram pra praia, foram passear, chegaram aqui de madrugada. Eu fui pra praia, junto com o Arnaldo, e aí falei com ele, já que eu não posso sair mesmo, vamos dar uma volta lá na cidade, fui com ele, sabe o que é que eu fiz? Cheguei lá, encontrei ouro no pescoço de uma senhora, de barriga, com um carrinho de nenem, e a mãe do lado, um cordão de ouro e duas bonequinhas no pescoço. Eu meti a mão e apurei Cr\$ 5.000.00, só naquele cordãozinho.

E: Quanto que tá o salário?

G: Cr\$ 55.000.00. Eu apurei Cr\$ 50.000.00 só naquele dia.

E: E você fez o quê, com esse dinheiro?

G: Dei Cr\$ 15.000.00 pra minha colega, por que ela não tinha feito nada, e com o resto eu trouxe pra dentro da escola, pra gastar em porcaria, pedi ao diretor permissão, pedi pra ele confiar no aluno, ele confiou, fui na cidade, comprei calça comprida, blusa, tóxico, cigarro, shampoo, não dei um centavo pra minha mãe. Minha mãe veio na escola e eu com dinheiro no bolso.

E: Você achou que ela não merecia?

G: Não é questão de ela não merecer, é questão dela querer saber onde eu tirei aqueles Cr\$ 50.000,00. Porque quando eu tou na rua, ela sabe que eu roubo, e aqui não dá pra sair, e não dá pra roubar.

E: Você contava que saiu?

G: Ah, mas ela sabe que eu tou sem permissão, e eu não podia sair.

E: E o que é que tem você contar que fugiu, e contar a verdade, que roubou em Copacabana?

(Silêncio).

E: Ela não sabe que você rouba?

G: Sabe. Eu comento com ela do jeito que eu roubo, como é que eu faço.

E: Então, porque você não contou?

G: Por que ela ia comentar com a assistente social e ia me prejudicar.

E: Você acha que ela ia comentar com a assistente social?

G: Acho, comenta.

E: Por que? Ela não acha que é ruim roubar não?

G: Ela não acha que é bom, roubar, não, embora ela aceite.

E: Hum. Por isso ela ia falar com a assistente social.

Em outro momento de suas entrevistas comigo, ao falar de seu pai, Gilson conta uma história semelhante a de muitos outros garotos: registrado somente com o nome de sua mãe, a quem desde cedo aprende a reconhecer como a responsável pela casa e os filhos, à medida que cresce vê seu pai cada vez mais esporadicamente, principalmente depois que se torna homossexual. Uma vez dentro da instituição, a figura do pai passa a ser lembrada com indiferença e rancor, não só pela ausência e maus tratos em relação à família e à figura materna, como pelo desprezo com que trata o homossexualismo e o internamento. No caso específico de Gilson, embora sua mãe apoie sua institucionalização, e vá visitá-lo quando pode, há momentos em que ela também muda de opinião, e deseja desligá-lo da Funabem. É curioso observar como em circunstâncias como esta, é o próprio menor quem impede a possibilidade do seu desligamento, mesmo que, as vezes, tenha vontade de sair da Funabem. Além do mais, a rigor, ele não precisa deste desligamento "oficial" para sair, porque pode fugir sempre que sai de "permissão". Tais situações contraditórias em relação à permanência na instituição mostram-nos como é complexa a interação menor-família-escola, bem como a dificuldade de obtermos relatos lineares, tanto da parte dos alunos quanto de suas famílias:

Gilson: Eu não recebo visita do meu pai não, também não procuro ele não, mas ele sabe que eu tou aqui. De vez em quan-

do ele vai lá na Rocinha, aí os pessoal fala pra ele, olha, teu filho tá preso, ele sabe sim que eu tô aqui mas não vem aqui não. Eu não dou a mínima importância pra ele. Isso eu aprendi com a minha mãe, que quando eu era pequeno, que minha mãe me registrou, ela registrou eu só com o nome dela. No dia do batizado ele não se apresentou na igreja, minha mãe sozinha com o padrinho. Quer dizer, que ele não é meu pai né? Ela só soube fazer e largar pra lá, então, se ele não é pai pra assumir a responsabilidade então também não sou filho pra dar benção. Eu não pedia a benção a ele não.

**Entrevistadora:** E sua mãe, aceitou você com facilidade?

**G:** Não. Foi um bocado difícil minha mãe me aceitar. Agora não, ela entendeu mais, a assistente social fez com que ela entendesse melhor, ela entendeu, e aí ela aceita com mais facilidade agora. Ela agora me acha mais divertido, diz que eu sou a única pessoa que faz ela rir dentro de casa, com esses meus modos.

**E:** E suas irmãs, aceitam?

**G:** Aceitam. Só quem não aceita é meu pai. Por isso eu só vejo ele as vezes, de quando em quando. Eu já tive um bom relacionamento com meu pai, antes, mas eu já contei que porque eu fiquei chateado com ele, das coisas que eu vi. Porque uma vez ele tava jogando sueca com a minha mãe, aí minha mãe jogou uma carta errada, aí ele ficou com raiva e bateu nela. Aí eu

entrei no meio, e ele ficou assim virado pra parede, minha mãe na frente, e eu no meio, dei as costas pra ele, e fiquei no meio. Eu tava com a perna aberta, ele esticou por baixo, e ficou debaixo de mim, aí pegou bem na vagina da minha mãe assim por baixo, e começou a correr sangue. Aí ele pegou um facão deste tamanho e disse que ia matar a minha mãe. Aí eu não dei xeí ele pegar, e o facão ficou lá mesmo, mas eu fiquei com mágoa dele. Aí eu até já pensei em quando sair daqui, tirar a vida do meu pai, tem certas horas que desobedeço funcionário, que me dá a louca, que eu paro pra pensar, que eu quero encontrar uma pessoa pra conversar, não acho, que eu quero atravessar o portão, monitor não deixa, aí é aonde eu xingo o monitor, venho pra sala da disciplina, fico com raiva, aí não obedeço ninguém. E pensar o que é que minha mãe pode estar passando em casa uma hora dessas, com meus dois sobrinhos, sôzinha, em casa, sem trabalhar, me dá vontade assim de fugir da escola, de fugir pra saber o que é que tá passando, o que não tem ... Até ela tava me perguntando que que eu queria fazer, e eu disse que era um curso de cabeleleiro ou de manicure, aí ela disse, eu te desligo daqui, eu tô sentindo falta de você em casa, quando você tá em casa, a gente se diverte, muito mais, ri, brinca, você com essas suas palavras de gírias, de mō, ekō, efkê, essas coisas assim, a gente se diverte mais, eu prefiro você assim do jeito que você é ao meu lado, meu fi-

lho, do que aqui nesse colégio sofrendo, passando amargura, servindo de mulher pra certas pessoas que não são do agrado de sua mãe, isso que ela falou pra mim. Ela queria me desligar e eu falei com ela que não, que não queria ir não, que se ela me desligar não ia adiantar nada, e o dinheiro, como é que vem? Eu tenho meus colegas aqui dentro que roba, eu vou querer sair com eles, eles vão robar, eu vou tá junto, vou ser pego novamente, vou ter que passar três meses lá embaixo do Padre, novamente pra subir. Ih, eu prefiro pegar permissão, ir pra casa dela, ir ficando aqui pra pegar uma série melhor, então é melhor ir ficando aqui até o fim.

E: E sua mãe vem sempre aqui?

G: As vezes, porque fica distante, pra ela vir lá de Santa Cruz até Campo Grande, e de lá pra Ilha. Por isso eu tou aqui, e não tenho visita de minha mãe. Mas agora ela tá aposentada, não sei de que, mas ela tá aposentada.

João e Mauro viam suas mães muito pouco, pois nenhuma delas visitava-os. Encontravam-se raramente, e João sequer tinha certeza se sua mãe ainda permanecia no mesmo lugar em que a viu pela última vez, há alguns meses antes. Estes dois menores sentiam-se bastante ressentidos com a pouca atenção que recebia por parte delas, e contrariamente a Gilson, apenas falavam delas com amargura. Apesar disto, João preocupava-se com sua mãe e irmãos, embora, no momento, nada quizesse fazer para ajudá-la. Nenhum

dos dois recebia visita de outros familiares, pois, sem qualquer contato com seus pais (homens) e João estando brigado com seu padrasto, as únicas pessoas da família com quem às vezes se comunicavam eram suas madrinhas, quando iam vê-las. Para João, sua madrinha era ainda o único meio de contato com sua mãe, já que era através dela que vinha a saber onde sua mãe se encontrava.

João: A última vez que vi minha mãe foi em maio. Pelo que eu sei, tá em Irajá, mas não sei. Eu tenho o endereço da minha madrinha, mas ela não vem aqui não. Já fiquei três dias todo trabalhando com fome, pra minha mãe, pra trazer comida para ela, mas ela nunca me deu valor. E eu nunca gastei o dinheiro, dava pra ela. Às vezes eu brigava com meu padrasto e ela me botava porta afora, e eu ficava por esse mundo com fome, e tudo. Acho que a maioria dos menor aqui rouba porque precisa, pelo menos eu roubava porque precisava. Já roubei um cordão de ouro de uma mulher lá na N.S. de Copacabana. Mas eu não gostava não, preferia a "viração". Agora, a maioria daqui é assim, rouba, mas tem aqueles que rouba por vício, né? Tem uns aqui de classe média que rouba por isso, né? Ou porque é desgarrado da família, ou pra pagar a língua da família. Tem uma bicha aqui que é assim, que a família rejeitou, porque o primeiro filho tinha que ser homem, né? Minha mãe também não gostava que eu fosse bicha não, mas ela também não falava, porque o dinheiro era pra aju

dar né, ele falava, mas nem tanto, Eu descobri que ela sabia porque uma vez eu cheguei em casa com um vermelhão no pescoço e ela disse: mas se você não gosta de mulher, que pescoção é este? voce passou a noite piranhando ... aí eu disse, não, e ela disse, tá na seu pescoço, foi os home que tu sai, eu calei, e depois, ela ficou conversando, ficou com certas sacanagens, e aí aceitou mais. Mas no fundo no fundo minha mãe e eu nunca nos damos bem. Acho que por causa do meu padrasto que não se dava bem. Ela nunca me deu valor. Agora também eu deixei ela de lado, que eu não vou ficar a vida toda atrás dela.

**Mauro:** Eu não gosto de ver minha mãe, nem meu pai. Tem muito tempo que eu não vejo ele, nem sei se ele ainda está lá, tem um bocadinho de tempo que não sei notícias. Também ninguém vem aqui, eu fico mais é sozinho mesmo. As vezes penso nos meus irmãos, mas é só. Lá em casa é muito ruim, sei lá, acho melhor ficar por aqui mesmo.

Entre todos os menores, somente Paulo encontrava seu pai. Tanto ele quanto sua mãe nunca saíram de Itaperuna para ir vê-lo na Funabem e, portanto, Paulo só os encontrava quando, durante as férias, ia lá a passeio. Durante estas entrevistas ele já estava perto de atingir a maioridade, ocasião em que deveria ser "desligado" da instituição. Seu relato, mostra como ele, diante desta perspectiva, não queria de forma alguma voltar para sua



cidade, mas esperava que a Funabem arranjasse um emprego para que pudesse dar continuidade ao seu projeto de vida independente das relações com parentes:

**Entrevistadora:** Você não gostaria de voltar para sua casa, para sua cidade, e trabalhar lá?

**Paulo:** Eu? De jeito nenhum. Pra lá eu não volto mesmo, se eu voltar eu fujo. Agora eles estão querendo me mandar pra lá, porque eu tou perto de ser desligado, mas eu não volto mesmo.

**E:** Mas por que?

**P:** Porque lá onde eu moro a cidade é muito pequena, e todo mundo fica comentando. Então como eu vim pra Funabem, como eu tou aqui esse tempo todo, e é obrigação da Funabem arrumar um lugar para mim, eu só saio daqui com emprego certo. Eu tou esperando uma vaga aí que um amigo meu tá arranjando numa firma, e aí se aparecer eu vou, se não, não saio não. Eu sou muito independente, sabe, eu gosto de andar com os meus próprios pés, e ir aonde eu quero. Se eu quizer ir na Quinta, eu vou, não gosto de dar satisfação a ninguém. Eu gosto de ser independente de tudo, sabe? Esse negócio de perguntar aonde foi, que horas volta, fecha a porta, ih, é horrível. Eles ficam falando que eu tive na Fundação, na cadeia, que eu já vivi de rua, ih, é um horror. E também o meu pai é muito exigente. Eu gosto dele, mas não gosto de lá. Mesmo quando eu tava lá

antes, eu já não gostava, eu tenho medo, sei lá, acho que pelo fato de eu ser ho-  
mossexual, eles podem ficar reparando tu-  
do; porque lá na minha casa eu quase não  
falo, sabe, é como se lá nem fosse a mi-  
nha casa. Eu fico com medo, sabe, de apa-  
recer alguma coisa na voz, eu quase não  
falo mesmo quando eu vou lá a passeio.

E: E ele sabe que você é homossexual?

P: Ele não sabe. Mas ele desconfia. Ele  
fica dizendo, para de falar com essa voz,  
que voz de bicha, que maneira de andar,  
ih, é uma coisa. Eles nunca me aceitaram  
porque eu era homossexual, eles tinham  
uma desconfiança, pelo meu jeito de ser.

Desde que saiu de Salvador, André nunca mais en-  
controu sua mãe, nem soube notícias de seus familiares,  
inclusive de seu pai, que havia sumido depois que sepa-  
rou-se da segunda mulher. Essa situação perdurou até o  
dia em que, por acaso, deparou-se com sua irmã, na rua.  
Suas impressões a respeito deste encontro, aqui relatadas,  
mostram como, neste período de suas vidas, alguns menores  
principiam a questionar seriamente o seu comportamento  
homossexual. No caso de André tais reflexões dão conti-  
nuidade aos pensamentos que havia manifestado a respeito  
de seu relacionamento com seu namorado, quando externou  
dúvidas sobre a validade e permanência de sua conduta  
enquanto homossexual:

André: Um dia, eu tava passando em Copacabana e eu vi minha irmã, lá no Centro Comercial. Eu queria acender um cigarro, aí eu pedi a ela, porque eu não tinha fósforo, e aí ela me conheceu também, e a gente ficou conversando. Ela perguntou se eu tava trabalhando, eu expliquei pra ela que eu tava na Funabem. Eu tava muito atrasado, porque eu tinha que voltar pra a escola, mas eu marquei um encontro com ela pra conversar sobre a Funabem; aí eu falei pra ela comparecer aqui, e ela disse que vinha, mas nunca veio. Ela não gosta de saber que eu sou homossexual, eu acho que minha irmã não gosta de mim porque eu sou homossexual. Ela não me dá todo apoio porque eu sou homossexual. Se eu fosse homem mesmo acho que ela me daria todo apoio. Porque se eu fosse um homem e tivesse aqui no Rio, tivesse aqui nessa escola, já há um ano e pouco, e encontrasse uma irmã que ficasse há um tempão sem ver, e falasse pra irmã que estava interno numa escola da Funabem, acho que no domingo ela vinha fazer visita. Aí foi que eu pensei: pôxa, minha irmã, por eu ser homossexual não olha pra mim, não liga pra mim, eu fico muito chateado, sabe, D. Elizabeth. Eu sou assim, não porque eu quero, sabe, porque se eu soubesse que minha vida ia ser assim, ser homossexual ia ser assim, pra família não querer homossexual, eu não ia ser, não tinha seguido essa vida não.

E: Você aceita a idéia de sua irmã ter relações sexuais com alguém pra ganhar dinheiro?

M: Ah, D. Elizabeth, eu não. Pega mal não é? Eu nem sei se ela tá agindo a vida dela assim, sei lá, no dia que eu vi ela, ela tava sem dinheiro, mas talvez ela esteja trabalhando, não sei não. Sei lá, acho que ela ficou aborrecida comigo, por eu ser homossexual, mas eu acho muito triste numa família um filho ser homossexual, e outro ser prostituta, não é?

E: E você tem alguma notícia de sua mãe?

M: Não. Ela sabe que eu não tô aqui. Bem, ela tem um apartamento no centro da cidade, e mora numa casa bem afastada, num bairro chamado Avelar Brandão, que é o Arcebispo de Salvador. Ela comprou um terreno lá e depois construiu uma casa. É bem afastado. Antes eu tinha escrito uma carta pra ela, mas antes disso eu já tinha escrito duas cartas, e não tive resposta. A última carta que eu escrevi, eu disse que queria passar as férias em casa, e depois retornar a escola. Ela respondeu que eu podia muito bem passar as férias lá, que as portas estavam abertas, que tinha muita coisa pra falar comigo, mas só pessoalmente. Depois eu escrevi dizendo porque eu não tinha ido passar as férias.

E: E por que?

M: Porque Dona Clara disse que era muito longe, que não tinha dinheiro pra pagar minha passagem. E aí não veio mais resposta. Eu mandei outra carta, mas não tive mais resposta.

Raimundo também não via seus parentes há dois anos. Nem mesmo a proximidade do Rio de Janeiro de Austin o animava a ir em casa, pois, como muitos outros garotos nesta faixa social, seus interesses e vínculos afetivos estão concentrados fora do âmbito familiar. Portanto, o fato de que se mantivesse afastado de sua avó e irmãos, não significava que houvesse, de sua parte, ressentimentos ou rancor contra eles, mas faz parte dos hábitos inerentes à esta idade. É claro que, entre alguns garotos do grupo, como no caso de Manoel e João, desentendimentos e conflitos entre eles e suas famílias geram razões para que este afastamento seja acompanhado por um distanciamento afetivo, mas esta não é a regra entre todos. Desta forma, mesmo sem contato com seu avó e irmãos, Raimundo refere-se a eles com carinho, ao inverso de seu pai, a quem ele também pouco vê, mas que, por causa de sua atitude em relação a ex-mulher e filhos, não é bem visto :

**Raimundo:** A última vez que eu fui em casa foi no natal de 80/81. Tem dois anos que eu não vou lá. Eu fico mais assim é na casa dos meus colegas, e como eu tou acostumado, eu não tou mais querendo ir em casa.

**Entrevistadora:** E como é o seu relacionamento com eles?

**R:** Ah, tia, minha tia é durona; temperamento antigo. E ela gosta de manter a gente preso. Eu gosto de ser livre, de ser solto, de ter minha vida particular,

E: E teus irmãos?

R: Eu tenho uma irmã, que tá lá. Tenho um irmão casado em Belo Horizonte, um irmão de vinte e quatro anos que viaja muito, e uma irmã de nove anos e uma outra que tá com treze anos, eu fico morrendo de saudades delas. O meu irmão que faz entrega não tem casa não, ele é tipo um correio, viaja muito. A última vez que eu vi faz três anos. O Renato, o outro irmão, se amigou aqui no Rio e voltou pra Belo Horizonte, não gosta daqui não.

E: E seu pai, você voltou a encontrar ele?

R: O meu pai, eu vim a encontrar ele depois que eu cheguei de Belo Horizonte, eu gosto do meu pai, mas a gente não se vê não. Eu vejo ele assim, de longe, de vez em quando. Agora meu pai nunca me perguntou porque eu tou aqui, se eu sou homossexual, e eu nunca declarei. Se ele tocasse eu tinha uma resposta muito boa pra dar pra ele. Que eu sendo homossexual ou não ele não tem nada a ver com isso, porque não foi ele quem me sustentou. Pai não é aquele que bota no mundo e cria? Igual mãe.

Manoel e Arnaldo demonstram sentirem-se rejeitados pela família, pois seus parentes, após concordarem com o seu internamento, e autorizarem sua permanência na Funabem, não iam visitá-los lá. Embora esta situação seja habitual entre a maioria dos menores, alguns tem a

expectativa de que seus parentes, pelo menos aqueles responsáveis que moram na cidade, irão vê-los. Frustrados diante da recusa destes em irem à Funabem, esta ausência gera ressentimento entre os garotos, que passam então a "cortar" ainda mais os vínculos afetivos com suas famílias. Neste processo a Funabem e seus colegas vão se tornando cada vez mais, centro de suas atenções:

**Manoel:** Minha mãe de criação morreu de tuberculose, ela era uma pessoa muito boa, criou uma família imensa, mas eu nunca tratei ela de acordo. Sempre fui perverso, como eu disse à senhora. Então, pra mim, eu não tinha família, e não gosto de ir na casa da minha tia, nem ver minhas irmãs. Eu odeio minha família.

**Entrevistadora:** Por que você odeia sua família?

**M:** Eles foram chamados e não quiseram entendimento, me internaram, foi quando eles passaram a perceber que eu roubava, que eu tinha vício, e hábito de cometer sexo. Foi quando eles me entregaram pra Fundação, minha mãe de criação me entregou. Eu gostava dela, mas depois passei a não gostar mais. Eu não sou uma pessoa perfeita, a senhora me entende, boto defeito em tudo, pra mim eles estão mortos, todos eles.

**E:** Antes de você entrar pra Fundação, você gostava mais deles?

**M:** Gostava. Agora pra mim meus parentes é a Fundação. Aquela que me dá casa,

comida, mas então eu quero sair fora.

E: Mas o que foi que mudou em relação a sua família?

M: Sei lá, acho que desde o momento que eles decidiram me deixar aqui na Fundação, eles resolveram perder a responsabilidade comigo, por isso eu também não preciso mais deles.

Arnaldo: Minha tia também não se dá comigo, e aí sempre a minha mãe escreve pra minha tia, mas é muito difícil. Eles não vem aqui não, eu também não ligo pra ir lá não. Acho que eles nunca se preocuparam comigo não.

Conforme podemos constatar, o nível de desintegração familiar nesta faixa da população é muito grande, embora alguns garotos ajudem suas mães com maior ou menor frequência. Esta ajuda, no entanto, geralmente diminui a partir do momento que eles ficam definitivamente internados, situação que, entre outros motivos, contribui para que aumente o distanciamento entre eles e a sua família. As mudanças que o internamento acarreta não se restringem, porém, somente ao relacionamento deles com seus parentes, mas estendem-se também, às expectativas de vida fora da instituição. Conforme poderemos observar no capítulo seguinte, que trata deste tema, as mudanças ocorridas durante o internamento, em relação ao seu comportamento e modo de viver, tornar-se-ão ainda mais profundas ao falarem de seus projetos futuros.



CAPÍTULO VI

A HOMOSSEXUALIDADE E A MARGINALIDADE COMO PERSPECTIVA  
FORA DO UNIVERSO INSTITUCIONAL

Ao discorrerem sobre os seus projetos e expectativas em relação à vida fora da instituição, transparece no relato destes menores a reavaliação produzida pelo internamento e, concomitantemente, pela maioria que se aproxima, da sua identidade homossexual e marginal. De acordo com os seus relatos, a maioria deles não deseja mais utilizar o homossexualismo para se prostituir, e alguns até pensam em abdicar de serem homossexuais. Entre aqueles que desejam continuar sendo homossexuais, muitos expressam o desejo de viver essa experiência de forma mais discreta, sem se comprometerem com os estereótipos associados com o homossexualismo. Além disso, muitos declaram que já estão cansados de viver fugindo da polícia, seja por causa da prostituição, seja por causa do roubo, não desejando mais arcar com as incertezas e dificuldades que este tipo de vida acarreta. Contudo, alguns menores afirmam taxativamente que não hesitariam em voltar a roubar, se não arranjassem um emprego satisfatório. Esta afirmativa reproduz, de certa forma, as mudanças que já vivenciam durante este período de internamento no João Luís Alves. Podemos assim constatar, como vimos no capítulo anterior, que todos estes garotos modificaram, de alguma forma, o modo de se relacionar com

sua homossexualidade, não só no contato com os outros, como na sua aparência. Transformações equivalentes, no entanto, não se reproduziram em relação ao roubo, que continua sendo um hábito bastante freqüente entre alguns durante os fins de semana. De qualquer forma, todos eles mostram-se dispostos a trabalhar, ainda que varie o nível de esforço e disponibilidade para se adaptar a um emprego, pois nem todos aceitam a possibilidade de ganhar mal. Neste momento há uma grande esperança que a Funabem lhes arranje um emprego satisfatório, expectativa que constitui uma das principais razões para que acatem a ideologia transmitida pela escola, e pensem seriamente em "mudar de vida". Mas este desejo, comum a todos, ainda que signifique uma mudança em relação ao modo de pensar anterior ao internamento, não implica, como já vimos acima, uma mudança efetiva na forma de encararem sua subsistência, já que alguns menores pensam em continuar roubando se não conseguirem um trabalho que lhes pareça satisfatório. Nem todos também compartilham da mesma visão sobre os estereótipos vinculados ao "marginal" e ao "homossexual", havendo uma grande diversidade de opiniões relativas à validade e à necessidade de desempenharem tais condutas. Ao se posicionarem, os garotos fazem uma ampla avaliação das oportunidades oferecidas por modelos de vida diferentes, avaliação esta que abrange tanto as expectativas em relação ao futuro, quanto as experiências vividas no passado. É interessante observarmos como os alunos que acreditam no emprego que a Funabem "acena" como possível de ser arranjado mediante convênios com instituições,

bem como aqueles que estão dispostos a trabalhar em qualquer emprego, ao abordarem temas ligados ao seu "desligamento", manifestam pontos de vista completamente contraditórios em relação às suas opiniões anteriores. Assim é que estes alunos elogiam pela primeira vez, e vigorosamente, a vivência institucional, tanto no que se refere ao funcionamento da escola como um todo, quanto ao relacionamento com alunos e funcionários. Tais relatos, devido à multiplicidade e diversidade de opiniões, nos proporcionam uma visão bastante abrangente das narrativas até então descritas, propiciando-nos constatar, mais uma vez, o quanto é complexa a relação destes alunos com a instituição.

Paulo, Raimundo, André e Mauro relatam em suas entrevistas a importância que a escola desempenhou para que efetuassem mudanças no seu modo de pensar e sentir, tanto em relação ao mundo externo quanto em relação à si mesmos, manifestando-se totalmente a favor do regime institucional. Porém, esta unanimidade não impede que haja diferenças bastante significativas entre eles, tanto em relação ao trabalho quanto ao homossexualismo, ainda que em termos gerais, todos desejem trabalhar e não queiram ganhar mais dinheiro com prostituição:

**Paulo:** Eu não achava a menor graça de ter relações pra ganhar dinheiro, prostituição nenhuma não é graça, prostituição nenhuma não é farra. Não é brincadeira. Quando se trata de um homossexual que tá se prostituindo, é porque ele tá precisan

do. Porque noventa e cinco, noventa e três, são assim depravados, tem assim marca de gilete, navalha, corte no pescoço, no pulso, esses homossexuais que são pra frente, que gostam de pintar cabelo, fazer sobancelha, aí, sei lá, é difícil mesmo. Eu nunca fui extravagante, só fazia isso porque eu sou menor, e é difícil arranjar emprego. O lado bom é que eu me sentia livre, sem ter que dar satisfação a ninguém, sem hora pra voltar, se é pra deixar a porta aberta, se não é, onde é que deixar a chave, se é na varanda, se não é, sabe, eu acho isso. Eu vou dizer pra senhora, é uma vida assim boa, assim, gostosa de ser vivida, sabe, mas o que atrapalha são os sofrimentos ... Porque aqui eu pude olhar pra todos e pra tudo. Eu dei uma parada, e é muito melhor ficar em sala de aula, no pátio, do que ficar por aí correndo da polícia, cortando a cara dos outros, aqui eu tenho uma turma, tenho comida, roupa lavada, aí eu parei pra pensar e vi que era melhor estudar, ter uma profissionalização. Mais eu fui pensando isso aos poucos, porque primeiro eu fugi, duas vezes, mas depois achei bom ficar.

**Entrevistadora:** E você pensa em continuar a ser homossexual quando você sair da escola?

**P:** É, penso sim.

**E:** E você quando sair daqui, tá pensando em fazer o quê? Você pensa em continuar roubando se não aparecer um emprego?

P: Deus me livre. Ah, não, eu não quero mais isso não. Sei lá, a liberdade é a coisa mais preciosa, não quero perder mais ela não. Eu não quero nem pensar em ir pra prisão. Eu já assisti filme sobre isso, já assisti palestra, e não quero nem pensar em ter que ir lá.

E: E prostituição?

P: Nunca mais. Deus me livre, espero que eu não venha precisar disso nunca mais, Deus me livre e guarde. Nunca mais eu quero botar uma peruca, nunca mais. Eu já tenho emprego quase pronto, só estou esperando um telefonema. É de vendedor na Elle e Lui, na Tijuca.

E: E trabalhar na tua cidade?

P: Não, isso mais não. Só pra visitar. Porque em casa, já viu, meus pais aceita, mas não aceita, e pra evitar que eles fica dentro deles magoados, chateados, sabe, agora que já tá tudo normalizado eu tenho vontade de voltar pra casa, não pra ficar, mas pra ver meus pais, porque eu tomei nojo daquele lugar. Meu pai pensa que eu me regenerarei, porque eu pretendo ir lá incubado, aí ele não vai perceber nada. Eu também sou assim mais discreto, sabe, não gosto de aparentar que sou homossexual não, que ninguém fica olhando pra mim.

Entrevistadora (para Raimundo): Você acha que pra você se reintegrar na sociedade você vai ter que deixar de ser homossexual?

Raimundo: Não, parar de ser ladrão. Cansa, né

tia. Um dia cansa. Tudo que é demais en  
joa. Enjoei de roubar. Enjoei. Ah, essa  
vida de ficar fugindo da polícia, ser pe  
go na rua, espancado na rua, a sociedade  
vê menor na rua apanhando e grita, ladrão,  
sei lá, pega mal.

E: E você pretende continuar homossexu  
al depois que sair daqui?

R: Até morrer. Sei lá, acho que quando  
a pessoa nasce prum troço, não adianta  
forçar a barra, não adianta torcer, que  
não vai conseguir. Nasci pra ser assim,  
vou sofrer até o fim. Não tem jeito de  
mudar nossa opinião, compromisso, voltar  
a ser o que eu poderia ser, não volto, Ah,  
tia, nem sei como explicar pra senhora,  
mas eu me sinto assim, realizado, mais  
solto. Nunca imaginava, nunca pensei ser  
um homossexual assim, declarado. Ah, tia,  
é tão bom, vida de homossexual é tão so  
frida, mas é tão gostoso. Eu vejo os ho  
mossexuais, pôxa, já pensou eu me compor-  
tando assim sei lá, tia, tão "cafona" sei  
lá, eu como homossexual me sinto mais jo  
vem, me visto mais jovem, sabe, eu visto  
a roupa com a cõr da moda. Homem não pode  
vestir roupa a cõr da moda, só tipo de  
homem efeminado ... Eu não imaginava que  
eu ia ser um homossexual, ah, tia, é tão  
gostoso, bom. No começo dói, mas depois  
acostuma e pronto. É igual mulher, na  
primeira vez ela vai transar, e aí vai  
sentir uma dor, depois da primeira vez  
vem a segunda, a terceira, acostuma,  
não dói mais.

E: Quando você roubava, você achava

que tava fazendo alguma coisa errada, ou não?

R: Claro que era errada, tia. Achava muito errado. A pessoa sofre, trabalha, pra ganhar as coisas, e vem outro pra roubar.

E: E por que você roubava?

R: Não sei, não sei, eu gostava, mas agora eu quero mudar de idéia. Aqui tem muito aluno que não mudou de idéia. A maioria dos alunos quando sai fim de semana, sai na rua pra poder roubar. Eu não. Resolvi mudar de idéia. O juiz tá botando a idade certa agora na permissão, sabe? E eu acho a Escola João Luís Alves muito boa, ajuda muito as pessoas. Tem aluno aqui dentro que na rua não tem nem o que comer. Tem que dar graças a Deus porque tem a Fundação. Eu considero aqui a minha primeira casa, aqui eu aprendi a ser gente, a amar as pessoas, fazer amigos, gostar de mim mesmo, eu não gostava de mim. Sabe, um mundo diferente, pessoas novas, pessoas me ajudando. Aqui foi minha primeira casa. Eu só quero sair daqui quando eu for desligado. Ah, tia, eu também vou sentir muita falta daqui. Aqui eu encontrei uma coisa que eu não tinha, aquela coisa que eu tenho na escola, que é a amizade da gente mesmo, saber o erro da gente, sei lá, eu vou sentir muita falta quando eu for desligado daqui, eu considero aqui a minha casa. Eu me orgulho em dizer que pertencço à Funabem. Quando me perguntam onde eu moro, eu digo, eu moro na Ilhá do Governador, na Estrada das Caná



rias, na primeira mansão da rua, na Escola João Luís Alves, Fundação Nacional do Menor. Sei lá, eu me orgulho de pertencer à Funabem. Eu gosto. Tem muita gente que diz que aqui é o antigo SAM. Eu digo, o antigo SAM. Isso aqui agora é o Educandário. A senhora já ficou três horas da manhã limpando banheiro dos alunos, fedido? Nós ficamos. Sabe por que, tia? Nós estamos lutando por uma coisa. A senhora já pegou no telefone mais de dez vezes, já chorou no pé do diretor pra deixar telefonar por causa de uma bolsa de curso? Um menor, um ladrão, não faz isso. Mas um recuperado faz. E eu sou um recuperado. Se eu não fosse um recuperado, eu saía amanhã, e eu ia roubar. Mas eu não. Eu quero entrar pra sociedade. Eu quero fazer parte da sociedade. Ah, tia, tudo é passageiro, tudo é ilusão. É uma alegria rápida. Parece assim um mar florido, um mar de rosas, mas não dá nem pra perceber essa alegria. A gente vê que tudo é negativo. A alegria que tem na rua é isso, é boite, maconha, essas coisas. Praia, gastar dinheiro, é muito tóxico. Nada disso que a gente tava buscando na rua é legal pra gente. A gente tá a fim de mudar de vida, viver melhor.

E: E agora que é que você pretende fazer?

R: Quartel. Sei que vou sobrar.

E: Sobrar como?

R: Ah, por causa dos meus envolvimentos. Mas eu só saio da Funabem com meus documentos e um emprego.

E: Qualquer emprego serve?

R: Qualquer emprego, menos de pião.

E: Mas pode ser assim na Casa da Banha, de empacotador, servente? Qualquer coisa?

R: Qualquer coisa. Faxina, jardineiro, limpar grama. Eu faço tudo. Cuidar de ca chorro.

E: Mas você não pretende trabalhar em outra coisa?

R: Trabalhar em que, se a escola não dá nenhuma profissão? As profissão que tem na escola eu não aceito, e as profissões que eu quero a escola não dá.

E: Quais são as profissões que você quer?

R: Curso de cabeleleiro, curso de manicurê, curso de corte e costura, culinária, só quero uma dessas. Bem que a senhora podia entrar em contato com a diretoria da Escola Maris (escola feminina) e ver se a gente podia fazer isso lá.

E: Você acha que você vai se acostumar a ganhar salário mínimo, a trabalhar o dia todo?

R: Acostuma, porque não. Eu ganhava aqui na Fundação 1.800,00 por mês. Agora eu só ganho 300.00 por mês, a gente se acostuma.

Como Raimundo explicou, a noção de recuperação para ele vincula-se ao fato de deixar de roubar. Sente-se, portanto, um recuperado, condição que a seu ver, é determinada

inclusive até pelo fato de estar efetivamente cumprindo o período de internamento na escola. Além disso, a própria escola, por si só, segundo ele, constitui-se numa referência de reintegração social, já que, como ele faz questão de frizar, a João Luís Alves é um "educandário". No entanto, para ele, como para Paulo e André, a escola não é somente um local que legitima esta condição por causa de sua função social, mas efetivamente atua como fonte de reintegração social. Este aspecto, que eles próprios não ressaltaram em tópicos anteriores, não deixa portanto de corresponder ao sentimento que muitos alunos expressam durante sua estadia na escola. Alguns deles sentem-se pertencer a uma comunidade que, mesmo as vezes profundamente hostil, é também fonte de afetividade e de estímulo intelectual, proporcionando-lhes um tipo de vida que desconheciam até então. Porém a valorização de aspectos que, certamente, gratificam os menores durante sua estadia na escola, requer um distanciamento em relação aos problemas do dia a dia da mesma que nem todos são capazes de efetuar, menos ainda quando estão se referindo ao cotidiano da instituição. Talvez devido ao fato de que os garotos estivessem fazendo uma avaliação de todo um período de suas vidas, relativo aos seus projetos do passado e do futuro, alguns deles possam ter se sentido mais à vontade em expressar sua afeição por colegas e pela escola como um todo. Em alguns casos há uma assimilação bastante grande de ideologia transmitida por professores e funcionários, e alguns alunos, como André,

aproveitam esta oportunidade para questionarem inclusive sua homossexualidade. Único garoto, entre todos os membros do grupo que pensam em modificar radicalmente sua conduta, seu relato é um exemplo da transformação que ocorre neste período de internamento no modo de pensar de alguns alunos. Em seu relato podemos perceber como a disponibilidade para efetuar tais mudanças está profundamente vinculada às expectativas de inserção em um outro contexto social, como o Exército e a Marinha:

André: Ah, tia, eu também vou sentir muita falta daqui. Aqui eu encontrei uma coisa que eu não tinha, aquela coisa as sim que eu não tinha, uma amizade. Tem muitos garotos que acham aqui uma presi- diária, um presídio, sei lá, mas isso aqui pra mim é uma escola.

Entrevistadora: E quando você sair da qui, pra rua, você pretende continuar ho- mossexual e ganhar dinheiro com prostitui- ção?

A: Acho que eu vou procurar melhor, ser homossexual, mas ser homossexual, as sim, que todo mundo vê, não. Procurar ser o que sou, mas assim, bem social. Pra ninguém ficar criticando, agora que eu já tenho dezoito anos, que já tou noutra ida de, sei lá, acho que modificou muito, eu não quero mais ganhar dinheiro com isso não, até os quinze anos eu me amarrava, mas agora é diferente. Sei lá, ser homossexu- al, todo mundo fica falando. Ficam criti- cando o homossexual. Eu acho que eu era

muito novo, tinha pouca idade, aí não ligava pro que os outros falavam, ah, é bicha, sei lá. Mas agora todo mundo fica falando que eu sou homossexual, sei lá, mudou... Eu não tenho uma hora de tá alegre, contente, dentro de mim. Levando essa vida, sabe, eu não gosto. Além do mais meus familiares são tudo crente, minha família toda, e eu não sou crente, sabe, porque eu sou homossexual, sei lá, eu sei que Deus gosta de mim, desde que eu não pratique relações sexuais com outros homem. Deus, eu acho, gosta de mim, mas eu praticando sexo com outro homem, acho que Deus não gosta disso não.

E: Então você não tá satisfeito?

A: Não tô mesmo não. Principalmente com minha família. Eu saio na rua com os amigos homossexuais, todo mundo olha, principalmente porque os homossexuais querem se motrar pra todo mundo, eu acho certo não, D. Elizabeth, porque quando eu saio só na rua, ninguém fala nada não, mas eu me comporto do jeito que eu sou, porque eu sei me comportar, não é por nada não, do jeito que eu sei me comportar, D. Elizabeth, não é querendo se incubar, é do jeito que eu sou.

E: você tem algum sentimento de culpa pelos roubos que você já fez ou você acha que foi bom o que você fez? Ou você nem pensa sobre isso?

A: Não, isso não. Eu não tenho culpa não. Eu tenho um irmão que tem treze anos agora, e sei lá, eu acho que nessa idade eu já sofria na minha vida, por ser homos

sexual, e ele não é homossexual. Eu me sentia culpado, porque se eu fosse homem, um garoto mesmo, eu teria na casa da minha mãe, não precisaria roubar, quando eu vim pra cá, eu acho que não foi muito bom não. Foi melhor lá em Salvador, porque acho que eu me esgotei muito aqui, sabe, D. Elizabeth, porque lá, por exemplo, minha mãe não é rica, mas também não é pobre, o que ela ganha dá muito bem. Se eu estivesse em casa, eu não estaria aqui, precisando de tá roubando alguém pra poder almoçar, comer, me vestir, pagar aluguel, então, eu acho que isso mudou. Eu fico pensando assim, tanta coisa, sabe, eu ter que vender meu corpo, assim, eu fico pensando de ser homem, sabe, mas eu não consigo, porque meus pais sabem que eu sou homossexual, principalmente minha mãe. Lá, quando eu saía, pelos menos, eu tinha algum dinheiro. Minha mãe me dava. E aqui eu não tinha ninguém que me desse, tinha que ir na esquina, até roubar. Eu conheci Salvador. Aqui no Rio eu tenho que dar escândalo nos hotéis, pros caras me dar mais dinheiro, aí é que falta, que aqui é mais triste. Lá tinha uns caras que me ofereciam dinheiro, e eu não aceitava, porque eu não precisava. Tinha vezes que eu aceitava, tinha vezes que não. Aqui, eu ainda tinha que roubar, porque aquele dinheiro não era suficiente. Eu vim aqui pelo desejo de conhecer o Rio, de conhecer outras pessoas, então prum lado eu acho bom, sair só, ser livre, mas pro outro lado eu acho ruim, porque eu sinto muita falta da minha mãe. Todos os dias,

quando eu vou dormir, eu rezo muito pra ela, tanto por ela quanto pelas minhas irmãs.

E: Então você está arrependido?

A: Eu estou. Arrependíssimo. Porque se pensasse que fosse assim eu não taria nessa vida não.

E: Há quanto tempo você pensa assim?

A: Isso foi quando eu cheguei aqui no Rio. Há bem dizer, eu tenho mais tempo aqui na Funabem, do que eu tenho na rua. Porque eu tenho sete meses e uns dias, eu tenho mais tempo aqui no Rio, na Funabem do que na rua.

E: Você acha que os garotos da sua turma estão satisfeitos em ser homossexuais?

A: Tem uns que está, outros não. Pelo menos no meu caso, não estou. Eu tou com uma vida complicada, mas já pensou se, quando eu for desligado, eu voltar pra Bahia? Agora eu já me acostumei aqui, eu sou homossexual, e lá na terra de meu pai, eu assim, vai ter de começar tudo de novo. Vou ter que roubar, fazer isso e aquilo, e minha mãe ficar vendo aquilo de mim. Não sei, eu acho melhor ficar aqui no Rio. Eu quero sair aqui da Funabem com um trabalho e um estudo, senão, o que é que eu vou fazer lá fora? Sair com um revolver, uma gilete? Ficar nos pontos de esquina batalhando? Sei lá, mas que eu seja um homossexual sem precisar ficar roubando, e transando com essas pessoas que são quer o dinheiro da gente. Eu dessa vida de tá juntando dinheiro furtado, não quero mais

não. Eu quero fazer um curso de auxiliar de escritório. Aí quando eu falo isso pros meus amigos homossexuais, eles dizem que isso é um trabalho bem homem, mas eu digo pra eles que cada um dos homossexuais, não são iguais, cada um deve fazer o que quer: cabelereiro, maquilador, depilação, mas eu não, eu nunca me entrosei. Sei lá, tenho dentro de mim mesmo, eu não queria ser isso. Então eu não devia ser homossexual. Esse mês eu vou ter que ir para o quartel.

E: E se você for servir?

A: Vai ser uma boa pra mim. Eu penso muito em servir, sabe, na Marinha. É o sonho que eu queria ter, ser marinheiro. Viajar. Minha mãe sempre falava pra mim que queria que eu fosse assim, um marinheiro, ou do Exército. A roupa toda verde. O sonho dela. Até hoje eu não me esqueço. Então eu queria lutar pra mim passar.

E: O que é que você lembra mais, de coisas que ela dizia pra você?

A: Ela falava que eu devia ser um homem, casar, ter filhos; e eu não sou aquilo que ela pensa.

E: Se você fosse pro Exército ou pra Marinha, você continuaria sendo homossexual?

A: Não. Deixava mesmo. Esquecia tudo.

E: Ia se relacionar com mulher?

A: Ia. Até esquecia esse cara. Deixava de ser o que eu sou, só pra dar gosto à minha mãe.



E: E como é, essa história de Marinha? Você ia largar tudo mesmo?

A: Ia. É como se tudo passou, essa fase passou. Por exemplo estou aqui agora conversando com a senhora, e sou homossexual. Também nem sei quando é que eu vou me apresentar no quartel. Acho que é dia vinte. Aí chego lá, me apresento, mostro os papéis e passo. Não sei como é, mas acho que vou ter que usar roupas da Marinha, aí modifico. Não sou mais como essas pessoas que estão aqui. A senhora tá me entendendo? Eu tenho que esquecer aquilo que eu era, procurar uma garota. Porque aqui na escola todo mundo fala, até minha professora, que eu sou homossexual, "que você não serve pra essas coisas", que eu sou simpático, um cara alto, bonito, fala assim, sabe, sobre mim, que eu não tenho nada de homossexual.

E: Então pra você não é motivo de orgulho ser homossexual?

A: Pra mim não.

Como André, Mauro também cogita em deixar de ser homossexual, mas este desejo é expresso de forma muito menos elaborada do que o modo como foi relatado por seu colega. Valorizando da mesma forma que os alunos anteriores o dinheiro ganho sem roubo e prostituição, seu relato revela também o aprêço que possui pela oportunidade de estar internado, além de enfatizar um outro aspecto do internamento do qual quase todos os garotos estão conscientes, ou seja, a possibilidade de estar alheio às vicissitudes de sobrevivência "lá fora".

**Entrevistadora:** E hoje você tem vontade de sair dessa vida, ou de continuar?

**Mauro:** Bem, as vezes eu tenho, as vezes não. Eu as vezes tenho vontade de ter um filho, mas aí eu fico pensando que eu vou ter que ser homem mesmo, né, é muito complicado.

**E:** Complicado o quê?

**M:** Bem, a senhora vê, quando as meninas vem aqui, é uma confusão, porque é um disse me disse, cada um com ciúme e confusão com o outro. Então eu fico pensando, sô de ver essas mulheres no baile, como é que ia ser se eu tivesse uma.

**E:** Como você se sente por ter se prostituído?

**A:** Ih, eu não gosto nem de pensar, eu me sinto tão por baixo.

**E:** E por ser homossexual, você se sente bem?

**A:** Não.

**E:** E por ter roubado?

**A:** Aí é outra coisa, é muito ruim né? A gente tem que roubar pra viver. É horrível. É um privilégio tá aqui.

**E:** É um privilégio tá aqui?

**A:** Você acha?

**E:** Acho. Claro que é. Aqui a gente tem tudo, e não precisa ficar neste aperto na rua. A gente pode mesmo se considerar privilegiado.

Embora Manoel e Gilson mostrem-se dispostos a roubar e, este último, até a prostituir-se, caso não obtenha trabalho, eles também demonstram em suas entrevistas a influência que este período de internamento exerceu sobre eles. Assim, ao mesmo tempo em que criticam a escola, não deixam de expressar a importância que esta ocupa em sua vida afetiva, associando-na também às mudanças que, mesmo menos radicais do que as de seus colegas, também ocorreram com eles, pois, de preferência, todos preferem seguir um outro tipo de vida. No caso de Manoel, mesmo percebendo as deficiências do funcionamento da escola e da institucionalização em geral, este atribui à sua estadia em Paracambi e na João Luís Alves, um processo de mudança de "certas posições", onde acredita ter acontecido uma "recriação" de si mesmo. Na sua entrevista podemos perceber o quanto o desligamento assusta os alunos, os quais, longe do contato com a comunidade e parentes, receiam ter que "se virar" sem a "mãe fundadora, de barba", sentindo-se então, de forma oposta ao início de seu ingresso na Funabem, até tristes em deixar a Fundação. Contudo, mesmo tendo consciência que o internamento lhes traz vários benefícios, não passam despercebidos a alguns garotos os custos que estes acarreta, como a "legitimação" do distanciamento em relação à família, e a perda de contato com a comunidade. Cientes de que o internamento significa uma situação fictícia em relação ao seu modo de viver, nem todos descartam portanto a possibilidade de voltarem a roubar caso necessário, sentindo-se, como Manoel, bastante inseguros e solitários diante da pers

pectiva de voltar a sobreviver na cidade com seus próprios recursos. Ele, como muitos outros, diante do desligamento, pela escola, afirma que voltaria, se não a prostituir-se, pelo menos a roubar, se o necessitasse.

**Manoel:** Tudo que eu queria era um pouco de liberdade pra poder agir, porque eu praticamente tou vivendo por viver, então qualquer interesse pela vida eu sinto que eu não tenho mais. Então qualquer coisa que os outros dizem que é possível fazer eu não tenho mais, porque perdi o gosto pela vida. Eu sinto que tenho que marchar contra o tempo, e não ficar esperando o tempo marchar contra mim. Eu tôu desgostoso em todos os sentidos, porque quando o ser humano se sente só, ou só completamente, porque quando ele tem amigo ou instrutor, mesmo com os amigos e os instrutores, eu me sinto só pelo lado familiar. Eu sou o tipo de uma pessoa que se eu não tiver nada, costuma dividir no meio. Então eu me sinto muito infezado, no meio de minha família, porque minha família não é assim, eles querem tudo pra eles. O apoio que a minha mãe de criação também me deu, o esposo também, como a senhora pode ver, ela morreu. Eu acho que a morte é a solução, em certos casos, é a solução pra quem já não consegue mais combater o inimigo.

**Entrevistadora:** A sua mãe de criação que você fala ...

**M:** É aquela que morreu no Morro da Santa Marta, em Botafogo, ela morreu de tuberculose.

E: Mas aqui da vida da Fundação, você gosta?

M: Não, costuma o aluno mal. Tudo na mão.

E: Você acha ruim isso?

M: Acho. Sei lá, o aluno se vicia na quilo, e na hora de ir embora, é tudo que ele tem. Chora, porque aquela mãe fundadora, de barba, de antes, não pode mais ajudar ele.

E: E homossexual, você pretende continuar?

M: Pretendo.

E: E roubar?

M: Acho que uma pessoa quando rouba, quando precisa, eu não considero essa pessoa ladrão, ela tá procurando um modo de matar a fome, ou a sede. É o que precisa. Agora muitos roubam porque querem roubar, porque gosta de roubar.

E: E no seu caso?

M: Eu acho que cheguei a roubar porque eu precisei, por não ter apoio de ninguém.

E: Então você não acha que cometeu alguma coisa de errada?

M: Não.

E: E hoje em dia, se você roubasse, seria errado?

M: Dependendo da situação financeira..

E: E você vai tentar viver do seu próprio dinheiro?

M: É. A gente vai ter que unir pra con

seguir o que a gente quer.

E: E usar o próprio corpo para ganhar dinheiro, você vai continuar?

M: Isso aí eu cortei. Agora eu pretendo levar um deles, junto comigo, pretendo levar o Raimundo, por exemplo. A gente vai formar uma dupla. E se tiver mais alguém interessado, pode vir. A gente pode comprar um apartamento, com tranquilidade.

E: Mas isso é muito caro. Você ia ter que roubar muito dinheiro pra conseguir isso logo.

M: Claro que não. Isso aí não é bom. Uns praticam por necessidade, e outros por esporte. Como eu. Eu pratico por esporte.

E: E isto vai continuar?

M: Não, pra im não. Pra mim acaba. Se tudo correr bem como eu penso, eu vou falar com meus amigos e vou trabalhar. A gente vai se unir lá fora e vai fazer outra coisa. Eu já tou fazendo curso. Por exemplo, de culinária e de motorista. Eles também vão fazer, já pedi a eles.

E: Onde você tá fazendo curso de motorista?

M: Quintino. São dois cursos. De taxi também.<sup>1</sup>

---

1. Esses cursos não chegaram a ser iniciados.

E: E você gosta de culinária?

M: Adoro. Aliás, eu nem preciso de curso pra culinária, porque eu adoro cozinhar.

E: Mas antes de entrar pra escola você não pensava isso não?

M: É, acho que não.

E: E o que levou você a mudar de opinião?

M: Foi um pouco de convivência com o meu irmão, que passou a me visitar, lá em Paracambi. Então eu passei um pouco a estudar os livros dele, a minha irmã psicóloga passou a ir lá, me ensinou muita coisa. Lá era um orfanato de padre, e eu aprendi muita coisa. Lá não era da Funabem não, era pago, quem me botou lá foi essa minha irmã, foi antes da Funabem. Eu fiquei lá cinco meses, depois fui pra rua, e cá aqui, um mês depois ... Estava lá, mas saía também. Era uma coisa muito bonita. Então eu pensei bem e vi que podia ser uma nova criação, criar eu mesmo. Então eu passei a fazer música, coisa que eu gostava.

E: Mas você disse que entrou aqui por causa de uma batida de carro. Quando você saiu de Paracambi você continuou roubando.

M: Mas é que eu não tinha a mente bem informada.

E: Então você acha que foi lá que você começou a mudar de idéia, ou foi aqui?

M: O principal disso tudo foi lá, eu acho. Lá que eu comecei a perceber as coi

sas. Agora a Funabem também não deixa de ser importante na minha vida. Ele me mostrou muita coisa. Educação, modos, mas se não fosse Paracambi eu não tinha jeito para mim não. Porque foi lá que eu comecei e estudar eu mesmo. Eu não vou dizer que estou plenamente mudado, mas já mudei de muitas posições. Lá em Paracambi, eu fiz uma música, e tirei o primeiro lugar num Festival de música que a gente fez lá. Chama Saber Amar. Eu chamei três garotos e uma moça e a gente cantou (canta uma música crente, a mesma da outra fita e depois canta um samba, que diz ter feito):

Ó, querida amizade sincera/  
me agarra me leva contigo pra outro lugar/  
Deixa me envolver nos seus braços/  
Vem sentir o amor ao meu lado/  
E ver o que essa vida tem pra nos dar/  
Não adianta viver do passado/  
Que a vida é arte dos astros/  
É o ponto final pra quem sabe parar/  
(porque eu pensava que vivendo do passado eu ia me dar bem, foi por isso que eu fiz essa música). Aí como eu cantava:/  
Quase que eu caio no mundo da ilusão/  
Meu amigo essa vida não é mole não /  
Quem não sabe viver cai no alçapão /  
Vamos lá/

Então eu dizia que vivia de ilusão, num mundo furado e que eu vivia do passado, então que aquele passado não interessava a ninguém, só a mim.. E tem uma outra coisa que nós fizemos aqui, no grupo:

Para de caguetar malandro/  
para de caguetar malandro/



A sentença de um calguete malandro /  
Não dá nem pra dizer/  
Calguete não é malandro /  
É um cara experiente /  
Vive roubando galinha/  
Ou se não, tá cheio, ou doente/  
Lava prato todo dia /  
Inda diz que tá contente /

E: E porque você acha que lá fora vai ser melhor pra você?

M: Pôxa, vou poder viver longe da família.

E: Mas aqui você tá longe da família.

M: Tôu, mais eles ainda podem ter contato comigo.

E: E teu pai?

M: Também não. Eu não tenho mais contato com ninguém. Eu queria mesmo é arrumar uma pessoa que me desse trabalho, e que eu pudesse ficar junto com ela, e ã ela dar tudo que eu sei; e se dependesse de mim, se fosse uma nova família, e eu pudesse aproveitar o amor que eu tenho em mim, e dar ele pra alguém, eu dou. Se eu desse pra alguma pessoa. Afinal o ser humano vive de altos e baixos. Sei lá, sempre posso conhecer uma pessoa legal. Tem mais nada a perguntar?

Ao expor seus pontos de vista a respeito do homossexualismo e da marginalidade, Gilson, como os demais, mais uma vez, mostra-nos como é intensa a influência que a institucionalização exerce sobre eles, pois, mesmo defenden

do intensamente o roubo e a prostituição como meio de vida ele também expressa o desejo de servir no Exército e arranjar um emprego. Desta forma, mesmo que em sua entrevista Gilson se mostre o mais contestador, de qualquer modo, ao referir-se ao seu futuro, termina por expressar a ideologia vigente na instituição. Aliás, tanto ele como os outros alunos, ao evitarem fugir da escola e decidirem permanecer internados aguardando o término dos estudos ou um emprego, ou mesmo, conforme Gilson declarou em outra ocasião, desejando permanecer na mesma para não ter que continuar roubando, mostram como todos eles compartilham, ainda que em diferentes níveis, os ideais transmitidos pela escola. Tais objetivos não impedem portanto que no cotidiano eles se envolvam numa série de conflitos com alunos e funcionários. Este comportamento porém, além de não implicar um desajuste com os objetivos mais gerais da escola, oscila segundo as circunstâncias em que se encontre o garoto. Dessa forma, embora Gilson faça questão de frisar que ele é o mais problemático e agressivo de todos, esta sua característica jamais foi estendida às suas entrevistas comigo, mas, pelo contrário, ele foi um dos alunos que mostrou-se mais disposto a ser entrevistado.

Gilson: Ser homossexual pra mim é bom, eu gosto, e não tenho arrependimento.

Entrevistadora: E você acha que ganhar dinheiro com prostituição é bom?

G: Até quando eu quiser, isso não vai ser pra sempre, né tia?

G: Robo porque gosto e gosto de ter mi  
nhas coisas. Minha mãe é pobre e não pode  
me dar o que eu quero. Isso não é descul-  
pa e nem vem ao caso, mas robo porque que-  
ro, e não é porque falte pra mim, nem que  
seja o arroz com feijão puro, mas minha  
mãe tem isso pra me dar. Robo porque gos-  
to de comprar um sapato, uma calça, por-  
que se minha mãe for me dar essa calça  
comprida, vai deixar de comprar as coisas  
pra dentro de casa ...

E: E você não tinha culpa de nada, acha-  
va que aquilo era uma boa?

G: É, achava que aquilo era uma boa  
não tinha culpa de nada, sabendo que se  
eu fosse pego, ia apanhar muito. Por isso  
eu ficava bem longe de lugar onde polícia  
passava, lugar com pouco movimento, e  
quando vinha uma pessoa assim, tirava as  
coisas daquela pessoa. Tirava não, tiro,  
eu não escondo. Anos de mau elemento.

E: E você considera roubar muito natu-  
ral?

G: Bom, roubar não é muito natural, por-  
que se fosse, não existia polícia pra evi-  
tar o roubo, então não acho muito natural.  
Mas é uma coisa muito praticada.

E: Mas dentro da necessidade é válido?

G: Dentro da necessidade, pra isso já  
existe trabalho pra que a pessoa não pas-  
se tanta necessidade assim.

E: Então porque você não se encaminha  
para o trabalho?

G: Porque eu já acostumei assim, e é

um caminho mais fácil de que trabalhando. Meus colegas homossexual que eu tenho onde moro, muitos trabalha em casa de família, alguns não faz nada, fica andando em favela pra cima e pra baixo, mas aqueles que trabalha, fica pra mim, vai trabalhar, e eu na maior cara de pau, você recebeu hoje, eu não, você recebe quando, dia cinco, dia dois no final do mês.

E: É?

G: É. Ganha quanto? 20.000,00, 30.000,00, enquanto vocês tira isso por mês, eu tiro isso por dia, roubando. Então com licença, vou me encaminhar aqui. Dou logo um fora, e ninguém vem me falar mais pra eu trabalhar. A senhora tira quanto tia, para ficar aqui sentada?

E: Eu não estou mais trabalhando aqui.

G: Mas antes a senhora tirava quanto?

E: Sem imposto, 280.000,00.

G: Pois é, a senhora tirava isso no final do mês. Eu não tiro isso durante a semana, mas no final do mês garanto que eu tiro mais do que a senhora. Com isso já estoro porta de carro, porta de padaria, de loja, vou lá na caixa buscar. Contado, diz é mentira, mas se tivesse de falar a verdade, eu jamais ia mentir pra quando eu tivesse na pior não ter que falar que menti. Por isso é que eu tou falando isso tudo aqui.

E: Mas fita é só pra mim, eu já expliquei isso.

G: Pois é, eu e mais três, a gente já tirou até 300.000,00, só com uma padaria. Sabe como é que a gente ganha? Uma grama

de ouro tã 9.500,00, a senhora rouba dez cordões, cinco cordões, no pescoço das ma dame, arruma três, quatro, cinco anel nos dedo das outra madame, arruma brinco de ouro, arruma pulseira, então a senhora junta aquilo tudo e vai ver quanto a se nhora vai ganhar, 9.500,00 cada grama. Di gamos que a senhora entre dentro do buraco de um túnel, e aí fica ali dentro, aí vem uma madame, e aí aquela, ali tem um cordão, dois, três cordões, e aí a senhora tira, aí vem outra, a senhora faz a mes ma coisa, vê quanto não vai dar.

E: Mas é todo mês? É muita gente pra roubar e pouco ouro.

G: Mas dentro de Copacabana? As madame tão cheia de ouro pra dar pros ladrões.

E: Ainda hoje?

G: Ainda hoje. A vida do jeito que tã, ladrão atacando, ainda existe ouro. A outra eu abri o busto dela no meio.

E: Que horror.

G: Uma giletada.

E: Por que?

G: Porque ela não queria me dar um anel de ouro nem o cordão. Vai dar não, né? En tão eu vou te cortar. Zupt. Ela levou dezesete pontos.

E: Como que você sabe?

G: Porque ela saiu gritando, chorando, a po lícia veio (com voz de deboche), aí a mãe dela veio e disse, você fez minha filha levar dezesete pontos, na cara também, de pegar assim, e cortar até debaixo do queixo.

E: E aí você foi preso?

G: Fui. Levei um pau, mais em compensação deixei três máquinas de datilógrafo quebrada. Igual aqui quando eu fiquei na inspetoria. Eu faço tanto troço errado tia. Já arrumei tanta briga nessa escola mas quando eles vêm me bater tá cheio de armário nessa escola, que eu sei que a porta deles é de vidro, aí eu falo, então tá, bate, mas olhando no vidro. Se bater, eu dou um soco no vidro. Eles nunca me bateram aqui nessa escola. Só me bateram um dia de madrugada. Deixaram de me pegar de dia, pra esperar eu dormir, foram lá, e me chamaram de madrugada. Aí sabe quantos foi? Quatro. Sabe onde eles me botaram? no baú pra mim não quebrar os vidros.

E: E aí?

G: E aí, ficou batido, minha filha. Mas na próxima briga que eu tiver com o monitor e aluno, eu pego logo um caco de vidro, pra descontar num. Eu pulo a grade aqui, eu vou na cozinha, eu robo, dia de crente, que é domingo, eu ascendo cigarro na frente de todo mundo, fico fumando, não sei o quê, xingando, zombando, falando rindo da cara dos outros, daqui há pouco entro na cozinha, que é perto do refeitório, pego de todo mundo, só pra procurar briga, mas num acho. A tia Helena disse que está me dando esse tempo. Mas tia Helena, hum, paguei pra ela, por essa luz divina, que tá me iluminando, eu peguei ela assim, tia Maria, assim, a outra assistente social no corredor, as três ficou assim, virada de frente pra

mim, de boca aberta. Dei-lhe uma resposta, que ficaram boba. Antes quando eu vim pra cá eu não ia pra sala de aula, não ia pra oficina, não ia fazer trabalho, agora eu já tô trabalhando, tô estudando, fazendo tudo. E sabe o que eles estão fazendo? Me embromando. Queriam que eu fosse fazer física? Meu número é ... eu não vou fazer física. Também não vou pra sala de aula.

E: Então você tá tentando sair da Funabem? E porque você achou que ser homossexual era melhor?

G: Sei lá, acho que quando uma pessoa nasce prum troço, não adianta forçar a barra, não adianta torcer, que não vai conseguir. Nasci pra ser assim, vou sofrer até o fim. Não tem jeito de mudar nossa opinião, compromisso, voltar a ser o que eu poderia ser, não volto.

E: E você acha o que, do fato de ser homossexual? Você acha que ser homossexual é uma boa, que roubar, também é, ou não?

G: Eu acho que ser homossexual não tem nada a ver com roubar. Pessoas que criticam é que são safadas, pessoas que criticam o homossexualismo. O roubo, sim pode criticar, não é por eu ser homossexual, é por eu ser que eu defendo a mim e aos meus colegas, mas é por eu ser que eu falo isso, por que se eu achasse errado, eu comentava, eu falava, olha, homossexual não pode ser assim, tem que ser assado. Mas eu acho normal, mesmo. Eu não trato homem bem, mulher também, en

tão porque que o homossexual não pode ser bem tratado? Não deixa de ser gente, tia. É gente igual a todo mundo.

E: E ganhar dinheiro com homossexualismo, você acha normal?

G: Ah, tia, isso não é normal não, que é a mesma coisa de roubar. Não é normal porque eu vou passar a noite toda acordado esperando passar o primeiro que vier para ir prum hotel e me fazer de mulher debaixo dele pra poder ganhar 2.000,00, 3.000,00. Não é normal. E segundo porque a gente vai gastar aqueles 2.000,00, 3.000,00 que vier e inda vou ter que roubar. Mas passa. Não é normal, mas passa.

E: Então você faz isso com culpa?

G: Culpa de quê?

E: Você disse que não é normal.

G: Não é normal mesmo não, mas eu faço. Faço sim, e se vier alguém me perguntar, eu digo que é mentira.

E: Mas e perante sua própria consciência?

G: Ah, a consciência não tem nada a ver. Minha consciência não pode combater a consciência, porque minha consciência é uma só. Eu tô mexendo ali, e minha consciência tá sabendo que eu não posso mexer ali, mas eu tô consciente que tô mexendo. Então não tem nada a ver consciência. Se eu tô mentindo, é porque minha cabeça tá mandando eu fazer aquilo, e eu faço tudo que der na cabeça.

E: E você sente prazer nisso?



G: Na hora que eu pego bastante dinheiro das vítimas, que eu uso bem, na hora que tá acabando, eu vou roubar de novo. Quando eu dou má sorte, vou dormir. E se a vítima tiver me fazendo de ótaria, ah, tá, meto uma gilete na cara dela. E pessoas que não acreditam que a gente não faz maldade na rua. Pergunta pro Arnaldo, é um colega meu lá do Padre, só que ele não é bicha não, pergunta pra ele as brechas que ele já viu eu fazer na cara das madames, lá em Copacabana. D. Helena tava brigando comigo, a primeira vez eu furei um pneu do carro dela. A segunda vez eu furo os quatro, e a terceira eu espero encontrar ela na rua. Quando eu encontrar com ela, eu passo a gilete na cara dela. Igual a outra. Tô querendo perturbar.

E: Por causa de que?

G: Por causa de que eles não tão me dando permissão, porque eu tou com dezessete anos, eu vou pra rua, e vou voltar, vou continuar roubando, até os dezoito.

E: E depois?

G: Depois eu vou pra cadeia de uma vez, pronto. Porque eu já tenho umas quatro tentativas de homicídio.

E: O quê?

G: Por causa desses cortes que eu dou nas pessoas. Pensa que não? Gilete é arma branca, é tentativa de homicídio sim. Dei duas facadas numa senhora, e cortei no peito e na cara, corte na cara já cortei tantos.

E: Mas então você acha que você se sente preparado pra ir pra cadeia?

G: Ah, quem tá nessa vida é pra ir pra qualquer lugar. Se eu não gostasse dessa vida de viver preso, ou de viver roubando, eu já tinha parado há muito tempo, tia. Já roubei tantas vezes, e fui preso, já apanhei tanto, tantas vezes, e fui preso, já apanhei na coluna, mas já sofria dela antes deles me amarrarem meu pé e minha mão junto, e eu gritar forte, e quanto mais gritar mais bater. Os polícia fala, vai morrer de pancada, coitado, e as vítima vai morrer sofrendo.

E: Então você tá preparado para ir preso?

G: Ah, eu tô. Eu quero ser uma pessoa respeitada pelo público.

E: Como?

G: Assim, de chegar no meio de um monte de gente, e as pessoas dizer: guarda, toma cuidado com esse menino, que nossa senhora, ele é bravo feito o cão. Esse aí já pegou Bangu, Ilha do Governador, fica de olho nesse menino, trata dele bem, que ro ser respeitado pelo público.

E: Mas você acha bom ficar cinco, dez, anos numa cadeia?

G: Ah, isso pra mim é pouco. Agora eu tô com dezessete, sair com vinte e sete não é nada. Com dezessete anos, eu vou pra rua, e vou voltar, vou continuar roubando, até os dezoito.

E: E depois?

G: Depois eu vou pra cadeia de uma vez,

pronto.

E: Mas depois continua, depois volta, você vai passar a vida inteira preso?

G: Que é que tem? Também tem o que fazer lá, aqui eu não fico roubando, procurando os outros?

E: É, mas tem gente aqui que quer sair daqui, e não pensa em ficar nessa não, tem gente que nem ficar aqui quer.

G: É, isso tem. Mas eu acho bom aqui. Aqui tem tudo que eu gosto: toda hora agressão, fofoca, passar como se eu fosse uma pessoa agressiva, pessoa nojenta, ignorante, uma pessoa brigona, uma pessoa criadora de problema. Eu passo por isso tudo, então eu vou ficando aqui. Se for pra algum lugar que for passando de bonzinho, arrumo logo um jeito de criar problema, pra todo mundo ver que eu não presto. Eu quero é que enquanto tiver malandro aqui dentro, eu quero me dar com eles. Se tem uma turminha dizendo que vai pegar um monitor conforme se fez aqui, pode procurar lá no meio que a senhora me encontra com um pedaço de madeira, de pau, pra mim bater também. A senhora está triste?

E: Não.

G: Ih, a senhora está desligada, nem tá prestando atenção no que eu tou dizendo. Eu tô aqui falando sozinho. (Rí). Eu tava dizendo que se tiver uma rodinha com um pedaço de pau, pode procurar lá no meio daquela patotinha de homem, que eu tô lá no meio com um pedaço de pau, e um caco de vidro na mão, querendo bater também.

E: Você acha que você é igual a todos os alunos aqui da escola?

G: Em que sentido?

E: Você acha que todo aluno aqui é marginal, ou ...

G: Ah, tá. O que tiver marginal, eu sou marginal. O que é comédia, eu sou comédia.

E: Você acha que você como você falou, pelo fato do que você faz?

G: E é pelo fato de ser agressivo do jeito que eu sou, e de mal com os outros. Trato muito mal os outros.

E: Não é porque você é homossexual que você acha que você é assim.

G: Não, é porque eu sou homossexual re<sub>u</sub>tado mesmo, da bandeirinha, sou da banda virada mesmo. Os outros não, são mais calmos do que eu. Eu sou mais atentado, sabe? Mais problemático ... Quando eu sair da qui vou alugar outro quarto, me ap<sub>re</sub>sentar no quartel, pra eu servir. Agora D. Clara tá com vontade de agir um curso de cabelereiro no Stella Maris, pra homossexuais, e eu tô com vontade de pegar esse curso, e assim eu posso fazer alguma coisa lá fora.

Arnaldo e João foram muito breves em suas descrições, mas todos dois, em poucas palavras, reafirmaram a vontade de permanecer homossexual, como a maioria. De qualquer forma, devemos levar em conta que para todos eles é muito mais difícil declarar uma mudança neste sentido, do

que expressar o desejo de arrumar um emprego, visto que o homossexualismo é o eixo sobre o qual está organizado o grupo a que pertencem. Quanto à possibilidade de trabalhar num emprego fixo, João, como muitos de seus colegas, deixa claro que a possibilidade de voltar a roubar, se for necessário, não está descartada.

Entrevistadora: O que é que você vai escolher pra trabalhar quando sair daqui?

Arnaldo: Eu faço qualquer coisa, até no supermercado eu trabalho, eu pretendo estudar.

E: Você pensa em mudar? Em deixar de ser homossexual?

A: Eu não. Nenhum homossexual pensa em mudar.

Entrevistadora: E você acha bom ser homossexual?

João: Bom, eu sou desde cedo, comecei a vida cedo, saí de casa já era, não tenho nada pra dizer não, eu acho melhor ser homossexual declarado do que como muitos aí. Por exemplo, finge que a senhora é como um homem, uma lésbica, por exemplo, e aí todo mundo pensa que a senhora é mulher, e um dia a senhora é flagrada dando um beijo na boca de uma mulher, aí ia ficar feio pra senhora, não é? Assim é melhor, não é novidade pra ninguém. Eu não tenho nada a reclamar não. Sou aqui dentro como eu sou lá fora, e ganho um dinheiro para pagar minhas contas, minhas roupas, e pronto. Se eu for arrumar um

serviço vai ter que ser de doméstico,  
porque outras coisa eu não sei.

No próximo capítulo, durante a conclusão, alguns dos itens aqui mencionados serão retomados. Poderemos en  
tão obter uma visão mais completa a respeito da complexida  
de e ambiguidade que envolve a relação destes garotos com  
a instituição e com a comunidade em geral.

CAPÍTULO VII

## CONCLUSÃO

Nosso objetivo neste capítulo é efetuar uma reavaliação suscinta dos custos e benefícios que o homossexualismo, o roubo e a prostituição trazem para o cotidiano dos menores entrevistados, mediante a contextualização do caráter desviante atribuído à estas condutas, consideradas "anti-sociais". Remetendo-nos à visão política do desvio, iremos examinar as implicações concernentes à rotulação destas atitudes, ou seja, tendo em vista os papéis sociais desempenhados pelos diferentes atores envolvidos, procuraremos delinear o confronto dos diversos interesses em jogo. Contudo iremos privilegiar a ótica dos menores do grupo, visto que é através dos seus relatos que iremos caracterizar e contextualizar a rotulação de seus comportamentos. Para realizarmos este propósito abordaremos a questão da delinqüência tanto através do relacionamento do menor com sua família, amigos e meio social mais próximo, quanto através de sua relação com as pessoas ligadas ao aparato policial e institucional.

Conforme podemos constatar pelas entrevistas, não há uma homogeneidade no modo das pessoas encararem a prática do roubo, do homossexualismo e da prostituição, os conceitos sobre tais condutas variando segundo as circunstâncias e o meio social em que se encontram. Assim, inclusive entre os próprios garotos entrevistados, encontramos maneiras diferentes de avaliarem estes comportamentos. Ao observarmos a gênese do homossexualismo e do roubo no seu cotidiano, percebe-



mos que, de início, a adoção destas atitudes é bastante acidental, obedecendo sobretudo a oportunidades veiculadas pelo próprio ambiente social que os cerca. Ainda sem se integrarem aos estereótipos do homossexual, e sem compartilharem das vivências estigmatizantes que o roubo e a prostituição geram, no princípio alguns adotam tais condutas sem se deterem na discriminação social que, em geral, a elas corresponde. Habitados à relativa frequência e impunidade das relações homossexuais entre crianças no seu meio social, encaram inicialmente com naturalidade os contatos desta natureza. No período de transição da saída de casa, o homossexualismo permite prolongar e ampliar a rede de relacionamentos e amizades através dos seus parceiros. A partir da interação com vários setores da comunidade, começam a visar obter mais recursos e oportunidades, e principiam a valer-se do comportamento homossexual de forma "profissional", para obter mais dinheiro. Começam então a vivenciar as vantagens e desvantagens que a marginalização implícita nesta conduta pode acarretar. Da mesma forma que o homossexualismo, o roubo, inicialmente, é muito mais consequência da diversão entre colegas do que uma "escolha" do modo de ganhar dinheiro, dificilmente constituindo-se numa conduta utilitária, visando somente o lucro. Por outro lado, constatamos que entre os familiares do menor a noção de marginalidade pode estar ausente no modo de tais condutas serem percebidas, bem como pode haver variações na eleição dos comportamentos considerados desaconselháveis, os quais podem ser considerados anti-sociais, no sentido pejorativo do termo

"marginal", ou não. De modo que, ao abordarmos a descoberta do homossexualismo e da prostituição praticada pelos garotos, constatamos que em algumas famílias, a inverso de outras, tais atitudes são preferíveis ao roubo, devido ao menor perigo que os garotos enfrentam, e, independentemente desta valorização, qualquer uma delas pode ser ou não considerada imprópria, dependendo da utilização que for dada ao dinheiro.

Com a continuidade da permanência na rua, os garotos vão modificando sua atitude em relação ao roubo e ao homossexualismo. Pouco a pouco estas condutas vão deixando de serem relativamente "espontâneas" para ocuparem um espaço vital na sobrevivência dos garotos, os quais passam a depender do dinheiro oriundo destas práticas. Começam, cada vez mais, a distanciar-se do aspecto lúdico que, entre outros colegas, estas condutas podem representar, para utilizarem-nas, de forma sempre mais constante, na "batalha" pela sobrevivência, ainda que alguns consigam, com maior ou menor intensidade, manter ambas as características durante este processo. Concomitantemente, desenvolvem todo um aprendizado em relação ao estigma que envolve o seu comportamento, aprendendo inclusive a tirar partido do mesmo para ganhar mais dinheiro. Desta forma, além de manterem relações homossexuais em troca de dinheiro, ao prostituírem-se habitualmente ostentam na rua todas as características inerentes à esta conduta, passando a apresentarem-se como "travesti". Alguns, nesta trajetória, não só percebem que são con-

siderados "marginais", como também compartilham deste conceito. Outros, porém, contestam a discriminação social que atua sobre a prostituição e o roubo, devido ao fato de ajudarem suas mães com o dinheiro ganho na "marginalidade", e porque acham que com os meios de que dispõem, não poderiam ganhar o suficiente para manterem o mínimo de necessidades que acham indispensável. De qualquer modo, progressivamente, estabelece-se um círculo vicioso no dia a dia do menor, onde a estigmatização e o envolvimento com a chamada "marginalidade" sucedem-se um ao outro. Assim, a violência, aos embates com a população e a polícia, às detenções, sucede-se concomitantemente a radicalização de seu comportamento, aprofundando-se, cada vez mais, a marginalidade atribuída ao mesmo. Desta forma, se a adoção destes comportamentos lhes traz, no início, mais oportunidades de lazer, e lhes propicia mais mobilidade social, com o decorrer do tempo, a perpetuação dos mesmos acarreta uma marginalização cada vez mais crescente, seu cotidiano tornando-se sempre mais desgastante. É neste período que eles preferem então optar por uma longa permanência numa escola que se propõe a "ressocializá-los", aceitando com uma certa boa vontade o internamento numa instituição corretiva, em relação à qual passam a visualizar determinadas vantagens.

Ao ingressarem na instituição, "trazem" consigo um elemento extra de marginalização em relação a seus colegas, devido ao fato de serem homossexuais declarados. Porém, talvez devido ao grande número de menores nesta situação no período em que

foi efetuada esta pesquisa, estes alunos não só reagem à discriminação de que são alvo por parte dos alunos e funcionários, como pelo contrário, a partir de um certo tempo de internamento, utilizam o comportamento pelo qual são estigmatizados para obterem determinadas vantagens na escola. Procuram constituir um grupo que legitime sua conduta mediante a adoção de regras que o façam ser respeitado, não através da força, mas através da veiculação de princípios que sejam inclusive compartilhados pelos demais membros da instituição. Desta forma, impõem-se perante alunos e funcionários, tornando-se vitais à interação entre os mesmos, participando de "alianças" com ambos os segmentos. Reproduzem, de certo modo, a situação vivenciada enquanto -"travestis" na rua, na qual a exposição "voluntária" de uma conduta marginal era o meio de obterem mais recursos para sua sobrevivência. Assim como os ganhos derivados da prostituição decorrem de situações marginalizadas socialmente, mas que na prática, são situações "legalizadas", e que a própria prostituição por diversas razões que fogem ao escopo do nosso estudo, provém da organização da sociedade, o grupo formado pelos garotos homossexuais atua como o instrumento de legitimação de sua conduta, proporcionando aos seus membros o "reconhecimento social" do comportamento considerado desviante. O homossexualismo, por sua vez, principalmente por causa do internamento, é praticado por muitos alunos dentro da escola, mas devido ao fato de ser geralmente um comportamento "incubado", não apresenta o caráter "desviante" como no caso dos alunos entrevistados. Neste contexto, o homossexualismo declarado constitui

se num elemento duplamente desviante em relação à conduta dos outros menores internados, pois estes, pelo menos "oficialmente", só cometeram como "desvio", o roubo. Contudo, ao mesmo tempo, a tentativa de legitimação do homossexualismo através da perpetuação pública do mesmo na escola implica um questionamento do caráter desviante atribuído a este comportamento, o que não acontece em relação ao roubo. Talvez esta subversão de valores na ordem institucional, paralelamente à integração dos menores do grupo com alunos e funcionários a partir de características que lhes são próprias, seja o motivo pelo qual estes garotos possuem, diante de todas as dificuldades da vivência institucional, uma vitalidade e disposição incomuns entre os demais alunos da escola em geral. Sempre reunidos entre si, estes garotos diferenciam-se dos outros pelo contínuo movimento que estabelecem ao seu redor: reuniões, comemorações, longas conversas, além da constante "produção" do seu "visual". Como eles mesmos relatam, a escola, mesmo fonte de mágoas e objeto de crítica, é também um lugar de encontro, de amizade. Rodeados pela algazarra que é própria aos grupos de adolescentes, vivenciando amizades e inimizades com intensidade, estes garotos, que possuem nomes e aparência física que lhes particulariza entre os demais alunos, e destoam da uniformização característica das "instituições totais", paradoxalmente são, ao mesmo tempo, os mais "desviantes" e os mais "integrados", no sentido em que aparentam mais satisfação e alegria do que os outros alunos da escola.

O fato de que todos os menores do grupo defendem

uma postura de respeito ao comportamento homossexual não impede que haja entre eles, conforme dissemos anteriormente, diferentes maneiras de encarar este comportamento. À pluralidade de opiniões a este respeito, corresponde a diversidade de atitudes em relação às perspectivas de vida fora da Funabem, desde o trabalho até à vida amorosa, cada um pensando em inserir de diferentes modos, e até negando, o homossexualismo em suas vidas. Da mesma forma, variam as expectativas e o modo de encararem a prática do roubo. Embora a maioria dos menores faça questão de frisar que não deseja mais continuar roubando, mas que perpetuaria o comportamento homossexual, embora de forma mais discreta, devemos levar em conta que estas afirmações podem obedecer, sobretudo, às suas conveniências do momento. Em primeiro lugar, não podemos esquecer que todos eles estão bastante comprometidos com o grupo, o que dificulta bastante negar a perpetuação da conduta homossexual. Além disso, esperam que a Funabem lhes arranje um emprego satisfatório, com a escolarização e os cursos profissionalizantes que fazem, ou pensam em fazer, na mesma. Esta expectativa diminui, também, a possibilidade de afirmarem que continuariam roubando, principalmente perante uma pessoa vinculada à instituição. Por outro lado, após um período longo de internamento, os menores efetivamente sofrem uma mudança no seu modo de pensar. Acostumados com um tipo de vida bem mais ameno na instituição, passam a encarar com outros olhos os riscos e dificuldades que o roubo e a prostituição oferecem, alguns até repudiando a validade de tais atividades. No entanto determinados menores, mesmo desejam

do mudar de vida, discordando ou não da validade do roubo e da prostituição, bem como do comportamento homossexual, não descartam a possibilidade de voltarem a manter tais condutas, caso não se efetivem as mudanças que esperam.

Devemos ressaltar que inclusive aqueles que externalizam sua vontade de modificar de conduta, possivelmente, como outros menores que saíram da instituição, voltarão a roubar e a prostituir-se, mesmo que tenham afirmado o contrário. Esta situação, familiar a todos os funcionários que trabalham na instituição, decorre da dificuldade que os garotos encontrarão para arranjar o emprego que pensam ser viável através da Funabem. Desiludidos, sem poder contar com as poucas vagas de convênios disponíveis à instituição, e frequentemente sem conseguir entrar no serviço militar, devem optar por aceitar qualquer trabalho de biscate, ou voltar a roubar e a prostituir-se. Neste período, sentem-se bastante inseguros, deslocados na comunidade, desabituaados a trabalharem por sua sobrevivência. Tal insegurança manifesta-se desde os meses anteriores à saída da Funabem, quando vão percebendo que terão que sair da instituição mesmo sem emprego certo. Este é o principal motivo pelo qual os garotos prolongam o seu "desligamento", e pelo qual, sobretudo diante dos funcionários da Funabem, expressam uma aceitação tão ampla dos princípios morais divulgados pelos funcionários ao se referirem às suas expectativas sobre o futuro.

Por outro lado, a convivência diária com estes menores, e o contato com a situação sócio familiar de seus res

ponsáveis, faz com que os funcionários, por sua vez, saibam o quanto a Funabem é impotente para resolver a situação de cada um deles. O conhecimento do meio social em que vive o menor não implica, certamente, que aceitem o comportamento deles, mas, pelo contrário, embora alguns funcionários estabeleçam até relações de amizade com os alunos, eles em geral condenam a forma como os mesmos vivem. Poucos percebem o quanto o roubo e a prostituição estão inseridos na organização da sociedade, e são decorrentes do tipo de organização vigente na mesma, a prostituição, sobretudo, sendo praticamente legalizada. Embora seja bastante divulgado e sabido que ambas as práticas são cada vez mais comuns nas maiores cidades do Brasil, onde há uma grande diferença de renda entre as classes sociais, e níveis altos de desemprego, fome e miséria, há uma tendência entre os funcionários da instituição, bem como entre as pessoas em geral, de reduzirem esse fato social ao particular, e responsabilizarem indivíduos pelas condutas decorrentes desta situação. Desvinculam suas condutas dos fatores sociais que propiciam a permanente expansão das mesmas, e, além de tudo, atribuem aos indivíduos um caráter "faltoso", desviante e, ironicamente, anti-social.

Finalmente, desejamos tecer aqui algumas considerações mais gerais sobre o chamado problema do menor. Ao se estabelecer esta rotulação do seu comportamento ou da sua personalidade, rotulação esta que constitui a legitimação social que permite aos garotos serem presos e julgados como



pe<sup>so</sup>as nocivas à sociedade, escamoteia-se, através da conde<sup>na</sup>ção individual, as razões sociais que propiciam as condu<sup>ta</sup>s em questão, bem como o caráter político que norteia tal processo. No caso do menor, o último passo dado pelas auto<sup>ri</sup>dades que julgam os mesmos, até a presente data, foi deslocar o eixo da atribuição culposa de sua personalidade para o da sua conduta, mas tal modificação em nada contribuiu para que, na prática, a situação do menor fosse transformada. Desta forma, à sua conduta anti-social deverá ser oferecida em troca, devido à impunidade que a minoria acarreta, uma instituição corretiva, a qual continua a centrar-se, em última instância, na correção do indivíduo, de sua personalidade. Em decorrência destes princípios, e atada à esta visão social, a Funabem em nada contribui para que seus alunos modifiquem na prática sua relação com a comunidade. Assim, ao atingirem os dezoito anos, os menores literalmente defrontam-se com uma sociedade estranha, da qual estão desvinculados, devendo resolver por si próprios todas as condições que a ideologia e o tipo de vida levado dentro da Funabem significam no seu meio social, ao qual retornam senão com uma bagagem de pouca valia, com expectativas e hábitos que logo serão defasados de suas reais oportunidades. De volta à sobrevivência na cidade impessoal, onde impera a disparidade social, ainda mais distanciados dos vínculos com a comunidade, e seu meio social de origem, para eles, retorna, inevitavelmente, a opção entre a marginalidade e a acomodação às oportunidades oferecidas, se bem que desta vez, habituados às facilidades de sobrevivência na instituição, e consci

entes da diferença entre a Funabem e as prisões, sua escolha dar-se-á de forma muito menos espontânea do que até então. É também sabido entre os funcionários que lidam com estes menores, que aqueles que optam pela marginalidade o farão de forma cada vez mais profissional, especializada, visando maiores riscos, mas mais protegidos do que antes, geralmente em quadrilhas ou com vários colegas, pois conhecem de antemão as consequências que sua apreensão acarreta. Paralelamente, são os menores que saem das escolas para menores carentes que, em geral, sem experiência, ingressam no tipo de vida que os anti-sociais relataram durante as entrevistas, e que, bem mais frequentemente, vão para as prisões por motivo de furto e assalto, tornando-se como outras dezenas de centenas de ex-menores carentes, em indivíduos, desta vez, eles próprios, considerados anti-sociais.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, T., Família, Casamento e Divórcio no Brasil,  
1963.
- BECKER, H.S., Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance.  
The Free Press, 1963, 8-15.
- \_\_\_\_\_. Diálogo com Howard Becker - Entrevista realizada e  
preparada para Issues in Criminology for Julius  
Debro - Inverno, 1970, Zahar Editores, em Uma  
Teoria de Ação Coletiva, 1977.
- BERGER, L. and LUCKMANN, The Social Construction of Reality :  
A Treatise in the Sociology of Knowledge, New York:  
Doubleday Company, Inc., 1966, 23-28.
- DURKHEIM. E., The Rules of Sociological Method, The Free Press,  
1964.
- ERIKSON, K., Notes on the sociology of Deviance: Social Problems  
9 (Spring), 307-314, 1962.
- FRY, P., Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros;  
Da Hierarquia à Igualdade: A Construção histórica  
da homossexualidade no Brasil, em Para Inglês ver,  
Identidade e Política na Cultura Brasileira, Zahar,  
1972.
- GIBBS, J.O., Conceptions of Deviance Behaviour: The Old and  
New, Pacific Sociological Review, Spring, 1966, pp.  
9-14.

GIBBS, J.O., Issues in defining deviance behaviour, em R. Scott e J. Douglas (orgs.) Theoretical Perspectives on Deviance. New York: Basic Books, 1972, 39-68.

GOFFMANN, E., Stigma, Notes of the Management of Spoiled Identity, Prentice-Hall, 1963.

GOVE, W.R., Societal reaction as an explanation of mental illness: an evaluation. American Sociological Review 35, October, 1970, 873-884.

\_\_\_\_\_ The Labelling Perspective. An Overview, em Walter Gove (org.), The Labelling of Deviance: Evaluating a Perspective, Sage Publications, Inc. Halsted Press, 1975.

KITSUSE, J.I., Societal reaction to deviance behaviour: problems of theory and method. Social Problems 9, Winter, 247-257.

\_\_\_\_\_. The New Conception of Deviance and Its Critics, em Walter R. Gove (org.) The Labelling of Deviance: Evaluating a Perspective, Sage Publications, Inc. Halsted Press, 1975.

LEMERT, E., Social Pathology, New York, Mc Graw-Hill, 1951.

\_\_\_\_\_. Human Deviance, Social Problems, and Social Control. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1967.

MEAD, G.H., The Psychology of Punitive Justice, American Journal of Sociology, 1918, vol. 23, 577-602.

MERTON, R.K., Social Theory and Social Structure. Glencoe III; Free Press, 1957.

SCHEFF, T.J., Being Mentally Ill: a Sociological Theory, Aldine, Chicago, 1966.

VELHO, G., O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social, em Desvio e Divergência, Uma Crítica da Patologia Social, Zahar, 1974, 11-28.

WARREN, Carol and JOHN Johnson., A Critique of labeling theory from the phenomenological perspective, em R. Scott e J. Douglas (orgs.), Theoretical Perspectives on Deviance. New York. Basic Books, 1972, 62-92.

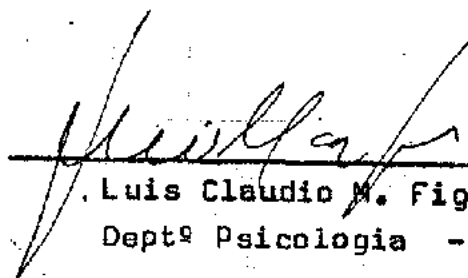
---

Planejamento Global, 1983 - Funabem - Escola João Luís Alves.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da  
PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



Ana Maria Ribeiro Coutinho  
Deptº Psicologia - PUC

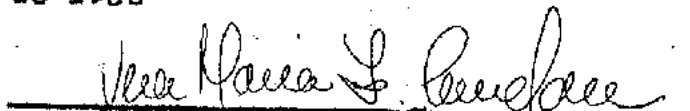


Luis Claudio M. Figueiredo  
Deptº Psicologia - PUC



Deptº Antropologia - Museu Nacional

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1986

  
Vera Maria Ferrao Canção  
Coordenadora dos programas de Pós-  
Graduação do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas